Minhas Aventuras ao Lado de um Jovem Imperador

SERGIO WILLIANS

SERGIO WILLIANS

MINHAS AVENTURAS AO LADO DE UM JOVEM IMPERADOR

UMA OBRA DE FICÇÃO BASEADA EM FATOS REAIS

PROAC LAB
SÃO PAULO GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA
MINISTÉRIO DO TURISMO
PÁTRIA AMADA BRASIL GOVERNO FEDERAL

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Reis, Sergio Willians dos
Minhas aventuras ao lado de um jovem imperador / Sergio Willians dos Reis. -- Santos, SP : Ed. do Autor, 2021.

ISBN 978-65-00-36154-4

1. Pedro II, Imperador do Brasil, 1825-1891 2. Ficção brasileira 3. História do Brasil I. Título.

21-93409 CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Rio de Janeiro, capital do Império do Brasil, quinta-feira, 7 de abril de 1831. Eram 9 horas da manhã. Estávamos quase todos em casa, à exceção de meu pai e meus dois irmãos mais velhos, Joaquim e Paulo, que tinham ido para o trabalho. A cidade estava agitada e, nas ruas, os rumores davam conta de uma hipotética renúncia do nosso Imperador. Diziam que Sua Majestade estaria embarcando naquela mesma manhã com destino à sua terra natal, a nossa antiga metrópole em Portugal. Por todos os cantos da cidade, o medo de uma revolução era generalizado.

Ah, perdoe-me. Antes de prosseguir, deixe-me apresentar. Meu nome é Antônio Carlos, Antônio Carlos Bonifácio de Sousa. Ganhei esse nome porque meu pai, Miguel, decidiu homenagear dois homens que foram muito importantes para a formação do nosso Império. Eu demorei um pouco a saber quem eram, embora naquele dia 7 de abril, sem imaginar, acabei ficando frente a frente com um deles. Eu jamais suporia que esse encontro viria a ter um sentido para minha vida.

Nasci no Rio de Janeiro, também num dia 7, só que em setembro de 1822. Isso mesmo, e isso aconteceu, de acordo com meu pai, mesma tarde em que nosso Imperador sacou da bainha a sua espada e rompeu as amarras que o Brasil mantinha com Portugal. Ele me diria, alguns dias depois, que quando o povo ficou sabendo do acontecimento, a cidade do Rio explodiu em festa e que a imprensa exultava em suas páginas os nomes de alguns daqueles que precipitaram a situação. E entre eles estavam os irmãos Antônio Carlos e José Bonifácio. Este último viria, inclusive, a se tornar o nosso ministro mais influente, pelo menos naquele início do Império.

Morávamos na Rua do Sabão, uma via importante que findava na Praia dos Mineiros e no Largo da Alfândega. Meu pai, na época, trabalhava no Trapiche dos Trigos, onde havia começado há muito tempo como ajudante e se tornara administrador após anos de dedicação. Ele era um sujeito bastante metódico e sério. O lugar pertencia à Corte, ao Governo, então, por isso, ele tinha o que muitos consideravam um emprego sólido e, por isso, acabava sendo alvo da inveja de muita gente. Por outro lado, ele conseguia

nos dar condições mínimas de estudo, tanto a mim quanto aos meus oito irmãos. Somos seis homens e três mulheres. Eu era o sexto da fila. O mais velho era o Joaquim, que tinha 15 anos na época. Depois vinham o Paulo, 14; Desidério, 12; Cristina Maria, 11; Maria Augusta, 9; eu, com 8; Francisco, 6; Maria Isabel, 4; e o caçula Albano, 2 anos. Éramos uma família grande e, ainda que o salário de meu pai fosse proveitoso, era insuficiente para alimentar tantas bocas e garantir conforto a todos nós. Por isso, Joaquim e Paulo já trabalhavam fora com o intuito de ajudar em casa, enquanto Desidério, Cristina e Maria Augusta auxiliavam a mamãe na lida da casa. Eu, como o próximo da fila, acabei ficando com a tarefa de ser o guardião de Francisco, Maria Isabel e Albano.

Íamos à missa frequentemente, na Igreja de Bom Jesus, que era praticamente vizinha de casa. Aquele era um templo bonito de se ver, arquitetura jesuítica, originada de uma ermida erigida em 1719, por um fervoroso devoto. Isso, pelo menos, foi o que sempre ouvi falar. Ao lado dessa igreja ficava o hospital da Irmandade, que dava de frente para a minha rua, de fundos para a Rua São Pedro e lateralmente para a Rua da Vala.

Outra coisa que eu fazia com certa frequência era ler. Eu lia muito, livros e jornais. Meu pai sempre trazia para casa uma edição do Diário Mercantil, que já vinha sendo chamado de "Novo Jornal de Commercio". Sempre havia uma edição nova dele em casa. E isso só era possível porque papai era muito amigo do dono, um francês chamado Pierre Plancher, que era também proprietário de uma tipografia lá na Rua do Ouvidor. Sua empresa editava livros de contos e obras de ficção produzidas por diversos autores europeus. Quase sempre, o Seu Pierre dava ao meu pai, de graça, alguns dos livros que publicava. E era eu, em casa, quem fazia a festa.

Bom, voltando ao dia 7 de abril daquele ano de 1831. Era perto da hora do almoço quando meu pai veio correndo para casa, confirmando o que diziam pelas ruas. De fato, o Imperador estava abandonando o Brasil e, falavam, já havia até um navio inglês esperando-o, a ele e sua esposa, a nossa nova Imperatriz, dona Amélia, no cais do porto. O que contavam é que foram muitas as circunstâncias que levaram D. Pedro I a deixar o país que ele mesmo

libertara quase dez anos antes. Não vou contar os detalhes, porque ficaria horas aqui. Basicamente, o que aconteceu foi que Portugal, depois de perder o domínio sobre o Brasil, entrou numa grande crise institucional. O pai do nosso Imperador, D. João VI, havia sido duramente intimado pelas Cortes a regressar para Lisboa, e ali teve de aceitar algumas condições para manter a governabilidade do Reino. A esposa dele, Dona Carlota Joaquina, porém, não aceitara os mesmos termos e acabou deposta da posição de rainha. O filho mais novo dos dois, D. Miguel, irmão do nosso Imperador, iniciou, então, uma cruzada para a retomada do poder absolutista do pai, porém desejando ele mesmo tomar o Reino para si. Em 1826, D. João VI faleceu em circunstâncias não muito claras e sua morte fez com que o nosso Imperador D. Pedro I, fosse aclamado como o novo Rei lusitano, sob o nome de Pedro IV de Portugal. É que ele, apesar de ter criado uma nação nova e livre, e assumir o posto de Imperador desta nação, ainda era, pelas Leis do Reino de Portugal, considerado o primeiro na linha sucessória. No entanto, estava mais do que claro que ele não desejava assumir os dois tronos, pois imaginava que isso seria um problema para o Brasil e seu projeto de nação independente. Assim, acabou indicando sua filha primogênita, Maria da Glória, para ocupar seu lugar, contando com o auxílio do irmão Miguel, na condição de regente.

Nosso Imperador chegou até a arquitetar o casamento de sua filha com o irmão, o que viria a ser uma espécie de condição para abdicar ao trono lusitano. Mas o "cabeça dura" do D. Miguel queria mesmo era ser Rei, absoluto e inconteste. Assim, ele iniciou um processo revolucionário, em julho de 1828, contra o irmão, contando com a ajuda do Partido Liberal. A essa altura, Maria da Glória estava na Áustria, na Corte do avô, protegida da guerra travada entre o tio e os homens fiéis ao seu pai, nosso Imperador do Brasil. Foi a partir daí, que D. Pedro I não teve mais paz. Afinal, tinha um Império a liderar, tralhando para mantê-lo unido, o que estava era cada mais vez difícil por conta das insurgências que estouraram no Nordeste e no Sul. Nosso Império chegou até a perder um pedaço de seu território, a Cisplatina, nesse período. Então, e é por isso que, de fato, D. Pedro não conseguia manter a cabeça fria para tratar com

o devido cuidado de dois grandes problemas ao mesmo tempo. Um aqui e outro em Portugal.

Críticos ferrenhos da postura de Pedro I começaram a lhe atacar. A opinião comum era de que ele não estava com sua mente de forma integral voltada ao Brasil. E aquilo, de certa forma, era uma verdade. Até por isso, a ideia pela abdicação do trono brasileiro e sua volta a Portugal começaram a tomar forma a partir de 1829. O Imperador falava sobre o assunto com cada vez mais frequência. E tal desejo acabou se consolidando como uma espécie de senha para que os líderes radicais da oposição brasileira, vinculados ao Partido Liberal, iniciassem uma série de ações para desestabilizar D. Pedro. A gota d'água aconteceu em 11 de março de 1831, quando várias gangues de rua se reuniram para assediar a comunidade portuguesa aqui no Rio de Janeiro, no que ficou conhecida como a Noite das Garrafadas. Os portugueses, por sua vez, retaliaram o ataque, levando o tumulto para todas as ruas da capital. O episódio provocou uma baita crise dentro do Governo e o Imperador, acuado e cansado, resolveu dar um basta. Às 3h00 da madrugada daquele dia 7 de abril ele, então, assinaria sua abdicação do trono brasileiro, afirmando em sua carta: "Aqui está a minha abdicação; desejo que sejam felizes! Retiro-me para a Europa e deixo um país que amei e que ainda amo".

A notícia correu a capital como rastilho de pólvora, e logo chegou aos ouvidos de meu pai e seus companheiros do Trapiche dos Trigos. Sem pestanejar, ele pegou os meus dois irmãos mais velhos e voltou correndo para casa. Mas não era para ficar protegido, nada disso! Ele queria era mesmo trocar de roupa para ver de perto a partida do Imperador para a Europa, fato que se daria no cais do Paço Imperial. Quando meu pai entrou em casa, eu estava lendo uma história para Francisco. Quando soube de suas intenções, sem pensar duas vezes, pedi que me levasse junto.

- Pai, posso ir com o senhor? Eu também quero ver o Imperador partindo.

Ele me olhava sem imaginar o que fazer, pois sabia que a multidão

que se deslocaria até o cais seria gigantesca e ele não queria ficar preso ao filho, tendo a responsabilidade de não o perder de vista. Por outro lado, ele também sabia que eu era diferente de meus irmãos, principalmente do ponto de vista do meu interesse por saber mais sobre fatos históricos relevantes. Então, seria muita insensibilidade não atender o meu pedido. Isso sem contar que eu fora o único dos filhos a manifestar vontade de acompanhá-lo. Diante do impasse, ele olhou para minha mãe, que assentiu com a cabeça, aprovando minha ida. Os meus irmãos, por sua vez, deram com os ombros para a situação. Eles estavam mais a fim de ficar em casa, sem fazer nada.

- Tá bom, Toninho, vá se vestir. Mas vá rápido. - disse meu pai num tom meio impaciente.

Não foi preciso dizer duas vezes. Parti como um raio para colocar uma boa roupa. Quando seu Miguel me chamava carinhosamente de "Toninho", era sinal de que estava de bom humor. E, naquele momento, ele nem deveria estar tão entusiasmado, em razão da instabilidade que aquele fato poderia gerar na nação. Ele corria o risco até de perder o emprego, caso o governo brasileiro fosse tomando por um bando de opositores ávidos por promoverem uma "caça às bruxas" entre os funcionários leais ao Império.

Mas, confesso, eu não estava nem aí pra isso. Naquela hora só queria vestir minha melhor roupa, a que usava nas missas dominicais, para ver de perto o fuzuê que o povo fazia no cais do Paço Imperial. Meu pai foi na esteira dos ânimos e vestiu seu melhor casaco de botões. Prontos para ir, despedimo-nos de quem ficou em casa e partimos na direção da praia, descendo a Rua do Sabão. Já havia muita gente, de fato, no rumo do porto. O assunto por todos os cantos era o futuro do Brasil. Afinal, quem iria conduzir os rumos do Império a partir dali? Os liberais tomariam o poder? Havia ainda quem falasse em República. Enfim, a confusão de opiniões era generalizada.

Passamos rapidamente pelas ruas dos Ourives, da Quitanda e da Candelária, onde resolvemos tomar a esquerda para evitar

as aglomerações que se formavam pelas vias naquele pedaço da cidade. A Rua Direita, que antecedia o trecho do cais do porto, estava repleta de gente. Resolvemos, então, só atravessá-la na altura da Rua do Ouvidor, onde estavam reunidos, em rodas de conversa, alguns dos homens mais influentes da cidade.

Quando finalmente chegamos à porta da Capela Real, situada ao lado dos Terceiros do Carmo, pudemos enxergar uma comitiva deixando o Paço Imperial. À frente dela, havia um homem de cabelos brancos conduzindo uma criança pelas mãos. Era um menino, elegantemente vestido e cercado de guardas do Império. Acredito que ele deveria ter uns cinco anos de idade. Nem precisei raciocinar muito para constatar quem poderia ser:

- É o Príncipe Imperial! - disse ao meu pai, apontando a cena.

- Sim, filho. E ao lado dele, o senhor que o conduz pelas mãos, é o conselheiro José Bonifácio. Esse homem tem uma história longa e muito bonita.

Seu Miguel estava notadamente emocionado por ver de perto aquela figura. Foi então que algo me veio à cabeça.

- Espera! Então é por causa dele que tenho Bonifácio no meu nome?

Seu Miguel deu uma risada e consentiu com a cabeça. Eu, então, lhe pedi:

- Será que conseguimos chegar perto dele, pai? Estou curioso! Por favor, quero ver esse grande homem de perto! Me leva até lá?

Seu Miguel arregalou os olhos e fez um bico, desacreditando da tarefa que eu lhe impunha. Afinal, seria uma verdadeira aventura atravessar a multidão só para chegar perto do velho conselheiro imperial. No entanto, ele sentiu que eu merecia o sacrifício. Assim, decidido, tomou minhas mãos com firmeza e partiu na direção do Chafariz do Terreiro do Paço, uma bela fonte também conhecida

como Chafariz do Mestre Valentim. Era para lá que a comitiva parecia se dirigir.

Na verdade, Bonifácio, o príncipe imperial e os guardas se dirigiam para o ponto de atracação do cais do Paço, onde havia um pequeno barco que levaria todos até a fragata britânica HMS Warspite, onde já se encontravam embarcados o Imperador D. Pedro I e sua esposa, Amélia de Leuchtenberg. Ela não era a mãe do Príncipe Imperial. Essa fora Maria Leopoldina da Áustria, que havia morrido em 11 de dezembro de 1826, vítima de uma infecção generalizada provocada durante um período de gravidez, no terceiro mês de gestação. Mas muitos boatos davam conta de que a Imperatriz sucumbira em razão dos maus tratos físicos causados por D. Pedro. O Imperador e sua esposa viviam às turras por causa da presença de uma mulher chamada Domitila de Castro Canto e Melo, que o povo dizia ser uma das amantes que ele inserira na Corte. A vergonha por conta dessa afronta teria, então, minado a saúde de Dona Leopoldina.

Bom, quando já estávamos perto da comitiva, chegando quase ao lado do Chafariz, eu notei que estava caída no chão uma pequena corrente dourada, que estava sendo pisoteada impiedosamente pela massa de pessoas. A confusão no local era tão grande que ninguém notou que pisava naquela peça perdida. Rapidamente, soltei-me de meu pai e corri até o objeto, tomando-o nas mãos. Eu fiquei encantado. Era uma peça muito bonita, aparentemente de ouro. Na argola central da delicada corrente, havia uma pequena placa arredondada contendo a inscrição “D.P.II - I.C.D.P.B.”, e logo abaixo, o Brasão Imperial. Eu fiquei intrigado diante daquela peça preciosa. Meu pai logo chegou até mim, e estava nervoso por conta de minha atitude repentina.

- Você ficou maluco, Toninho? Como você me solta a mão assim? Não vê que tem muita gente grande por aqui? Você poderia se machucar!

Eu mal ouvia a bronca de meu pai, pois ainda estava absorto em meus pensamentos, fitando a corrente. Foi só aí que ele percebeu que eu tinha encontrado algo curioso.

- O que é isso que você tem nas mãos, filho?

Eu lhe mostrei, deixando-o com os olhos sobressaltados.

- Pai, olha, é o Brasão do Império. Mas, o que deve significar essas letras?

Apesar de não imaginar do que se tratava, ele tinha a nítida impressão de saber quem era o dono da corrente de ouro.

- Toninho, isso deve pertencer ao príncipe! Nossa! Deve valer uma fortuna!

Eu olhei para Seu Miguel com estranheza. Jamais faria dinheiro com algo que não me pertence. Aprendi isso em casa. Então, sem pensar duas vezes, decidi fazer o que, tenho certeza, meu pai não aprovaria. Cerrei a corrente na palma de minha mão e corri, por entre as pessoas, na direção da comitiva. Quando estava a poucos passos do velho conselheiro, que vinha cercados pelos guardas, gritei:

- Senhor Bonifácio! Senhor Bonifácio! - Eu levantava as mãos e gesticulava freneticamente - Aqui! Eu tenho algo que o senhor precisa ver!

Diante da minha algazarra, os soldados se viraram e não pareciam muito acolhedores. Seu Miguel, desesperado, correu ao meu alcance, talvez procurando evitar maiores constrangimentos, ou algo pior.

- O que você quer garoto? - disse um dos guardas

- Eu só quero devolver algo que possivelmente pertence ao nosso Príncipe Imperial!

Naquele momento, meu pai chegou até mim e colocou-me atrás dele.

- Perdão senhor. Meu garoto está meio ansioso com essa situação toda, e, sabe como é que é essa garotada, toda cheia de imaginação.

Uma pequena confusão começava a se moldar à nossa volta, com a chegada de mais guardas do Paço. Porém, e para a nossa sorte, também surgia na roda, ninguém menos do que o próprio conselheiro José Bonifácio, trazendo ao seu lado o jovem Príncipe Imperial.

Eu fiquei paralisado, hipnotizado diante da presença daquele menino tão, diria, diferente, um garoto de profundos olhos azuis, belíssimo. Parecia um anjo, um Rei em miniatura. Todos os que estavam ao meu lado se curvaram e baixaram suas cabeças, num gesto de submissão ao representante da realeza. O conselheiro Bonifácio, que fora ministro do Império e agora, atuava na condição de tutor de S.A. D. Pedro, queria saber o que estava acontecendo.

- Já não basta o drama que estamos vivendo, temos que causar confusão até na hora do nosso Príncipe gozar da oportunidade de despedir-se de seu pai? - bronqueou Bonifácio aos guardas e a todos que estavam naquela roda. Seu Miguel tentou amenizar, valendo-se do fato de que era um fervoroso admirador do homem postado à sua frente.

- Perdão, meu senhor! Sou um leal admirador de vossa pessoa e quero lhe pedir escusas por meu filho. Ele não queria...

Eu sabia que meu pai iria me "matar" em casa, mas eu o interrompi na hora, esticando o braço e, com a mão aberta, revelando a corrente que havia acabado de encontrar jogada no chão.

- Senhor, nos perdoe. Não tem nada de mais. Eu só queria devolver essa corrente, que encontrei ali perto do chafariz e que acredito ser de propriedade de Sua Majestade o Príncipe Imperial.

Todos os que estavam ali, depois de notarem o que havia em minhas mãos, olharam para Bonifácio com expectativa. O conselheiro ficou

surpreso com a situação e voltou seus olhos para o pescoço do Príncipe, constatando que, de fato, ele havia perdido a belíssima corrente que seu pai, o Imperador, havia lhe dado no dia anterior. D. Pedro mandara confeccioná-la às pressas e mandou cunhar numa pequena placa de ouro a inscrição "D.P.II - I.C.D.P.B.", que significava "Dom Pedro II - Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil".

Bonifácio se voltou para mim e sorriu, agradecendo o gesto de honestidade. Ato contínuo, esticou o braço e tomou a corrente de minhas mãos, dizendo:

- Meu rapaz, quero lhe dar os parabéns. Qualquer outro garoto provavelmente tomaria essa corrente para vende-la por aí. Ainda mais sendo algo que pertence à Casa Imperial, que não sofre da falta de recursos.

Enquanto agradecia, o jovem príncipe, ainda que cercado de guardas, aproximou-se de mim sorrindo. Acredito que tenha sentido verdade em minhas palavras. E naquele momento, para espanto de todos, o menino tomou a corrente das mãos de Bonifácio e devolveu-a para as minhas. Todos ficaram sem entender o que estava acontecendo. Seu Miguel ficou de boca aberta, assim como as outras pessoas que testemunharam a cena. E não era para menos, já que o príncipe era apenas um garoto de cinco anos de idade, desprovido de maturidade para entender o que se passava. Bonifácio, atônito, olhava para o menino e para mim.

- Eu acho que essa corrente não foi perdida por acaso. - disse o conselheiro sorrindo - Se o próprio dono lhe brinda com este gesto, é porque devemos crer que o melhor destino desse objeto seja ter você como guardião.

Eu não acreditava no que estava ouvindo, e meu pai muito menos. As pessoas no entorno estavam paralisadas, todas. Alguns deixaram cair lágrimas de emoção. Até os soldados do Paço relaxaram diante

da cena, abandonando suas posições de alerta. Eu mal conseguia falar.

- Eu... eu...

Bonifácio mais uma vez olhou-me nos olhos e disse:

- Meu rapaz, essa corrente agora lhe pertence, por vontade tácita de nosso futuro Imperador. Então, vou lhe pedir que a guarde com amor. Quem sabe a sua fé e o valor que nutre em seu coração façam, de certa forma, com que nosso Príncipe Imperial obtenha êxito em sua trajetória como o líder desta nação tão jovem. Afinal, o Brasil pertence aos jovens, como você.

Meu pai olhava na minha direção com ares de orgulho. Eu agradeci o gesto e reverenciei o jovem príncipe, que voltou a tomar as mãos de Bonifácio e, em seguida, virar-se para seguir seu curso, na direção do cais. O conselheiro e tutor de Pedro II despediu-se e sumiu entre os guardas do Paço e, depois, no meio da multidão que fora acompanhar a comitiva. Parado, ao lado do chafariz, com o objeto de lato valor nas mãos, eu não podia acreditar que tinha ganhado um presente do futuro Imperador, um menino de cinco anos. E que ele viria a ter uma significância enorme em minha vida.

Rio de Janeiro, redação do Jornal do Commercio
30 de setembro de 1845

Já fazia quatro anos que eu conseguira emprego como auxiliar de redator no Jornal do Commercio. E isso graças a meu pai, que insistiu em pedir ao novo dono do periódico, Junius Villeneuve, amigo do ex-dono, Pierre Plachet, uma chance para mim. Na verdade, no primeiro ano de trabalho, eu mais auxiliava o tipografista na composição das páginas, do que redigia alguma coisa. E vou lhe confessar que era um trabalho árduo, bem chato. Eu era encarregado de montar milhares de palavras com os tipos de chumbo, em tamanho pequeníssimo, atas inteiras de assembleias provinciais, partes oficiais dos ministérios do Império, isso sem falar dos anúncios e expedientes da Câmara dos Deputados, em que era publicada a íntegra dos debates da casa, além d o cabeçalho do jornal, que trazia horários de partida dos correios, efemérides e meteorologia, dias dos Santos do mês, valores de câmbio e partidas diárias dos carros do transporte urbano. Trabalho minucioso e maçante. No entanto, um dos mais importantes do jornal. Afinal, sem essa etapa simplesmente não havia jornal!

Vez em quanto, com a autorização do senhor Villeneuve, eu conseguia escrever alguma coisa para a coluna Miscelânea, uma parte mais leve do jornal, fora do rigor burocrático que proposto. Ali, meu amigo, eu soltava a imaginação. Certa vez escrevi uma espécie de conto, intitulado "Memória de um Anjo em um Homem que o não é". Também, vez em quando, transcrevia notícias trazidas de jornais europeus, o que me fazia exercitar o conhecimento sobre outras línguas, em especial o francês, o inglês e o alemão. A minha capacidade de memorização surpreendia o senhor Villeneuve e ele sempre, no final do ano, me dava algum presente na forma de livros, sempre em outras línguas.

Quase no final de 1844, um dos principais redatores do jornal, o Alceu Muniz, adoeceu de tal forma que veio a falecer em poucos dias. O fato comoveu toda a redação. Mas era preciso substitui-lo rapidamente, uma vez que o Alceu era o jornalista que cobria as atividades do Imperador. Por falar em Imperador, eu

ainda mantinha comigo a famosa corrente que ganhei do próprio quando ele tinha cinco anos, naquele episódio da partida de D. Pedro I, seu pai. Quando entrei no jornal, eu até cheguei a contar essa história para dois jornalistas companheiros, mas eu acho que eles não levaram à fé, tanto que riram, dizendo que eu, de fato, era uma pessoa de mente fértil. Depois disso, optei em não mais tocar no assunto. Porém, toda as vezes que tínhamos notícias vindas desde o Palácio Imperial pelo Alceu, eu era um dos mais curiosos para saber do que se tratavam. Afinal, de certa forma, construí uma relação afetiva com o jovem monarca, mesmo que ele não soubesse disso.

No meio da tarde daquela terça-feira, dia 30 de setembro, eu operava a linotipia quando meu chefe, Junius Villeneuve, junto com seu irmão mais novo, Henrique, e o seu sócio, o francês Reól Antoine de Mougenot, entrava na oficina. Eu achei esquisito, pois não era algo comum, os três estarem juntos dando uma volta pelo jornal. Henrique era um dos jornalistas do time de redatores e o Reól trabalhava mais a parte comercial e política do jornal. Enfim, me causava estranheza a presença do trio no escuro ambiente da linotipia.

- Antoniô, viemos aqui lhe fazer um convite - disse Junius com o seu característico sotaque francês, carregando o “o” final, como se ele tivesse uma cento circunflexo.

Eu me levantei de onde estava, surpreso com a abordagem.

- Convite? Convite do que, monsieur Villeneuve - indaguei educadamente, fazendo uso do pronome de tratamento em francês.

- Estava indagando aqui com meu irmão e com Reól quem, do nosso corpo de jornalistas, poderia ser o substituto de Alceu na missão diária de acompanhar os passos do nosso Imperador. Vou lhe dizer que é uma tarefa meio maçante e muito protocolar. Vários dos nossos não quiseram aceitar tal incumbência e, como tenho observado seu crescimento como redator, lá na coluna das

Miscelâneas, pensei que seria um desafio e tanto para alguém como você, letrado, inteligente, assim como nosso Imperador, e jovem também, como Sua Majestade. Depois de muito pensar, decidi lhe fazer esse convite, um convite com peso de convocação. - Ele sorriu - O que você acha?

Eu fiquei paralisado com a proposta. Confesso que era tudo o que eu queria. Deixar a linotipia e dedicar-me integralmente à redação, às notícias da Corte e, quem diria, as notícias sobre o nosso Imperador. Mas, vou dizer, era algo que me dava um frio na barriga. Afinal, havia a velha ligação, como eu sentia, por conta da corrente. Mas, de certa forma eu estaria frente a frente de D. Pedro II no dia a dia. E isso, de certa forma, me encabulava. Afinal, ele não era mais uma criança de cinco anos. Era um jovem adulto e o chefe da nação! Eu fiquei literalmente mudo.

- E aí, meu jovem? Seu silencio é um sinal de concordância? - indagou Villeneuve

- Eu acho que o rapaz ficou chocado com a proposta, meu caro - completou Reól

Henrique começou a rir de mim, acreditando que eu estava, de fato, paralisado de medo. E soltou um gracejo.

- Deixe de ser besta, Toninho, o Imperador não morde!

Todos começaram a rir. Eu, por minha vez, sai do estado de letargia e respondi, ainda que gaguejando.

- Não, não é medo monsieur Villeneuve. Estou é mesmo surpreso e até comovido. Eu gostava muito do trabalho do Alceu e seria uma honra poder continuar sua missão.

Villeneuve deu por satisfeita a resposta, ainda que não conclusiva.

- Ótimo, ótimo. Então amanhã mesmo encaminharemos as suas credenciais, para que você tenha acesso ao Paço Imperial, ao Palácio e aos eventos em que Sua Majestade estiver presente.

- Está feito, então, falarei aos nossos parceiros comerciais que já temos um jornalista novamente dedicado a este assunto. Ainda bem, porque isso estava me agoniando - comentou Reól que, após cumprimentar-me pela decisão, deu meia volta e saiu pela porta da oficina de linotipia, seguido de Junius, que voltou-me a agradecer pela decisão, mesmo ela não sendo explícita.

Eu ainda estava em pé, atônito, quando Henrique, o único que ficou na oficina, aproximou-se de mim, dando-me um tapinha nas costas.

- Olha, depois você me paga uma cerveja, certo? Vou te dizer, eles estavam em dúvida se te convocariam para essa missão e eu fui taxativo ao afirmar que você, meu caro, era o melhor dos nossos.

Dito isso, Henrique também se despediria e sairia pela porta da linotipia, mas não sem antes deixar-me um recado final.

- Ah, e se prepara para uma longa viagem. Porque Sua Majestade finalmente resolveu tirar as teias de aranha das malas e está se preparando para uma grande excursão pelo sul do Império. Será a primeira dele como monarca. E você, meu caro, vai acompanhá-lo. Olha que honra! - Ele saiu, piscando os olhos pra mim.

Eu não tinha ainda percebido, mas aquela notícia fora ainda mais impactante do que o fato de ter conseguido a função que tanto desejava na redação do Jornal do Commercio.

- Viajar??? Com o Imperador?? É muita coisa para um só dia!

Cais do Paço Imperial, Rio de Janeiro, 6 de outubro de 1845

Eram 5 horas da manhã de uma segunda-feira levemente fria. Eu havia assumido o posto de redator das notícias do Imperador no Jornal do Commercio não fazia cinco dias completos e não tivera ainda sequer um encontro diretamente com Sua Majestade. E isso não fora pela ausência de credenciamento, pois a recebi no dia seguinte do aceite no jornal e já transitava livremente pelos corredores do Paço Imperial, correndo atrás de informações sobre a primeira viagem de Suas Majestades, D. Pedro I e de Dona Tereza Cristina às províncias do Sul.

Havia, dentro do Império, a necessidade urgente para a construção de uma identidade nacional. Isso porque durante o governo regencial, que conduziu o Brasil por dez anos, desde a saída de D. Pedro I, em 1831, até a coroação de D. Pedro II, aos 15 anos de idade, em 1841, o país mergulhara num ambiente de muita instabilidade, justamente por conta de o Império não possuir a figura forte do comandante em ação. O alto número de revoltas que explodiram desde o ato de independência, em 1822, e os frequentes problemas gerados pelos novos regimes republicanos da América Latina, contribuíam para o surgimento de um sentimento de ameaça, o qual deveria ser combatido. Ainda que o jovem Imperador tenha assumido o seu posto, era necessário que ele se esforçasse para unir o país e, para isso, tinha de mostrar sua cara nas províncias. E, em se tratando de Brasil, um país de dimensões continentais, a tarefa não era nada fácil.

Mas Sua Majestade, depois de casar-se com a princesa Tereza Cristina de Bourbon das Duas Sicílias, em maio de 1843, e ter seu primeiro filho, Afonso Pedro, em fevereiro de 1845, se sentiu mais à vontade para empreender a tal viagem que culminaria nesta união nacional. Assim, em 14 de setembro, quando encerrava a segunda sessão da sexta legislatura da Assembleia Geral Legislativa, o Imperador anunciou seu desejo de conhecer, pessoalmente, as províncias do Império. Ele declarou que um de seus principais objetivos era justamente o de fazer sentir a todos os seus súditos as duas primeiras necessidades na nação: a ordem e a justiça; e que

estas só se obteriam por meio do respeito às autoridades e pela obediência à Constituição e às Leis.

Decisão tomada, D. Pedro II decidiu começar pelo sul do país, planejando sua ida até a província de São Pedro do Rio Grande do Sul, devido às inúmeras questões políticas locais e, sobretudo, devido à recém-contida Revolução Farroupilha. Ao longo do trajeto o imperador pretendia visitar outras regiões, como Desterro e São Paulo.

Era, enfim, nesse clima de expectativa que todos os integrantes da expedição ao sul se encontravam. E eu era praticamente o único jornalista a bordo desta comitiva, em um grupo composto por dezenas de soldados, marujos, comandantes da marinha e exército, médicos, cientistas e funcionários da Casa Imperial, como mordomos, camareiras, damas de companhia, entre outros. Parte desse grupo embarcaria na fragata "Constituição", um belo navio de 53 metros de comprimento e 14 metros de boca, capaz de deslocar 546 toneladas pelo mar. Constava em seu armamento 62 peças de artilharia e uma tripulação composta de 480 homens. Para a Imperatriz Tereza Cristina, a escolha da "Constituição" tinha sido a melhor, pois lhe trazia boas recordações, já que fora nela que viajara desde as Duas Sicílias até o Brasil, para desposar D. Pedro.

Às 6 horas da manhã, eu já me encontrava a bordo da "Constituição", ficando absolutamente maravilhado com o tamanho e a pujança daquela embarcação. Jamais imaginei em toda a minha vida que teria o privilégio de pisar num lugar daquele tipo, e ainda mais tendo como companhia de Suas Majestades Imperiais. Confesso que sentia uma soberba imensa dentro de mim. Assim que pisei no convés principal, os oficiais da embarcação direcionaram-me à minha cabine, que se situaria no mesmo nível das cabines destinadas aos acompanhantes políticos do governo imperial. Na minha maleta eu levava dezenas de maços de papel e muita tinta. Afinal, cabia a mim a tarefa de relatar minuciosamente, aos nossos leitores, os passos daquela viagem inédita. Essa era, enfim, a minha missão.

Além da "Constituição", compunha a frota outras três barcas a vapor e muitos escaleres, encarregados de transportar os

camaristas de Suas Majestades, oficialidade da guarda nacional, companhia de guardas-marinhas e muitas pessoas de distinção. Foi então que percebi o privilégio de estar na nau principal, pois eu era, de fato, uma das poucas exceções a acompanhar o Imperador em sua própria nave.

Eu estava em minha cabine quando soou um longo apito, seguido das ordens bradadas do convés, ordenando a partida. Eram 6h20, quando a "Constituição" fez velas. Ao longe, dava para ouvir uma série de estampidos. Eram as salvas de tiros em reverência à excursão de S. Majestade. Elas partiam de todas os vasos de guerra que não compunham a viagem, bem como das fortalezas da capital.

Pouco depois levantaram âncoras todos os outros barcos da expedição, de modo que, às 7h10, o vapor "Imperador", que rebocava a "Constituição", já ultrapassava a Fortaleza de Santa Cruz na direção do alto-mar. Fomo assim levados até o lado de fora das Ilhas dos Paios. Logo após, o vapor, depois de cumpriu sua missão, tornou a entrar na Barra do porto de Rio. De acordo com o que escutei do comando, o "Imperador" continuaria nas terras fluminenses por mais alguns dias, e depois também partiria para o sul, mas somente depois do dia 10. Assim, quando o relógio já marcava 9h30, toda a frota se encontrava fora da Barra.

Confesso que eu fiquei um pouco mareado durante as primeiras horas de viagem. Eu tentava buscar, a todo custo, um ponto de equilíbrio, mas, confesso, estava difícil. Com o bloco de papel nas mãos, eu resolvi, então me debruçar na amurada de popa, tentando criar um glossário de termos marítimos, a fim de não cometer erros nos meus relatos para o jornal. Era uma terminologia, enfim, que não estava afeito: navegar a sotavento (para onde vai o vento) ou a barlavento (de onde sopra o vento); embarcação alagada (com as velas cheias); sobros e papafigos (velas redondas mais baixas); través (lados da embarcação); gávea (a segunda vela do grande mastro); enfim, uma infinidade de palavras comuns no dia a dia da marujada, mas que eu deveria aprender para traduzir aos nossos leitores.

Para conseguir montar meu glossário, infernizei a vida

do comandante, a qual recorria constantemente para entender toda a sistemática de navegação daqueles "monstros" marítimos. Sinceramente, eu me sentia numa autêntica aventura como as narradas pelos romancistas Daniel Defoe, em Robinson Crusoé ou Charles Dickens, em Oliver Twist. Aquilo tudo me empolgava e por vários momentos nem de longe lembrava que a missão era narrar a viagem do Imperador. Na verdade, eu me via como o personagem principal de um novo romance.

Quando o relógio marcou cinco horas da tarde, já estávamos a todo vapor na direção do Sul do Império, com toda a esquadra reunida no mesmo rumo. Das embarcações que navegavam ao nosso lado, a corveta Euterpe parecia ser o melhor vaso de vela. Os homens, de suas gáveas, acompanhavam os demais navios.

Chegou a primeira noite e eu, em minha cabine, sob a luz amarelada do candeeiro, escrevi, finalmente as primeiras linhas da carta que enviaria à redação na primeira oportunidade. Neste relato inicial da viagem, eu narraria nossa partida desde o Cais do Paço Imperial. Eram, pra mim, linhas de esperança. Escrevi assim: "Todos os brasileiros fazem os mais ardentes votos pela próspera viagem de Suas Majestades e pela conservação das suas preciosas saúdes. O anjo tutelar do Brasil vigiará sobre as augustas pessoas, e as restituirá cheias de prazer e de ventura às saudades e ao amor dos Fluminenses". Eu não cabia em mim de felicidade pela oportunidade.

Oceano Atlântico, altura do litoral de São Paulo,
8 de outubro de 1845

Dois dias depois, eu já poderia dizer que estava bem familiarizado com alguns dos termos náuticos e o linguajar da marujada, mas ainda não me acostumara com o balançar do navio. Os enjoos, assim, eram recorrentes. Naquele dia, uma quarta-feira, logo depois do almoço, eu senti que a comida não encaixou direito e, desesperado, corri para a amurada de bombordo soltar "minhas tripas ao mar". Pensei cá com os meus botões: - Feliz dia para os habitantes marinhos, que teriam a oportunidade de degustar indiretamente um peito de frango com ervas finas.

Estava lá, eu soltando tudo pra fora, quando escutei um comentário zombeteiro, embora viesse de uma voz agradável.

- É, meu caro, faça-se gentil para os habitantes do mar. E, queira crer, você não está sozinho nesta triunfal veneta.

Virei-me imediatamente para saber quem era o autor da gracinha e eis que me percebi à frente de um jovem esbelto, cabelos claros, olhos azuis como a cor do céu, e uma pele alva como a de um infante, em sua tenra idade. Fiquei paralisado ao notar que o tal "zombeteiro" era ninguém menos do que o nosso Imperador, em pessoa. Imediatamente, a única atitude que me restou foi abaixar a cabeça e reverenciá-lo, como devia ser. Porém, e de maneira bastante elegante, o monarca dispensou-me da cerimônia.

- Meu caro, fique à vontade. Estamos no mesmo barco, literalmente. Faz dois dias que também estou mareado e alimentando a vida marinha - e desatinou a rir.

Eu sorri levemente, e agradeci a gentileza. Em seguida, me apresentei.

- Sou Antônio Carlos Bonifácio de Sousa, o correspondente do Jornal do Commercio. Estou aqui para narrar vossa viagem aos nossos

leitores, e ainda bem que não tenho que narrar a minha própria experiência, haja vista que... S. Majestade já viu o quanto sou fraco com essas coisas de mar. Não dou para marinharia.

O Imperador se apoiou nas amuradas do convés e olhou para o infinito, pensativo.

- É, eu também não sou afeito a aventuras, e o fardo que carrego me afasta dessas extravagâncias. Mas, mudando de assunto, você disse que seu nome é Antônio Carlos Bonifácio? Interessante isso! São nomes muito gratos a mim, pois são idênticos ao de pessoas importantes da época de meu pai, da minha infância e até hoje. Antônio Carlos é meu ministro e foi ele quem liderou o processo que culminou na minha maioridade. E, José Bonifácio, seu irmão, que saudades, chegou a ser meu tutor, quando tinha cinco anos. Mas, infelizmente, as coisas da política nos afastaram.

Eu fiquei com uma vontade enorme de contar ao Imperador sobre o episódio da corrente, que envolvia justamente a figura de Bonifácio e dele mesmo, aos cinco anos de idade. Mas me convenci de que era algo muito privado, e eu não me permitia chegar a um nível de intimidade tão invasiva com Sua Majestade. Que julgamento faria de minha pessoa se ousasse avançar a este grau de relação? Ali, eu era apenas um súdito, um correspondente a serviço de meu jornal e da Corte que, de certa forma, bancava tudo aquilo. Meu papel era, enfim, produzir relatos da primeira excursão de Suas Majestades Imperiais às províncias do sul, para o povo da Corte, e não deveria ser mais do que isso. Assim, decidi guardar comigo a história. Por outro lado, contei a ele sobre origem de meu nome.

- Eu nasci em 7 de setembro de 1822, no mesmo dia em que vosso augusto pai, o nosso soberano Imperador, rompeu os laços com Portugal. E, José Bonifácio, por ter sido uma figura de relevo nesta história, foi a inspiração de meu pai, que assim me batizou, mas não como José, mas, sim, como Antônio Carlos, o irmão de Bonifácio, que está, como Vossa Majestade acabou de dizer, até hoje contribuindo com o Império.

O Imperador sorriu mais uma vez.

- Sabe, fico contente que o jornal tenha enviado um sujeito jovem como você para me acompanhar nesta viagem. Não que eu tivesse alguma rejeição ao trabalho do velho Alceu Muniz, que Deus o tenha em sua Misericórdia, mas não tínhamos um diálogo refrescante. Era tudo muito protocolar.

Eu percebi, e agradeci internamente, que assim estava sendo. Era visível que o Imperador se mostrava exausto por exercer os ritos protocolares em todas as suas conversas. Ali, na amurada da "Constituição", parecia que d. Pedro II me agraciava com uma certa abertura, permitindo-me que falasse de forma coloquial, aprazente, dispensando a linguagem rebuscada, quase acadêmica, com que tinha de lidar quase todo momento. E, vou dizer, o gesto dele me causava um alívio de certa forma, porque o rigor cerimonial me angustiava. Mas, por outro lado, a educação que tive em casa ainda me impedia de deixar-me libertar totalmente.

- Vossa Majestade, eu lhe agradeço...

- Para com isso. Vamos combinar uma coisa. - Ele me interrompeu, soltando uma risada. - Serei Sua Majestade, Imperador Magnânimo e blá blá blá quando estivermos em nossas posições oficiais, cerimônias, ritos etc. Mas eu quero que você me ajude a ter um pouco de vida normal. Agora, que estou fora do Palácio e dos olhares dos ministros e dessa Corte que me sufoca, quero ser um pouco irresponsável, do ponto de vista da minha vida, não das minhas obrigações. Então você vai me chamar de Pedro, apenas Pedro, tudo bem?

Eu fiquei estarrecido, em choque. Eu sabia que poderia ser repreendido por qualquer figurão da Corte, do Exército, da Marinha e até mesmo dos meus chefes do jornal, se fosse flagrado adotando tal nível de intimidade com o Imperador do Brasil. A proposta de D. Pedro II era terrível para mim, quase uma armadilha, que poderia me colocar numa encrenca enorme.

- Sua Majestade, ou Pedro - falei baixinho - eu prometo que vou tentar, mas, se não conseguir, por favor, não me repreenda. Eu estou aqui apenas para cumprir um papel nesta missão e não quero ser apontado como um sujeito impertinente e...

O Imperador desatinou a rir novamente.

- Tudo bem, meu caro Antônio Carlos, não vou pesar suas costas com esse fardo. De qualquer forma, fica esse pedido, quase uma ordem, ou um favor. Se não tiveres como fazer, entenderei. Mas, se puderes, ficaria muito grato. Alguma coisa me faz sentir que seremos bons amigos.

Eu estava louco para contar a história da corrente, mas continuei me segurando. Decidi que ainda muito cedo para tamanha intimidade, ainda que o próprio Imperador tivesse me outorgado com a abertura.

Tão logo concluímos a conversa, D. Pedro me disse que voltaria à sua cabine, para se reunir com seus secretários e tratar novamente do roteiro de sua passagem por Desterro, nosso primeiro destino. Porém, antes de partir, o Imperador voltou-se mais uma vez para mim.

- De qualquer forma, meu caro jornalista, eu soube que teremos uma entrevista marcada para amanhã de manhã. Eu creio que será a nossa primeira vez, oficialmente, - ele destacou essa palavra com bom humor - que lhe receberei.

Eu confirmei, pois, de fato, havia sido informado sobre o compromisso e até já estava preparando-me para o momento que, afinal, acabou sendo precipitado pelo destino.

- Majestade, eu tenho que agradecer ao acaso, pois esta reunião fortuita, de certa forma, desconstruiu uma imagem que havia criado para o momento de amanhã.

D. Pedro, com cara de surpreso, comentou.

- Ah, então você estava com medo de me encontrar? O que eu poderia fazer com você? Acha-me, por acaso, um Imperador insensível? - E novamente gargalhou.

- Não, pelo amor de Deus, Majestade! É que desde que assumi o posto no Jornal do Commercio, ainda não havia tido a oportunidade de uma entrevista. E, de certa forma, costumamos criar uma imagem que nem sempre é equivalente à realidade. De qualquer pessoa.

- Está bom, Antônio, se saiu bem na justificativa. Mas da próxima vez, se eu não gostar, mando-lhe ser atirado aos tubarões. - O Imperador pareceu se divertir com a zombaria.

Após ter gracejado mais uma vez, D. Pedro deu meia volta e retornou para a área interna da fragata "Constituição". E eu, por minha vez, nem notara que tinha me livrado do enjoo. Acredito que foi a emoção do encontro inesperado. E, graças ao bom Deus, meu organismo me deu uma boa trégua durante toda a tarde e início da noite, até que fui deitar-me. Precisava me preparar para as atividades do dia seguinte.

Oceano Atlântico, litoral de Santa Catarina,
10 de outubro de 1845

Alguma coisa deve ter acontecido com o Imperador, pois além da entrevista de ontem ter sido cancelada, eu não mais o vi no convés da "Constituição". O que soube por alguns oficiais é que Sua Majestade, a Imperatriz ficou muito incomodada com os ventos gelados que sopravam do Sul e, por isso, decidiu não sair mais de seus aposentos.

A ideia dos organizadores daquela viagem era ficarmos quinze dias em Santa Catarina, onde visitaríamos não só a capital, Desterro, mas algumas outras vilas, como Lages, Laguna e São José. Sem ter muito o que escrever por conta do cancelamento da minha entrevista com o Imperador, decidi observar o comportamento da esquadra, que havia sido formada com a seguinte posição: No centro ia a fragata "Constituição", tendo como defesa, na primeira coluna, a fragata Raritan, a corveta Euterpe e o vapor Imperatriz. Atrás de nós, numa segunda coluna, vinham os brigues Grecian, Fidelidade, Pirajá e Argos.

É lamentável dizer que a fragata "Constituição" não exercia a marcha que esperavam. Na segunda noite de viagem, indo o vento expirando, ela começou a perder tanto do seguimento, que os outros vasos da divisão tiveram de atravessá-la. A Raritan, em gáveas, com a gata ora atravessada ora arreada, andava tanto ou até mais do que a Constituição com a plenitude de suas velas mestras, cutelos e varredouras! Dizem os entendidos na matéria que o mau estado que se encontrava o fundo da fragata contribuiu sensivelmente na diferença de seu andar.

O primeiro navio de vela da esquadra é o Grecian, seguido do Raritan e depois da Euterpe. Mas devo aqui notar que o brigue-escuna Fidelidade, que antes navegava muito mal, estava hoje de boa marcha. Dizem os doutores (que não sou eu, que nada pesco de riscado) que semelhante melhoramento aconteceu devido à nova disposição do lastro. Vai entender?!

Nossa Senhora do Desterro, 11 de outubro de 1845

Após singrar os mares do Atlântico Sul por seis longos dias e noites, finalmente avistávamos a costa de Santa Catarina, nosso primeiro destino da viagem de Suas Majestades pelas províncias do sul do Brasil. Ainda na parte da manhã, o comandante da "Constituição" ordenou a todos os marujos que trabalhassem o máximo possível para deixar a embarcação impecável, sem sequer um arranhão, para que chegássemos à cidade de Nossa Senhora do Desterro de forma triunfal. Eu já havia preparado um maço de folhas para escrever o que estaria prestes a ver com meus próprios olhos. Afinal, aquilo seria um acontecimento histórico: a primeira vez que Sua Majestade Imperial e sua augusta consorte pisavam em outro solo que não fosse o do Rio de Janeiro. Os catarinenses certamente estavam inflados de tanto orgulho por conta da primazia.

A esquadra imperial chegou à porta de Desterro por volta de 9 horas da manhã. Uma hora depois já conseguíamos enxergar de perto as casas e os demais prédios da histórica cidade fundada no século 17 pelo bandeirante paulista Francisco Dias Velho. Em 1739, Santa Catarina recebia seu primeiro governador geral, o brigadeiro José da Silva Paes, e este guardou a missão de fortalecer a colonização na principal ilha do litoral sul da então colônia. Nossa Senhora do Desterro se tornou em pouco tempo um posto estratégico do reino de Portugal e depois do Império, a partir de 1822, época em que foi alçada à condição de cidade. Por toda sua história, não era à toa a decisão de D. Pedro II começar sua peregrinação por lá, privilegiando os catarinenses.

Tão logo a "Constituição" iniciou o procedimento de lançar âncoras, ouvimos o ribombo da artilharia tanto no mar, quanto em terra, anunciando aos ditosos habitantes de Desterro que havia se iniciada a prometida visita de Suas Majestades àquela província. Reitero que aquela era a primeira vez que D. Pedro II e sua augusta esposa iriam pisar naquela abençoada terra e os catarinenses, justamente ufanos de tão assinalada honra, fizeram subir aos céus, nas ruas e nas praças suas vozes de patriotismo, exaltando seu amor ao monarca.

O fervor com que se ali apresentavam as demonstrações de regozijo por tão fausto acontecimento já acontecia, como fiquei sabendo mais tarde, desde a manhã do dia 8, quando chegara a Desterro o vapor "Paquete do Norte", que anunciava a partida da esquadra imperial do Rio de Janeiro, marcada para o dia 6.

Para o desembarque, ficou decidido que o Imperador e sua esposa seriam transferidos para o vapor "Imperatriz", já que a "Constituição" era demasiadamente grande para atracar no modesto ancoradouro catarinense. Para o vapor também se dirigiram o presidente da província de Santa Catarina, Antero José Ferreira de Brito, dois representantes do parlamento local, além do chefe da polícia e alguns cidadãos grados. Esse era Comitê de Recepção Oficial. Eu estava no meio desta turma e quando pulei de um barco para o outro, vi mais uma vez o Imperador, que me olhava com ares de zombeteria.

- Olha só, o nosso jornalista mareado! Conseguiu equilibrar seu organismo de modo a decepcionar os habitantes marinhos?

Eu reverenciei Sua Majestade e sorri.

- Graças ao Bom Deus, Majestade. Já não sou muito robusto e temia ficar franzino a ponto de não conseguir cumprir meu papel.

- Que nada, rapaz! Não só vai nos acompanhar, como vai dividir conosco o prazer de conhecer os rincões mais belos de nosso país.

Naquele momento, o comandante da "Imperatriz" avisa D. Pedro que iria iniciar o procedimento de atracação no cais de Desterro. Da amurada do convés era possível a massa popular tomar conta do cais e de todos os lugares altos da ilha. Os catarinenses estavam muito ansiosos por receber seu Imperador. Mas D. Pedro, depois de conversar com os representantes do senador e da assembleia, decidiu que desembarcaria com mais calma no dia seguinte. Queria descansar para poder receber o povo com mais energia. E porque desembarcaria numa data importante: 12 de outubro, data natalícia

de seu pai, D. Pedro I, o fundador desta nação, que havia falecido onze anos antes, aos 47 anos de idade.

Passamos a noite no Imperatriz. Quando eram cerca de nove horas, depois de jantar, eu fiquei um tempo no convés, observando as luzes fracas que vinham da ilha. Não havia nenhum marinheiro por perto. Foi quando novamente senti que não estava sozinho. De repente, uma figura sentava-se ao meu lado. Era o Imperador.

- E aí, meu caro Bonifácio? Posso sentar-me contigo?

Eu levantei tão rápido quanto alguém se levanta quando se senta por engano em cima de um formigueiro. Como assim? O Imperador me pedindo permissão?

- Sua Majestade! Por favor! Quem sou eu para lhe permitir...

Ele me interrompeu de forma meio sem paciência.

- Tá bom, tá bom! Pelo visto é difícil tirar de dentro de você esse rito protocolar para com minha pessoa.

- Perdão. É que fui educado assim e...

- Tudo bem, Bonifácio. Posso lhe chamar assim?

- Como Sua Majestade quiser.

- Rapaz! Se você se dirigir a mim como Sua Majestade mais uma vez, eu mando te jogar no mar!

Eu percebi que ele estava falando seriamente. Então, ora bolas, se o Imperador não quer o protocolo e me dava a liberdade de sua amizade, por que eu iria recusar tamanho privilégio? Eu estava sendo exagerado em minhas crenças. Assim, estiquei a mão em sinal de amizade.

- Então toca aqui, Pedro!

Um sorriso enorme se fez no rosto do Imperador. E ele apertou minha mão, selando o início de nossa amizade fraterna.

Ficamos discutindo por quase duas horas. Eu falei um pouco da minha vida e ele de sua trajetória difícil, uma infância e adolescência suprimidas pelos deveres de um herdeiro de um Império gigantesco. Eu juro que não o invejei em nada. Pedro era uma pessoa desprovida de seus próprios desejos.

Nossa Senhora do Desterro, 12 de outubro de 1845

Era admirável testemunhar de perto a ansiedade com que os cidadãos catarinenses aguardavam ansiosamente a chegada de Suas Majestades. Por onde passávamos, a alegria das pessoas era visível a olho nu, assim como uma certa vergonha, reservada, e estampada no rosto de alguns, pelo simples fato de não haverem preparado a cidade à altura da histórica visita. Desterro era uma localidade composta por pessoas simples, camponeses, pescadores e religiosos. Havia poucos artistas e artífices capazes de preparar de forma adequada os ambientes que, hipoteticamente, pudessem fazer com que o Imperador e a Imperatriz, acostumados ao luxo e ao fausto, sentissem com se estivessem na capital do Império. Mal sabiam eles, que o Imperador estava era cansado do luxo e queria mesmo viver experiências totalmente contrárias.

No entanto, a carência de objetos de luxo, que só para tais ocasiões pudessem servir, e a falta de tempo para os fazer vir de fora, ocasionavam lamentações entre os mais abastados e autoridades da cidade. Para minimizar a sensação, muitos tentavam, a todo momento, fazer o possível para remediar as falhas que surgissem. D. Pedro achava graça daquilo tudo.

As corporações públicas e as casas comerciais despenderam grandes esforços para tornar agradável a passagem de D. Pedro II, sua esposa, e de todos os acompanhantes da Corte, pela cidade. Eu mesmo fui bajulado por muita gente durante o desembarque. Era provável que estivessem me confundido com alguma figura política grada, talvez um deputado ou senador provincial. Sinceramente, não ousei desmentir ninguém.

Ainda na área portuária, no Trapiche da Alfândega, os representantes oficiais da cidade, acompanhados de prósperos comerciantes e empregados públicos, procuraram agradar o Imperador, inaugurando, em sua homenagem, um monumento de bronze feito de uma coluna e dois arcos da ordem toscana. O trapiche de desembarque estava impecavelmente limpo e arrumado. O lugar estava abarrotado, com gente da Câmara Municipal local, do clero, corpo consular, militares que não faziam parte das paradas e

cidadãos distintos por suas posições sociais.

Ao longo da caminhada pela entrada da cidade, dezenas de meninas, muito bem-vestidas, cobriam o chão de flores. A população, em festa, celebrava a presença de seu líder soberano. Das janelas das casas, devidamente enfeitadas para a ocasião, as pessoas agitavam lenços brancos.

Ao chegarmos ao Largo do Paço catarinense, para onde nos dirigimos de carruagens, cerca de mil soldados da Guarda Nacional formavam alas, divididas pelas três armas: cavalaria, infantaria e artilharia. Tudo ali estava impecavelmente preparado, e não havia o que censurar em relação ao asseio com que se apresentaram. A artilharia local em nada devia para a da Corte, quer na decência ou na uniformidade. O Imperador e seu séquito pareciam muito satisfeitos com o que viam.

Tão logo descemos das carruagens, fomos à matriz, onde foi entoado um Te-Deum (hino tradicional cristão entoado na liturgia católica) pelo bispo-conde capelão-mor, padre João de Boaventura. Além de comemorem a presença do Imperador na terra catarinense, a missa também foi celebrada em memória de D. Pedro I, que aniversaria naquele 12 de outubro.

Após a missa, fomos ao Palácio do Governo, onde o Imperador principiou a receber dezenas de pessoas que desejavam felicitá-lo por sua boa vinda. O povo, lá fora, não arredava pé do Largo do Palácio, na esperança de rever o monarca brasileiro. Ciente deste anseio, D. Pedro II e a Imperatriz decidiram ir até uma das janelas do Palácio, onde se conservaram por mais de uma hora acenando aos catarinenses.

Vou dizer que a essa altura eu me encontrava exausto e ficava imaginando as condições físicas e mentais do Imperador. Definitivamente não deveria ser nada fácil cumprir as tarefas inerentes à sua posição. O tempo todo havia alguém bajulando, solicitando favores, tentando ser próximo tal qual um conselheiro, ou olhando em sua direção buscando atenção. Enfim, uma pressão violenta. Fiquei, então, matutando sobre o que ele dissera na amurada do navio durante a nossa viagem, quando manifestou o desejo de ter “uma vida normal”.

Eu estava apoiado numa mesa que encontrei num dos cantos do palácio, rabiscando as primeiras linhas sobre nossa chegada, quando um cidadão de meia idade, muito bem vestido, aproximou-se, indagando sobre o que fazia.

- Perdoe-me pela indiscrição. Por acaso você é o jornalista correspondente da excursão de S. Majestade? Eu o vi no cais do Paço Imperial, mas não o notei em nossa embarcação durante a viagem.

Olhei para ele também curioso. Afinal, por qual motivo aquele senhor desejava saber sobre minha pessoa e o que estava fazendo? Mas, de qualquer forma, para não parecer arrogante, respondi.

- Sim, eu sou o correspondente do Jornal do Commercio. É que, se você não estava na "Constituição", então não tínhamos a menor chance de nos encontrarmos. Eu vim para cá embarcado nela.

A pessoa arregalou os olhos, parecendo surpresa. Afinal, era fato que viajar na mesma embarcação que o próprio Imperador fora um privilégio concedido a poucos.

Ele esticou o braço e se apresentou.

- Sou o brigadeiro Paulo Barbosa da Silva, mordomo da Casa Imperial. Estou sempre à espreita procurando zelar pela boa saúde de S. Majestade Imperial.

Percebi, com a abordagem, que o cidadão se mostrava especificamente interessado com minha figura e, talvez, pela minha aparente "proximidade" junto ao Imperador. Por outro lado, estranhei a situação, já que havia sido apresentado aos funcionários do Paço Imperial tão logo o jornal encaminhara minhas credenciais informando que eu seria o substituto do antigo correspondente que cobria as atividades da Casa Imperial. E, de fato, eu ainda não havia notado aquela pessoa entre os funcionários do Imperador. E isso seria impossível, dado que a figura era corpulenta, ou seja,

alguém com aquela constituição física não passaria despercebido da minha percepção. O que poderia, então, imaginar, é que algum desencontro pudesse ter ocorrido. Por outro lado, ele demonstrou na sua abordagem que tinha a exata noção da minha figura. Caso contrário não teria indagado se eu era o "jornalista" da excursão. Diante dessas constatações, resolvei exercer a política da boa vizinhança, e lhe estendi a mão.

- É um prazer, senhor. Espero poder ter o privilégio de também gozar de sua companhia. Certamente você é dono de informações relevantes que possam interessar aos nossos leitores.

Ali, senti que ele ficou envaidecido, embora ligeiramente preocupado. De fato, por ser o mordomo imperial, ele deveria ter acesso à relatos da vida de S. Majestade que outros funcionários não possuíam. Assim, e até por isso, ele deveria se manter discreto. Ele, então, sorriu com o cumprimento. Depois inclinou com a cabeça, em sinal de respeito, e saiu pela tangente, indo ao encontro de outras figuras que também deveriam também ter chegado até Desterro pelo vapor "Imperatriz". E eram, certamente, pessoas do alto escalão da Casa Imperial.

Mas eu resolvi não me importar com a interrupção inesperada e voltei aos meus escritos. A orientação de meu editor era a de que eu deveria remeter todos os relatos por intermédio da embarcação responsável pela correspondência oficial do Império. No caso, haviam destinado duas para a tarefa: o próprio vapor "Imperatriz" e o vapor "Imperador", aquele que ficara no Rio de Janeiro para cumprir algumas atividades e de lá partir no dia 10, ou seja, dois dias atrás. Assim que ele aportasse em terras catarinenses, o "Imperatriz" seria liberado para regressar à capital e, com certeza, com alguns dos meus relatos.

Por algum tempo andei explorando os corredores do Paço de Desterro, onde procurei conversar com algumas pessoas, entre os anfitriões catarinenses e as da Corte, que vieram com S. Majestade desde o Rio de Janeiro. Cumpre-se notar que o palácio estava decorado sem o luxo que habitualmente vemos no Rio de

Janeiro, mas, ainda assim, verifiquei que havia a preocupação de manter uma decência compatível com que tudo se faz e de acordo com a pouca riqueza da província. Aqui, tudo respirava prazer: o tempo mesmo, de carrancudo e chuvoso que estivera nos dias antecedentes, tornou-se limpo, seguro e fresco. Tão certo é que Deus coroa sempre os puros votos do coração humano.

Os habitantes do Rio de Janeiro que para cá vieram só manifestaram admirações e louvores diante do modo receptivo dos catarinenses nesta linda e singela recepção a seus augustos soberanos. E eles, a todo momento, receosos de não haverem assaz manifestado suas patrióticas intenções, viviam pedindo desculpas, alegando a pobreza de sua província. D. Pedro II chegou a se incomodar com escusas exageradas, porém eu percebi que ele guardara para si a ligeira insatisfação. O Imperador e, principalmente, a Imperatriz, estavam a todo momento elogiando a riqueza dos sentimentos de ordem e bem entendida liberdade dos seus súditos do sul.

Não prolonguei mais minhas escritas no assunto, pois já pareciam trivialidades, e os leitores certamente se aborreceriam. Afinal, todos estávamos contentes, oras, e apenas demonstramos isso. Por isso que eu já começava achar estranho os naturais da província continuarem a lamúria.

Terminado o evento no Paço, Suas Majestades se recolheram para o almoço com o governador da província. Eu, por minha vez, tive de me virar para encontrar um lugar para comer, uma vez que resolvi não acompanhar o séquito imperial. Na verdade, o que eu queria mesmo era sentir os ares da cidade de Desterro, e, para isso, passei a tarde toda por suas sinuosas ruas, conhecendo o lugar. Eram 9 horas da noite, quando, cansado, dei uma parada na praça do Palácio de Desterro e, lá, vibrei com a cidade toda iluminada.

O lugar, incrivelmente, ainda se achava atopetado pelo povo catarinense, que não se saciava da presença do soberano, enquanto ele, sempre ao lado de sua amável consorte, de uma das janelas do Palácio do Governo assistia às entusiásticas ovações do povo, agradecendo-as com o riso e costumadas demonstrações. Nosso Imperador estava mesmo carente de afeto, pelo menos afeto dos

brasileiros de outras plagas que não da capital.

As pessoas que não conhecem esta província, com as ideias que dela se tem geralmente, dificilmente acreditariam que a civilização de seus habitantes havia chegado ao ponto em que a vimos. Era uma maravilha de se ver as centenas de moças garbosas e bem-vestidas, de belíssima tez e incendidas faces, passarem em numerosos grupos, cruzando a espaçosa praça com desembaraço e graça. Era algo de fazer inveja à vida da Corte. Nem é menos de admirar a desproporção que entre si guardavam os dois sexos; pois a julgar-se pelo que eu vi nas ruas, bem podem caber sem usura, dez mulheres a cada homem! Que calamidade! É o que diriam algumas das moças que soubessem disso.

Frigido e vigoroso, o vento sul começa a rarefazer os grupos de passeadores lá pelas dez da noite. Na impossibilidade de resistirem em campo raso, as famílias começaram a se recolher às suas casas onde, mais agasalhadas, certamente se sentariam em roda para discutir o tema do dia: a amabilidade da Imperatriz, a afabilidade do imperador, entre outros assuntos acerca daquele dia histórico.

Uma outra coisa interessante que notei em Desterro, além da quantidade exorbitante de mulheres, é que os catarinenses apreciam muito o canto. Em minhas andanças, não foi rara as vezes em que me deleitei com o entoar de cânticos vindo das casas. A música, aqui, é cultivada com ardor. É pena que faltem hábeis mestres de piano. No Rio há deles em profusão, e muitos não ganham o que merecem. Se vissem para cá, certamente ganhariam em saúde e dinheiro, estas duas ninharias de que carece tanta gente de meu conhecimento.

Cansado pelo dia puxado, fui dormir. Eu teria um dia seguinte cheio de atribuições.

Nossa Senhora do Desterro, 13 de outubro de 1845

Eu havia me recolhido em uma boa estalagem, recomendada e preparada pelos seus proprietários para a recepção aos acompanhantes do Imperador. Não era algo muito luxuoso, longe disso, mas havia asseio e extrema boa vontade dos seus donos em causar uma boa impressão. Percebi que no mesmo local estavam hospedadas algumas das figuras que cruzei ontem no palácio, inclusive o tal mordomo imperial, o brigadeiro Paulo Barbosa que, ao me ver logo pela manhã, cumprimentou-me constrangido.

Eu fiquei ressabiado com o fato. Afinal, ele não deveria estar no mesmo lugar que o Imperador? Ele não era o mordomo da Casa Imperial, sempre a postos para as necessidades do monarca? Bom, mas resolvi não me desvirtuar por detalhes bobos e nem tentar entender algo que não me competia. Eu precisava mesmo era concluir o relato do dia anterior, preparando-o para remeter ao jornal, além de preparar os maços para as descrições do roteiro daquele dia 13, segunda-feira.

No caminho para o Palácio da Província testemunhei a formação de uma enorme fila popular. Logo compreendi que, naquele momento, o Imperador provavelmente deveria estar recebendo o povo para o famoso beija-mão, ocasião em que todos os súditos disputavam a tapa um lugar na fila para participar. No caso dos catarinenses, não era para menos, afinal, quando eles voltariam a gozar desta rara oportunidade de praticamente "tocar" Sua Majestade? O beija-mão, conforme fui saber mais tarde, fora aberto às corporações e cidadãos que se quisessem aproveitar a honra.

A guarda nacional estava formada em parada, e ao palácio concorreram, além de todas as pessoas que vieram da Corte, o corpo consular, as câmaras municipais de Desterro e das cidades vizinhas de Laguna e São José, as deputações das vilas de S. Francisco e S. Miguel, os membros de assembleia provincial, os oficiais de primeira linha e da guarda nacional, além dos demais cidadãos grados.

O evento durou boa parte da manhã e só se encerrou quando

o relógio bateu duas horas da tarde. Era visível nos semblantes de D. Pedro II e da Imperatriz Tereza Cristina, o cansaço e a falta de paciência para a recepção daquele mar de gente que rumou ao palácio provincial catarinense.

Quando tudo acabou, o Imperador simplesmente levantou-se do "trono" improvisado que montaram no salão principal do Paço e saiu em disparada na direção da ala reservada do prédio. Nesta hora, ele passou por mim, soltando um gracejo.

- Meu caro Bonifácio, nunca desejes para ti esse fardo terrível, este protocolo cansativo que me impregna como dever.

Ele nem mesmo esperou meu comentário e, como uma flecha, adentrou pela enorme porta que dava acesso à ala reservada.

Um pouco mais tarde participei de um almoço oferecido pela Câmara de Desterro, junto com alguns dos oficiais da Corte. Suas Majestades permaneceram descansando em seu quarto e decidiram fazer as refeições na ala reservada. Acredito que estivessem bem exaustos por conta do beija-mão e porque deveriam estar se preparando à caminhada prevista para a parte da tarde.

Quando o relógio bateu 4 horas da tarde, todos saímos do Paço, a fim de percorrer a pé a cidade catarinense. D. Pedro II estava acompanhado das pessoas mais próximas da Corte. Ao seu lado estavam o ministro do Império Manoel Alves Branco, o visconde de Caravelas; o presidente da província, oficiais da marinha e outras pessoas, como eu. A beleza do tempo, os lindíssimos pontos de vista que oferecia a cidade e as demonstrações de amor e acatamento que Suas Majestades Imperiais encontraram a cada passo, eram motivos de pura alegria. Estavam tão agradáveis as manifestações ao longo do caminho, que Pedro II e seus acompanhantes só foram recolherem-se ao cair da noite.

Uma coisa que muito nos agradou durante o passeio foi a ausência do vento frio que ontem tanto nos incomodou. À noite, assim, que já estava belíssima, ficou ainda mais agradável. No final do dia, quando já estávamos de volta às portas do palácio, D. Pedro mandou me chamar e falando baixo, entregou-me um papel nas mãos.

- Leia longe dos olhares curiosos, meu caro Bonifácio.

Logo depois, ele sorriu para as outras pessoas que o acompanhavam e se retirou com a Imperatriz. Eu, por minha vez, decidi dispensar a carruagem que me fora reservada e fazer a pé, e com calma, o caminho de volta para a estalagem. Já eram 10 horas da noite e a cidade parecia não querer dormir, pois ainda estava em júbilo pela presença em sua terra do líder maior do Brasil. Aquele era, de fato, um momento único, que talvez ninguém aqui volte a viver novamente. Era algo tal qual um cometa que testemunhamos nos céus, diante de nossos olhos, raro, belo e misterioso.

A iluminação das ruas estava à toda força, e o povo insistia em lotar vias e praças, gozando da beleza da noite e da boa música, que tocava de vários lugares. De fato, os catarinenses eram amantes da música.

O monumento de arcos e colunas do qual falei ontem, inaugurado logo após nossa chegada, estava magistralmente luminoso. Havia, sem sombra de dúvida, muita claridade que vinha da iluminação pública, em especial das praças, principalmente as que ficavam defronte ao Paço. Por outro lado, os comerciantes também não ficavam atrás. Numa rua a qual chamavam "Augusta", um padeiro de nome Cabral havia gastado muito dinheiro para embelezar a porta de seu estabelecimento. Mas seu patriotismo não admitiu companheiro. Todos cogitavam meios para fazer o mais agradável possível a residência temporária da Corte nesta cidade. Mediam-se as forças dos curiosos da cena dramática e da música, e falava-se de representações no teatrinho particular.

O violinista italiano Agustin Robbio, um dos músicos mais conhecidos da Corte, que veio na comitiva, procurou se ambientar entre os catarinenses. Sua rabeca, que animava a vida dos fluminenses, vinha também fazendo a alegria entre os habitantes locais. Robbio ensaiava pelas ruas as peças que apresentava no Rio ao Imperador e sua augusta esposa. O gesto do violinista era aplaudido pelas pessoas de Santa Catarina. Ele chegou a me confidenciar de que faria um de seus concertos no teatrinho da cidade, em benefício do hospital de Caridade local. "Si vera est fama", ou seja, se é que isso será verdadeiro. Mas foi!

Quando estava quase na porta da estalagem, eis que surge uma carruagem simples, que para ao meu lado. De dentro, uma pessoa encapuzada me manda entrar. É claro que meu primeiro pensamento foi sair correndo, mas quando ouvi meu nome, e naquela voz inconfundível, e me virei para a porta do coche.

- Entra aqui meu amigo.
- Imperador? É você?
- Entra logo, rapaz! Pelo visto você não leu minha mensagem!

Depois de entrar no carro, ainda sem entender o que estava acontecendo, eu vi que o Imperador estava acompanhado de uma pessoa da Corte, a quem ele logo me apresentou.

- Esse é o Paulo Barbosa, meu mordomo da Casa Imperial.

Eu lembrei do sujeito. Foi ele quem me abordara no palácio dois dias antes, quando da primeira audiência de Suas Majestades aos catarinenses.

- Sim, sim. Eu o conheci outro dia.

D. Pedro fez olhares de reprovação ao empregado, que logo justificou.

- Não me olhes desta forma, Majestade. Eu precisava sentir se esse rapaz era assim tão digno de vossa confiança. Eu sinceramente não entendo por que Vossa Majestade insiste nessa loucura e...

- Paulo! Por favor, sem sermões agora. Será que você não entende que não há ninguém na Corte capaz de me tratar de forma diferente? Eu quero viver coisas normais, me arriscar, enfim, você sabe.

O mordomo, brigadeiro Paulo Barbosa da Silva, era um sujeito bonachão. Tinha cerca de 55 anos de idade e era uma pessoa de extrema confiança do Imperador, como um segundo pai. Mas não era

a pessoa ideal para acompanhar Pedro naquilo que ele claramente parecia desejar. No entanto, era a pessoa ideal para despistar os olhares das altas figuras da corte e da própria Imperatriz. Afinal de contas, o que o Imperador mais queria era fugir do personagem que lhe fora imposto pela vida.

Eu, por minha vez, apesar de não entender o porquê de ter sido escolhido por Sua Majestade para ser seu cúmplice na vida paralela, parei para pensar que aquela experiência poderia mudar radicalmente minha vida. Quem sabe até poderia escrever um livro contando as futuras aventuras que iriamos vivenciar?

- Bonifácio, presta atenção. - disse o Imperador, de forma compenetrada. - De todas as pessoas que me acompanham nesta viagem, eu sinto que você é a que mais pode ajudar-me a realizar este desejo. E vou te dizer por quê. Porque você é jovem e exerce uma função respeitada fora da Corte. Ou seja, é uma pessoa totalmente fora de suspeita, até porque teve de passar pelo crivo do Palácio Imperial para conseguir o cargo. E, por fim, porque, de alguma maneira que eu não sei, sinto em você uma energia boa, como se nós nos conhecêssemos há muitos anos.

Aquela foi a deixa que precisei para contar a história da corrente. De súbito, puxei a gola da caminha e revelei o objeto que um dia pertenceu ao Imperador, e que, ainda jovem, contando com apenas cinco anos de idade, lhe ofertara em claro sinal de sinergia. Assim, retirei o cordão e o depositei nas mãos de Pedro, que ficou estático, com os olhos esbugalhados.

- Mas, mas, então.... Olha, eu lembro-me vagamente desse cordão - disse, analisando o pingente com a inscrição “D.P.II - I.C.D.P.B.”, que significava “Dom Pedro II - Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil”.

O Imperador olhou para mim, como questionando o fato que lhe fugia à mente.

- Foi você mesmo quem me deu. No dia em que seu pai, o nosso Imperador D. Pedro I, partiu para Portugal.

O monarca balançava a cabeça, como que tentando lembrar-se dos detalhes daquele dia. No entanto, ele não conseguia recordar das cenas.

- Sem problema, Pedro! - eu nem tinha percebido que já ficara íntimo do Imperador.
- Tá vendo, já estou até aprendendo como devo te chamar em ocasiões como essa! - disse rindo.

O Imperador sorriu e me devolveu a corrente.

- Meu caro! Eu sabia que, de alguma forma, minha intuição estava certa. Vejo que eu e você possuímos uma ligação, digamos, antiga, e fico ainda mais feliz de que tenhamos cruzado nossos caminhos novamente.

Ambos demos as mãos, cumprimentando efusivamente. O mordomo Paulo revirou os olhos, como que censurando o Imperador.

- Sua Majestade. Desse jeito eu vou envelhecer mais rápido do que o normal.

Nós dois rimos da situação. Mas já era tarde. Nos despedimos. Enquanto a carruagem disparava de volta pelas ruas de Desterro, na direção do palácio, eu rumava para minha cama, na estalagem. E já pensava nas histórias que poderia narrar no futuro.

Nossa Senhora do Desterro, 14 de outubro de 1845

O dia amanheceu lindo em Desterro, animando todos da comitiva. A programação da terça-feira, incluía logo cedo uma visita ao Hospital de Caridade e à Igreja do Menino Deus, onde aconteceriam as honras devidas e um Te-Deum característico ao monarca. Durante o caminho para o Hospital, D. Pedro II mandou me chamar e convidou-me para fosse aos compromissos em sua carruagem. Eu fiquei ressabiado, não pelo convite em si, mas pelos olhares invejosos que comecei a sentir quando dirigi-me ao carro Imperial. Quando a porta foi aberta para que eu entrasse, lá dentro já estavam o Imperador e sua augusta esposa, apenas os dois. Eu senti um calafrio da cabeça aos pés.

- Entre meu caro jornalista. Não tenha medo. Nós não mordemos - ele disse sorrindo ternamente para sua Imperatriz.

O nosso monarca era um verdadeiro cavalheiro, um homem extremamente gentil com sua esposa. Diziam pelas ruas da capital que, quando Tereza Cristina chegou da Europa para desposá-lo, ele teria ficado frustrado, por ela não possuir a beleza característica das princesas europeias, como era, por exemplo, a de sua mãe, Dona Leopoldina, uma princesa austríaca. Muita gente dizia que ele foi até rude com a princesa das Duas Sicílias quando a conheceu, deixando-a sozinha no navio que a trouxera da Itália, e que teria chorado por conta de decepção no colo de sua querida aia, a Condessa de Belmonte, Dona Mariana Carlota Coutinho, a qual ainda chamada de "Dadama", apelido que ele criara desde a tenra infância. Mas, pela sua educação primorosa, o Imperador soube, com o tempo, contornar a situação e passou a tratar sua companheira de vida de modo gentil e honrado. Apesar de falar um português um pouco carregado no sotaque, a Imperatriz era muito amável a todos os que a rodeavam.

- Por favor, sente-se aqui conosco - disse ela - Sua Majestade comentou que acabou adiando uma entrevista que deveria ser feita

a bordo da “Constituição” e que se sentia em dívida consigo.

Eu fiquei de olhos arregalados. “Dívida comigo??” Eu sou um mero jornalista e o Imperador se sente em dívida por conta do adiamento de uma entrevista?

- Por favor Majestade, nunca passou pela minha cabeça um negócio desses, e...

- Não se preocupe - interrompeu ele - Minha senhora só está querendo que você fique mais à vontade.

De fato, a entrevista que era para ter acontecido no dia 9, fora cancelada. Mas eu sabia que oportunidades não faltariam na viagem. Só não esperava que isso se desse numa carruagem, de modo praticamente exclusivo, com o casal imperial e mais ninguém.

Quando chegamos ao tal Hospital de Caridade, ficamos comovidos com o estado do prédio acanhado, quase em ruínas. O Imperador, então, decidiu chamar seus assessores para garantir que fossem enviados 10 mil réis de sua parte privada e outros 1.200 reis por parte da Imperatriz, que também ficou tocada com a situação do lugar.

O Imperador manifestava desejos de tudo ver e estudar. De fato, ele percebera que toda sua vida ficou “trancafiado” no seio da Corte e deixou de sentir de perto o clima e testemunhar com os próprios olhos a beleza do país. Praticamente tudo o que sabia era o que lia nos inúmeros livros, muitos deles com gravuras produzidas em expedições estrangeiras no Brasil. Pedro decidiu que iria estender sua visita em Santa Catarina, e que iria incluir outras vilas em seu roteiro, como São José e as Caldas do Cubatão. Só viu que não seria possível visitar Lages, por esta localidade ficar um pouco distante do litoral.

Para que a viagem fosse menos penosa aos imperadores, foi ordenado a reparação das estradas do Cubatão, bem como de todas as pontes e caminhos do município de S. José, e todas as estradas e caminhos que da cidade conduziam a diferentes freguesias da Ilha.

A ideia inicial era ir direto ao porto de Rio Grande, mas a vila de Laguna foi inserida no trajeto e ficou determinado que iriamos partir dali dois dias para esta comunidade litorânea de Santa Catarina. Só que desta vez, ao invés da "Constituição", a comitiva iria tomar o vapor "Paquete do Norte".

Nossa Senhora do Desterro, 14 de outubro de 1845

Os catarinenses ou catarinetas, como queiram falar, safaram-se de alguns embaraços muito limpamente. Felizmente para os ilhéus, habitam eles um dos mais belos torrões do Brasil: a pitoresca entrada de sua barra, semelhante a um longo e largo canal bordado de montanhas lindas e semeadas de habitações, com uma vila à direita e uma grande freguesia à esquerda sob as vistas do navegante, já muito previnem em seu favor, e quando ao saltar-se na cidade, se vêm belas casas e, o que mais é, uma aluvião de caras que estão desafiando a gente. Fica-se assim com vontade de gostar da terra.

Acrescente a isto um clima deliciosíssimo, a civilização nas meninas em nada inferior à maior parte das da Corte e, diga-me, se é possível deixar-se de achar bom qualquer coisa que façam? Eu estava extasiado com a beleza de Desterro.

Durante nossa estada em Santa Catarina, o Imperador esteve sempre amável, e conversavam com oficiais e membros da comitiva, decifrando charadas e espichando em história aos que se metiam a tratar dela.

Aqui não há quase rapazes, tirando os barrigas verdes, soldados que usavam um uniforme com uma faixa verde na barriga. Eles viviam estropiados pelos exercícios e paradas, e logo se metiam pelos matos. O que mais se vê por aqui são raparigas lindas, que se reúnem em grupos de 20 ou 30, todas acompanhadas de seus pais. Que terra, meu amigo, que terra! E foi por causa dos barrigas verdes e das moças lindas, que tive que safar o Imperador de uma situação embaraçosa.

Era quase cinco horas da tarde, quando voltávamos da visita a um belo mirante de onde podíamos vislumbrar a bela baía catarinense. O Imperador me puxou de lado e me disse que dali duas horas era para que eu estivesse na parte de trás do palácio, onde o mordomo Paulo estaria me esperando para uma missão pessoal. Eu olhei com cara de perplexidade para Sua Majestade, e ele apenas sorriu em retribuição, voltando em seguida para o grupo de cortesãos que o acompanhava.

No horário marcado, lá estava eu na entrada do que parecia

ser a cozinha do prédio palacial, quando Paulo surgiu ao lado de D. Pedro que, supreendentemente, estava travestido com um uniforme de soldado barriga verde. O mordomo parecia consternado.

- Majestade. Que loucura é essa? O senhor vai acabar se enrascando!

Pedro deu de ombros aos apelos do funcionário bonachão.

- Deixe disso, Paulo. E vê se fica de bico calado, hein! Lembre-se do que combinamos. Em menos de dois anos te promovi a coronel e brigadeiro. Agora é hora de você me retribuir o favor.

O mordomo pareceu resignado.

- Eu sei, Majestade. E é por isso que boa parte da Corte me odeia tanto. Todos sabem da minha lealdade cega ao senhor.

Pedro então, deu dois leves tapinhas na altura da bochecha do mordomo, em sinal de agradecimento e carinho.

- Meu caro, desde que decidimos empreender esta viagem, eu planejei viver momentos de liberdade. O que mais quero é sair do sufoco do posto que me é um fardo. Por isso conto contigo e sua discrição. E quanto à Corte, não se apoquente. Se ficares muito aborrecido, lhe despacho para uma bela temporada de fausto na Europa. Afinal, não é você que está sempre dizendo que o maior desejo de sua vida é conhecer a terra natal de minha mãe?

- Ah, sim Majestade. Não vejo a hora de poder conhecer a Áustria, assim como também a Rússia, Alemanha, França. Eu lhe ficaria muito grato.

- Então está feito. Você atende meus desejos secretos e eu lhe recompenso.

Logo depois, Pedro olhou para mim.

- E quanto a você, meu amigo jornalista. Serás outro que guardará o segredo e estarás comigo nessa loucura toda. Tenho certeza de que poderás escrever até um romance sobre isso. Aliás, por favor, só se for nesta forma, hein? Um romance!

Pedro desatinou a rir. Em seguida, o mordomo se aproximou e entregou-me também um uniforme de soldado catarinense.

- Vista isso, meu caro Bonifácio. Hoje seremos barrigas verdes!

Eu não sabia o que dizer. De fato, o Imperador estava levando a sério a ideia de viver um personagem extra-vida, alimentando uma espécie de Alter Ego despojado. Naquele momento, fiquei preocupado com a Imperatriz e os demais acompanhantes do Imperador. Como faríamos tudo aquilo sem que soubessem?

- Fica tranquilo, meu amigo. Todas as vezes que darmos nossas escapadelas, alegarei estar indisposto e me recolherei aos aposentos, de onde eu estiver hospedado. E sem a presença da Imperatriz. Só autorizarei o Paulo a me chamar. E ele, enfim, terá que administrar as situações.

- Você vê, meu caro, como meu cargo é difícil? - Paulo apontava na minha direção - E tem gente que acha que ser o camareiro imperial é coisa fácil de lidar! Imagina a pressão que vou sofrer com tanta gente querendo saber do Imperador!

Pedro ria como uma criança e me contaminou com suas gargalhadas. Eu não tive como evitar o riso.

A indumentária estava completa. Vestíamos um casado azul e amarelo, belíssimo, com uma faixa branca atravessada do ombro até a cintura e outra faixa, verde, na barriga. Era essa faixa que dava o apelido aos soldados, barriga verde. Além disso estávamos com uma calça vermelha enfiada em botas altas, que iam até um pouco acima do joelho. Ainda vestíamos um chapéu estilo napoleônico e

usávamos um mosquetão carregado. Depois de vestido, eu havia, enfim, me tornado um soldado de verdade, ou de mentira? O Imperador estava claramente se divertindo com tudo aquilo.

- Já me sinto tão outra pessoa! Bonifácio, me diz uma coisa. Estás com a sensação de um friozinho na barriga?

Eu não sabia o que responder. De fato, sentia um certo embrulho no estômago, mas acreditava ser mais resultado do medo do que de emoção.

- Então, meu amigo! Vamos para nossa primeira jornada de liberdade? - disse o Imperador, avançando como um soldado na direção de dois cavalos selados que haviam sido preparados a mando do mordomo Paulo.

Eu não era muito afeito a montarias, mas naquela circunstância não havia muito o que contestar. Pulei em cima do animal e partimos, rumo à parte norte da ilha catarinense. O sol ainda estava visível no horizonte. Porém, era uma situação que não duraria muito mais. A noite logo chegaria. Mas, afinal, qual era a ideia do Imperador?

Andamos pouco mais de quatro milhas em cerca de uma hora até alcançarmos uma pequena freguesia chamada Lagoa da Conceição, situada ao norte de Desterro. Ali havia uma bela estalagem as margens da lagoa que, aquela altura do começo da noite, estava apinhada de gente se divertindo, com música e tudo mais. Pedro parou o cavalo e olhou para mim.

- E aí? Vamos lá também nos divertir?

- Você está falando sério? Vamos acabar nos metendo em encrenca.

- Deixe de ser medroso, Bonifácio. Vamos!

Decidido, Pedro apeou do cavalo e o amarrou numa pequena trave de madeira, apropriada para aquilo. Eu repeti o gesto e entrei na

estalagem ao seu lado. Foi quando todos pareciam olhar para nós e pensei: Pronto! Já reconheceram o Imperador. Mas, graças a Deus, estava enganado.

- Olha, gente! Barrigas Verdes aqui na Lagoa! - disse um local

- E vieram com uniforme de gala, quanta honra para nós, pobres pescadores! - comentou outro, em tom de zombaria.

Eu me virei para Pedro e cochichei em seu ouvido.

- Meu amigo. Vamos dar meia volta e cair fora daqui. A coisa pode ficar feia...

Ele me interrompeu.

- Sem essa, Bonifácio. Eu vim aqui para beber e só saio daqui quando tiver realizado o que quero.

Apesar de querer vivenciar a experiência de ser outra pessoa, o ímpeto do Imperador de dar ordens, definitivamente não abandonara a sua essência. Decidido, Pedro foi ao balcão e pediu uma caneca de vinho ao jovem que atendia na estalagem.

- Me dá o que você tem de melhor, meu rapaz.

Nisso, um outro homem, mal-encarado, aproximou-se do Imperador e o provocou.

- O melhor? Por acaso o soldadinho recebeu o salário? Porque o que nós sabemos por aqui é que vocês são um bando de mortos de fome!

As pessoas que estavam na estalagem riram do gracejo de Josias, o homem que provocara Pedro. O Imperador, então, sacou da bainha um pequeno revólver e o elevou até o rosto do pescador.

- Eu acho que isso deve valer alguma coisa por aqui, não?

O homem ficou com os olhos esbugalhados. E, confesso, eu também. Jamais, em toda a minha vida, eu poderia supor que um homem fino como nosso Imperador pudesse agir como um bandoleiro.

Ato contínuo, Pedro, com a outra mão, pegou um pequeno saco de juta, onde havia muitas moedas, algumas de ouro.

- E com isso, acho que também posso pagar minha bebida. - disse jogando duas moedas ao jovem atendente. - Aliás, vou pagar a minha bebida e a de todos os que estão aqui hoje! - falou quase gritando, para todos ouvirem.

A estalagem inteira deu vivas ao forasteiro. Inclusive Josias, que fez questão de apertar as mãos do soldado que lhe pagava uma caneca de vinho do melhor que havia na casa.

No meio da algazarra e a música tocando livre, fomos sentar numa mesa do canto do salão. Os olhos de Pedro brilhavam de alegria. Eu estava de queixo caído com aquela situação.

- Pedro, eu nem sei o que falar! Onde você aprender essas coisas? A lidar com esse tipo de situação?

Ele era só sorrisos.

- Se eu te disser que eu li isso em livros de aventuras que existem em nossa biblioteca, você acreditaria? Uma coisa que você não pode deixar transparecer numa situação de provocação, enfrentamento, é medo. Procure sempre parecer muito mais confiante e ousado que seu adversário. Ele, quase sempre, vai se intimidar.

- Quase sempre? Então podíamos nos dar mal???

- Sim, mas não foi esse caso, correto, meu caro? - disse sorrindo - E, olhe, ninguém aqui me reconheceu! A intimidação e o sucesso do

disfarce foram frutos da minha postura forte e determinada! Não por bajulação! Não é o máximo?

- Sim! Então, vamos brindar à coragem do nosso Imperador! - disse eu, levantando a caneca.

Passamos os primeiros minutos conversando sobre o dia e o que esperávamos para as próximas duas semanas, tempo previsto para a permanência em Santa Catarina. Pedro disse que queria ver tudo, e considerou sua recepção a melhor que se poderia desejar: e que, se alguma asneira apareceu, ela certamente foi filha do saber de alguém mais teimoso do que um gato esfaimado.

Pedro me contou sobre uma situação que provocou um ligeiro mal-estar nele e sua esposa. É que colocaram nos aposentos da Imperatriz, sobre uma mesa, um grande painel do Bom Jesus dos Passos, com sua coroa de espinhos, de modo que a Sua Majestade não podia abrir os olhos sem dar com a vista no mais doloroso quadro de nossa religião. Para o Imperador arrumaram outro grande painel de uma Santa Virgem Mártir! Não sei a intenção com que dispuseram estas coisas! Este alguém e seu cunhado com certeza passarão à posteridade. Vou te dizer que rimos muito e ficamos com pena dos que pensaram na decoração.

No entanto, Pedro me disse que têm se mostrado contente com a recepção geral dos catarinenses. O certo é que nunca vimos um povo tão concorde em desejos para tornar-se agradável a seus soberanos. Não houve quem deixasse de caiar e pintar a sua casa, ou quem não se tenha empenhado no asseio das ruas ou melhoramento dos caminhos. Distritos como o de S. José, em que se tem contado mil e duzentas pessoas, trabalharam muito nas estradas por onde se esperava que o Imperador passasse.

Amanhã começaremos a visita ao interior da ilha, e logo depois ao continente, para conhecermos de perto a vila de S. José e as Caldas da Imperatriz, entre outros lugares.

Por isso, não poderíamos nos demorar naquela estalagem. Estava divertida a aventura, mas o dever impunha sua vontade pelo horário. No entanto, após quase duas horas de diversão na

estalagem, bebendo, cantando e abraçando os nativos, fiquei preocupado com a nossa volta até o palácio. Afinal, tínhamos de enfrentar uma jornada de uma hora a cavalo em ruas clareadas apenas pela luz do luar. Eu receava ter problemas. E eles, de fato, estavam apenas começando. O primeiro foi quando Josias apareceu em nossa mesa ao lado de duas belas jovens. O pescador estava bem embriagado.

- Beus amigos (hic). Hoje foi um dos dias mais lindos das nossas vidas.

Eu pensei: - Pronto! Fomos descobertos! - Mas para meu alívio, não

- Nunca vimos um barriga verde aqui em nossa freguesia pagando bebida, livre, para todos! Isso é um milagre de Nossa Senhora!

- Que heresia! Até parece que Nossa Senhora iria querer ver todo mundo enchendo a cara! - continuei em meus pensamentos.

- Vozês são dois zoldados de primeira qualidade (hic), homens de honra. Por isso, trouxe minhas duas irmãs para abrezentar a vocês, que são dois partidões!

Eu fiquei chocado com a oferta. As moças eram belíssimas. Ambas tinham enormes olhos azuis e cabelos loiros, cacheados. Exibiam bons dentes e sorriam lindamente. A mais velha se chamava Luísa e a jovem, Amélia. Era visível perceber que ambas estavam ali contra sua própria vontade. Certamente foram obrigadas pelo irmão brucutu fazer a corte aos jovens soldados que bancaram sua bebida na estalagem. Apesar do ligeiro constrangimento, Luísa a primeira a quebrar o silêncio que se fez naquele momento.

- Vocês são nascidos aqui mesmo, na nossa província? Ou vêm de fora? Eu nunca os vi por aqui, na Lagoa!

Eu nem dei chance de o Imperador falar e fui mais rápido na

resposta, tentando não permitir que houvesse a mínima chance de sermos desmascarados.

- Não, não. Somos do norte do país. Meu nome é Carlos e ele é Antônio Luís - inventei os nomes naquele momento - Viemos em missão especial para a visita dos Imperadores. - sorri meio sem graça, olhando para o próprio Imperador ao meu lado.

- Ah, sim, nós estávamos com muita vontade de ir ver de perto Suas Majestades, lá em Desterro. Mas nossas tarefas em casa nos impediram. Algumas das nossas amigas que lá estiveram disseram que ele é muito bondoso, mas que também é meio sem graça, sem sal - e riu - Você me entende? - disse Luísa, olhando para nós dois.

Eu achei que Pedro fosse ficar ofendido com a observação da moça, mas, para meu espanto, ele pareceu ter encarado com seriedade o seu personagem.

- Concordo contigo! O Imperador é mesmo um sujeito meio bobo. Vocês sabem que estive bem perto dele quando a Corte chegou em Desterro? Teve gente que até disse que ele se parece comigo. Vejam só! - e começou a rir - Logo eu que sou um brucutu em pessoa!

Pedro me deu um tapa no ombro, como que me pedindo para concordar com sua avaliação. Ele parecia estar se divertindo com a situação. Eu só assentia com a cabeça. Ele continuou.

- Olhem só, moças bonitas. Vocês acham que me pareço com ele? - enfatizou Pedro, tirando o chapéu e mostrando os dois lados da face.

- Pela graça de Nossa Senhora, nem um pouco soldado! Você é muito mais bonito. E charmoso também. - Disse Luísa, rindo timidamente.

Eu não estava acreditando no que via. O Imperador estava cortejando a moça na minha frente, sem a menor cerimônia. E ela dando corda!

E a irmã, uma jovem belíssima, estava caladinha, porém me olhando a todo minuto, exibindo um sorriso de derreter a alma de qualquer um.

Pedro, ou melhor, o Antônio Luís, convidou as moças a sentarem para conversarem mais sobre a vida. E lá permanecemos por mais de uma hora, até que implorei ao Imperador, ou melhor, ao falso barriga verde, para que fossemos embora. Se demorássemos mais, corríamos um sério risco de sermos flagrados na nossa volta ao palácio. O Imperador, profundamente pesaroso, voltou-se para Luísa e se despediu.

- Espero poder revê-la em breve.

- Eu também. Desta vez vou ter que agradecer aquele beberrão de meu irmão.

Pedro era só sorrisos. Eu acredito que tenha sido a primeira vez em sua vida que ele, de fato, se encantara com uma mulher. Ele, então, se despediu da moça com um beijo em seu rosto, e mais uma vez com a promessa de voltar. Montamos os cavalos e disparamos de volta a Desterro. Quando chegamos à parte de trás do palácio, lá estava o mordomo Paulo, claramente desesperado.

- Graças a Deus, Majestade! Assim, o senhor me mata. Eu já não sabia o que mais fazer. Rezei para que chegassem logo.

- Calma, meu caro Paulo. Nunca deixe de cumprir o que combinamos. Só dê o alarme se eu sumir por mais de um dia inteiro. Caso contrário, sustente a situação.

O mordomo assentiu e disse que iria "preparar o terreno" para que o Imperador voltasse aos seus aposentos sem ser visto. Quando tornamos a ficar sozinhos, ainda vestidos de soldados, confessei que tinha ficado com o coração na mão em algumas situações.

- Você falou sério para aquela moça, que pretende voltar a vê-la?

Pedro sorriu e nada respondeu. Nem precisava.

- Mas, desculpe-me pela ousadia. E quanto à Imperatriz? Eu escrevo aos meus leitores que você é gentil e honrado com ela...

- E acaso não sou? - Pedro pareceu incomodado com minha interpelação. - Eu não sou rude com Tereza Cristina. Sou um marido que lhe dá tudo. Confesso que o casamento não era o que eu queria, pelo menos a forma. Gostaria de ter me apaixonado, como qualquer rapaz da minha idade. Essa coisa de casamento por conveniência política é cruel com nosso coração. Claro que estarei do lado dela até o fim, como meu pai ficou ao lado de minha mãe...

- Ei, espera aí... Desculpe-me mais uma vez a ousadia... e acho que já aprendi a tê-la contigo, pelo laço que estamos criando. Mas nosso primeiro Imperador, vosso pai, era um galanteador nato. Quase toda a Corte sabia de suas aventuras amorosas. E você, meu amigo, não tem fama igual.

Pedro ficou pensativo enquanto tirava a roupa de soldado para colocar a sua. De fato, sua educação moral lhe moldara de forma absolutamente contrária ao de D. Pedro I. Por outro lado, também cultivava desejos mundanos. Afinal, era um ser humano, com instintos naturais.

- É verdade, meu caro. Mas vou te confessar que fiquei encantado com Luísa. Acho que foi a primeira vez em minha vida que uma mulher olhou para mim como um homem normal, e não como herdeiro do Império ou como o próprio Imperador. Por mais que Tereza Cristina se dedique ao nosso enlace, tal centelha não fora acesa do jeito que todos vocês, pessoas normais, têm o privilégio de gozar. Eu preciso me permitir a ter o frio na barriga ou o calor subindo ao coração. Você entende?

Eu fiquei mudo por um instante. Claro que conseguia compreender o dilema, a dor de Pedro. E, diante daquele desabafo, de peito

aberto, tive a sensação de que meu papel naquela estranha missão involuntária era muito maior do que supunha. O Imperador não buscava apenas por adrenalina, mas, sim, por sensações que jamais experimentaria se não ousasse elaborar um plano maluco como aquele. Mais do que nunca, o destino me conduzia aos caminhos do Imperador. Talvez isso explicasse a energia da corrente que peguei naquele dia intrigante, quando Pedro tinha apenas cinco anos. Convicto de minhas considerações, estiquei a mão para cumprimentar o Imperador, em sinal de respeito.

- Pode contar comigo. Se depender de mim, você será o Pedro que sempre sonhou.

O Imperador me abraçou e, alertado por Paulo, voltou aos seus aposentos, sem chamar a atenção de nenhum guarda do palácio. Eu, por minha vez, ainda caminhei pelas vias do Desterro até a estalagem onde minha cama me aguardava.

Nossa Senhora do Desterro, 15 de outubro de 1845

Acordei um pouco com dor de cabeça naquele 15 de outubro, dia da invocação de Santa Thereza. Apesar da chuva e do frio, logo pela manhã aconteceu um cortejo e uma parada em honra ao augusto nome de Sua Majestade, a Imperatriz, mostrando-se ela mais prazenteira e bem-disposta, prova de que se vai minguando o incomodo da viagem, e quiçá a pungente dor que, sem dúvida, a deve acompanhar por conta da separação do mais caro penhor de seu coração, o príncipe imperial, Dom Afonso Pedro, de oito meses de idade.

Mais uma vez eu fiquei pensando na noite anterior e nas moças que nos foram apresentadas. Pedro tinha, sim, o direito de viver algo diferente na vida, mas, poxa, ele estava casado e era pai de um bebê, nosso herdeiro do Império. Tá certo que não sou um poço de virtudes, mas de certa forma eu não queria aceitar que ele fosse leviano com a Imperatriz. Por outro lado, eu via, nos atos protocolares, um Pedro diferente, magnânimo, bondoso, benemerente. Com isso, a cada dia recrescia o entusiasmo público da população catarinense. A bondade com que Suas Majestades acolhiam as menores demonstrações de respeito e estima por suas augustas pessoas, a munificência imperial espalhada com profusão, o agasalho com que são recebidos todos quantos procuram gozar de mais perto das graças do soberano e de sua virtuosa esposa, são repetidos de boca em boca, e a cada instante referem-se novos efeitos das beneficentes mãos imperiais, que vão distribuindo esmolas pelos que delas precisam.

Em seus passeios pela cidade recebem D. Pedro II e Tereza Cristina constantes provas do amor e admiração do povo, que obstruía as ruas. E, se pessoas da comitiva procuram fazê-lo desviar-se, não o consente o Imperador, dizendo que não se incomoda com a aproximação dos súditos. Era no contato com o povo que ele conseguia sair um pouco de sua figura triste.

No meio do caminho, um oficial da Corte chegou com a notícia de que a subscrição na cidade do Rio Grande para a recepção de Suas Majestades já havia subido para mais de 50:000$ de réis.

O Imperador ficou preocupado com a avultada reserva despendida em favor da aquisição de foguetes e luminárias. Ele pediu ao seu oficial que enviasse correspondência, em seu nome, para o povo rio-grandense, agradecendo a prova de patriotismo, mas também disse que desejava que o dinheiro da subscrição tivesse um destino mais conveniente, em favor das pessoas que precisavam.

A cidade do sul era uma etapa seguinte à Santa Catarina, para onde iríamos dali cerca de duas semanas. O Imperador não desejava que o povo gastasse seu suado dinheiro com ornamentos e festas. Ao contrário, era ele quem dispendia recursos para as provas de caridade. Para fortalecer seu pensamento, o Imperador lembrou do donativo de 11:200$ feito ontem ao hospital de caridade, como prova de que ajudar as famílias desvalidas de seu país é o melhor emprego que se pode dar a quem tem de sobra, ao invés de empregar de maneira tão sobeja em foguetes.

Neste dia não tive um contato mais direto com o Imperador. Até cheguei a encontrar com Paulo, o mordomo, mas ele não me deu muita atenção também. Sem meu companheiro de aventura, o que me restou for ir descansar um pouco mais cedo. Eu merecia, porque havia dormido quase nada na noite anterior.

Nossa Senhora do Desterro, 16 de outubro de 1845

O dia amanheceu chuvoso e frigido. Eu até cheguei a pensar que a agenda do Imperador fosse ser cancelada, mas fui informado que ele manteria a sua proposta de visitar repartições públicas da capital, inspecionando-as minuciosamente para lhes aplicar remédios adequados às suas necessidades.

Naquela mesma manhã, quase na hora do almoço, continuava a afluir ao palácio um enxame de pobres atraídos pelo gasalhado e caridade que outros tem recebido da imperial previdência. E, ao retirarem-se, eles não sabiam se deviam mais regozijar da esmola em dinheiro que usarão para acudir as suas mais urgentes necessidades, ou da afabilidade com que o Imperador os acolheu.

Durante o almoço, Paulo me procurou mais uma vez, pedindo que eu fosse ao palácio, a pretexto de entrevistar o Imperador. Eram quase duas horas da tarde, quando cheguei ao salão principal da residência do governador, transformado em casa imperial. Lá estava D. Pedro, cercado de alguns membros da política provincial e da Corte.

- Olha quem finalmente chegou! Se aproxime, meu caro jornalista! - disse D. Pedro, para surpresa dos outros presentes.

Eu fiquei sem saber como me comportar diante daquela demonstração de intimidade inesperada.

- Boa tarde Majestade, senhores, senhoras.

Os políticos da Corte olharam com ar de desconfiança para minha pessoa, apesar de a maioria saber quem eu era e o que estava fazendo ali. O Imperador fingiu não perceber o clima que se fez no lugar e desconversou.

- Quero informar a todos que o nobre correspondente do Jornal do Comércio será considerado o relator oficial desta viagem. Assim, vez em quando ele entrevistará os senhores para tomar nota das

impressões sobre meus atos. E espero que não sejam muito críticos às minhas decisões.

- Pelo amor de Deus, Sua Majestade, quem de nós duvidará da sua imensa capacidade de governar com sabedoria nosso imenso país? - disse o almirante John Grenfell.

O Imperador sorriu.

- Vindo de você, meu caro almirante, fico lisonjeado. Afinal, você é um herói de guerra e uma pessoa que considero de alto gabarito.

De repente, todos na sala começaram a rasgar seda, uns para os outros. Era algo que me revirava o estômago. Eu sentia o ar de falsidade em todos os lados. Ali, realmente percebi o quanto aquele ambiente da Corte fazia mal e passei a entender melhor o Imperador.

Passamos a tarde toda conversando sobre política e amenidades. Um a um, os cortesãos e políticos locais foram embora. Ao final, sobraram o governador Antero José Ferreira de Brito, o almirante Grenfell e o mordomo Paulo Barbosa. A Imperatriz já estava em seus aposentos. Eu, por minha vez, cansado daquela tarde mentalmente exaustiva, levantei-me e pedi licença para voltar à estalagem, mas o Imperador me pediu que ficasse mais um pouco, porque teria algo para me falar em particular.

Antes de saírem da sala, o governador e o almirante trocaram alguns cochichos, olhando para mim. Certamente deveriam estar elucubrando algo sobre a relação que o Imperador não parecia querer disfarçar, entre ele e eu.

- Meu amigo jornalista, quero dividir contigo uma angústia.

- Pois não, Sua Majestade - disse eu de forma respeitosa, temendo que alguém estivesse atrás das paredes escutando o teor da conversa.

Pedro olhou para todos os lados antes de me falar baixinho que não havia dormido direito desde a noite anterior, por conta de Luísa. Ele me confessou que não parava de pensar na moça da freguesia de Conceição da Lagoa.

- Por Deus, Pedro - respondi também baixinho - Você deve estar mesmo com uma carência afetiva enorme, a ponto de se enrabichar pela primeira mulher que teve a oportunidade de conhecer nessa sua vida paralela!

O Imperador pareceu constrangido.

- Eu sei, eu sei... Talvez você tenha razão. E eu até me sinto mal com isso. Tereza Cristina não merece um adultério assim, tão efêmero. Mas a imagem daquela moça, não sei por que, ficou grudada em minha mente.

- Não vou te censurar, meu amigo. Eu também até fiquei encantado pela irmã dela, a Amélia. Mas, de alguma forma, a tensão dessa aventura me deixou com o sistema de defesa em alerta.

- Você acha que ela seria capaz de me reconhecer, se ela me visse como Imperador?

Eu fiquei sem entender o questionamento.

- Não faço a mínima ideia, mas, sinceramente, nem podemos pensar em arriscar!

O Imperador ficou pensativo. Depois de alguns minutos em silêncio, ele avisou que iria se retirar. Eu me despedi e voltei para a estalagem, com muitas dúvidas na cabeça.

Nossa Senhora do Desterro, 17 de outubro de 1845

Já se lá vai o mau tempo, a espantosa rapidez com que se aqui passa de um dia carregado e chuvoso a outro seco e limpo é realmente para se maravilhar: e se do céu de Santa Catharina falara aquele Espanhol que disse: - No Brasil até o céu mente - poderia ter alguma desculpa. Vento rígido e frio, escoltado de chuva continuada e fina, cuja continuação por toda a semana precisa ser garantida por nuvens que pairavam carrancudas sobre a cidade, tudo desapareceu com as sombras da noite para dar lugar a mais brilhante luz do astro vivificar. Para gozarem de tão belo tempo, Suas Majestades saíram a cavalo junto com as pessoas que costumavam aqui acompanhá-los. E fizeram o agradável passeio que oferece a face oriental da montanha que forma em semicírculo esta cidade pelo lado da terra.

Os habitantes do norte do Império, e até mesmo os Fluminenses, jamais conseguiriam fazer este passeio sem que julgassem pisar território europeu. Na distância de cerca de duas léguas, pois não é de menor extensão, vê-se a estrada bordada por um e outro lado de casas simples e pobres, é verdade, porém que indicam algum gosto da vida em seus habitantes por sua disposição, ordem e asseio da pouca mobília que lhes é permitido ter.

Sobretudo é maravilhosa a grande quantidade de lindas meninas que se encontram lépidas e desembaraçadas a curarem dos cuidados domésticos, sendo mui raro ver-se um homem de cor, porque são brancas todas as famílias que povoam essa estrada e a maior parte das outras habitações desta ilha.

Voltando ao passeio de Suas Majestades, acabou não sendo ele tão agradável como o que se aventava por sentir-se a Imperatriz fatigada do trote a cavalo, e por isto obrigada a apear-se, continuando até o lugar em que o chefe Grenfell foi recebê-los em escaleres, pelo mar. Ele havia partido da cidade logo que foi avisado desta ocorrência.

Sabendo o Imperador ser intenção dos habitantes desta cidade continuarem com a iluminação acesa por todo o tempo em que a comitiva imperial a honrasse com sua presença, serviu-se dispensar tal prova do amor de seus súditos. D. Pedro só permitiu

que ficassem acesas na véspera e na data de sua partida.

Permitindo D. Pedro que as famílias das pessoas constituídas em dignidades visitassem particularmente a Imperatriz, consta-me que se tem aproveitado desta honra as famílias do presidente e do chefe de polícia da província, que sem dúvida serão seguidas de outras animadas pela amabilidade com que a virtuosa princesa recebeu as primeiras visitas, e desejosas como estão de lhe beijarem a mão e gozarem de perto da inefável graça com que tem ela tem conquistado a devoção de todos.

De fato, a nossa Imperatriz é de uma graça e afabilidade incrível. Por algumas vezes ela me olhou com ternura, o que me fazia sentir certa angústia, por saber que Pedro se encantara por outra mulher. Ah, essa raça masculina, sempre tão volúvel em seus sentimentos! Diante dessa constatação, eu não via a hora de passarem rápido os dias, para que pudéssemos partir para o Rio Grande e depois Porto Alegre. Soube por alguns membros da Corte, que a maior parte das atividades no território dos Pampas é de caráter militar, e o Imperador deverá ficar muito ocupado. E mentes ocupadas não dão espaço para frivolidades e paixões proibidas. Ah, ledo engano! Afinal, quem eu quero enganar. Quase no começo da noite, Paulo Barbosa me veio com uma bomba. O Imperador planejara uma visita ao lugar conhecido como Três Pontes. E adivinha por onde teríamos de passar para chegar lá? Isso mesmo. A freguesia da Conceição da Lagoa, terra das lindas moças loiras que nos encantaram. Já vi que vai ser um dia daqueles!

Nossa Senhora do Desterro, 18 de outubro de 1845

Eram 7 horas da manhã quando se embarcaram Suas Majestade para o lugar das Três Pontes, onde montaram a cavalo e se dirigiram à freguesia de Conceição da Lagoa, situada cerca de duas léguas da capital, com a finalidade de visitarem a lindíssima localidade desse sítio. A viagem teria sido mais agradável se não tivesse sido feita com tão intenso calor e em parte a pé em íngreme ladeira.

Recebidos pelos habitantes locais com o entusiasmo de que a notícia dos virtuosos e benévolos atos do Imperador tem afervorado, assistiram ao Te-Deum cantando pelo vigário na missa que mandou D. Pedro celebrar por seu capelão. Apesar da fadiga que deveria provir da viagem, mostraram-se Suas Majestades alegres e fortes. Depois de almoçarem, foram assistir os trabalhos dos pescadores que, habilidosos, lançavam redes de pescar na Lagoa, divertimento preparado em virtude de desejos manifestados pelo Imperador. Começada a operação da pesca, saltou D. Pedro numa canoa, dando a mão à Imperatriz, que imitou seu esposo, e convidando a fazer o mesmo as damas. Depois do que mandou remar para o pé da rede e acompanhá-la até a praia, o Imperador mandou depois distribuir o peixe aos pescadores.

O sol, apesar de já estarmos no final da tarde, estava tão quente que o Imperador se viu obrigado a colocar o chapéu de encontro aos raios para não lhe ferir o rosto. Gentilmente ele também procurava com o seu corpo resguardar o da Imperatriz.

Sumamente alegre e familiar com todos, dirigindo-se, ora aos pescadores, ora aos remadores, ele acompanhou com interesse todos os incidentes do recreio. Pedro parecia gozar de prazeres estranhos à sua alma! Tinha em torno de si centenas de súditos tão contentes como ele, por verem-no participar desses plácidos e inocentes gozos de que a fortuna é tão avara para com os grandes da terra.

Às margens da Lagoa, havia enorme concorrência de pessoas, habitantes do local. Eu tentava enxergar de alguma forma a presença de Luísa e Amélia, e não foi difícil localizá-las. Ambas estavam não muito longe do trapiche das canoas, provavelmente

ao lado da família a qual pertenciam, de pescadores, como o irmão Josias. Meu coração batia mais forte, pensando na possibilidade de elas reconhecerem a mim e ao Imperador como os dois soldados barriga verdes com quem se divertiram algumas noites atrás. Eu me aproximei de D. Pedro e lhe cochichei no ouvido.

- Elas estão aqui! É só olhar na direção do trapiche, à sua esquerda! Acho melhor irmos embora!

O Imperador fitou os olhos na direção que lhe indiquei e abriu um sorriso. A Imperatriz e os demais acompanhantes ficaram curiosos por saber o que eu havia lhe falado, dado a curiosidade de D. Pedro a partir daquele momento.

- Alguma coisa especial, meu Imperador? - questionou Tereza Cristina.

- Não, o nosso querido jornalista apenas me falou sobre os habitantes desta freguesia, do fato de estarem empolgados com nossa presença.

Não sei ao certo se a Imperatriz acreditou muito naquela história, já que ela fechou o semblante por um breve instante e passou a cochichar com suas amas de companhia. D. Pedro, por sua vez, chamou-me de canto e dividiu comigo uma loucura que havia planejado.

- Escuta, meu amigo. Eu vou pedir para os meus comandantes levarem a Imperatriz de volta a Desterro. Disse a eles que pretendia fazer uma incursão até a Barra da Lagoa, onde havia um pequeno fortim, e que, pelo tardar da hora e por conta da indisposição de minha esposa, decidira ir apenas contigo e outros dois soldados da minha guarda pessoal. Quanto a esses, não se preocupe, são de minha total confiança. Depois lhe explico.

Eu não havia entendido praticamente nada. O Imperador deu meia

volta e rumou até onde estavam seus cortesãos e oficiais, e lá expediu diversas ordens. De longe era possível ver o chefe Grenfell questionando a decisão do monarca, mas percebi que logo acatara a ordem. Assim, enquanto a comitiva se preparava para retornar à capital em seus cavalos, Pedro veio até mim, na direção contrária, acompanhado dos dois soldados que mencionara. E eles carregavam uma enorme sacola de juta.

- Pronto! Bonifácio, estes são Damião e Salustiano. São dois homens de minha inteira confiança, orientados por Paulo a darem guarida às minhas incursões.

Eu olhei com ar de incredulidade para o Imperador. Será que os seus guardas seriam fiéis o suficiente para não dar com a língua nos dentes em relação ao que estava acontecendo entre ele e Luísa? Ou às outras possíveis vontades do alter ego de D. Pedro?

- Tudo bem, Sua Majestade. - disse, olhando meio enviesado aos dois guardas, não permitindo que soubessem, pelo menos, do meu tratamento íntimo ao monarca. - Vamos falar sobre isso mais tarde. O que faremos agora?

Pedro olhou em volta e decidiu subir nos cavalos, tomando o rumo de uma trilha que lhe fora indicada, que dava para a margem norte da Lagoa. Depois de alguns minutos, apeamos dos animais num local isolado da vila dos pescadores. Ainda havia claridade no dia. Pedro ordenou aos soldados que retirassem o conteúdo dos sacos. Eram roupas civis, normais, sem muito luxo. Eu fiquei sem entender.

- O que é isso?
- É o nosso disfarce de hoje. Voltaremos à Vila da Lagoa como Carlos e Antônio Luís. Vamos visitar Luísa mais uma vez.

Eu dei risada, não acreditando na ousadia do Imperador.

- Como Carlos e Antônio Luís? Pelo visto, você gostou da brincadeira?

- Não reclame, foi você quem inventou esses nomes! Vamos, vista-se. Deixaremos Damião e Salustiano acampados aqui nos esperando.

O Imperador, então, voltou-se aos seus soldados e lhes orientou a esperarem o quanto for necessário. Eles só poderiam tomar alguma iniciativa contrária, caso ele e o jornalista ficassem sem aparecer por mais de 24 horas. E, assim, depois de trocados, fomos em disparada na direção da freguesia de Conceição, onde procuraríamos a moradia de Luísa e Amélia. Para obter a informação de sua localização, a procuramos na estalagem onde estivemos quatro noites atrás. Não foi difícil encontrar o lugar, um pequeno sítio localizado à margem da Lagoa, não muito distante do vilarejo. Chegando lá, batemos à porta e fomos recebidos por uma senhora, que devia ter muita idade.

- Pois não? Quem são vocês e o que querem aqui?

- Minha senhora, viemos de longe e estamos procurando Luísa e Amélia...

Antes de concluir qualquer frase, Luísa apareceu na sacada do casebre, com ares de espanto.

- Antônio? Carlos? O que fazem aqui?

O Imperador ficou radiante ao ver de perto a bela catarinense. Ela estava com um vestido muito simples, esverdeado, de um tom que a deixava ainda mais estonteante.

Pedro apeou do cavalo e foi em sua direção, tomando-lhe a mão e, logo em seguida, a beijando. A velha olhou a cena e ficou abismada.

- Esse rapaz não é daqui, sem dúvida! É um cavalheiro, e não os pescadores grosseirões que aqui vivem, como seus irmãos! - disse, exibindo um sorriso largo, que lhe revelava a falta de vários dentes.

Luísa ficou encantada e surpresa com a visita inesperada.

- Eu achei que não o veria mais!

- Eu estava na comitiva do Imperador e....

- Mas você está sem sua roupa de soldado! - disse ela, interrompendo a fala de Pedro.

- Sim, é que pedimos folga ao nosso comandante, alegando que tínhamos um compromisso especial aqui na freguesia de Conceição.

- E o compromisso seria eu? - Disse ela, sorrindo lindamente para o Imperador.

- Sim, eu queria vê-la de qualquer jeito.

Nesse interim, Amélia também saiu do casebre e me olhou, sorrindo. Eu retribui e pensei. - Oras, se o Pedro está se divertindo, por que eu também não posso?

Assim, apeei do cavalo e imitei o gesto de meu companheiro, beijando a mão da jovem. A velha ficou igualmente chocada com a cena.

- Deus ouviu minhas orações e resolveu mandar jovens belos e cavalheiros para minhas meninas! Vou orar em agradecimento! - Disse e, em seguida, entrou na casa aceleradamente. Todos nós rimos.

Depois de trocarem suas roupas, Luísa e Amélia nos levaram para uma área tranquila nas margens da Lagoa da Conceição. O céu estava iluminado por uma enorme lua cheia. Lá, ficamos por cerca de duas horas, conversando sobre a vida e outras amenidades. Eu me distanciei de Pedro por algum tempo, deixando-o sozinho com a bela catarinense. Mas, de longe, eu pude ver, como duas silhuetas

na contraluz, o que já supunha que aconteceria. Pedro e Luísa se beijaram sob a luz do luar.

Sem dizer uma só palavra durante todo o caminho no retorno à Desterro, já acompanhados de Damião e Salustiano, Pedro apeou diante do Palácio da capital e se despediu de mim, logo após me dar um abraço.

- Estou cansado, mas nunca estive tão feliz em minha vida! Amanhã nos falamos.

Depois de despedir-me dos soldados que nos acompanharam, fui para minha estalagem, já esperando a cara feia do dono do local, por mais uma vez chegar bem tarde.

Nossa Senhora do Desterro, 19 de outubro de 1845

Eu acordei não muito cedo, e ainda sofrendo com uma certa dor de cabeça. Justo hoje, que havia diversas formalidades em nome de Sua Majestade. A oficialidade da 3ª legião da guarda nacional dos municípios de S. José e S. Miguel, e uma deputação da Câmara Municipal da vila de Lages foram até o palácio em Desterro para, junto aos pés do trono, levar os votos de gratidão e lealdade dos habitantes daqueles sítios pela graça e honra que lhes provém da presença de Suas Majestades nesta parte do Império.

Em seguida ao cortejo das corporações e cidadãos, foram admitidos ao interior do palácio alguns estudantes de latim e de primeiras letras, acompanhados de seus respectivos professores. Cerca de 60 meninas, educandas do Colégio da Sra. D. Felicidade Fernandes de Souza Fagundes Costa, lindamente vestidas e coroadas de belas capelas, tornaram mais brilhante o ato, vindo elas, como representantes dos sentimentos das famílias catarinenses, depositar aos pés da graciosa Imperatriz do Brasil flores naturais, e em sucinta alocução os puros votos de amor e gratidão que todos consagram às suas virtudes.

D. Pedro dignou-se acolhê-las com a afabilidade que lhe é própria, apesar de aparente cansaço, prodigalizando-lhes caricias que bem testemunhavam quão grato era ao seu coração esta prova da afeição brasileira. Apreciando sem dúvida o desembaraço com que se elas apresentavam, e a beleza de suas feições, realçadas pela mais linda tez, a Imperatriz chamava a cada instante a atenção de seu augusto esposo, como convidando-o a partilhar do prazer que sentia.

Chegada a hora do almoço, tive a oportunidade de falar a sós com D. Pedro, que parecia, de fato, exausto dos compromissos da parte da manhã.

- E aí, Pedro? Na volta você não falou nada! Está tudo bem?

- Sim, meu amigo, sim, e não. O que me aflige é essa tempestade de sentimentos. Fico refletindo se não estou entrando numa armadilha cruel do destino, se não estou ousando demais em querer viver algo

que não me foi outorgado. Observo a vida do meu povo e se, por um lado, testemunho o sofrimento pelas privações que a falta de recursos causa no ombro dos humildes, por outro, olho para minha situação, de possuir tudo o que quero e ao mesmo tempo não ter nada que sonho. Não é estranha tal oposição?

O Imperador estava em conflito consigo mesmo.

- Mas, o que aconteceu ontem à noite com Luísa?

- Luísa, Luísa. Ela não me sai da cabeça. Às vezes queria ser mesmo o Antônio Luís, um singelo soldado, que não tem o fardo do Império nas costas. Mas não é assim, certo? Pelo menos, posso ficar feliz de ter tido a oportunidade de viver essa paixão, ainda que arrebatadora e precoce. Sabe, meu amigo? Acho que meu coração estava muito endurecido por conta dos compromissos políticos!

- Vocês se beijaram? Eu creio ter visto esta cena ao longe.

O Imperador ficou em silêncio, com um sorriso enigmático no rosto. Depois consentiu com o balançar da cabeça.

- E agora? O que você pretende?

- Eu disse a ela que tenho meus compromissos, como "soldado da guarda da comitiva do Imperador" e que talvez demorasse um pouco para nos rever. De qualquer forma, eu tive a certeza de que ela está apaixonada por mim - ele me pegou pelos ombros e sacudiu de forma extasiante - por mim, meu amigo, não pelo Imperador poderoso desta nação, mas por um homem, um soldado sem eira nem beira!

Pedro não cabia em si de alegria, mas eu conseguia enxergar também um certo desespero por conta da construção daquela história que tinha o menor futuro. Ele não possuía o espírito irresponsável do pai, que certamente introduziria a amante na Corte, como fizera

com aquela Domitila de Castro. Pedro não tinha o mesmo perfil do pai e dificilmente faria isso com Tereza Cristina, a mulher com quem se casara. E, mesmo sem nutrir um amor arrebatador pela Princesa das Duas Sicílias, ao menos respeitava seu espaço social. A relação com Luísa, assim, não tinha futuro, mas era o presente que Pedro queria dar a si mesmo.

- Você pretende revê-la? - perguntei, preocupado em saber se as aventuras continuariam em Santa Catarina.

- Sim, certamente. - respondeu, me olhando de forma enigmática, como que pensando como se daria o próximo encontro.

O dia transcorreu com tranquilidade e à noite Pedro resolveu caminhar pelas ruas de Desterro ao lado da Imperatriz, no que foram acompanhadas de imenso povo. Eles foram ver de perto as iluminações da praça, assim como a que em sua porta fez o comerciante Sr. Cabral, onde pararam junto a cada uma delas para ler os versos e dísticos e a examinar os diversos emblemas e quadros que as decoravam. Por volta de 11 horas, foram ambos recolherem-se depois ao palácio, em meio às aclamações do povo.

Desterro e Vila de São José, 20 de outubro de 1845

Mais uma vez todos nos reunimos logo pela manhã, desta vez para viajar até a Vila de São José, que teve a honra de receber Suas Majestades. Embarcamos no trapiche da Alfandega, onde tomamos o escaler, escoltado por muitos outros botes, lanchas e iates, que ficaram responsáveis por transportar parte da comitiva e outros passageiros.

Situada no continente, São José estava à distância de quatro milhas e meia da capital. Tendo à sua frente um dia limpo, fresco e com vento de feição, aquela fora uma viagem agradável, embora de curta duração. Logo que atravessamos a baía, as embarcações de guerra ancoradas ao largo da vila soaram seus canhões, em salvas. Até a Fortaleza do Estreito entrou na festa.

Quando a esquadrilha atravessou a enseada da vila, um iate embandeirado, levando uma turba de curiosos, aproximou-se do escaler em que estavam Suas Majestades, a quem saudaram com repetidos vivas, respondidos por todas as pessoas das outras embarcações. Havia naquela embarcação uma banda a tocar o hino nacional, o que emocionou a todos. Era bonito de ser ver aquelas pessoas entoando a uma só voz:

Brava Gente Brasileira
Longe vá, temor servil;
Ou ficar a Pátria livre,
Ou morrer pelo Brasil.
Ou ficar a Pátria livre,
Ou morrer pelo Brasil.

O escaler imperial passou pelo iate que, por sua vez, deixou passarem os barcos que vinham mais atrasados, a fim de que todos pudessem se irmanar daquele sentimento patriótico.

No desembarque foram Suas Majestades recebidos debaixo do palio pela Câmara Municipal e cidadãos do lugar. Na porta da igreja os aguardavam com flores 12 meninas ali colocadas, recitando uma delas uma alocução ao Imperador, enquanto outra fazia o mesmo à

Imperatriz. Em seguida ao Te-Deum, proferiu o vigário da freguesia, reverendo Joaquim Gomes de Oliveira Paiva, um discurso em que algumas imagens e pensamentos adequados ao ato, e desenvolvidos com arte, provocaram por mais de uma vez lágrimas de prazer no povo, que via tão bem compreendidos e manifestados os sentimentos de sua veneração aos seus soberanos. A Imperatriz também ficou tocada pelas palavras do vigário e manifestava suas saudades, de carinhosa mãe que deixou no berço o sagrado fruto de sua união conjugal e penhor da futura prosperidade do Império, para satisfazer os justos desejos de outros filhos que almejavam pela graça de sua presença.

É sempre importante lembrar que ficara na Corte o pequeno Dom Afonso, que completaria oito meses no dia 23. O jovem príncipe herdeiro do Império era muito jovem para participar daquela desgastante viagem.

Havia sido formada em parada, na singela vila de São José, que jamais vira tamanha movimentação, a guarda nacional, contendo mais de mil praças de cavalaria e infantaria.

Suas Majestades e as pessoas que compunham a comitiva ficaram hospedadas em propriedades do coronel Neves, sendo lhes servido mui decente jantar. Em sinal de satisfação por tudo quanto presenciara, mandou o Imperador, pelo ministro do império, pôr a venera de oficial da ordem da Rosa ao peito do coronel Neves, tomando a que trazia o estribeiro-menor.

Suas Majestades receberam e trataram com suma afabilidade e franqueza as pessoas que quiseram ter a honra de lhes beijar as mãos, conservando-se toda a tarde à janela, para darem ao povo apinhoado na praça o prazer de gozar de sua presença.

A música dos curiosos deu uma sonata à janela enquanto se arreavam os cavalos em que deviam Suas Majestades fazerem o regresso por terra até o lugar do Estreito, onde embarcariam de volta para a capital.

D'entre as multiplicadas recitações de versos que tenho ouvido, farei somente menção da que ali teve lugar, por um lavrador. Depois de tocar a música, levantou ele a voz, nos seguintes termos:

Ao seu albergue
Na espessura
A voz chegou
D'alta ventura.

Qu'o Oceano
Era trilhado
Para o Desterro
Ser visitado.

(D'augusto par,
Ventura rara!)
D'excelso PEDRO
THERESA cara.

Eu te saúdo....

E aqui sacou-lhe a música. Eu pedi para o lavrador recitar novamente, mas ele teve dificuldade de fazê-lo, alegando que a escrita fora obra de sua mulher. Ele quase me autorizou a declarar em seu nome que, por melhor que fosse sua vontade, fora a última vez que se meteu com versos. Não costumo dar publicidade a estes com preferência a outros que por aqui correm, porque são de fato modelos de poesia, mas sim sobre a prova da boa intenção da autora.

Antes de regressar a Desterro, mandou o Imperador distribuir esmolas pelos pobres que se apresentaram a recebê-las, e fazer um donativo para as obras da matriz, sendo nestas pias ações sempre acompanhadas de sua virtuosa esposa com aquela parte que suas rendas lhe permitem dispor.

Em seu trajeto por terra assistiram a uma corrida de cavalos, disposta no lugar da Praia Comprida, divertimento este muito do gosto dos catarinenses, alguns dos quais tem, em apostar, visto despedaçadas suas fortunas pelas patas de um quadrupede mais preguiçoso ou menos lesto que outro!

No final do dia, D. Pedro e sua comitiva foram à igreja da vila de São José, onde fora celebrada uma missa ação de graças pela chegada de Suas Majestades. O vigário, Joaquim Gomes de Oliveira

e Paiva, preparou um discurso que parecia não ter fim. Eu tive a pachorra de anotar cada linha, para publicar no jornal. Começou ele assim:

E Samuel disse a todo o povo: Agora
já conheceis a quem o senhor escolhe,
porque não há em toda nação
outro que iguale a este. E todo o povo
aclamou, dizendo "Viva o rei!"
(Do Liv. I dos Reis, Cap. X, V. XXIV.)

Não admira, na efusão de elétrico entusiasmo, ouvir as aclamações de um povo que se regozija com a presença do seu augusto monarca. Não admira ver queimar sobre as aras do Eterno um incenso ministrado nos momentos de patriótico jubilo. Não admira também que o orador, estimulado pelas vibrações de um contentamento universal, suba à tribuna do Evangelho, para exprimir os sentimentos de seus concidadãos, adornando-os com os atavios da eloquência. A natureza dispôs o coração humano para esses transportes aos quais é impossível resistir: todas as nações do mundo podem vangloriar-se de terem já dado essas provas de entusiasmo. Mas saudar o seu adorado Imperador com expressões só do coração, sem manchá-las com veneno da lisonja, beijar sua destra augusta mão, imprimindo lhe com os lábios eternos sinais de sua gratidão, e consagrar sinceros votos de amor e lealdade ao príncipe magnânimo que dirige os destinos da pátria, é caráter unicamente do Brasileiro, gênio do Catarinense, e brasão de um munícipe da vila de S. José. Ufano de sua própria grandeza, o Brasil sabe reconhecer as virtudes do seu augusto monarca, e grato aos benefícios que dimanam do solo imperial, é uma nação generosa, para na guerra expor a vida em defesa do seu Imperador, e na paz fazer as suas delícias, recebendo-o nos braços, entre mil bênçãos e sinceras aclamações

A visita de D. Pedro II às províncias de seu vasto Império é um desses acontecimentos memoráveis, que devem reunir em um só

os sentimentos de todos os Brasileiros, desde a Lagoa Mirim até às margens do soberbo Amazonas; e a muito leal província de Santa Catharina, como a primeira que se honra de oferecer o repouso a Sua Majestade depois de vencer as vagas do empolado Atlântico, tem mais um motivo para justificar as demonstrações de seu inexplicável regozijo.

Não será mister empregar toda a força do raciocínio, exercer a sutileza da lógica, sondar os arcanos da história, e espargir viçosas flores colhidas no jardim da eloquência, para apresentar uma cadeia de argumentos que demonstrem a verdade das proposições que tenho enunciado. O cordial amor que o augusto monarca do Brasil consagra a seus fieis súditos, esta grande prova de sua solicitude, abandonando os encantos de uma Corte brilhante, expondo se a tantos incômodos para visitar as mais remotas províncias de seu Império, os consideráveis bens que devem resultar ao Brasil inteiro com este acontecimento, o universal regozijo que se derrama nos corações brasileiros com a presença desse caro penhor de sua felicidade, estreitando destarte os doces laços que prendem o Brasil e a monarquia constitucional, são verdades estarem tão sensíveis, que basta a sua simples enunciação para que delas nos convençamos.

E nem seria possível, senhores, que o orador, indiferente ao entusiasmo que brilha em vossos semblantes, pudesse com calma encadear as suas ideias, pintando com a linguagem dos anjos o aparatoso quadro que este dia oferece à nossa contemplação. Nestes momentos de tão justa alegria, quando patenteais tão expressivamente os diversos transportes de vossos corações, é impossível descrevê-los. A eloquência perde o mágico poder que a exalta: sua força é neutralizada pela veemência do poderoso magnete que se apodera do verdadeiro patriota: porque o coração, e só o coração, é quem falta: e então nada resta ao orador senão exclamar com Samuel, recomendando-vos que contempleis o augusto Imperador que o Deus das nações escolheu para dirigir os destinos do Brasil, e ajudeis com entusiásticos vivas a saudar este dia verdadeiramente catarinense.

Sua Majestade Imperial conhece qual motivo que reúne

neste santuário uma porção de seus leais súditos para render ao Todo Poderoso uma ação de graças tão justa. E vós, Soberano Deus Sacramentado, que constituístes aos monarcas da terra distribuidores da vossa justiça, e aos súditos prescrevestes os tributos de veneração e respeito às sagradas pessoas daqueles, fazei descer desse trono de luzes um reflexo de vossa sabedoria e insuflei em meu peito o fervor de verdadeiro patriotismo para que, alçando minha débil voz, possa celebrar o grandioso dia em que os habitantes da vila de S. José tiveram a ventura de ver junto a si o muito amado Imperador a par de sua augusta esposa a terceira Imperatriz do Brasil.

Se é justo render ao Onipotente solenes noções de graças, sempre que a sua generosa destra se abre para derramar sobre nós o abundante cofre de seus benefícios, é este um dos dias em que, prostrados ante os altares do Deus vivo, deve-nos oferecer-lhe dutos de puríssimo incenso.

O grande acontecimento que hoje nos convida a este lugar para em unanime sentimento dar um publico testemunho de nossa gratidão não é um motivo tão particular que limite o contentamento na canhada esfera deste município; é sim a honrosa visita do Senhor D. Pedro II a esta província, ação digna do Imperador do Brasil, e que por isso deve derramar o mal justo, o mais entusiástico regozijo no coração da grande família catarinense.

O sempre memorável dia 2 de dezembro de 1825, que augurou o mais ditoso porvir a abençoada terra de Santa Cruz, imprimo no amago de todo o coração brasileiro um desejo ardente de conhecer esse príncipe amado que um dia, empunhando o áureo cetro tinha de fazer a ventura de sua pátria. E quem, por mais inacessível aos sentimentos de ternura e patriotismo não aspiraria conhecer esse augusto jovem, que, privado de sua infância dos paternais carinhos, fora confiado à honra e generosidade da nação brasileira? Nenhum, nenhum destes, a quem a natureza embalou entre o Prata e o Amazonas, pôde despir os nobres sentimentos que o distinguem de todos os rincões da terra. Mas, senhores, o cumprimento desse tão justo desejo era contrariado pelos sombrios dias de uma minoridade: o facho da guerra civil consumia em suas chamas grande parte das

províncias, e o punhal fratricida ia ceifando a flor dos Brasileiros, sem que tivessem a ventura de conhecer o seu adorado Imperador, em cuja defesa arrostavam uma morte gloriosa. Era mister fazer cessar essa lutuosa época, realizar as esperanças da nação, e, com o único e saudável balsamo cicatrizar as feridas da pátria.

O pomposo grito da maioridade do Senhor D. Pedro II relumbrou no seio da representação nacional: todas as províncias repetem o brado salvador: o Amazonas suspende a sua impetuosa torrente para escutar e responder a esse grandioso viva; e o Prata, invejoso da gloria do seu companheiro, vai ralando em mudo silencio triste recordações. Reinou, pois, essa aurora afortunada: o diamante da imperial coroa dissipou com seu brilho as sombras que anuviavam o céu do Brasil: rasgaram-se as auriverdes cortinas que encobriam o trono excelso, e sobre ele apareceu um monarca perfeito para dirigir os destinos da brasílica nação, fazendo a felicidade de seus súditos.

Senhor, foi desde essa época feliz em que Vossa Majestade Imperial começou a dar provas da bondade de seu paternal coração que esta província começou também a nutrir-se da esperança de que o Imperador viria um dia encher o jubilo os catarinenses, honrando-os com sua augusta presença. Esta nossa esperança não foi iludida: o adorado Imperador, disposto sempre a fazer as delícias de seus súditos, não olhou os incômodos de tão penosa viagem nem as crespas ondas do soberbo Atlântico; e, acompanhado de sua augusta esposa nossa Imperatriz, se apresenta hoje no meio de nós para nos oferecer sua destra em sinal do amor que consagra aos catarinenses. Ah! meus amados concidadãos, nós não sabemos avaliar a grande dívida que temos contraído com esta honrosa visita. Toda a nossa gratidão não basta: os maiores obséquios de nossa veneração não podem contrabalançar com a ilimitada prova de amor que hoje recebemos, filha, não do nosso merecimento, mas unicamente de sua alta e inesgotável munificência.

De dezoito províncias, que constituem o Império do Brasil, foi Santa Catharina a primeira que teve a glória de prestar o doce repouso ao nosso augusto monarca, depois de viajar por espaço de seis dias sobre as ondas do Oceano. Sim, depois da capital do

Império, foi a primeira que teve a ventura de ver em seu seio o caro ídolo dos Brasileiros. E em que ocasião, senhores? Quando o augusto príncipe imperial, contando apenas pouco mais de sete meses de sua existência, precisa dos carinhos de uma mãe extremosa; quando, volvendo os olhos em torno do seu berço, busca um afago maternal, e não encontra. Ele derrama inocentes lagrimas: e onde está o carinhoso pai, que não vai acariciar seu filho? Onde está! Na companhia de outros filhos, a quem tem dedicado o seu afeto para dar-lhes o prazer de sua tão desejada presença.

Concidadãos! Ponderai bem o que acabo de dizer-vos, e procurai retribuir e grande prova de amor que hoje recebeis do vosso augusto monarca. Lembrai-vos de que o Senhor D. Pedro II Imperador constitucional, é igualmente o perpetuo defensor da terra de Santa Cruz e o pai de todos os brasileiros. O respeito, obediência e veneração devidos à sua sagrada pessoa, como um escolhido de Deus, a quem foi entregue o poder para distribuir a justiça, é o primeiro dever do bom cidadão. O sincero amor e fidelidade que lhe devemos consagrar, como pai da pátria, o único penhor de nossa ventura, é também um dever que nos impõe a gratidão, dever que se tornou muito mais rigoroso para os catarinenses, à vista da demonstração que o augusto monarca nos veio dar da bondade de seu paternal coração.

Tais são, senhores, os deveres que tendes a cumprir sobre a terra, como bons cidadãos, e de cuja omissão dareis restritas contas ao Supremo Juiz, Convencidos, como até agora, de que a monarquia constitucional é o único sistema de governo que pode fazer a vossa felicidade, continuai a defender o trono e as liberais instituições que regem o país, e vereis que esta província, que se poderia chamar a pacifica por excelência, não será manchada do sangue de seus filhos, como dolorosamente temos testemunhado em alguns pontos do nosso Império, e na maior parte dos Estados vizinhos. Devemos correr sobre essas cenas de horror, e não anuviemos este dia com sombras de morte. Temos em nossa companhia o adorado Imperador do Brasil a par de nossa prezadíssima Imperatriz: são seus doces nomes que hoje devem ressoar nesta vila entre as mais estrondosas aclamações. Prostrados ante os altares do Eterno,

abençoemos este dia, em que o céu nos outorga tanta ventura, e façamos subir ao trono do Altíssimo ardentes votos em prol das augustas pessoas, que, unidas a nós em sentimentos de religião, também rendem graças ao senhor, vendo cada qual de seus fiéis súditos mais empenhado em dar evidentes provas de seu regozijo.

Catarinenses, este dia majestoso, em que a Providência conduz pela primeira vez aos nossos lares o príncipe amado dos brasileiros, egrégia prole dos Bragança: este dia, em que temos a ventura de contemplar aquela viçosa flor, que, plantada nos jardins da Itália, veio adornar o trono do Brasil, tornando se digno modelo das imperatrizes: este dia, senhores deve inspirar-vos o mais intenso jubilo, e para o futuro merecer uma lagrima de saudade.

Senhor convença se Vossa Majestade de que os sinais de contentamento que vê pintados em todos os semblantes são a expressão fiel dos sentimentos que animam os habitantes da vila de S. José. Habituados à simplicidade que costuma reinar nestes lugares, são incapazes de fingir; e o seus pastos afeitos a faltar-lhes sempre a verdade desta cadeira, não aprendeu a linguagem da lisonja. O regozijo que Vossa Majestade Imperial derramou em nossos corações, é tão grande quão dolorosa a recordação de que em breve seremos privados de tão consoladora presença. Mas é justo, Senhor, que todos os brasileiros participem deste grande bem. É justo que o Imperador vá gozar dos doces frutos de paz que sua augusta clemencia espalhou no meio de nossos irmãos vizinhos. E os habitantes da vila de S. José, depositando aos pés de seu adorado Imperador os mais firmes protestos de amor e lealdade esperam que Vossa Majestade, tomando demais de sua valiosa amada Imperatriz dos brasileiros que já uma vez vos dignastes honrar nos concedendo o vosso augusto titulo, e aceitando sob a vossa imperial proteção o utilíssimo estabelecimento das aguas termais desta vila, continuai, Senhora, a patrocinar-nos, que os catarinenses, sempre gratos à mão benfeitora que os protege, gravarão eternamente em seus corações o doce e augusto nome da terreira Imperatriz do Brasil.

Brasileiros! Eis aqui os verdadeiros penhores de nossa felicidade: beijemos suas mãos augustas, e, no fervor do mais justo

entusiasmo, enviemos aos véus ardentes votos para que propícios conservem tão preciosos dias para glória, ventura e magnificência da nação brasileira. Assim seja.

Com isso, o vigário concluiu seu sermão, um dos mais longos e ufanos que já presenciei na vida. Olhei para o semblante do Imperador e em vários momentos eu o vi piscar os olhos, de sono. Só não o fez em puro respeito ao esforço daquele povo que, realmente, estava em êxtase pela presença do líder da nação.

Voltamos para Desterro no final do dia, esgotados pelos compromissos. Antes de se recolher ao palácio, ele me chamou de canto e disse que estava preparando mais uma escapadela, mas não será amanhã, mas depois de amanhã. Foi bom ele ter me avisado, por já me prepararia psicologicamente para a aventura.

Nossa Senhora do Desterro, 21 de outubro de 1845

Mais uma vez, na parte da manhã, todos nos dispusemos para fazer mais uma incursão pelas vilas e freguesias no entorno de Desterro. Desta vez, Suas Majestades embarcaram no vapor Imperatriz com a finalidade de visitarem a freguesia de Santo Antônio e a vila de S. Miguel, que ficavam à entrada desta barra, a primeira na Ilha e a segunda no continente. A chuva e o nevoeiro, sobrevindos depois de visitada a freguesia, não consentiram que igual honra coubesse à vila, para onde o Imperador mandou um oficial, a bordo de um escaler, levar sua declaração de pesar por não poder realizar o desejo que tinha de ali desembarcar. É inútil repetir que a caridade e beneficência imperial se estendem a todos. A igreja e os pobres da freguesia de Santo Antônio receberam donativos para alfaias da primeira, e esmolas dos últimos. Dizem-me que para S. Miguel também dariam os Imperadores algum dinheiro com igual finalidade.

A essa altura já podia-se computar em mais de 50:000$ rs. a soma despendida por Suas Majestades em obras pias daquela província de Santa Catarina, sem que aqui entrem os numerosos presentes em joias outorgados a pessoas, que tem oferecido o Imperador e a Imperatriz, primores da curiosidade catarinense.

No meio da tarde, por conta do mau tempo, já estávamos de volta ao palácio. O mordomo Paulo Barbosa veio até mim e informou que os planos para o dia seguinte haviam sido cancelados pelo Imperador, uma vez que ele foi tomado de surpresa por sua esposa, que o estava obrigando a realizar algumas visitas a escolas e orfanatos. O funcionário estava visivelmente agitado.

- Ele ficou uma fera! Chegou até a jogar coisas pelo chão dos aposentos. - disse o mordomo.

- Bom, mas se ele e a Imperatriz decidiram juntos isso, não entendo o porquê da irritação. - comentei.

- Quem disse que ele decidiu? Ele não queria ir. Desde anteontem ele

ficava me falando que não via a hora de sair à francesa contigo, para fazer o que vocês estão aprontando. Esse jovem monarca vai fazer meus cabelos brancos ficarem ainda mais brancos! - Resmungou o mordomo e, em seguida, saiu de onde eu estava.

Nossa Senhora do Desterro, 22 de outubro de 1845

No dia que era para promovermos mais uma de nossas saídas, o Imperador teve de cumprir uma agenda oficial costurada por sua esposa. Logo pela manhã ele participou de uma aula de latim na escola de primeiras letras do Colégio de Meninas da Sra. D. Felicidade. D. Pedro examinou minuciosamente o estado de adiantamento dos alunos em seus estudos. De todos os estabelecimentos de instruções aqui da província tenho ouvido só elogios. Mas, posso, porém, por observação própria, asseverar que isso muito deve aos desvelos da Sra. Felicidade Fernandes de Souza Fagundes Costa e de seu marido o Sr. Antônio de Souza Fagundes. A educação das meninas do seu colégio é digna das melhores casas de instruções da Corte. Ali, elas são bem tratadas. Maravilhou-me ver jovens de 8 e 9 anos escreverem com bonito talho de letra, dançarem e mostrarem-se adiantadas em outras matérias que requerem maior idade. Dentre 62 colegiais, mais de 20 já tocam piano razoavelmente bem para sua idade. E, das que estão há mais tempo estudando, algumas nada tem a invejar às que estão prontas nos colégios da Corte. Se aqui elas não sabem falar francês ou inglês, é apenas por conta de a professora não ser absolutamente letrada nessas línguas. Em compensação aprendem a língua portuguesa com muita eficiência e ainda se arriscam a traduzir algumas obras da literatura inglesa e francesa, ainda que sofridamente. Além disso, aprendem música, desenho etc. Em suma, o que basta para fazer a educação de uma boa mãe de família, esta a primeira necessidade de uma nação onde não governam mulheres. Aconselharia eu aos pais de família menos abastados da Corte a mandarem aqui educar suas filhas, especialmente aquelas que não logram saúde com os ares do Rio de Janeiro, pois que nesta cidade, cobrando este precioso bem, fazem sua instrução por metade do preço que lhes custa nos colégios da Corte.

Nossa Senhora do Desterro, 23 de outubro de 1845

Mais um dia em Santa Catarina. Já estamos onze dias por aqui e sinceramente, não vejo a hora de partirmos para a Província de São Pedro. Principalmente para escapar da armadilha que o próprio Imperador se colocou, apaixonando-se por uma bela moça do povo. E eu, meu caro, também queria me livrar de cair em igual encantamento, haja visto que Amélia tem mexido com meu coração. Bom, de qualquer forma, as coisas por aqui ainda estão sob controle.

O incomodo que o Imperador sentiu ontem à tarde quase desapareceu. Deve ter sido a comida servida pelo Colégio de Dona Felicidade. Vou te dizer que estava meio pesado. Sua Majestade acordou hoje apenas com fraco defluxo. Saiu a passeio na parte da tarde depois de visitar a Igreja de S. Francisco, onde examinou atentamente os restos mortais de um missionário falecido em Missões, e que se supunha serem os do padre Anchieta. Combinou o Imperador as poucas letras que ainda se vêm num rótulo pregado à tampa da caixa de madeira em que são conservados, rótulo carcomido em parte, e por isto impossível de ser lido. Reconheceu-se, porém, que não se tratava das relíquias daquele celebre missionário, mas de algum outro ali respeitado.

Antes do cair da noite, fomos ao teatro, onde a sociedade dramática particular levou à cena a peça "O Avaro", de Molière e o "Ensaio de uma "Tragédia". A sociedade envidou todos os seus esforços para vencer dificuldades que necessariamente se impõem à representação de tão importante comedia, por homens que não são profissionais, que fizeram somente dois ensaios por se haverem resolvido tarde a darem-na. Antes de principiar a representação foi cantado um hino, música do Sr. Coutinho, secretario do governo. São dignas de todos os elogios as senhoras que se prestaram a este ato, com toda a boa vontade que seria para desejar. Cantaram as duas filhas do Sr. José Gonçalves dos Santos, ex-cônsul português nesta cidade, as do coronel Sepúlveda, a do chefe de policia, a do tenente-coronel José Joaquim de Magalhães Fontoura, a do Sr. Coutinho, e uma irmã do tenente coronel Caldeira, acompanhadas da orquestra, composta do mesmo Sr. Coutinho, do Sr. Schutel,

cônsul austríaco, que muito tem concorrido para as demonstrações de cordial estima aos soberanos brasileiros, e de outros senhores empregados públicos de primeira ordem e negociantes.

O teatrinho estava decorado decentemente, tendo sido preparado um camarim para a Corte no centro da galeria destinada às senhoras. Numerosíssimo e brilhante foi a reunião. Dentre 156 senhoras, que somente poderiam ser convidadas por mingua de espaço, era considerabilíssimo o número daquelas que rivalizavam em beleza, elegância e luxo de seus vestidos. A sociedade, tendo tido a delicadeza de convidar a todas as pessoas do Rio de Janeiro que acompanhavam o Imperador, ou que por qualquer outro motivo aqui se achavam, reservou-se lhes os primeiros bancos, estendendo destarte a estes hospedes obséquios que poderiam ser dispensados por aqueles a quem todos são atualmente devidos.

Tarde da noite, Suas Majestades se recolheram. Antes disso, o mordomo Paulo me informara que D. Pedro avisava que não pretendia cumprir nenhuma atividade oficial, pois sentia-se indisposto. Quem sabe era um dia de folga, que eu tanto queria?

Nossa Senhora do Desterro, 24 de outubro de 1845

Não eram cinco horas da manhã, quando fui repentinamente acordado em minha estalagem por Salustiano, que estava vestido a paisana.

- Sr. Bonifácio. O Imperador lhe aguarda lá fora. - anunciou

- Lá fora?? Como assim??

Levantei-me como um raio para me trocar, mas o soldado da guarda pessoal de D. Pedro não me deixou vestir minhas roupas, jogando na cama outro tipo de vestimenta, bem simples.

- O que é isso Salustiano?

- São as roupas que o senhor deve usar. O próprio Imperador mandou fazer isso.

Um pouco a contragosto, vesti aqueles trapos velhos, que me fizeram parecer um velho bandeirante. Devidamente trajado, sai da estalagem e dei de cara com Pedro, que estava irreconhecível com trajes tão rudes. Porém, ele estava se divertindo por encenar o personagem.

- E aí, meu amigo? Você diria que sou um grande Imperador?

- Com certeza não. Diria, no máximo, que é um pedinte, daqueles que encontramos aos montes no entorno da Candelária.

Pedro riu. Em seguida, passou algumas orientações a Salustiano, que não iria conosco. O Imperador deixou o seu mordomo encarregado de dizer que ele acordara levemente incomodado e que, por esta situação e pelo receio de mau tempo, mandou transferir o passeio de barco no entorno da Ilha de Sant Catarina, saindo pela barra sul. Havia muito vento no canal. Tanto que depois soubemos que

dois marinheiros da corveta Euterpe haviam morrido, depois que o escaler da embarcação virara com quatro homens por causa da ventania e mar agitado.

Pedro mandou que eu subisse no cavalo, que já vinha carregado de utensílios que Deus sabe lá pra que serviam. Pedro explicou.

- Vamos pegar Luísa e Amélia e partir rumo norte para conhecermos as maravilhas naturais desta bela ilha - disse o Imperador, entusiasmado como um adolescente.

E, assim, partimos na direção do sítio onde morava Luísa, Amélia e os outros membros da sua família. Desta vez, com a claridade a nosso favor, demoramos pouco mais de quarenta minutos para alcançar o lugar que desejávamos. E, para minha surpresa, as moças já estavam à nossa espera, no alpendre do velho casebre que lhes servia de residência.

Quando apeamos, Luísa saiu correndo para os braços de Pedro, ou melhor dizendo, de Antônio Luís. Eu, por minha vez, não podia esquecer que era Carlos. Se esquecesse disso, poderíamos ter sérios problemas.

Amélia se aproximou timidamente de mim e sorriu. Não falou nada, mas seus olhos me diziam tudo. Era muito provável que ela tivesse o desejo de ter comigo o mesmo romance que a irmã vivia.

- O barco já está pronto! - disse Luísa, sorridente.

- Barco? Que barco? - pensei eu.

De fato, havia a poucos metros de onde estávamos, um pequeno escaler com capacidade para seis pessoas. Dentro dele, percebi que havia dois grandes sacos, além dos remos.

- Nós vamos para algum lugar? - perguntei

Pedro sorriu, como se já soubesse dos planos engendrados por Luísa.

- Da última vez que estivemos aqui, combinei com Luísa que conhecermos alguns lugares bonitos. Por isso, pedi a ela que nos ajudasse preparando o que pudesse.

- E o que o barco tem a ver com isso?

Luísa se aproximou.

- Nós vamos até a Barra da Lagoa. Eu vou lá desde criança. É o meu lugar preferido e é lindo! Fica no lado oposto da ilha de Santa Catarina, do lado do grande Oceano.

Dito isso, ela pegou nas mãos de Pedro e o conduziu para dentro do escaler.

- Mas eu espero que os cavalheiros possam fazer a mercê de remar até lá. Pois já fizemos muito só de preparar o transporte.

A distância que tínhamos de percorrer era mais ou menos de 3 milhas e meia (ou cinco quilômetros), por água. Certamente iríamos muito mais lentos do que se fossemos a cavalo. Por outro lado, não havia trilhas confiáveis para os animais e a Barra da Lagoa era um lugar ermo, onde só havia um pequeno posto de vigia da Guarda Nacional, que normalmente ficava vazio.

Com todos a bordo, partimos para conhecer a beleza da barra da Lagoa. Fazia tempo que eu não remava tanto em minha vida. Ao final da viagem, que levou quase uma hora e meia, meus braços estavam em frangalhos.

No entanto, a visão daquele lugar valeu a pena cada esforço. Era maravilhoso. O mar tinha uma cor diferente, quase turquesa. Fizemos um pequeno acampamento nas areias finas da praia. Para nossa sorte, o sol estava parcialmente encoberto. Assim que deixamos todas as coisas em segurança, Pedro e Luísa correram

na direção de uma pequena formação de piscinas naturais, onde começaram a brincar como crianças, jogando água um no outro.

Mas, sabe? Pela primeira vez desde que começamos estas loucuras, eu me senti tranquilo e decidi me permitir viver o momento, como já o fazia o Imperador. Afinal, assim como ele, eu era um personagem. Então, peguei Amélia pelas mãos e corri também na direção das piscinas, onde nos divertimos por algumas horas.

Durante o almoço preparado pelas meninas, trazidos nas ditas sacolas que estavam no escaler, falamos sobre a vida e as expectativas. É óbvio que não abrimos a verdade. Inventamos cada fato do passado. Mas um detalhe me deixou preocupado. A determinado momento, Luísa interpela Pedro sobre um anel que usava. Eu não tinha percebido antes, mas Pedro esquecera de tirar o seu anel de Imperador.

- Nossa, que lindo! Onde você conseguiu? - Luísa perguntou.

Pedro ficou branco de repente. O que iria inventar para justificar o uso de uma joia aparentemente tão valiosa e dispare em relação à sua falsa realidade. O anel, usado no dedo anelar de sua mão direita, era incrustado de brilhantes e apresentava no centro dois dragões presos pela cauda.

Amélia também ficou curiosa com o artefato. E provavelmente se questionava como um reles soldado teria algo tão espetaculoso. Pedro teria de sair daquela situação com uma boa história, e foi o que tentou fazer.

- Na verdade, isso foi um presente de um nobre europeu, que salvei de uma situação de morte. Ele era um marquês austríaco. E ficou tão agradecido pelo meu gesto de coragem, que me presenteou com essa peça.

Eu olhei para Pedro com admiração. Que ator! Faria um bom papel nas melhores casas teatrais do Rio de Janeiro. Desfeita a

curiosidade, passamos mais umas horas mergulhando nas límpidas águas da barra da Lagoa, pulando de pedras e correndo atrás de pequenos siris. Quando preparávamos para a volta, vi que Luísa estava abraçada ao homem pelo qual se encantou.

- Devo agradecer a Deus por você ter aparecido na minha vida. Já estava me conformando em ter de me casar com algum pescador da Lagoa, como todos da minha comunidade. Encontrar um homem gentil como você é uma dádiva.

Pedro pareceu preocupado. Sabia que o romance não teria vida longa e percebeu que a moça estava se envolvendo de uma forma que poderia virar tragédia. Luísa sentiu a mudança no estado de espírito de seu amado.

- Eu falei algo que não devia? - questionou ela

- Não, não, Luísa. É que provavelmente terei de deixar Santa Catarina em breve, acompanhando a comitiva do Imperador e...

- Me leva contigo! - ela interrompeu a fala de Pedro. Eu, que havia escutado aquilo tudo, arregalei os olhos. Ele não sabia o que fazer.

- Vamos discutir isso com calma. Eu gosto muito de você e não quero que nossa história deixe uma marca negativa.

Luísa assentiu com o rosto. Enquanto isso, Amélia me olhava de uma forma estranha, como que desejando que eu também me posicionasse em relação a algo que ainda não havia começado.

- Bem, eu....

De repente, Amélia, me envolveu em com seus braços e arranca um beijo molhado de meus lábios. Ainda que surpreso pela atitude inesperada, eu me deixei levar e retribui, para a alegria de Pedro e Luísa.

- Viva! Agora somos dois casais! - disse Pedro, de forma chacoteadora.

E, assim, passamos o resto da tarde nas areias da barra da Lagoa, namorando, mergulhando e comendo os quitutes feitos por Luísa e Amélia. E, antes que o sol se pusesse no horizonte daquele paraíso, tomamos o escaler e remamos de volta ao sítio das moças, onde nos despedimos e regressamos a Desterro, quando as luzes do dia já haviam findado.

Nossa Senhora do Desterro, 25 de outubro de 1845

Acordei um pouco mais tarde do que normal naquele sábado. Fiz uma breve refeição na estalagem e rumei para o palácio, para mais um dia de compromissos, desta vez dentro do script da vida real. Mas, em nenhum momento me saia da cabeça a imagem de Amélia. De certa forma, eu comecei a compreender a angústia do Imperador. Mulheres são seres mágicos, que encantam para valer quando resolvem fazê-lo. Ao chegar na antessala de reuniões do palácio do governo, o mordomo Paulo Barbosa apareceu e me chamou de canto.

- Vou lhe dizer algo que não quero que passe à frente. Ontem à noite, Suas Majestades tiveram uma briga feia. Ela aparentemente descobriu alguma coisa que vocês andaram fazendo.

Eu gelei por um momento. Achei que fosse levado à forca por desviar o caminho moral do Imperador. E o pior é que a ideia nem fora minha.

- O que vocês fizeram nesses dias, meu jovem jornalista? - o mordomo me colocava na parede.

- Nada de mais! Nada. Apenas fomos cavalgar. Sua Majestade queria um pouco de sossego em relação à Corte e....

Barbosa nem me deixou terminar as justificativas. Bufando, ele deu

as costas e voltou à ala residencial do palácio. Eu, por minha vez, fiquei matutando sobre o quanto a Imperatriz teria descoberto.

Um pouco mais tarde, recebemos ordens de acompanhar Suas Majestades numa visita que já estava programada até a freguesia do Ribeirão. O vapor Imperatriz fora franqueado às pessoas que quisessem nele acompanhar a Corte. Pela primeira vez eu não fui convidado para ir na barca Imperador. Largamos por volta de 11 e meia da manhã, porém pela distância em que fundeamos da freguesia, poucos passageiros do poderiam desembarcariam. Suas Majestades foram esperados por algumas horas, porém mais tarde descobrimos que eles acabaram se dirigindo primeiro às Caldas. Muitos moradores locais, frustrados com a ausência dos augustos monarcas, acabaram se retirando para suas casas, de tal sorte que, quando finalmente chegaram, bem mais tarde do que o esperado, foram poucos os que assistiram sua visita. Todavia reuniu o vigário as pessoas que pôde, e com elas veio receber o Imperador e a Imperatriz debaixo do palio no desembarque, e na matriz cantou o Te-Deum. Seguiu-se imediatamente o embarque, depois de haver o Imperador mandado dar 400$ para as necessidades da Igreja. As barcas saíram barra do Sul e costearam para a cidade por ser tarde para fazer a volta.

Desembarcando em Desterro, pensei em procurar o Imperador para tentar saber o que estava acontecendo, mas pensei melhor e acabei indo me recolher. Estava cansado demais daquele dia cheio de dúvidas e previsões sombrias. Nada melhor do que uma noite de sono para colocar a cabeça no lugar.

Nossa Senhora do Desterro, 26 de outubro de 1845

Acordei quase 9 horas naquele domingo, levemente ensolarado. De acordo com os nossos planos, o Imperador pretendia voltar ao Sítio da Lagoa, como Antônio Luís, mas dada as circunstâncias do que eu pensava ter ocorrido, esta possibilidade foi extinta. De qualquer forma, fiz minha parte e rumei na direção do palácio e, para minha surpresa, encontrei o Imperador e a Imperatriz nos jardins do prédio palaciano. Eles pareciam rir e estavam cheios de carícias um para o outro.

- Bom dia Suas Majestades.

- Bom dia senhor Bonifácio, o dia está lindo, não? - me respondeu a Imperatriz, que parecia estar radiante.

- Meu caro jornalista - disse o Imperador - hoje teremos um laudo jantar com as autoridades locais. Você é meu convidado especial. Ah, e uma hora dessas gostaria de ver seus escritos para o jornal. Tenho lido alguns que foram publicados e gostei muito de seu estilo.

- Obrigado Majestade. Eu fico envaidecido por ter um leitor tão especial.

- Ah, senhor Bonifácio, eu gostaria de aproveitar esse encontro para lhe agradecer. - disse a Imperatriz.

- Agradecer? O do que seria minha senhora? - questionei, sem entender do que ela estava falando.

- Meu augusto esposo me confidenciou sobre as aventuras que vocês estão aprontando sem que eu soubesse.

Eu quase tive uma síncope quando ela me revelou que teve acesso às informações sobre nossas aventuras. Mas como ele teve a coragem de confessar o nosso segredo? Enquanto ela falava, o Imperador

fazia uma cara enigmática, como que pedindo para eu não abrir a boca além do essencial. A Imperatriz prosseguiu,

- Eu entendo que ele queira fazer uns passeios sem a presença da Corte, aproveitando um pouco da linda natureza deste país. Eu só fiquei um pouco triste porque poderia ter me contado. Afinal, que mal há em querer nadar numa praia deserta ou mergulhar num poço formado por cachoeiras?

Estranho ela não ter mencionado as bebedeiras e o caso com Luísa. Certamente Pedro omitira os pecados.

- Mas, tudo bem, eu não me importo se vocês continuem a brincar como crianças. De certa forma, entendo o fardo que meu augusto esposo carregou. Mas, quero que tomem cuidado para não se machucarem. Afinal de contas, não quero ficar viúva desse meu marido maravilhoso.

- Certamente Majestade! - me inclinei em sinal de respeito. - O Imperador tem em mim um fiel acompanhante para suas aventuras - fiz para ele uma cara de sarcasmo - Só espero que Sua Majestade não exceda nelas.

Pedro sorriu, querendo gargalhar. Eu já conseguia compreender o jeito zombeteiro dele.

- Bom, Majestade, se me permitirem, peço licença para voltar aos meus afazeres. Tenho correspondência para despachar à minha redação, na capital.

Eu me retirei, confuso, embora aliviado. Pedro contornou a situação com a Imperatriz, embora eu não soubesse os detalhes de suas desculpas esfarrapadas. De qualquer forma, haveria a oportunidade para saber tais minúcias.

Depois de passar um dia zanzando pelas ruas de Desterro, fui ao

jantar especial montado no palácio, onde foram convidados a jantar com o Imperador as autoridades locais, chefes de repartições, oficiais da guarda nacional e reformados, de tenente-coronel para cima, e os oficiais de marinha estrangeira que acompanharam a esquadra. Os militares da marinha nacional seriam convidados para outro jantar que Sua Majestade tencionava dar-lhes logo que voltasse das Caldas, para onde pretende partir amanhã.

Seria inútil tentar aqui exprimir o prazer de que se acham possuídos todos os que tem tido a honra de ser admitidos à presença e companhia de Suas Majestades, sendo especialmente tratados com suma benignidade os oficiais de marinha, com os quais, e geralmente com todos, não enfadam o Imperador e a Imperatriz de conversar com muita franqueza, dirigindo-se a cada um de pôr si nas salas do paço ou nos passeios.

Pelas minuciosas informações que tem o Imperador tomado do chefe de polícia, verbalmente e por escrito, supõe-se que a sorte de muitos presos será melhorada com perdões ou comutações de penas. Falta-se igualmente de muitos despachos de graças, que serão feitos na véspera da partida para o sul, a qual terá lugar logo que aqui esteja de volta o vapor Imperador, mandado agora ao Rio de Janeiro.

Se a virgem da Paz se não meter de permeio, é de recear que muitas intrigas fiquem minando por aqui depois da partida da Corte. Já ouço muitas queixas contra mim, por omissões que considero despeitosas pelos queixosos. Todas as vezes que o Jornal do Commercio chega aqui, é uma luta para obter um exemplar. Todos da Corte e as autoridades catarinenses esperam serem citados por mim nos relatos, o que eu raramente faço, até para não ferir muitas suscetibilidades.

Em verdade vê-se que, de homens que muito trabalharam para a melhor recepção da Corte, se faço menção apenas a pessoas como o inspetor da alfandega, o Sr. Duarte e o coronel de engenheiros Sepúlveda, os quais sei que muito fizeram para os preparativos dos festejos que tiveram lugar, o resto fica com ciúmes. Mas tenho a certeza de que eles certamente se julgaram bem recompensados de suas fadigas com a convicção de haverem satisfeito obrigações de patriotismo e amor a seus soberanos.

Nossa Senhora do Desterro, 28 de outubro de 1845

Acordei suando hoje. Sonhei a noite toda com Amélia e com o fato dela descobrir toda a nossa farsa, e que os homens de sua freguesia armavam uma emboscada para matar a mim e ao Imperador. Acho que estava eu com a consciência pesada. Por conta disso, estava pensando seriamente de eu ir sozinho até o Sítio da Lagoa e inventar alguma história nova, para colocar um ponto final naquela aventura sem futuro. Embora ainda não tivesse falado com o Imperador, estava claro que ele e sua esposa haviam se conectado novamente. E eu me sentia na obrigação de resolver a questão, embora não estivesse muito convicto de minha culpa.

De qualquer forma, hoje haveria uma sessão de beija-mão, perto das 11 horas, quando seriam recebidas algumas pessoas da Vila de Lages. Eu pensava aproveitar este momento e obter uma conversar reservada com Pedro, para falar-lhe a respeito. E assim foi.

Eram 10h30 quando cheguei ao palácio. Uma enorme fila de pessoas já aguarda os monarcas no salão principal. O Imperador receberia a deputação que a câmara da Vila de Lages enviou para ter honra de beijar sua augusta, em sinal de agradecimento pelo favor de sua visita a esta província.

D. Pedro, desejando dar mais uma prova de seu empenho e solicitude na reedificação do hospital de caridade de Desterro, tornando uma realidade o título que se dignou aceitar, de protetor do mesmo hospital, determinou lançar ele mesmo a primeira pedra fundamental do novo hospital.

Em consequência da imperial determinação, o irmão provedor, secretario do governo da província, João Francisco de Souza Coutinho, deu as precisas providencias para este ato soleníssimo.

Assim, às 4 horas da tarde estava feita a cava do alicerce, na linha lateral da atual capela do Senhor Jesus dos Passos, e forradas as paredes da cava de cortinas de damasco: uma esteira de tapetes formava um caminho espaçoso da porta principal do templo do Menino Deus ao lugar em que se descia para a cava: no templo

estavam preparados, do lado do Evangelho, o camarim imperial, e do da epistola o dossel do bispo capelão mor, conde de Irajá: o adro do templo se achava adornado de bandeiras, e um imenso povo o ocupava. bem como toda a extensa ladeira desde a rua do Menino Deus. Meia hora depois o repique dos sinos deu o sinal de que se encaminhava para a igreja o bispo diocesano, que foi pela irmandade recebido debaixo do pálio e conduzido ao dossel episcopal: poucos momentos depois novos repiques anunciaram a aproximação dos benfeitores do hospital de caridade. Suas Majestades partiram então para a irmandade em grande número de irmãos, indo a sua frente o senador e o deputado da província, ambos com as vestes da irmandade: e encontrando os augustos benfeitores do hospital, tiveram todos os irmãos a ventura de beijar-lhes as mãos. Depois, se dirigiram para o pálio e, de lá, até a igreja, onde várias pessoas os esperavam, logo na entrada. Ali estavam o bispo capelão-mor em vestes pontifícias, e assistido o comendador Cônego secretario do bispado José Antônio da Silva Chaves, e do reverendo Cônego Antônio de Santa Pulcheria Mendes e Oliveira, e do cônego Antônio Joaquim Pereira Melheiros.

Tomando Suas Majestades os seus lugares na Igreja, procedeu-se à benção da pedra fundamental do novo hospital, e levada esta em procissão, foi colocada na cava do alicerce com as cerimônias usadas nestas solenidades. Findo este ato, o Imperador e a Imperatriz foram conduzidos ao palácio de sua residência debaixo do pálio pela irmandade: e tanto neste trajeto como na sua ida para o Menino Deus, tiveram os augustos monarcas de incomodar-se com a aluvião de senhoras que de todas as casas saiam a lançar lhes flores e a beijares suas augustas mãos.

Posso dizer com propriedade que jamais vi maior entusiasmo do que se tem mostrado nesta cidade os catarinenses pelos augustos monarcas, que tantos benefícios têm derramado sobre esta porção feliz de seus súditos fiéis!

Tendo memorado as visitas de Suas Majestades à vila de S. José, e às freguesias da Lagoa e Santo Antônio, justo é publicarmos também os atos de beneficência, ou antes da religião que os pios monarcas em praticado para com as igrejas paroquiais desses

lugares. À igreja matriz da vila de S. José deram Suas Majestades a esmola de três contos de réis para os reparos da mesma Igreja: À Igreja de Lagoa deram oitocentos mil réis para alfaias, e um conto de réis a da cidade, também para alfaias. Além destas esmolas, constanos que Suas Majestades, apesar de não poderem visitas, como desejavam, todas as demais freguesias da província, tem resolvido acudir a todas com esmolas proporcionais às suas necessidades.

O bispo diocesano, conde de Irajá, capelão mor do Imperador, partiu no dia 27, pela segunda vez, para a vila de S. José, a fim de administrar o Santo Sacramento da Confirmação. Da primeira vez que o bispo ali administrou o mesmo Sacramento em 18 do corrente, foi tão grande o concurso dos confirmados, que só a paciência suma do apostolo de Jesus-Cristo, só a grande prudência de seus assistentes, o cônego Chaves, secretario do bispado, e o Revmo. vigário daquela freguesia seriam capazes de contê-lo! O mesmo concurso houve na igreja matriz desta cidade, na noite de 19. O que, sem dúvida, obrigou S. Ex. Revmo. a continuar na administração da crisma nas seguintes noites efetivamente.

A bondade do digno pastor é tal, que, considerando que uma grande parte de suas ovelhas deixariam de receber o Sacramento da Confirmação, sendo administrado de dia, por falta até de trajes para irem a seus pés, tem sacrificado todos os seus cômodos, sua preciosa saúde mesmo, aliás pouco vigorosa, estando na igreja até às 10 e 11 horas da noite, a bem de administrar o segundo Sacramento da Igreja. E se a isto juntarmos os atos de beneficência que o reverendo tem praticado as esmolas que tem feito aos pobres e miseráveis, que o tem procurado; conhecer-se há quanto o chefe da Igreja fluminense procura seguir os ditames do Divino Mestre, e imitar a conduta de seus discípulos.

Foi com apóstolos semelhantes que a Igreja cristã triunfou sempre de seus inimigos: e é com apóstolos tais que se cumprirá a promessa de Jesus Cristo: Et. portae inferi non prevalebunt adversus eam.

Para o jornal, resolvi transcrever a ata do lançamento da pedra fundamental do novo hospital. Afinal, os meus leitores gostam de ler os detalhes.

TERMO DE MESA SOBRE O LANÇAMENTO DA PRIMEIRA PEDRA FUNDAMENTAL DO NOVO HOSPITAL DE CARIDADE, POR SUA MAJESTADE, O SENHOR D. PEDRO II.

Aos vinte e três dias do mês de outubro do ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, de mil oitocentos quarenta e cinco, nesta cidade do Desterro, capital da província de Santa Catharina, na igreja do Menino de Deus, reunida a mesa da irmandade do Senhor Jesus dos Passos, e cujo cargo está o hospital de caridade, para assistir ao soleníssimo ato do lançamento da primeira pedra fundamental do edifício do novo hospital, pelo muito alto e muito poderoso Senhor D. Pedro II. Imperador constitucional e defensor perpetuo deste Império do Brasil, e protetor do mesmo hospital; às 4 horas e meia do sobredito dia, presentes o mesmo augusto senhor e sua esposa, Sua Majestade, a Senhora D. Thereza Maria Cristina, bem feitores do mesmo hospital acompanhados do Exmo. conselheiro do estado, ministro do império, o senador José Carlos Pereira de Almeida Torres, do Exmo. e Revmo. bispo diocesano conde de Irajá, capelão mor de Suas Majestades, do Exmo. presidente da província, o marechal de campo Antero José Ferreira de Brito, do Exmo. senador desta província o comendador José da Silva Mafra do deputado também desta província, o conselheiro Jeronimo Francisco Coelho, das Exmas. damas, dos exmos. gentil-homem da imperial câmara, viador, guarda-roupa e mais oficiais da casa imperial. Procedendo-se à cerimonia da benção da pedra fundamental do novo hospital do novo hospital pelo sobredito Exmo. e Revmo. bispo diocesano, foi por Sua Majestade o Imperador lançada a mesma pedra fundamental na abertura do alicerce, feita na linha lateral da atual capela do Senhor Jesus dos Passos, em meio do espaço que vai do fim desta capela até o parapeito do adro da Igreja; havendo-se depositado dentro da mesma pedra uma medalha de ouro com a seguinte inscrição: - Procharilats Imperator Secundus Petrus hane Petram posuit anno Domini MDCCCXLV - , assim como outra da prata com o nome dos atuais provedor João Francisco de Souza Coutinho, escrivão João Narciso da Silveira e tesoureiro Alexandre Martins

Jacques, e a era deste dia 23 de outubro de 1843; e três moedas, uma de ouro de dez mil réis (valor da lei), da era de 1832; outra da prata de mil e duzentos réis (valor de lei), da era de 1834, e outra de cobre de quarenta réis punçada, da era de 1932; sendo este ato presenciado por grande concurso de irmãos da mesma irmandade e de outras pessoas. Em firmeza do que, mandou a mesma mesa lavrar o presente termo ad perpetuam rei memoriam. E eu, João Narciso da Silveira, escrivão da irmandade, o escrevi.

O provedor, João Francisco de Souza Coutinho. - O escrivão, João Narciso da Silveira. - O tesoureiro, Alexandre Martins Jacques. - O mordomo dos expostos, Antônio Francisco Mendes. - Silvério Candido de Faria. - Francisco Anastácia da Silveira. - Cypriano Francisco de Souza. - Francisco Antônio da Rosa. - Alexandre Francisco da Costa. - João Pinto da Luz. - Calos Maria Duarte Silva. - José Maria do Valle. - Amaro José Pereira. - João Antônio Lopes Gondim. - João José de Castro. - José Feliciano de Proença. - Francisco Antônio de Oliveira.

Nossa Senhora do Desterro, 29 de outubro de 1845

Quem apostou que o Imperador não visitaria as Caldas da Imperatriz já sabe que lhe saiu branco o bilhete: Sua Majestade, sua augusta esposa e comitiva embarcaram logo cedo até à vila S. José, onde pegaram montaria a fim de cavalgar até aquele destino. E, vou te dizer, que passeiozinho cansativo, mas bonito.

Começamos nosso percurso em São José. E era de se admirar que toda a extensão de cinco léguas até as Caldas estava devidamente decorada, numa demonstração firme do patriotismo daquele povo. O sentimento de veneração e respeito que todos os brasileiros consagram sob nossos soberanos venceu o de outras urgentes necessidades da vida; e suas lidas domesticas foram postas à parte, e esquecidos os interesse particulares: todos de bom grado se reuniram à voz de um cidadão, o coronel Neves, que os convidara a combinarem seus esforços nesta empreitada; e um mês bastou para que montanhas fossem cortadas, e do meio de longos lodaçais se erguesse espaçosa estrada, por sobre a qual podem seges cruzarem. Quanto aos córregos e ribeiros, praticamente todos foram atravessados por pontes. Os cofres públicos nada despenderam, pois todos se mantinham à própria custa. O mérito desta ação é tanto mais subido quanto se vê que a quase a totalidade desses homens não tem para si e suas famílias outros recursos que não sejam os que lhes provêm de seu quotidiano trabalho; e, pois, não foram raras as famílias que, durante esse tempo, tiveram de, com as próprias mãos, procurar nas roças e rios do que se alimentem.

Mas alguma coisa estranha havia acontecido. Durante boa parte do trajeto, notei pessoas com a cabeça baixada. Não entendi o gesto como sinal de respeito, já que notei em alguns olhos o claro sinal de temor. Fuxicando aqui e ali, descobri, e posso dizer, contrista-me, porém, ter de aqui estigmatizar o repreensível comportamento de alguns inspetores de quarteirão que, sécios ou impostores, tiveram a estultícia ou imprudência de aguarem o prazer com que esses patrióticos cidadãos voluntariamente se prestavam a tão penoso trabalho, espalhando por entre eles que seriam rigorosamente punidos os que por qualquer pretexto

afrouxassem em sua tarefa, chegando a proferirem blasfêmias, tais como - que tomassem sentido, pois que o Imperador não é como o presidente da província, e tem o direito de lhes mandar cortar a cabeça! - E destarte procuravam ou faziam essas ignorantes autoridades converter-se em temor, e quiçá indiferença ou ódio, os sentimentos de estima que deveriam os povos nutrir para com a pessoa de sua monarca! É de esperar que se corrijam de semelhante comportamento: antes procurem infiltrar em seus concidadãos doutrinas sãs e verdadeiras, únicas que podem fazer a sua felicidade e do ilustrado soberano que entre nós impera.

Contudo, preferi não levar essa informação até Pedro. Não queria estragar-lhe o dia. Ele estava aparentemente animado. Assim, esquecendo este detalhe, a primeira providência do dia foi tomar o lanche da manhã na casa daquele coronel Neves, de onde iniciou-se o desfile do préstito, que teve como batedores o presidente da província e um tenente-coronel da guarda nacional da sobredita vila, de nome José da Silva ou Juca Silva, como se por aqui diz. Contando com os habitantes da capital, que se incorporaram à comitiva, autoridades policiais, oficiais da guarda nacional, alguns reformados e cidadãos grados daquele termo que acompanharam, orçava em mais de 200 o número de cavaleiros. Felizmente para os augustos viajadores, não afeitos a tão longo trânsito a cavalo, conservou-se a manhã fresca e sombria até às 11 horas, sem o que grandíssimo seria o seu incomodo.

Voltando à bela estrada construída pelo laborioso povo catarinense, quero dizer que, concluída a tarefa dos homens, começou a das senhoras: por suas mãos foi a estrada coberta de folhas e flores, que todas cultivam ao lado de suas habitações rústicas; enfeitaram de ramalhetes as pontes e as palmeiras com que fizeram ladear a estrada. Na ocasião de passarem Suas Majestades, ninguém se deixou ficar em casa, quer morasse à proximidade do caminho, quer a alguma distância dele; todos quiseram gozar da presença dos soberanos, lançar lhes flores, e fazer ecoar os ares com a voz de suas aclamações.

Desde que constou com certeza que Suas Majestades faziam a projetada visita às Caldas, foi inexprimível o empenho com que os

habitantes das imediações da estrada procuraram convertê-la em agradável rua. Em quase toda a sua extensão de cinco léguas estava toda guarnecida de palmeiras, a cujos troncos prendiam-se flores e frutos naturais e de espaço em espaço cortavam-na arcos simples em sua forma, mas que testemunhavam a devoção do povo aos seus soberanos.

Foi sobretudo mui grato a Suas Majestades o recebimento que lhes fizeram cerca de 300 pessoas que se haviam reunido na passagem do rio do Cubatão, um dos poucos sem ponte. Uma e outra margem nesse lugar estava coberta de indivíduos de todos os sexos e idades. Pela ausência de passagem seca, fizeram os moradores uma balsa sobre duas canoas. As senhoras despiram-se de seus melhores xales de seda ou lã, como lhes permitem suas posses, e com eles tapizaram o soalho da balsa, cobriram-no de flores, puseram-lhe duas cadeiras envoltas também em xales, nas quais se sentaram Suas Majestades, e assim atravessaram o rio tirados por duas filas de homens que se meteram pela água com duas sirgas presas às canoas. Ao abicar a balsa em terra, caiu sobre o augusto par uma chuva de flores lançadas por mais 100 senhoras; e apenas saltaram Suas Majestades. As senhoras, então, se lançaram aos seus pés, disputando-se qual primeiro beijaria as mãos que enchem de benefícios aos povos cujos destinos lhes confiou a Providência.

Todos os espectadores participaram da agradável comoção que semelhante ato fez experimentar aos soberanos; e de uma pessoa que de mais perto acompanha ao Imperador, ouvi que Sua Majestade ainda no seguinte dia falara com viva emoção deste testemunho do amor de seus súditos como de um dos que mais o haja tocado.

Vou confessar que já estava começando a sentir saudades das aventuras à parte da viagem oficial. Aquele protocolo e bajulação me irritavam. Será que Pedro se referia a isso, quando diz sobre ter uma vida normal? Te digo que se eu quisesse ser Imperador, seria apenas para governar de fato e não ter que aguentar tamanha onda de adulações. Será que estou ficando ranzinza?

Bom, de qualquer forma, reservo a minha primeira carta de hoje o que se passou de mais nesta visita, visto que só agora

me consta que vai partir o navio que irá levá-la para o Jornal do Commercio, no Rio. Para finalizar, somente acrescentarei que Suas Majestades se mostraram contentes do passeio, e continuaram por ali a mandar distribuir esmola, e que o Imperador sofreu um pequeno acidente, mas está bem. Ele caíra do cavalo, quando, em caminho, vindo sempre com o chapéu na mão agradecendo as felicitações e saudações do povo, ele soltou de suas mãos. O animal, desprevenido, assustou-se e derrubou Sua Majestade.

Logo que se pôs o sol, apearam-se Suas Majestades e todas as pessoas da comitiva, e assim andaram bom espaço. Ao encontro de Suas Majestades saíram alguns pobres, que receberam imediatamente provas da imperial liberalidade, notando-se entre eles o velho Manoel Machado, o descobridor dessas Caldas, e um dos primeiros povoadores daquelas paragens. O Imperador informava-se da habitação de uma senhora de nome Victória, de 96 anos (mui conhecida por suas virtudes, e em cuja casa se hospedara por alguns dias o falecido bispo do Rio de Janeiro na ocasião que por esta província se dirigira à de S. Pedro do Sul), quando ela lhe tomou o passo, rodeada de grandíssimo número de seus descendentes, e com todos beijou as mãos de Suas Majestades, a quem ela respondeu com todo o atilamento que ainda conserva. Em sua casa pernoitei eu e alguns companheiro de viagem, pelo receio de falta de cômodo gasalhado no lugar das Caldas para onde estava indo a numerosa comitiva: entretive-me até a meia noite em ouvir e essa senhora conversa como se tivera somente 40 anos, e vi com que prazer interrompia, de momento a momento, a conversação para abençoar os príncipes, cujas palavras acabavam de enchê-la de consolação e como de vigor; dominava-os sempre os - Anjos de Deus - as - Criaturas celestes.

Caldas da Imperatriz, 30 de outubro de 1845

Acordei bem cedo. As Caldas da Imperatriz eram um lugar estonteante. Situada na fralda de um cabeço, que, descaindo de alta montanha, vem beber no ribeirão das Águas Claras, é mui pitoresco por constar quase todo de uma continuidade de cascatas. Existem ali por ora somente três casas cobertas de palha, sem contar pequenos ranchos dos soldados do destacamento, que ficam a alguns passos de distância. De dois tanques destinados para banhos, um tem assoalhada a entrada, o teto e paredes de palha forrados de morim, ou coisa que valha, e porta; o outro está apenas coberto de palha, sem nenhuma outra mão d'obra, e suas águas são menos quentes. No primeiro basta chegar-se à porta para sentir-se grande calor; e a transpiração torna-se copiosíssima, ou se tome banho, ou se conserve somente a porta fechada. O estabelecimento está absolutamente em seu começo; pode-se mesmo dizer que não tem mais do que a água, e atualmente é muito arriscado o uso de banhos, porque quem os toma tem de imediatamente passar de uma temperatura de 32 graus para o ar livre. É de absoluta necessidade a construção de um corredor, que comunique a casa do banho com outra em que se recolha o enfermo, sem se expor a grande corrente de ar, que lhe pode ser de funeste consequência.

O Imperador entreteve-se toda a manhã em examinar os grãos de calor de água em suas diversas nascenças, ajudado nos cálculos e observações pelo conselheiro Coelho, e outras pessoas, achando-se sempre rodeado da maior parte dos que o acompanharam, aos quais mandou que se cobrissem e estivessem em liberdade. Sua Majestade, sentado em pedras no meio do ribeirão para melhor poder fazer suas observações, mergulhava a mão afim de procurar na areia do leito o calor comunicado pela água das caldas, ao qual não vence toda a frialdade das do rio: tal é a força com que desce essa água, e seu calor, que ainda depois de confundir-se com a frigidíssima do ribeirão é sentido.

Concluídas as observações, em que tomava grande prazer e interesse, retirava-se Sua Majestade para a margem esquerda do ribeirão, a descansar sob uma grande arvore contigua ao principal

tanque de banho: ali conversava mui familiarmente, e parecia constar o grupo de um círculo de velhos e bons amigos.

A determinado momento, aproximei-me dele e pedi que fossemos ter uma conversa mais reservada. Após alguns minutos, ele vem sozinho e senta-se à beira do Ribeirão, depois de pedir à sua guarda que mantivesse longe os membros da Corte, pois teria uma entrevista com o jornalista do Rio e não queria ser importunado. Essa fora a desculpa. Pedro sorriu-me, mas parecia diferente das outras vezes. Parecia mais domesticado, vamos dizer assim.

- Pedro, estou sentindo que você deixou um pouco de lado aquele impulso pelas aventuras. Ou estou errado?

Ele sorriu meio constrangido.

- É, tens razão. Apesar de Tereza Cristina ter aceitado as minhas desculpas, embora, obviamente não tenha falado de Luísa, eu acabei me sentindo um pouco culpado. Então, diante disso, resolvi dar uma esfriada nos nossos ímpetos.

- Nossos? Lembre-se que foi você quem me arrastou para essas aventuras!

O Imperador riu.

- Tá certo, tá certo. Mas não vais dizer que não estava gostando?

- É, estava bom, sim, não posso negar. E vou te dizer que estou até me enamorando pra valer de Amélia.

Pedro fez cara de preocupado.

- É, meu caro, eu sei do que está falando. Eu também fui fisgado por Luísa, mas, sinceramente, o destino me colocou outro caminho a percorrer. Estou envolvido novamente com minha esposa e até dormimos juntos essas duas últimas noites.

- Jura? Então vem mais um herdeiro por aí? - disse eu, entusiasmado.

- Herdeiro já temos. Meu querido Afonso, que saudades! Eu gostaria de uma menina, uma filha para cuidar como se fosse um cristalzinho.

Pedro olhava para o alto, como que sonhando com o futuro. Eu, por minha vez, quebrei o estado de encantamento.

- Bom, e agora? Como vamos lidar com a questão de Luísa e Amélia?

- Lembre-se meu caro, que somos soldados. E soldados têm a vida errante e sem previsões - disse ele, referindo-se aos nossos personagens Antônio Luís e Carlos.

- Então você não pretende mais vê-las?

Pedro ficou pensativo.

- Na atual conjuntura das coisas, é o melhor a fazer, embora meu coração suplique pelo contrário. Por outro lado, aprendi a amar a Imperatriz e vou evitar dividir minha atenção, mesmo sabendo que é algo muito complexo.

Continuamos a falar sobre a situação e outros assuntos da viagem por mais meia hora. Depois, os cortesãos começaram a suplicar pela volta do Imperador à roda das autoridades. E eu, voltei aos meus escritos.

Muitas pessoas banharam-se nos tanques das Caldas. Num determinado momento, foi interessante ver o chefe Grenfeli passar-se, de um pulo, de um tanque quente para um poço do ribeirão, cuja água, como já disse, estava frigidíssima. As damas e retretas da Imperatriz não foram menos curiosas e quiseram também experimentar os efeitos dessa água santa, ainda que não seja senão com o fim de nelas falarem quando, de volta ao Rio de Janeiro, tiverem de a suas amigas darem conta das impressões de viagem.

Suas Majestades tomaram um banho de água fria no ribeirão das Águas Claras, onde se lhes arranjou de momento uma espécie de barraca.

Depois de jantarem, desceram para passearem do outro lado do ribeirão, parando por alguns instantes perto da mesa em que jantávamos ao pé do tanque principal e sob a arvore de que falei. No tronco desta arvore entalhou um moço, a canivete, a coroa imperial, tendo por baixo a legenda - P. II 18 - 45 (com um trinta acima do traço e um 10 abaixo) - com o fim de perpetuar a memória da visita.

À noite iluminaram-se de novo as casas e palmeiras que forravam o recinto, o qual veio assim a assemelhar-se a um pequeno arraial pelo bulício de povo, tinido de espadas e esporas, e relinchar de cavalos.

Suas Majestades fizeram ali distribuir muitas esmolas pelas numerosas famílias pobres que lhes foram beijar as mãos. Aliás, neste capítulo de esmolas não me faltaria matéria se me quisesse estender: porém é ela estranha às minhas instruções reservadas, e assim deixemo-la a quem toca. O que é certo, aqui para nós, é que muito se tem abusado da liberdade imperial: muita gente que tem meios de vida suficientes para as necessidades da terra tem chegado sua tigela ao caldo, enquanto miseráveis famílias que vivem em completa indigência são esquecidas. Já se vê que não quero lançar a culpa ao mordomo, que a ninguém conhece, mas lá disse um poeta que "De espertos está cheio o mundo e é preciso estar em guarda contra eles".

Na volta, jantamos no sítio do cidadão Joaquim Alexandre, vindo desembarcar em Desterro às duas horas da manhã do dia 1º de novembro, por lhe não permitirem tempo e maré embarcarem mais cedo em S. José.

Desterro, 2 de novembro de 1845

O Imperador dispensou a todos dos compromissos da sexta-feira, dia 2. Alegou que ele e sua esposa estavam muito exaustos da viagem às Caldas. Todos havíamos chegado muito tarde à capital. Acordei quase 11 horas e passei a escrever tudo o que tinha acumulado para despachar pelos navios que fazem o serviço de correio da Corte nesta viagem. Aliás, não tenho remédio senão queixar-me da rapidez com que daqui partem esses navios para o porto, sem que se faça constar de suas partidas com algumas horas de antecedência. Outro dia teria saído o Capiberibe sem uma carta particular minha, se o vento houvesse consentido. De mim sei que só tive alguns minutos para escrever poucas linhas, e, todavia, ando sempre a informar-me de tais saídas. Obrigou-me essa pressa a fechar com a minha carta a promessa de ainda hoje ocupar-me de alguns relatos faltantes da viagem de Suas Majestades.

Logo depois do almoço, deitado numa rede que me arranjaram na estalagem, eu fiquei a pensar nas palavras de Pedro, de não voltar a ver Luísa. Sua decisão atingia meu desejo de rever Amélia. Aquela menina que, de início, não me chamara a atenção, até por conta do receio de sermos descobertos naquela aventura maluca, de nos passar por barrigas verdes, depois começou, lentamente, a invadir-me a alma e o coração. Ela não me saia da cabeça. Eu jamais suporia que, naquela tarefa de trabalho, como correspondente do Jornal do Commercio, eu teria tempo para gozar de certos sentimentos dramáticos.

Diante de meus conflitos e dilemas, quando o relógio bateu quase duas da tarde, saltei da rede e decidi fazer algo que, espero, não me arrependa depois. Tomei um cavalo emprestado de um amigo do dono da estalagem e parti para a Lagoa, sozinho. De certa forma, eu não queria contribuir na proposta do Imperador, de simplesmente desaparecer da vida delas, sem nenhum tipo de justificativa. É claro que não ia entregar o jogo, mas lhes daria algo a que se apegar. Enfim, não podia deixá-las na mão.

Uma hora e meia de cavalgada e cheguei à porta do sítio na Lagoa, onde encontrei aquela mesma senhora de idade que nos

recepcionou da última vez. Assim que ela me viu chegando, parou de fazer o que estava fazendo: colocando roupas em um varal improvisado no lado do casebre.

- Boa tarde, senhora. Acaso Luísa e Amélia se encontram?

Ela me olhou meio desconfiada. Acredito que não tenha lembrado da minha pessoa.

- E quem é o senhor? E por que quer falar com minhas netas?

Quando ia responder, Luísa saiu pela porta da frente, carregando uma panela nas mãos, que deveria ter terminado de limpar.

- Olha só quem está aqui? Carlos? Que surpresa! E, onde está Antônio? - disse ela tentando ver ao longe se o amado estava por perto.

- Eu vim sozinho. Ele ficou com o destacamento em Desterro. Eu tomei folga e resolvi vir falar com vocês.

Luísa inclinou a cabeça, parecendo confusa, e me pediu licença. Entrou para colocar uma roupa mais apresentável. Antes, ela explicou que Amélia não estava, pois havia ido com alguns de seus irmãos socorrer uma tia que morava ao norte da freguesia da Conceição. Alguns minutos depois, estávamos sentados num pequeno tronco cortado que havia no quintal de seu sítio.

- Carlos, senti que alguma coisa não muito boa aconteceu, e que você é portador desta má notícia. Estou certa? - indagou a moça.

- É, de certa forma, a notícia não é boa. Mas, calma, não é nada grave. - disse coçando a cabeça.

- Desembucha homem! - disse ela, um pouco ansiosa

- É que fomos convocados para voltar à capital e lá deveremos ficar nos próximos cinco anos - disse de forma totalmente improvisada. Nem imagino de onde saiu essa ideia, mas ela não era de todo ruim. Justificava nosso sumiço, mas com a leveza de um prazo que era aceitável para muitas mulheres que se relacionam com soldados.

- Não entendi, Carlos. Mas vocês já não estão em Desterro? - comentou ela, confusa por não saber qual capital se referia o soldado.

- Ah, perdoe-me. Quando eu falo capital, estou me referindo à capital do Império, o Rio de Janeiro.

Luísa, de repente, ficou com os olhos parados. Ela havia investido muito naquele relacionamento com o Imperador, obviamente sem saber de sua identidade.

- Cinco anos? Mas, mas, quando vocês partem? Eu quero vê-lo! - disse num tom de voz choroso.

- É, Luísa, partimos em cinco dias. E vou te dizer que ele está desolado e até pensou em desertar, mas você sabe que deserção é o equivalente à morte na forca.

Ela se levantou, de repente, decidida a empreender uma pequena viagem até Desterro, conforme disse. Eu, por minha vez, percebi que havia me precipitado e poderia colocar o nosso disfarce sob risco. Além do que o Imperador iria me matar se soubesse da presepada que eu havia feito. Ah, meu Deus, por que não segurei essa vinda até a Lagoa pelo menos até a verdadeira véspera de nossa partida para a província de São Pedro? Eu tinha que encontrar uma saída inteligente.

- Não, Luísa, espera. Vamos combinar o seguinte. Eu mesmo trago Antônio aqui! Antes dos cinco dias!

- Sabe o que eu não estou entendendo? Por que ele mesmo não veio

me trazer essa má notícia? Por que você veio sozinho, Carlos? Eu acho que você está escondendo alguma coisa! Me diga a verdade! Ele está bem?

Percebi que Luísa havia criado em sua mente uma espécie de situação, em que eu estaria escondendo um suposto acidente que teria, talvez, vitimado Antônio. De fato, eu mentia, mas não se tratava da mentira que Luísa imaginara. Aliás, ela nem sonhava o tamanho do nosso segredo.

- Não, querida, ele está bem, eu juro por Nossa Senhora. Eu vim porque estava de folga. Mas, ele vem, sim. E eu também queria ver sua irmã, mas, sinceramente, ainda bem que ela não está. Eu iria sofrer mais contando diretamente a ela.

Luísa, com lágrimas nos olhos, chegou a mencionar uma ideia desesperada.

- E se nós duas formos com vocês para a capital?

Eu quase cai de costas.

- Hã? Como assim? Você está querendo dizer sobre casamentos?

- Sim, e por que não? Estamos apaixonados, eu e Antônio, você e Amélia, ou não? Ou somos apenas uma aventura para vocês dois?

Eu engoli a seco aquelas palavras. Havia verdade nos dois lados. De fato, tanto eu quanto o Imperador estávamos com nossos corações palpitando por aquelas moças lindas de Santa Catarina. Mas, por outro lado, Pedro era o homem mais importante do Império, e casado! E eu nem sonhava em me enrabichar a essa altura. Queria estar livre para escrever minhas histórias pelo Brasil.

- E aí, o que você me diz, Carlos? - ela me pressionou. Eu fiquei num silêncio comprometedor.

- Vamos pensar com muita calma. Eu volto com Antônio daqui alguns dias. - disse, muito tranquilamente.

Luísa ainda soltou uma pequena ameaça, para o acaso de eu não cumprir com minha palavra.

- Se vocês não estiverem aqui em três dias, estaremos eu e minha irmã na porta do destacamento dos soldados em Desterro.

Depois de proferir essas palavras, ela se despediu e voltou a entrar em sua casa, aparentemente bem brava. Aliás, era uma faceta que desconhecia naquela doce moça.

Desterro, 3 de novembro de 1845

Logo que cheguei ao palácio, na manhã do sábado, recebi do pessoal que cuida da agenda da viagem, a notícia de que o Imperador determinou a nossa partida para a província de São Pedro para a tarde do dia 6, ou seja, dali três dias. Isso significava que o prazo que Luísa dera para nos aguardar iria justamente coincidir com a data de partida. Ou seja, nossa chance de escapar ilesos daquela confusão era muito boa.

Porém, minha alegria durou pouco. Logo depois do almoço, emitiram um segundo comunicado, que dava conta do adiamento de nossa partida, devido o mau tempo previsto. Até mesmo a audiência de despedida foi transferida, esta sim, para o dia 6, enquanto o embarque para o sul se daria nos dias 8 ou 9. Aquilo mudava tudo e o cenário passou a ser completamente outro. Eu precisava pensar urgentemente num plano para evitar o pior. Tinha, no entanto, e infelizmente para mim, que abrir o jogo com Pedro. Eu já podia sentir as consequências!

Hoje, os compromissos de Suas Majestades estavam restritos a um jantar oferecido aos oficiais da Marinha Nacional que nos acompanharam. Ignoro se os convites se estenderam a mais alguém. Tencionando Sua Majestade dar ainda amanhã audiência de despedida, mandou publicar os despachos da nota junta. Nela se não faz menção ao de - moço da câmara -, com que foi agraciado o coronel Joaquim Xavier Neves, há pouco condecorado na vila de S. José com o oficialato da Rosa, de que já falei em uma de minhas anteriores cartas; nem a de grã-cruz de Aviz dado ao presidente da província, o brigadeiro Antero; mas é certo que ambos estes despachos tiveram lugar, e consta que alguns mais serão publicados.

Antes de se retirarem, o Imperador declarou-se muito satisfeito com a rapidez com que o Sr. Lamego fez sua última viagem à Corte, em apenas cinco dias de ida, estada e volta. Dizendo-lhe, apenas o viu, que havia brilhado.

Por mais que eu tivesse tentado, hoje não consegui me encontrar com Pedro para tratar do nosso problema privado. Amanhã será um dia decisivo para desenrolar este novelo.

Desterro, 5 de novembro de 1845

Posso dizer que me sinto um verdadeiro Hércules, diante dos múltiplos desafios que a vida tem me oferecido. Além de administrar a vida paralela de nosso Imperador, tenho que me dedicar ao máximo na tarefa jornalística de levar aos leitores da Corte, o passo a passo dessa jornada histórica de Suas Majestades. E, posso dizer que, em certos momentos, preciso de um estômago reforçado.

Afirmo com convicção que é preciso fiar-se um homem da discrição dos jornalistas! Disse-lhe eu muito à puridade o que me pareceu desta gente e terra da Ilha de Santa Catarina, e vai senão quando ali vem o meu texto nas asas do Jornal do Commercio cair como uma bomba no meio do povo mais cosquento que se conhece no século XIX! Ao encarecimento de sua civilização, da beleza de seu território, da amabilidade de suas ninfas, fizeram bico: empavesaram-se, talvez mesmo julgassem que mais mereciam: ei-los, porém que se esbarram com os inocentes epítetos da barrigas-verdes, com que se mimoseiam, mas não querem ser tratados por estranhos; ei-los que dão de testa com o injurioso termo de raparigas empregado em meus artigos como sinônimo de - moças -, e ali os temos a espinotear como possessos!

Barrigas-verdes nós?! Dizem os tangalhões empertigando-se.
Raparigas nos chama! Bradam, com ares de literatas, aqueles que menos sabem da língua de seus pais.

E foi um Deus nos acuda!... O que há de mais galante nestes arrufos é que vão eles cair contra o correspondente do Jornal, quando esse coitado, como sabe Vossa Majestade, é tão inocente dessas suspeitas como sou eu do que se está fazendo agora no Japão! Felicito-me por não haver contrastadores de estilos entre os queixosos, que se os houvera, e me viessem a conhecer, estavam para sempre acabados os meus prediletos passeios da belíssima Praia de Fora.

E, pois, que não há que fiar de jornalistas, já sei como me deva haver a seu respeito: tenho bom modelo no pai de Nicolau Tolentino, de quem disse este poeta:

Meu bom pai, falto de meios,
Quanto farto de virtude,
Só mandava nos correios
Novas de sua saúde.

E por falar em periódico, não me esqueço de dizer que aqui publica-se atualmente um jornal chamado Relator. Mas creio que somente para os que vivem na graça de Deus: não aceita assinaturas, nem se expõe à venda. Afunda pasmo da felicidade com que pude ver o 4º número que me deram a ler! Não é mal escrito, e até com muita arte sabe embarcar sua bisca em favor de duas igrejas, que choravam de inveja vendo-se esquecidas da munificência imperial: enquanto venta, molha-se a veia. Alguns queixumes já tenho ouvido contra a redação, cuja parcialidades queixosas atribuem a despeitos ou a vistas eleitorais. Em boa hora o diga, não tenho pretensões a sentar-me nos bancos parlamentares ou para-lamentares da província; o meu quinhão quero-o em saúde e dinheiro.

Publicaram se ontem as graças que Sua Majestade serviu-se conceder aos habitantes da província. Em uma lista que vi não estava o nome do Sr. Antero, mas absolutamente impossível que fosse esquecido.

Ficou para o derradeiro
Por ser o mais estimado

Como se canta em minha terra. Não se me dá de apostar que são mais os queixosos ou mamados do que os contentes; e ainda entre os que se supõem no caso dos últimos, quantos contariam ver-se pelo menos declarados parentes? A todos quantos o Imperador tirou o seu chapéu em algum passeio contava-se que caberia um hábito de Cristo ou da Rosa, a muito apertar; agora ali os temos trombudos contra o Relator, que por invejoso não fez menção de seus nomes! Também eu sou dos mamados, e tinha bem boas razões para esperar alguma cousa; e se aqui não alego os meus serviços, é que os não quero ver mareados pelo vento, que neste momento sopra no papel em que escrevo.

Me parece que foi esquecido também o Sr. Cabral, da rua do Príncipe, aquele que fez um arco à sua custa, no qual despendeu bom dinheiro e melhores intenções. Vimos que a maior parte dos agraciados tem superiores serviços. O certo, porém, é que se seu nome fosse lembrado por Sua Majestade o Imperador, sem dúvida daria ele um sinal de sua bondade ao cidadão que lhe ofereceu o seu respeitoso amor.

No final do dia, encontrei Paulo, o mordomo, e lhe pedi encarecidamente que conseguisse promover um encontro de Pedro para comigo. Ele prometeu que o faria, que falaria com Sua Majestade. Quase duas horas depois, quando a noite já havia franqueado sua presença, ele regressou dos aposentos imperiais e me informou que o encontro se daria no dia de amanhã, bem cedo, conforme pedira.

- E como ele está, Paulo? - perguntei ao mordomo

- Aparentemente bem, com saúde e feliz ao lado da Imperatriz. Andam até dormindo juntos.

Era o que eu precisava saber. Luísa estava se apagando da mente dele. Assim, o melhor a fazer era ir embora de Santa Catarina o quanto antes e abandonar aquela história. Para mim, havia ainda a dor pela perda certa do amor de Amélia. Ela jamais me perdoará.

Quase duas horas depois, eis que ele surge e pede para me chamar a uma conversa reservada. Ficamos numa das antessalas do palácio, a da biblioteca, um dos lugares preferidos de Pedro durante a estada em Desterro.

- Sente-se meu caro jornalista. Vejo que estás aflito. É por acaso, por conta daquele nosso segredo?

Eu olhei para todos os cantos da sala para me certificar de que não havia ninguém ouvindo. Depois falei num tom mais aflito e quase ríspido, ainda que em baixo volume.

- É claro, Majestade! Criamos uma situação de conto de fadas para duas lindas jovens da freguesia da Lagoa e agora elas estão sonhando com um mundo encantado, e nesse mundo encantado, nós dois somos protagonistas!

Pedro riu. Não parecia estar preocupado.

- Eu sei, amigo, eu sei. Me sinto até meio irresponsável por esta atitude. E engraçado que era justamente esse tipo de sentimento que eu procurava. De rebeldia, típico de jovens que não tem o nível de responsabilidade que eu tenho. Apesar de ser abominável, eu até me sinto relativamente bem.

Eu custava a acreditar no que ouvia. Como que um homem como o Imperador, sempre polido e educado, poderia estar gozando de tamanha satisfação em cima de uma histórica que tem tudo para se tornar uma tragédia.

- Me perdoe, Pedro. Eu compreendo sua vontade de viver, mas podemos fazer isso sem machucar ninguém, certo? As moças não merecem ....

- Não prossiga, Bonifácio! - ele me interrompeu. - Eu sei que não fui uma boa pessoa, e quero redimir-me deste mal. Aliás, vou te dizer, um mal que também me atinge, porque realmente fiquei apaixonado por Luísa. E esse era outro sentimento que precisava sentir. Mas o dever me fala mais alto. O dever para com o Brasil, para com minha esposa. Mesmo com dor no coração, não posso deixar evoluir esse caso com Luísa. Vamos criar alguma coisa para justificar nosso sumiço e...

Desta vez, fui eu quem o interrompeu.

- Eu já fiz isso, Pedro. Tomei a liberdade de ir até o sítio da Lagoa, falar com Luísa. Fui anteontem, no dia seguinte da nossa ida às Caldas. Você e a Imperatriz estavam exaustos e resolveram cancelar todos os compromissos. Sem ter muito o que fazer, e pensando em

Amélia, decidi ir até a Lagoa e acabei inventando uma história de que nós dois, soldados, teríamos de voltar à Corte, em poucos dias.

Ele se levantou da cadeira onde estava sentado.

- E elas? Como reagiram?

- Bom, Amélia não estava. Só falei com Luísa. A reação não foi das melhores. Ela chorou, ficou chateada por você não ter dito sobre esse fato e até sugeriu nos acompanhar até o Rio de Janeiro.

Pedro arregalou os olhos.

- Sério? Meu Deus! Então a coisa ficou séria mesmo! Ela também se apaixonou por mim? - ele disse em voz alta, numa misto de preocupação e alegria.

- Então, ela me deu três dias para voltar até lá com você. O que fazemos?

O Imperador ficou momentaneamente em silêncio, pensativo. Depois disse sua ideia.

Iremos no mesmo dia de nossa partida, que deve ser dia 9. Vamos de manhã bem cedo, conversamos e voltamos correndo. Mesmo que ela tente ir atrás, não conseguirá descobrir todo o nosso segredo.

- Você tem certeza de que quer fazer isso mesmo?

- Sim. É o mínimo que poderia fazer para minimizar o que causei. Só espero que meu coração aguente essa situação, porque só de pensar nela, eu fico tremendo.

E, assim, combinamos nossa estratégia. Nos dias seguintes, Pedro cumpriria sua agenda normal e no dia da partida, que seria no final da tarde, iríamos bem cedo resolver essa grande encrenca.

Desterro - 6 de novembro de 1845

O Imperador reservou o dia para despachar alguns documentos para a Corte e discutir com os organizadores da viagem, os próximos passos, em especial a preparação de nossa chegada a Porto Alegre, que se daria dali dez dias. Ficou convencionado que todos os eventos teriam a aprovação de Sua Majestade o Imperador, desde o desembarque, o recebimento das pessoas e quem seriam os acompanhantes.

De acordo com os protocolos, tão logo a barca a vapor que conduzirá Suas Majestades estiver no campo de visão da cidade, três tiros de artilharia das canhoneiras de guerra darão sinal de tão aprazível nova; e três girandolas em terra o repetirão para que se preparem os habitantes daquela cidade que ambicionam ter a honra de receber e acompanhar o Imperador e sua augusta esposa.

Lançando o ferro a barca de vapor, atracará a galeota, e irão os escaleres e baleiras dos navios de guerra para receberem a comitiva de Sua Majestade o Imperador.

O conde de Caxias, presidente da província, será a autoridade máxima a receber a comitiva ainda no porto do Rio Grande, ao lado de um grupo de pessoas que incluirá o secretário do governo e o comandante da guarnição. Todos receberão ordens sobre a hora em que Sua Majestade o Imperador houver por bem desembarcar, e o modo por qual deseja seguir até à matriz.

A ponte da alfandega, como a mais decente e asseada, é destinada para o lugar do desembarque; e desde a porta da alfandega até a ponta do trapiche se colocarão em alas todas as pessoas que têm de acompanhar Suas Majestades (segundo a ordem do programa).

Um piquete comandado por três oficiais estará na rua da Praia, em frente da porta da alfandega; e logo que ali aparecerem Suas Majestades, eles lhes farão a devida continência; e, rodando, marcharão a testa do cortejo. Logo após, haverá a música do 2º batalhão de caçadores. Em seguida, o Imperador receberá os juízes de paz, delegados e subdelegados; os chefes e empregados

das diferentes repartições civis; os cônsules e vice-cônsules das diferentes nações, e todos os cidadãos que se apresentarem vestidos como pede a solenidade deste pomposo ato; os juízes municipais e de direito; os oficiais-militares, inclusive os da guarda nacional, desde os cadetes até oficiais -generais, segundo os seus postos.

Se se apresentarem senhoras que queiram partilhar o prazer de fazer parte do cortejo, seguirão logo antes do palito.

A Câmara Municipal receberá Suas Majestades debaixo do palio no topo da escada do desembarque, devendo nessa ocasião o seu presidente recitar um pequeno discurso de gratidão pela honrosa visita que se digna Sua Majestade, acompanhado de sua augusta esposa, fazer aquela cidade; findo o qual, entregará a chave da porta da mesma à Sua Majestade o Imperador.

Se Suas Majestades se dignarem seguir a pé até à igreja, a câmara os acompanhará sempre, cobrindo-os com o palio; quando não, os conduzirá somente até o embarque nas carruagens, que esperarão na rua da Praia, ao lado direito da porta da alfandega.

As pessoas da comitiva da Sua Majestade ocuparão o lugar que lhes for determinado por ele. Os batalhões da guarnição da cidade formarão alas desde a ponte do trapiche até a porta da matriz pelas ruas da Praia, Bragança e Igreja; e, à proporção que for passando o acompanhamento, dobrarão em coluna aberta direta, e marcharão a passo ordinário, tocando todas as músicas o hino nacional.

A bateria de artilharia a cavalo estará postada na praça, ao lado da alfandega, a fim de dar a salva no momento do desembarque, e depois subirá pela rua do Ouvidor; e, postado no largo do palácio, dará outra salva logo que finalize o Te-Deum.

No caso que Suas Majestades julguem melhor seguir em carruagem, todas as pessoas que não poderem montar a cavalo, seguindo o cortejo na ordem indicada a frente do primeiro arco, voltarão pela rua do Ouvidor, e irão formas alas na rua da Igreja até a porta da matriz.

Suas Majestades serão recebidas na porta da Igreja pelo Rev. vigário geral e mais sacerdotes que tem de oficiar no Te-Deum em ação de graças.

Se os membros da câmara não estiverem prevenidos de cavalos, subirão também pela rua do Ouvidor, e irão esperar o cortejo com o palio na porta da matriz; no caso de seguirem a cavalo, se apearão na porta da igreja, e tomarão o palio para receberem Suas Majestades

O secretário do governo servirá de mestre de cerimonias do cortejo, e fará que ele desfile na melhor ordem possível.

Depois de mais de duas horas reunidos comentando sobre o que iria acontecer na província de São Pedro, o Imperador, ainda que exausto, anunciou que abriria as portas do palácio para que o povo catarinense pudesse participar da última solenidade de beija-mão. Ele decidiu almoçar mais cedo e ficar à disposição a partir do meio-dia. O programado para depois desse ato, seria uma visita à esquadra imperial, que estava fundeada perto das ilhas Batones, na Barra no Norte. Neste compromisso, a Imperatriz estava dispensada.

Eu estava pensando em voltar para a estalagem, onde ficaria reunindo meus escritos e me preparando psicologicamente para o prosseguimento da viagem. Vez em quando, em minha mente vinha a imagem de Amélia, ainda que não muito forte. Eu me afeiçoara pela menina, mas não a ponto de fazer-me perder a cabeça. De qualquer forma, era uma imagem que me aprazia. Apesar da necessidade, resolvi ficar no palácio para não perder a hora da nossa visita à esquadra. As portas já estavam para serem abertas ao ingresso do povo. Foi quando, ao dar uma saída à praça, meu coração quase parou. Ao longe, mas não muito longe, eu reconheci a família de Luísa e Amélia na fila do beija-mão. E ambas estavam ali.

Por impulso, escondi-me por detrás de uma das colunas da entrada do palácio e me virei para observar o movimento das duas moças da Lagoa. Então, afinal, Luísa estava mesmo cumprindo a promessa de correr atrás de Antônio Luís e Carlos, nossos personagens nesta aventura maluca por Santa Catarina!? Eu tinha de avisar o Imperador de que ele estava prestes a topar frente a frente com a mulher pelo qual se encantara naquela terra distante da Corte. Antes de correr para minha missão, eu ainda olhei para trás e vi que Luísa e Amélia buscavam conversar com alguns barrigas verdes postados nas imediações do palácio. Certamente estariam

perguntando sobre nós e, ainda mais certamente, estariam confusas por saber que ninguém nos conhecia. A não ser que na tropa haja, de fato, algum Antônio Luís e algum Carlos, o que ajudaria naquele momento, pelo menos para ganhar tempo até depois de amanhã. É, pelo menos, o que rogo a Deus. Que nos ajude a escapar daquele constrangimento.

Quando cheguei à porta do salão do palácio, onde se daria o beija-mão, encontrei Paulo, o mordomo, a quem supliquei ajuda.

- Preciso falar com Sua Majestade. O assunto é urgente! - disse eu, meio esbaforido.

- O que houve rapaz? Pareces que viu o diabo?

Longe disso. Eu tinha visto dois anjos, mas que poderiam se tornarem diabos quando descobrissem nossa farsa.

- Não, não. É que eu preciso falar sobre algo relacionado àquelas saídas, sabe? - comentei baixinho, com a mão sobre a boca.

- Meu rapaz. não vou incomodar o Imperador agora, em seu último ato de benevolência com o povo catarinense, para que você venha falar sobre coisas que, você sabe, eu sempre achei um absurdo. Que me perdoe Sua Majestade, mas...

Paulo nem havia terminado sua fala, quando as portas do salão foram abertas, e por elas começaram a chegar as pessoas da freguesia de Conceição. Assustado, deixei o mordomo falando sozinho e corri para um dos cantos da sala, de onde dificilmente os visitantes poderiam me notar. Fiquei de frente para o trono improvisado onde estava sentado o Imperador e, ao seu lado, a Imperatriz.

Pedro estava entretido, recebendo as primeiras pessoas, quando adentrava na sala a família de Luísa e Amélia, com as duas dispostas no final da fila. De longe, comecei a gesticular de forma exagerada, tentando chamar a atenção de Pedro, mas tomando cuidado para não chamar a atenção dos visitantes. Depois de

quase dez minutos sacudindo como uma gaivota no meio de uma tempestade, Pedro me notou. Foi quando gesticulei com as mãos, tentando avisá-lo da presença de pessoas que poderiam complicar nossa vida. Eu passava as mãos nos meus cabelos, tentando mostrar que se tratava de uma mulher. Mas foi em vão. Ele fez uma cara de surpresa e estranheza. Mas foi quando a Imperatriz olhou na minha direção, que tive de desistir daquela ideia. Disfarcei e andei alguns passos para o lado. Naquele momento, havia deixado o destino de um possível escândalo nas mãos de Deus. Que Luísa não reconheça no Imperador o homem pelo qual se apaixonou alguns dias antes.

O beija-mão corria como o protocolo. As pessoas chegavam e se curvavam diante dos monarcas que, por sua vez, estendiam suas mãos, para serem levemente beijadas pelos súditos. Era algo cansativo para Suas Majestades, mas amplamente significativo para o povo, que tinha o privilégio de tocar nas pessoas mais importantes de sua nação, os líderes supremos de seus destinos. Na maioria das vezes o rito acontecia de forma quase que instintiva. Era como se o Imperador não estivesse ali de corpo e alma, apenas de corpo, tal qual um sacristão no momento da distribuição do pão para comunhão.

E assim acontecia naquele beija-mão. As pessoas chegavam, se inclinavam, beijavam as mãos dos monarcas, agradeciam alguma coisa e saíam, para que o próximo fizesse o mesmo. Mas, naquele dia, o Imperador teria uma surpresa inesperada. Foi quando viu uma bela mulher que, ao se aproximar, disse baixinho, quase que como para si mesmo.

- Nossa, ele é mesmo muito parecido! - sussurrou Luísa para sua irmã.

Pedro ouvira o comentário e fitou para a mulher. E ficou petrificado. Estava diante daquela pelo qual se apaixonara repentinamente. E, pior, ao lado de sua esposa, a Imperatriz. O Imperador era capaz de ouvir as batidas do próprio coração.

- Majestades! - disse Luísa, seguida de Amélia, inclinando-se ligeiramente, no gesto padrão dos súditos.

A Imperatriz sorriu, como sempre. Pedro não conseguiu fazer o mesmo. Estava com os olhos arregalados. Eu, não muito distante da cena, rezava para que Pedro voltasse ao seu equilíbrio emocional. Se ele mantivesse aquela cara de assustado, poderia entregar o disfarce. O que eu não poderia imaginar é que nossa farsa estava prestes a ruir, mas não pelo semblante de Pedro, mas por algo que estava em suas mãos: o anel.

Quando Luísa tomou as mãos do Imperador, ela notou a forma do anel do monarca e ficou parada por um breve instante. Depois levemente levantou seu rosto e olhou nos olhos de Pedro, que percebeu estar sendo desmascarado. Ele notou que ela havia reconhecido o seu anel. Mas, para evitar um escândalo, manteve sua postura de monarca. Dos olhos de Luísa, escorreu uma lágrima. Ela soltou as mãos do Imperador e correu daquele lugar, acompanhado de Amélia, que não entendia nada do que havia acontecido. Testemunhando toda a cena, decidi fazer alguma coisa e corri atrás das duas. Antes, ainda olhei na direção de Pedro, que, com os olhos, me suplicava ajuda. Ainda tive tempo de ouvir a Imperatriz questionar o que poderia ter havido com aquela moça, o porquê de ter tido aquela atitude estranha.

- É emoção de conhecer Suas Majestades! - disse um dos integrantes da fila. E todos aplaudiram e deram vivas.

Depois de correr um pouco pelos corredores do palácio, acabei alcançando Luísa e Amélia nas escadas que davam para a praça.

- Luísa, espere! - gritei na direção das duas.

Amélia ficou surpresa com a minha presença.

- Carlos? Estávamos à procura de você e de Antônio Luís. Andamos por todas as partes. Chegamos até ir ao destacamento, mas muita

gente disse não os conhecer. E por que estás vestido assim? Onde está sua roupa de soldado?

- Acorda, Amélia! Não vês que ele e Antônio Luís não são soldados! Nunca foram! São dois mentirosos!

Amélia ficou confusa. Eu resolvi justificar alguma coisa, se é que isso era possível.

- Meninas, nos perdoe. Eu quero explicar, mas a história é um pouco longa e...

- Explicar o quê? Que o homem pelo qual estava me apaixonando e criando uma vida para o futuro era simplesmente o Imperador do Brasil? - gritou Luísa, interrompendo-me.

Amélia ficou chocada e colocou as mãos na boca.

- Como assim? O que é isso, Carlos?

Eu não sabia onde me esconder. Mas tinha de encarar como homem a situação.

- Perdão Amélia, meu nome verdadeiro não é Carlos. Tem Carlos, mas me chamam de Bonifácio. E não sou um barriga verde, mas um jornalista da capital imperial.
- Jornalista?

- Vamos até um lugar mais calmo para conversar. Lá explicarei tudo.
- Sugeri às moças. Luísa pareceu reticente em me acompanhar, mas provavelmente a curiosidade para saber tudo o que acontecia a impeliu de ir.

Sentados numa das praças de Desterro, contei tudo o que havia acontecido, desde o trato que o Imperador tinha comigo, até mesmos os conflitos que tínhamos em relação ao que estava acontecendo.

- Ele, de fato, ficou encantado contigo, e eu, Amélia, de fato me apaixonei por você. Eu me martirizo por ter entrado nesta aventura maluca, mas agora não vou lamentar o que passou. O fato é que esta é a verdade e nem espero que nos perdoem. Acho que isso é pedir demais. De qualquer forma, rezo para que não fique uma mágoa tão grande.

Amélia nada disse. Luísa, por sua vez, desabafou.

- Eu estava desconfiada de que havia algo errado. Mas jamais imaginaria uma coisa dessas. Meu amor, o Imperador do Brasil! E eu nem achei estranho o fato dele falar que era parecido com ele. Afinal, as pessoas se parecem, de certa forma. Mas, vou dizer que fiquei impressionada com o que eu achei que era uma semelhança entre os dois. No final descobri que eram a mesma pessoa quando vi o anel. Aliás, diga ao seu Imperador que ele é muito bom para inventar histórias. Essa de ter salvado um nobre europeu foi muito boa, pois cai como um pato.

- E o que vocês pretendem fazer? - perguntei, ainda preocupado com as consequências.

- Nada - ela balançou a cabeça, resignada. - Não vou fazer nada. Apenas voltar para minha vida na comunidade, e viver, como meus pais, meus avós. Fazer o quê? Esperar que ele me assuma? Nunca aceitaria! Ele é um homem casado!

Depois de ter falado mais algumas coisas, Luísa se levantou e se despediu. Antes de acompanhá-la, Amélia olhou para mim e me deu um beijo no rosto, com uma lágrima furtiva escorrendo dos olhos.

- Eu sonhei tanto que teria uma vida diferente. Apesar de soldado, como achei que fosse, era muito distante da vida de pescador. Estava me afeiçoando muito a você e lamento que o destino tenha reservado essa amargura.

Amélia passou suas delicadas mãos em meu rosto, sorriu e foi embora, acompanhando a irmã desconsolada. Eu, por minha vez, não tinha a menor vontade de voltar ao palácio para relatar ao Imperador o resultado daquela tragédia. Fui para a estalagem, tomei um cavalo emprestado e parti para um retiro de algumas horas numa das praias da Barra Sul. A última coisa que desejava era encontrar alguém.

Desterro, 7 de novembro de 1845

Amanheci com uma grande dor de cabeça, embora, de certa forma, estivesse aliviado por saber que o muro da mentira ruíra ontem. A questão era que hoje certamente o Imperador iria me questionar sobre os acontecimentos no salão do palácio. Conformado com esta condição do destino breve, fui até a biblioteca palaciana, onde Pedro já me aguardava.

- Pelo amor de Deus, Bonifácio. Não me poupe de nenhum detalhe do que aconteceu ontem! Era mesmo Luísa quem estava na cerimônia? - disse preocupado.

- Sim, Pedro. Era, sim. Ela ficou muito magoada quando descobriu tudo. Eu tentei ao máximo aliviar, justificando um monte de coisas..., mas... ao final, pelo menos ela não pretende falar nada sobre o que fizemos.

O Imperador olhava para o vazio e se manteve em silêncio por alguns segundos. Eu, por minha vez, narrei cada detalhe da conversa que travara com Amélia e Luísa e disse que o que acontecera fora justo sob os olhos de Deus. Pelo menos não sairíamos com a dor na consciência de conservar a mentira.

- Eu vou lhe dizer o que acho. Eu sugiro que se você quiser continuar a viver essa vida dupla, pelo menos nesta viagem, que procure não se envolver com outra mulher, pelo menos não a ponto de se apaixonar - recomendei a Pedro.

- Sim, você tem razão. Acho que esse sentimento estava represado em meu coração por conta da vida repleta de imposições que me fora outorgada. Tenho que compreender que ser Imperador de uma nação linda como esta é uma missão divina. O problema, meu amigo, é que a carne é fraca e a mente de uma pessoa ainda jovem como eu clama por desafios e desejos mundanos.

Eu coloquei minha mão em seu ombro, até para que ele se sentisse uma pessoa comum.

- Eu compreendo seu dilema, amigo. E pode contar comigo nessa trilha de aventuras. Serei seu fiel escudeiro nesta sua vida paralela.

Pedro sorriu. Estava de certa forma aliviado como eu estava.

- Bom, então vamos deixar a proza de lado e vamos voltar aos nossos postos. Você como Sua Majestade Imperial e eu como um reles jornalista da Corte, nesta agradável missão protocolar de levar aos meus leitores cada passo dessa viagem histórica.

- Você não tem nada de reles, meu caro jornalista. És um grande jornalista e tens minha admiração. Tenho lido seus relatos e posso dizer que estão impecáveis.

- Grato, Majestade.

Ele novamente sorriu.

- Tudo bem, vou deixar o protocolo agir e aceitar que me chame de Majestade. Mas, não vai se acostumar, hein?

Em seguida, nos despedimos. Eu voltei para o salão principal e Pedro se juntou à Imperatriz para os compromissos do dia. Suas Majestades, querendo aproveitar-se da serenidade e frescura do tempo, fizeram na parte da tarde, a pé, um longo passeio até a Praia de Fora, do lado do estreito, de onde partiram a cavalo até a fortaleza de Santa Anna.

Amanhã, a programação que me fora passada era a seguinte: Logo depois de almoçarem, Suas Majestades embarcarão no vapor Imperatriz, e a esquadra levantará ferros imediatamente, se o tempo o permitir.

O bispo capelão-mor e todas as pessoas que não estiverem ao imediato serviço de Suas Majestades irão no vapor Imperador.

Havendo hoje enfraquecido o vento Sudoeste, espera-se que de amanhã por diante tocara a vez do Nordeste. Estes senhores "cantam" aqui com tal regularidade, que em se calando um, já se conta que lhe responderá o outro: nunca os desejei mais corteses do que agora.

O certo é que ninguém pensou jamais que a Corte se demorasse nesta capital por quase um mês. E eu principalmente, que rezava para partirmos logo. É notável que falharam todos os cálculos. Quando ouviu Sua Majestade que se dizia estar marcado o dia 20 do mês passado para sua partida, respondeu que não havia assinado compromisso algum a este respeito. Eu sinceramente acho que ele marcou sim, mas as circunstâncias que sabemos é que foi o motivo desta presença em Santa Catarina mais longeva.

Apraz-me o repetir-lhe que desde o momento em que Sua Majestade embarcou no Rio de Janeiro, ainda um só instante ninguém o viu indisposto ou de mau humor; está sempre na melhor disposição de animo, jovial e afável. Ou esteja com as pessoas que o procuram, ou com as de seu serviço, suas palavras, seu modo, são constantes testemunhos de sua ilustrada educação e excelente índole. Estas altas qualidades, reunidas à solicitude com que se interessa pelo esplendor do culto e bem-estar dos povos, explicam o quase fanatismo com que ele e sua virtuosa esposa são aqui adorados. Tem-se mesmo notado sensível mudança em seu temperamento e hábitos; reservado e frio no Rio de Janeiro, aqui sua presença graciosa, suas palavras francas, animam o pobre, o pequeno, a se lhe aproximarem, e a derramarem em seu seio o segredo da miséria, a súplica do necessitado de sua clemencia ou justiça.

Aos sentimentos de pesar que mostram os Catarinenses por se terem de privar da presença de seus soberanos, respondem estes com a esperança de se ainda aqui demorarem quanto lhes seja possível em seu regresso, e de, quanto em si estiver, promoverem a prosperidade desta província, digna de melhor sorte.

Além dos despachos de que falei e dei conta em minha última carta, consta que outros houve, poucos, para contentar os mais rusguentos dos que se julgavam preteridos.

O número dos descontentes cresce na razão dos despachados: os despachos provocam comparações, porque um se julga com muito mais direito à graça do que o agraciado. Em falta de imprensa franca que sirva de veículo aos desabafos, aqui nascem os pasquins a cada canto, e neles a vida do agraciado e a de seus presumidos protetores é posta aos olhos do mundo, em prosa e verso. Aqui, como em todo o Brasil, as eleições carregam com as culpas dessas predileções; e, pois, se a mim incumbisse a distribuição dessa valiosa moeda das monarquias, o título de cabalista seria o mais poderoso para excluir do gozo dela aos que por tais fossem reconhecidos: por serviços feitos ao Estado não querem eles que se deem nenhuma graça, e se mostram enfadados contra os que, segundo sua opinião, ilaquearão a boa fé do monarca.

Cartas recebidas do Rio Grande e Porto Alegre falam com o maior entusiasmo dos magníficos preparativos que se ali fazem para recepção da Corte. Na cidade do Rio Grande foi tal o açodamento com que se trabalhou em uma teia para o desembarque e direção do préstito à igreja, que foi necessário pagar ferias de carpinteiros a uma onça por dia, e os menos destros a 20$ réis! Em Porto Alegre, entre as várias distrações que se preparam, faz-se menção de ricas corridas de cavalhadas, simulações de combates; se cria um corpo de lanceiros para a guarda imperial; e acrescenta-se que se trabalha num rico ponche e um par de chilenas para serem oferecidos a Sua Majestade o Imperador: querem-no pôr à monarca, como se ali chamam os dândis da terra: o que for soará.

Estas notícias assustam os catarinenses. Conscientes da satisfação com que o Imperador tem aqui vivido, temem que se agrade mais de Porto Alegre e se lhe passem da memoria os amores que sua longa permanência aqui faz supor haja tomado por esta província. São ciúmes de irmãs. Uma já deu o que tinha; conhece que a outra lhe não é inferior em gentileza e graça, e muito superior em riqueza, e estas coisas são para fazer assustar pela preferência; é, porém, de supor que ambas ficarão satisfeitas.

Desterro, 8 de novembro de 1845

Bem a contragosto do céu de Santa Catharina, que quase se desfez em lágrimas, realizou-se o embarque e partida de Suas Majestades para a província de São Pedro do Rio Grande do Sul na manhã de 8 do corrente, como já havia anunciado.

A copiosa chuva que começou a cair desde a véspera à noite suspendeu-se como que somente para dar aos habitantes da cidade do Desterro o prazer de acompanharem os augustos hospedes até ao lugar do embarque, uns e outros até a bordo do vapor Imperatriz, onde fizeram suas últimas despedidas. Às 11 horas e 5 minutos levantou ferro esta barca, ao som das salvas dos navios fundeados no porto e nas proximidades da fortaleza de Santa Anna, sendo logo depois seguida pela barca Imperador. Na "Imperatriz" embarcaram-se Suas Majestades e toda a sua comitiva, incluindo eu, e na "Imperador" o bispo, seu secretario e outras pessoas que têm acompanhado a Corte em sua viagem.

Às 2 horas da tarde estávamos E. O. com a fortaleza da barra do Sul, e seguimos com proa de S. S. E., vento E. N. E. fresco e mar groso.

Às 3 horas avistámos a fragata Constituição, a corveta Euterpe e o patacho Argos, que haviam deixado o ancoradouro no dia antecedente e dado a volta na ilha de Santa Catarina para estarem na barra do sul à saída das barcas.

Às 4 horas, em virtude do sinal que fez o chefe da esquadra, salvou a corveta com 21 tiros, e seguiu no bordo de E. para o Rio de Janeiro.

Por toda a tarde soprou o N. E. com alguma inconstância. Ao anoitecer tornou-se carregada a atmosfera, fuzilando muito para O. S. O., e tínhamos sempre a costa à vista. A fragata e o patacho desapareceram-nos com o cair da noite. O vapor Imperador seguiu o Imperatriz sempre a pouca distância. Durante a noite não ocorreu novidade, e bastou alguma chuva para limpar a atmosfera.

Atlântico Sul, 9 de novembro de 1845

Na manhã do dia 9 continuava o vento E. N. E. regular. Às 8 horas

soubemos que Suas Majestades passavam sem maior incômodo. Ao meio-dia tínhamos a latitude de 30º 56', e longitude 30º 13' ao O. de Greenwich. Se houvéramos saído a barra de Santa Catharina às 6 horas da manhã antecedente, estaríamos às 6 horas da tarde deste dia demandando à província de São Pedro. Porém, não se havendo isto feito, fomos obrigados a navegar das 7 e meia horas da tarde em diante a meia força, e a menos ainda, para que não varássemos a barra antes de amanhecer, o que não obstante, nos foi preciso à meia noite fazer proa de E. para evitar a costa esperar o dia.

Eu novamente enjoei com o balanço das ondas marítimas. Só que desta vez não tive de ir à amurada da embarcação "soltar minhas tripas" aos peixes. Não vi Pedro nem sua esposa nesses dias. Disse-me o capitão que estavam em suas cabines, e que passavam bem.

Vila de São José, 10 de novembro de 1845

Logo pela manhã, vi que estávamos nós a pairar Leste/Oeste com a Atalaia, sem, contudo, avistá-la, por não encobrir espessa neblina. Os raios de sol começaram a espancá-la às 7 e meia horas, e logo descobrimos a barra. Felizmente estava o vento acalmado e a barra, tão respeitada dos navegantes, conhecida como cemitério de tantas fortunas e vidas, parecia se humilhar aos olhos do soberano do Império. Quanto a nós, era claro sinal de que estávamos nos livrando dos sustos que todos os viajantes sentem quando se lhe aproximam.

Ao mesmo tempo em que descobrimos a Atalaia, vimos o Grecian, fundeado ao sul da barra, e logo que ele reconheceu o estandarte imperial, salvou-o com a gente, todo embandeirado. Precedeu o Grecian à partida da esquadra de Santa Catarina para ser o primeiro a nos dar aqui os bons dias e boa vinda.

Tristíssimo aspecto oferece a costa e barra desta província. O navegante procedente do norte do Império, habituado a essa variedade de perspectivas desenhadas por verdejantes colinas, sobre as quais alvejam espalhadas habitações, vê cairem-se-lhe os olhos em multiplicados cômoros de área, tão semelhantes entre si, e que, bem longe de variarem a vista cansada da presença das vagas do oceano, assemelham-se-lhe a tal ponto, que ainda o triste pensa ter diante de si longos mares a navegar.

Apenas constou na cidade que demandávamos a barra e logo largaram ao encontro de Suas Majestades as barcas de vapor Fluminense, levando a bordo o conde de Caxias e seu estado-maior, além das embarcações Amélia, Paquete do Norte e Canarim, que levavam todas com bandas de música. Estavam as três últimas pejadas de passageiros. Feitas as devidas continências, deixaram-se preceder das recém-chegadas, e nesta ordem se dirigiram todas para a frente da praia da vila de S. José do norte, onde fundearam às 10 horas e 5 minutos.

Às 11 horas dirigiu-se o conde, seu estado-maior e cidadãos grados da província a felicitarem Suas Majestades a bordo do Imperatriz.

Aos 20 minutos depois do meio-dia desembarcaram Suas Majestades na ponte da alfandega, cujos empregados haviam-na para este fim preparado, fazendo-a tapetar com uma areada. O presidente da municipalidade fez um pequeno discurso, e depositou nas mãos do Imperador a chave da vila.

O préstito seguiu até a matriz para, sobre uma tela de madeira, também feita à custa dos empregados da alfandega, e por entre a população estendida ao longo dela para ver e saudar o monarca e sua augusta esposa.

Findas as cerimônias religiosas com o discurso de um sacerdote emigrado do Estado Oriental, regressou o préstito até a porta da casa da D. Maria de Sá Araújo e filhos, preparada por eles para a imperial residência. Foi esta mesma família, ainda em vida de seu chefe, quem hospedou o fundador do Império, augusto pai de Sua Majestade, D. Pedro I, quando veio a esta província. Consta que os augustos hospedes muito se penhoraram do prazer com que foram recebidos nesta casa: e sei que esta mesma família, não podendo conjuntamente obsequiar a todas as pessoas que acompanham a Corte, lhes dará um baile. Eu fiquei hospedado na casa de um coronel de nome Augusto Pereira, muito cortês, aliás. Ele estava curioso por saber das nuances de minha missão como jornalista.

Os empregados públicos e quem mais quis ter a honra de beijar as mãos a Suas Majestades foram recebidos logo depois de sua chegada.

À noite iluminou-se, e concorreu sua pouco numerosa população a gozar da presença do soberano, que, apesar de mui fatigado da viagem, sempre se mostrou de uma janela até às 9 horas.

Rio Grande, 11 de novembro de 1845

Durante a manhã fizeram Suas Majestades, a pé, o passeio da vila de São José. Bem desagradável fora este passeio, porque foi necessário caminhar lentamente, para que não caíssemos. O solo estava mole e havia papa de areia encrustada de limo, da qual, a cada pegada, rebentava um olho d'agua. Consta esta vila de umas duzentas casas ou mais. Seus arrabaldes são desertos, porque, além de estéril e nua a areia, ninguém se quereria arriscar a ser sepultado por esses cômoros que, ao grado do vento, se movem como tribos de selvagens e vão inopinadamente cair sobre as habitações. Nem mesmo as do extremo da vila estão isentas dessas invasões. Vi eu logo pela manhã estarem dois homens pretos com pás removendo areia de uma porta, cujo uso embarcava.

Pouco depois do almoço, tomamos pequenas barcas para atravessar o estreito do Rio Grande e chegar à cidade do mesmo nome, onde a recepção de Suas Majestades foi digna de sua alegria. E se a magnificência e todas as externas demonstrações de publico regozijo são provas bastante para se julgar dos sentimentos do coração, os Rio Grandenses deram-nas, como era de esperar de seu patriotismo e amor ao Imperador.

Com o produto de uma subscrição voluntária construiu-se uma tela que se pode chamar de "monstro", pois consta ela de 440 braças de extensão e 18 palmos de largura. Feita toda de madeira, erguida do solo cerca de dois palmos, continha grades e colunas de espaço a espaço, tudo pintado, e tapetado o pavimento. Dizem que custou mais de vinte contos de réis, isso sem contar a despesa de nove mil contos pelas luzes que ficariam acendidas por nove noites.

Os súditos portugueses despenderam ainda dez contos de réis com a feitura de um arco no centro da tela. Na frente do arsenal de marinha e na da casa da câmara, outras iluminações se fizeram; e em um coreto defronte da imperial residência se apresentariam todas as noites algumas bandas de música.

À ponte do arsenal, destinada para o desembarque, concorreram as pessoas que deviam acompanhar Suas Majestades em crescidíssimo número. O desembarque efetuou-se pouco depois

do meio-dia. A chave da porta da cidade foi entregue ao Imperador pelo presidente da câmara, depois de breve discurso, e o préstito se dirigiu à matriz. Dezoito meninas representando as províncias do Brasil estavam ao longo da tela colocada em pedestais de distância em distância e iam descendo e formando-se em alas diante do pálio à medida que este se lhes aproximava. A população apinhava os lados da tela saudando com entusiásticos vivas o Imperador, sua virtuosa esposa e o príncipe imperial, vivas que eram repetidos pelas senhoras, que das janelas lançavam flores sobre os augustos viajantes. Todo este dia passou-se em festas: o prazer estava pintado em todos os semblantes.

A uma hora da tarde houve beija mão, ao qual concorreu crescidíssimo número de cidadãos civis e militares, e o corpo consular estrangeiro. Depois deste ato, recebeu Sua Majestade o nonagenário cidadão Justino José de Oliveira, cuja idade e moléstias o não embaraçaram de se apresentar, em defesa do trono, nas trincheiras desta cidade quando foi ameaçada pela rebelião, felizmente extinta: e este honrado velho, tão penhorado ficou da bondade com que o tratou o Imperador, que só dela fala com lágrimas de prazer.

A casa preparada para hospedagem de Suas Majestades era a melhor desta cidade, e pôde se avaliar de sua capacidade sabendo-se que estava alugada por cinco contos de reis anuais. A mobília era rica e compunha-se das melhores peças aqui existentes. Ao apurado bom gosto da Sra. D. Emerenciana de Oliveira, esposa do Sr. tenente coronel José Simeão de Oliveira, antigo pagador das tropas da província, se deve o arranjo do toucador de Sua Majestade a Imperatriz. De mui bom grado se prestou esta estimável e respeitosa senhora a incumbir-se deste trabalho, e a ela pertencem os ricos costureiros, secretaria de charão e outros trastes de que compõe a toalete, os quais, sendo há pouco vindos do Rio de Janeiro, servem agora pela primeira vez.

Às 5 horas da tarde fez o bispo diocesano sua entrada na igreja desta cidade com Te-Deum e outras cerimônias do estilo. Ele abriu crisma e foi numerosíssima a concorrência de pessoas que procuram o Sacramento da Confirmação.

Nesta mesma tarde saíram a pé Suas Majestades, acompanhados de numerosíssimo concurso, que engrossava constantemente, e por todas as ruas recebiam sinais da publica veneração. Antes de se recolher, entrou Sua Majestade em uma fábrica de chapéus de castor, muito usados nesta província nas viagens do interior, e encomendou um para si, no que foi imitado por todas as pessoas de sua comitiva. Já trouxe do Rio um rico ponche: o conde de Caxias lhe fez presente de um par de chilenas e o espera outro ponche em Porto Alegre; em breve terá chapéu da moda; e quando com tais objetos se internar pela campanha: <Que puxa Imperador!> dirão as guascas <... Ah! monarca! ... Moço lindo como lista de ponche! ....> Ao teatro já levou Sua Majestade o ponche: ontem trazia chilenas no passeio que fez a cavalo, e estas cousas dão mais garantias de liberdade a esta gente do que quantos artigos gordos ou magros traga a Constituição.

Muito lhes tem dado no gosto a simplicidade de trajes com que desembarcou a Imperatriz, e a amabilidade com que franqueia suas salas às famílias que a queiram visitas, fazendo lhes constar que as receberá sem adornos e custosas galas. Lembram-se logo com saudades da marquesa de Alegrete, que para banir as cambaias e veludos com que se arruinavam famílias desta província em outras eras, calçava meias de algodão, trajando vestidos simplicíssimos e somente usando de sedas e joias nos dias dúplices. A Imperatriz saltou de vestido de seda liso, manta de lã e chapéu com fitas; nem brincos, nem anéis a enfeitam. É por tais meios, é por sua apregoada caridade, que esta virtuosa princesa ganha todos os dias novos títulos à veneração dos brasileiros, são inumeráveis os atos de sua beneficência nesta e na província de Santa Catarina. Entre muitos, tomarei o seguinte, em abono de minhas palavras. Em Santa Catarina deu o marechal Antero um pequeno bugre ao Imperador; e à Imperatriz ofereceu a senhora do dito marechal uma Índia pury, muito linda. Por mais agrados que lhe mostrasse Sua Majestade, e aos quais se mostrava a Índia reconhecida, não pôde conseguir que se ela separasse da companhia da referida senhora, chorando quando lhe falavam de ir para a companhia da Imperatriz, o que, sendo presenciado por Sua Majestade, tão louvável lhe pareceu esta

prova de amizade daquela selvagem, que a deixou ficar, dando-lhe 500 reis para serem postos a juros, e formarem assim um pecúlio que lhe sirva de dote.

Bem que Suas Majestades passem sem novidade em sua preciosa saúde, é certo, todavia que muito sofreram na viagem de Santa Catarina para cá. O Imperador esteve sempre prostrado, chegando a lançar raios de sangue, segundo me informam; e a Imperatriz que não enjoara na fragata, também agora participou do incômodo de seu augusto esposo. Em geral foi a viagem muito incomoda a todos os passageiros das duas barcas, pois muito jogavam elas com o vento à popa.

Diz-se que o Imperador partirá para Porto Alegre quinta-feira 20 do corrente: dali se internará pela campanha até a fronteira do Estado Oriental. Grandes preparativos de festa se fazem por toda a parte onde sua presença é aguardada. A visita de Pelotas fica para a volta.

Nesta como na província de Santa Catarina não está ociosa a caridade imperial. Distribuem-se esmolas por todos aqueles que delas precisam

No vapor "Imperador" seguia o 4º batalhão de fuzileiros. O viador José Joaquim de Lima e Silva, sobrinho, que se aqui achava de passeio, entrou para o serviço da Corte.

Rio Grande, 13 de novembro de 1845

Depois de um dia sem ter notícias do Imperador, que estava descansando dos compromissos dos dias anteriores e da péssima viagem que fizemos desde Desterro, eis que o mordomo Paulo manda me chamar.

- Diga, o Imperador está bem? Me pareceu meio prostrado desde que chegou nesta província.

- Meu rapaz, nem me diga. Ele cumpriu a agenda no sacrifício. Aliás, ele a sua augusta esposa, que anda meio enjoada naturalmente. De qualquer forma, hoje o Imperador acordou bem-disposto e pediu para que o chamasse. Acho que ele vai querer dar umas escapadas daquelas que vocês dois faziam em Santa Catarina. Eu bem que tentei dissuadi-lo desta péssima ideia, mas ele ficou bravo e ordenou-me que viesse lhe chamar.

Eu segurei a risada, tentando imaginar a bronca que o mordomo levou de Pedro. Paulo me conduziu por umas vielas que davam até uma espécie de estábulo, nos fundos da casa onde Suas Majestades estavam hospedados. Lá dentro, escovando um dos cavalos, vestido de maneira bem simples, estava o Imperador, acredito que já disfarçado para a próxima aventura.

- Bonifácio, meu amigo! - disse em alto e bom tom, parecendo de bom humor. - Hoje vamos conhecer um lugar e tanto, o tal cemitério de navios aqui de Rio Grande. Dizem que é um dos lugares mais perigosos da região.

Eu fiquei sem saber o que falar, mas ainda assim soltei minhas impressões diante daquela sandice.

- Você está brincando? Como assim, perigoso? E pra que se aventurar em algo que pode nos trazer perigo, Pedro?

- Sabe, entre as minhas sanhas nesta vida paralela, em que procuro viver emoções que jamais vivi na minha aborrecida vida na Corte, eu queria sentir, sabe, dentro do corpo, a sensação do perigo. É claro que vou tomar cuidado e conto com a ajuda de Salustiano, que vai nos acompanhar, além de uns marinheiros que chamamos...

- Mas, então, você está abrindo para outras pessoas, e estranhas, o seu movimento de vida paralela? - disse eu, preocupado com o vazamento daquele segredo, de Estado, eu diria.

- Não, claro que não, meu amigo. Salustiano disse aos homens contratados que sou uma espécie de naturalista estrangeiro, que pretende visitar a região da lagoa para estudos botânicos. Eles nem sonham que vão estar ao lado do Imperador do Brasil.

- Você é um sujeito, meu Deus, mais maluco que conheço. Aliás, acredito que eu seja um dos poucos a conhecer esse seu lado, Pedro.

Ele riu muito da minha reação.

- Então, vamos? Vista-se com algo mais apropriado para esta viagem.

Assim, fui vestir-me com roupas emprestadas por pessoas do local, obtidas por Salustiano. Até facão na cintura eu coloquei. Parecia um autêntico gaúcho do interior. Pedro, por sua vez, estava com roupas mais leves, caracterizando-se do personagem que vendeu: um naturalista.

Depois de ficarmos prontos, era quase dez horas da manhã quando partimos a cavalo até uma pequena aldeia de pescadores, onde um barco nos esperava. Era uma espécie de traineira, muito pequena, talvez com capacidade para cinco pessoas. Eu e Pedro, junto com Salustiano apeamos e fomos na direção de uns casebres situados à beira d'água. Lá estavam os homens contatados pelo soldado que nos levariam até o famoso Cemitério de Navios.

Tudo já estava pronto e estávamos para embarcar, quando escutamos um estampido, que parecia não vir de muito longe.

Parecia o tiro de um mosquete. Também escutei um leve zunido e não percebi que era da bala atirada na nossa direção.

- O que foi isso? - Disse Pedro, olhando para Salustiano.

De repente, outro estampido, só que desta vez a bala acertou a proa da embarcação, muito próximo do Imperador.

- São tiros! Protejam-se - gritou o soldado que, rapidamente, pegou Pedro pelo braço e o levou atrás de uma pequena casa de madeira, situada no atracadouro local.

Eu também corri para este local seguro, sem entender muito que acontecia. Nisso, Salustiano já tinha sacado seu revólver e estava pronto para combater, com quem fosse o misterioso agressor.

- Quem poderia ser? E por que motivo essa pessoa estaria atirando em nós? - indagou-se Pedro, com os olhos arregalados.

O lugar estava em silêncio. Os moradores da pequena aldeia se colocaram para dentro de suas casas. Salustiano disse acreditar ser apenas uma pessoa, em função do tempo de cada disparo.

- Não deve ser mais do que um. Senão haveria muito mais tiros na nossa direção. E pelo tempo entre os dois tiros, eu penso que esta pessoa ou demorou para carregar a arma, ou trouxe duas e demorou para trocar.

Salustiano se lamentou de não ter levado também um mosquete ou mesmo um arcabuz. Mas o fez para não chamar a atenção dos pescadores. Assim, preferiu o revólver, bem mais discreto.

- O que fazemos agora? - disse eu, preocupado com a situação.

- O melhor a fazer agora é esquecer este passeio e voltar para a Vila, onde poderemos nos organizar para entender melhor o que está

acontecendo. - disse o soldado

- Será que é um atentado contra o Imperador? - eu retruquei

- Não pode ser! Quem saberia, além de nós dois e de Paulo, que estaríamos aqui, à paisana, empreendendo esta viagem até o Cemitério de Navios? Pode ser que alguém tenha nos confundido, sei lá, com algum inimigo. Afinal, ainda tem muita gente com a imagem da guerra que aconteceu nesta província, há tão pouco tempo. E esse alguém pode estar meio maluco...

A tese de Pedro não fazia muito sentido, mas não poderia ser totalmente descartada. A guerra produz em muitas pessoas certos delírios persecutórios. Talvez a pessoa tenha visto forasteiros por aqui e acreditou que pudesse ser batedores pesquisando a região para tomá-la de assalto.

Àquela altura os homens contratados para a viagem haviam desaparecido. Só restava, então, pegar os cavalos que, graças a Deus não haviam fugido, apesar de terem ficado assustados e arredios, e partir dali o mais rápido possível. E foi o que fizemos, disparando pela estrada que dava à Vila de Rio Grande.

Ao chegarmos, são e salvos, até a residência que servia de abrigo ao Imperador, fomos recepcionados pelo mordomo Paulo, que não entendia a volta tão repentina.

- O que aconteceu, Majestade? Vocês praticamente acabaram de sair daqui!

- Acho que sofri um atentado! - disse Pedro, ligeiramente indignado.

- Valha-me Deus! - soltou o mordomo

- Calma, amigos, não vamos nos precipitar. Não sabemos o que foi. Não têm lógica um atentado ao Imperador, ainda mais quando estávamos em nossa aventura secreta.

Pedro ficou pensativo. E logo depois decidiu não repercutir o caso.

- Vamos ficar todos calados quanto ao que aconteceu. Não há motivos para entrarmos em pânico. Você, meu amigo - Pedro apontou na minha direção - não vai escrever nada disso em seus relatos...

- Pedro, pelo amor de Deus, o que acontece em nossas saídas é um segredo de Estado! Imagina? Se eu fosse narrar nos meus relatórios para o jornal sobre o que aconteceu em Desterro?

- Vou pedir a Salustiano que chame Damião e ambos vão investigar o que aconteceu na aldeia dos pescadores. Aliás, Salustiano, leve consigo mais três soldados. Não entre em detalhes sobre o que vão fazer. Pegue três homens que não façam muitas perguntas. - ordenou Pedro.

- Sim, Majestade! - disse Salustiano, que logo deixou a todos para cumprir a missão.

- Meu amigo, se você queria emoção, pode acreditar que encontrou uma que não esperava. - disse eu, com leve tom de zombaria.

- Engraçadinho, tu! Vamos, vamos nos trocar e tomar alguma coisa no salão da casa.

E lá fomos nós, passar o resto do dia em compromissos nada aventureiros.

Rio Grande, 15 de novembro de 1845

Acordei com um pouco de ressaca e dor de cabeça, acredito que de tanto pensar no que poderia ter acontecido. Estava também ansioso para saber o resultado das investigações de Salustiano e Damião. Assim, logo tomei o café da manhã e rumei para o local onde Suas Majestades estavam hospedados. Havia uma agenda a ser cumprida no Rio Grande, e o Imperador parecia estar muito aborrecido. Aproveitei para conversar quando ele estava sozinho, antes de tomar a seges que o levaria até a Alfândega da cidade.

- Bom dia, Majestade. Temos notícias daquele caso de ontem? - disse disfarçando para não correr o risco de ser ouvido por algum curioso nas redondezas.

- Infelizmente nada conclusivo. Salustiano ouviu alguns moradores locais que disseram ter visto o sujeito que cometeu aquilo que você sabe. E alegaram que não era uma pessoa da comunidade deles. Que era um estranho. E isso me deixa preocupado.

- Imagino - respondi

- De qualquer forma, não quero criar alarde, principalmente com minha esposa. Então, pedi a Salustiano apenas que reforçasse minha segurança, de forma muito discreta, espalhando os soldados de minha guarda pessoal em lugares estratégicos durante minhas passagens.

- Muito providencial, Majestade.

- Bom, meu amigo, agora não é hora de ficar tenso. Vou cumprir as agendas conforme o script e tentar ficar calmo.

- Conte comigo no que precisar - me coloquei à disposição. Agora era hora de voltar a ser o correspondente do jornal e escrever cada passo oficial dos Imperadores em sua jornada pelas províncias do Sul.

O dia transcorreu sem nenhum compromisso importante. Esqueciame de dizer que, sabendo Sua Majestade quais eram os desejos que tinha oficialidade do brigue inglês Grecian de entrar esta barra, mandou rebocá-lo pelo vapor Paquete do Norte, cujo imediato, o tenente Manoel Moreira, aqui o trouxe sem novidade, não se atrevendo os práticos da barra a tal feito.

O Imperador visitou, então, a alfandega, a tesouraria e a casa de caridade. Examinando os respectivos livros, fez à última a doação de 10:000$, e a Imperatriz de 1:200$, tal como o fizeram em Santa Catharina. Pediu para examinar a planta do novo hospital que se projetava edificar, talvez com vistas de lhe lançar a primeira pedra, sabendo que fora exposto um menino no mesmo dia de sua chegada, declarou querer servir-lhe de padrinho de batismo.

Os oficiais da marinha nacional estão cada vez mais penhorados do modo porque são tratados por Suas Majestades. Em geral são eles dignos da benevolência do monarca, por serem dotados de conduta exemplar e excelentes maneiras. O almirante acompanha quase sempre Suas Majestades em seus passeios, levando consigo alguns oficiais.

Os passageiros do vapor Imperador ficaram assaz penhorados pela delicadeza com que a todos tratou o capitão-tenente Lamego e seus subalternos, e dos comandantes dos outros vasos da esquadra tenho ouvido fazer iguais elogios.

Já na parte da noite foram Suas Majestades ao teatro. Numeroso concurso de pessoas acompanhou-os até a entrada. Eles gostaram tanto da peça, que a assistiram duas vezes. Assim, o dia transcorreu com a aparente tranquilidade desta viagem.

Rio Grande, 16 de novembro de 1845

Suas Majestades continuam a passar sem alteração em sua preciosa saúde. Parece mesmo que a Imperatriz a goza atualmente de saúde melhor do que estava ao sair do Rio de Janeiro, pois está mais nutrida e vigorosa. A população desta cidade, sempre ansiosa de gozar da presença dos soberanos, apinhou-se nas ruas de onde tinham de passar Suas Majestades acompanhando-as em longa procissão. À noite, por incrível que pareça, eles voltaram ao teatro, para assistir novamente a peça. Desta vez, como da primeira que Suas Majestades ali foram, já de véspera estavam tomados todos os bilhetes. E a companhia teve mesmo a muito honrosa lembrança de vender talvez o duplo de bilhetes de entrada para cadeiras e gerais! Tiveram bons mestres estes meninos.

Aproveitando-se da permissão concedida por Sua Majestade a Imperatriz, muitas famílias têm-lhe visitado, voltando todas penhoradas da afabilidade com que a virtuosa princesa as recebe e trata, como se fossem de há tempos conhecidas, falando a todos com suma familiaridade, e informando-se do que possa interessar à sua ilustrada curiosidade, ou dar prazer às suas visitas.

Não havendo mais o que ver nesta cidade, fizeram Suas Majestades, à tarde, um extenso passeio de légua e meia, chegando até ao lugar em que se acha a charqueada de José Luiz da Silva, passeio pouco agradável à vista e ao olfato, que só encontraram ossada no campo e exalação de graxa, que se fabricava então. No campo nem tudo são flores.

À noite acenderam-se todas as iluminações. Notei, porém, que não eram visitadas com o furor com que soem sê-lo no Rio de Janeiro. Pouco habituadas a sair de suas casas, as famílias desta cidade contentam-se com um só passeio; nem mesmo as belíssimas peças de música executadas pelas bandas militares postadas em coretos ao longo da vila. Maravilham-se moradores da terra sobre a serenidade do tempo; nem chuvas, nem ventos fortes tem perturbado o gozo das festas, o que, segundo eles, é raríssimo aqui, onde esses dois elementos reinam alternadamente, quando não andam de parceria. Ainda assim, tenho às vezes vontade de cantar.

Pelo que vejo, concluo que não são por cá muito comum as assembleias e os saraus. Aos habitantes da capital domina-se o espírito comercial. Durante o dia cuida cada um de fazer passar para as suas algibeiras o que anda pelas dos outros, e quando, ao cair da noite se despendem desta ofegosa tarefa, é no lar doméstico que, a sós, combinam novos meios de ataques para o seguinte dia. A este quase isolamento em que vivem as famílias, deve ser atribuído o pouco desembaraço que se nota nas senhoras, que não tem habitado por algum tempo outros lugares de mais sociabilidade. Nem mesmo merece grande solicitude dos pais a educação das filhas, quero falar daquela educação a que se dá o nome de prendas. Tudo está em haver dinheiro com que as dotem, que maridos lhes não faltarão e senão, que o diga o experimentado Tolentino:

<dinheiro, invicto dinheiro,
Só em ti é que me fundo;
Tens o direito da força,
Es o tirano do mundo.>

Não terminarei estas minhas observações, em si muito inocentes, sem lhes acrescentar uma, que, se os leitores do Jornal do Commercio se não benzerem antes de lê-la ficarão todos de queixo à banda: ei-la sentido, aí vai ela: - A muito rica e populosa cidade do Rio Grande de S. Pedro do Sul não tem um só lampião que à noite dê um raio de luz a quem passar por suas longas ruas!!! Que não é porque faltam meios aos cofres provinciais, penso não ser preciso dizê-lo a quem pode muito facilmente saber que avultadas são as rendas da província. Só pela alfandega desta cidade arrecadam-se mensalmente mais de 25 000 $ os quais, junto aos outros ramos de receita bem administrados, dariam com que se não forçasse a imensa população estrangeira aqui existente a se deixar com as galinhas, a fim de se não expor a jogar a cabra cega por essas ruas. A cidade do Desterro, em Santa Catharina, apesar da pequenez de seu comercio, está iluminada, senão com as de primeira ordem, ao menos quanto basta para que se possa andar à noite sem o perigo de dar com a testa de encontro a alguma esquina. Quando digo que aqui não há um só lampião, entenda se que não tomo este

termo por sinônimo de lamparinas, pois se assim fora, me exporia a ser desmentido, sabendo-se que em toda esta cidade há duas lamparinas com honras de lampião.

Suas Majestades dignaram-se servir de padrinhos ao menino de que falei anteriormente, exposto na casa da Misericórdia no dia em que aqui chegaram, sendo o sacramento administrado pelo bispo capelão-mor. Na mesma ocasião foi mais batizado com os mesmos padrinhos um sobrinho do guarda-roupa e comendador João Francisco Vieira Braga, sendo em seguida crismados o pai e o oficial de secretaria José Severiano da Rocha. Mais vale tarde do que nunca.

Aprecio em alto grau a virtude da caridade: exercitam-na quotidianamente os soberanos brasileiros, com louvor seu e proveito da desvalida humanidade; confesso, porém, que já não vou gostando do espetáculo que a toda a hora oferecem as escadas e primeiras salas da imperial residência. Não há pessoa, por mais suja que seja, que, em podendo subtrair-se às vistas de seus senhores, perca a ocasião de se incorporar à turba de pedintes que lotam o saguão e lugares mencionados. Entre os verdadeiros necessitados metem-se mulheres medias e rechonchudas, e ali estão horas e horas à espera de sua vez. Não chora o dinheiro que se lhes dá, lastima que vão elas ocupar lugares que deixa vazios a pobreza honesta e vergonhosa. Ainda há dois dias entrou uma escrava esfarrapada a pedir ao imperador dinheiro para sua liberdade; e se a guarda quis vedar o ingresso - aqui Sua Majestade contesta e fala a todos e a toda a hora.

Rio Grande, 17 de novembro de 1845

Hoje foram Suas Majestades passar o dia na Ilha dos Marinheiros, fronteira a esta cidade. Fatigados da aridez do terreno que circunda a cidade, acham os olhos muito prazer na contemplação das poucas árvores plantadas nessa ilha; e, pois, é nela que se encontram algumas habitações abrigadas por essas filhas da terra, formando o que por aqui substituem com o mesmo nome as chácaras do Rio de Janeiro. Suas Majestades quiseram montar a cavalo logo que saltaram em terra; impediu-lhes, porém o calor que fazia, apesar de estar o dia anuviado. Jantaram na casa do cidadão João de Miranda Ribeira, que os fez servir como a quem são; à tarde passearam algumas chácaras, encontrando-se em todas elas bem servidas mesas com refrescos e doces, com que seus proprietários esperavam obsequiar a Suas Majestades e a sua comitiva.

Antes da viagem, porém, assistiram ao Te-Deum que na igreja fez cantar a mesa ou irmãos mesários da ordem Terceira do Carmo. E, pois, que falei de igrejas, não calarei minha admiração pela pequenez e pobreza das três que há nesta cidade. Sei que há três porque me disseram; duas, a matriz e S. Francisco, parece que nasceram gêmeas, pegadas pelos fundos!

Tive a curiosidade de ir examinar a raridade em que se mais fala nesta terra: João Marinheiro. Este senhor é dono de três quartas partes da cidade, e tem uma fortuna capaz de o fazer pontífice, se é certo o dito do poeta: < Quem dinheiro tiver pode ser papa.> O sujeito vive como quem quer duplicar de fortuna, e não morrerá de indigestões, segundo a crença dos melhores facultativos. Tem estatura regular, tez crestada, olhos e faces encovados e lábios finos, evidentes sinais de cobiça; veste sempre com a maior singeleza, creio, porém, que não chega àquele que no Rio de Janeiro calça o calçado com o barbante de tabocas de joguetes, apanhados depois de queimados.

Depois do retorno da Ilha dos Marinheiros, aconteceu no paço uma sonata dada por uma senhora espanhola e algumas moças, creio que suas discípulas de canto, acompanhadas pelo violonista Robbio. Não tive a honra de assistir a ela, por isto não sei

como se saíram. Sei, porém, que foi divertido o baile que se deu na vila de S. José do Norte, a Sra. D. Maria de Sá Araújo e seus filhos, os mesmo em cuja casa se hospedaram Suas Majestades. O Sr. Dr. Jobim foi pelo Imperador encarregado de entregar à dita senhora uma caixa de tabaco, a mais rica que se tem dado até agora, pois tem sob a coroa imperial enlaçadas as letras - P - e - T e nos ângulos da tampa quatro ricos brilhantes maiores do que os que formam a coroa e a rubrica; e da parte da Imperatriz um rico par de brincos de brilhantes.

O mau tempo que fez nessa tarde, contudo, impediu que desta cidade fossem todos os convidados; e, todavia, numerosa esteve a companhia, constando de cerca de 250 pessoas, sendo 108 senhoras, algumas das quais muito interessantes. Fazendo hoje mais justiça às áreas daquela vila, devo confessar que já as não achei tão úmidas; e que produzem com os mais belos cravos algumas daquelas flores atiradas por Vênus aos navegantes portugueses que tiveram a ventura de acompanhar Vasco da Gama aos mares da Índia, quando de volta deram com o nariz na ilha Graciosa, e das quais fala Camões, fazendo vir água à boca... O baile findou com a noite.

Ouço geral clamor contra a Praticagem da barra deste porto. Homens há que deixaram a vida marítima para se não sujeitarem às forças caudinas dos Srs. práticos. Pesadíssimo tributo lhes paga o comercio, e ainda assim o servem mal e a más horas. há quem os acuse de coniventes com casas comerciais desta praça, para a entrada de cujos navios há sempre água na barra, enquanto falta para as dos outros. A este respeito referem um dito de um destes que se gabava de trazer a água da barra em sua algibeira. Com o Grecian aconteceu o que se repete quase todos os dias: não o quiseram fazer entrar com o pretexto de falta de água para que se não soubesse que a há para navios de sua lotação, e o comandante já se fazia na volta do mar, quando alcançou o Paquete do Norte, cujo imediato, o tenente Manoel Moreira da Silva, sendo muito conhecedor da barra aqui o trouxe com muita satisfação da respectiva oficialidade, a despeito dos protestos e carantonhas dos práticos da barra. Toda a esperança do comercio circunspecto está posta nas capitanias dos portos, criadas para acabar com essas trampolinas.

A cadeia da cidade é também um edifício (se tal nome lhe cabe) muito ordinário. O que está sofrível em relação com as necessidades é o cemitério, situado fora da cidade, próximo ao mar, olhando para a barra. Consta de uma pequena capela encerrada por uma muralha alta, com catacumbas em duas de suas paredes paralelas. Os menos abastados ou pobres são sepultados no chão, e nenhum moimento, por simples que seja, indica o repouso dos que ali jazem espalhados; apenas na porta de algumas das catacumbas lê-se, escrito sobre a cal, ou em algum papel, os nomes dos que elas contêm; porém isto mesmo desaparecerá quando outros inquilinos os tiverem de substituir.

O ministro do império propôs hoje às pessoas mais abastadas da cidade a criação nesta província de um hospício para educação de órfãs desvalidas, sustentado com o produto da renda de subscrições que agenciará em toda a província, e já diversas assinaturas apareceram de três, dois e um conto de réis. Comemorará este estabelecimento a visita do Imperador. Doze dos subscritores de maiores quantias formarão o conselho para organização dos estatutos, sendo mui provável que aceitem os que lhes oferece o ministro, fruto da caridade e lucubrações do finado bispo do Rio de Janeiro. É esta uma das maiores necessidades da província, pois que pode se dizer que não há fora de Porto Alegre nenhum estabelecimento de educação elementar para os meninos de um e outro sexo.

Se houver resolução em contrário, embarcar-se-ão Suas Majestades amanhã ás 9horas, dirigir-se-ão ao Norte, onde o Imperador visitará o Grecian, e às 11horas largarão as barcas Imperatriz e Paquete do Norte para Porto Alegre. A bordo da última irão o bispo capelão-mór e as pessoas que acompanham a Corte sem, todavia, estarem ligadas a ela.

Seria agora ocasião de referir alguns fatos e anedotas que sempre ocorrem por ocasiões de tais viagens; tenho, porém, conhecidos que ainda por cá se não tomam lições da mestra tolerância, e desde mui tenra idade tão inexprimível amor consagro à minha peleia, que a não posso expor a leilão - para quem mais der -. Contentem-se com o que lhes deixo dito.

Porto Alegre, 24 de novembro de 1845

No dia 21 do corrente, às 8 horas da manhã, estando já os habitantes desta cidades ansiosos por ouvir os tiros de canhão, que anunciassem a proximidade de Suas Majestades a este porto, foram eles dados logo depois da mencionada hora; e apenas estes se deram, e as girandolas que em terra subiram aos ares, deram a confirmação de tão agradável e desejada noticia; alegria, contentamento e prazer se divisava em cada um dos Porto-Alegrenses e dos muitos cidadãos que a esta capital tinham vindo para partilharem o prazer de ver as augustas pessoas, e com seu contingente concorrerem para solenizar o recebimento desses garantidores da felicidade do Brasil, desses dois seres a quem os brasileiros já devem impagáveis benefícios. Anunciada a proximidade do vapor que conduzia Suas Majestades, apareceu este logo depois das nove horas, cá sua chegada a este porto salvaram as embarcações de guerra, que com os mercantes formavam comprida linha, e todas se embandeiraram. Fundeado o vapor que conduzia os augustos visitantes, foi a bordo o Sr. Dr. Magalhães, secretario do governo, e o Sr. brigadeiro Fernandes, commandante da guarnição, a fim de (segundo o programa dado pelo Exmo. Sr. presidente da província, que tanto se esmerou para que toda a possível pompa tivesse lugar em tão aprazível ocasião) receberem as convenientes ordens de S. Majestade. Determinado fazer o desembarque ao meio-dia: e então foram a bordo os magistrados desta cidade, todos vestidos de casaca e calção de veludo, e o Sr. comendador José Thomaz de Lima, inspetor da alfandega, vestido com o uniforme de guarda nacional de infantaria, de que é major; voltando estes, foi a câmara municipal também cumprimentar as imperiais pessoas, apresentando-se com o competente vestuário feito, não só com gosto, mas até com luxo.

Todos estes cidadãos que primeiros que os demais tiveram o subido prazer de ver o monarca brasileiro, e a sublime honra de beijar sua imperial mão, mais que contentes se apresentarão entre o grande número de cidadãos que se achava no trapiche da alfandega, onde Suas Majestades haviam de desembarcar, dizendo que com toda a urbanidade haviam sido recebidos pelo Imperador,

e que este, lhano e carinhoso, possuía a dom de atrair os corações daqueles que tinham a honra de lhe falar.

Se grande entusiasmo havia nos leais e valorosos Porto Alegrenses, este entusiasmo chegou ao infinito, e cada minuto de demora era para todos um ano de desprazer.

No intervalo que decorreu desde a noticia da proximidade de Suas Majestades até às 11 horas, reuniu-se a força destinada para a guarda de palácio, composta de guardas nacionais, que, apesar de ser muito recente a sua criação, se apresentou asseada, luzida e digna de elogio: e colocou-se nos lugares designados toda a tropa aqui existente, e esta vista de per si agradável se tornava ainda mais pelo grande numero de madamíssimo que, saindo dos lugares por onde não passariam os augustos visitantes, irão abrilhantar as ruas onde pudessem partilhar o prazer de ver com seus próprios olhos as prezadas pessoas, que, sem terem sido vistas, já ocupavam desde muito o mais distinto lugar em seus corações.

Ao meio dia, ao som de salvas dos barcos de guerra, desembarcaram do vapor Suas Majestades, e seguiram na galeota para o trapiche da alfandega, sendo estas salvas do mar correspondidas pela artilharia de terra, cujo corpo se achava postado em frente à alfandega, e que pelo asseio e garbo com que se apresentou, muito e muito abona a capacidade de seu distinto comandante o Sr. coronel Francisco Antônio da Silva Bittencourt, e por grande numero de foguetes soltos e girandolas que aturdiam os ares.

Chegando a galeota ao trapiche, e tendo Suas Majestades subido as escadas do formoso, elegante e assaz pomposo templo, ali levantado para este fim, foram Suas Majestades recebidos debaixo do pálio, cujas varas eram sustentadas pelos membros da câmara municipal, e nesta ocasião o presidente da mesma, o Sr. Dr. Luiz da Silva Flores, tendo em sua mão uma salva de prata dourada ou de ouro, que continha a bem trabalhada chave da cidade, recitou entregando a Sua Majestade, o seguinte discurso:

Senhor - A honra que recebo em entregar a V. M. a chave desta leal e valorosa cidade me impõe o lisonjeiro dever de repetir de viva voz a VV. MM. II., a expressão de todos os sentimentos

de jubilo e entusiasmo de seus habitantes, que, singularmente penhorados pela honrosa visita que VV. MM. II. se dignaram de liberalizar-lhes, me encarregam da elevada missão de apresentar a VV. MM. II. as mais profundas homenagens de sua gratidão. Eu me glorio de tão insigne honra, e suplico a VV. MM. II. a graça de lhes beijar as augustas mãos.

Findo este discurso Sua Majestade, tendo recebido a oferta da chave da cidade, dignou-se responder de uma maneira satisfatória, causando cada uma de suas palavras prazer, contentamento e entusiasmo.

Findo este respeitoso ato, a mimosa e sumamente hábil e expedita jovem porto-alegrense D. Francisca Lara Riper, colocando-se em frente a Suas Majestades, recitou com energia, com graça e com entusiasmo não possível de explicar o seguinte discurso, acompanhado da oferta de um ramalhete de flores, cujos pés estavam enrolados em floco branco com um tope de fita da mesma cor, com o dístico - Amor e Gratidão -, bordado de ouro.

<Augusta e magnânima Senhora, mãe de todas estas jovens minhas companheiras que me conferiram a honra incomparável de por elas beijar-vos a destra; relevai benigna a nossa tenra idade, e a ousadia de oferecer-vos este ramalhete de flores escolhidas em nossos jardins, com ele vos oferecemos também os nossos corações palpitantes de prazer e de amor, e tão arroubados neste momento solene que de bom grado se lançariam a vossos pés. O céu começa a sorrir-se para nós, e toda a ventura excede a favor de vossa visita. Nós vos saudamos; e possuídas do santo Amor e da santa gratidão, rogamos a Deus pela vossa vida, pela do vosso augusto esposo, que, a vosso lado vem hoje abrir as portas de um futuro de felicidades para esta província de seu Império, e pela vida enfim do Príncipe Imperial, primeiro e abençoado fruto do vosso venturoso casamento, e que nunca no meio de nós possa o mais leve desgosto perturbar a serenidade dos vossos precisos dias. >

Acabado este discurso, Sua Majestade dignou-se dar sinais de sua gratidão, e Sua Majestade a Imperatriz dignou-se apertar a mão da espirituosa jovem, cujo entusiasmo a muitos circunstantes tanto sensibilizava, que, sem que tal sentissem, deixaram cair lagrimas de prazer.

Seguindo Suas Majestades pelo trapiche, que se achava perfeitissimamente ornado e tapetado, até a ponte fronteira da alfandega, e onde o Sr. comendador João Baptista da Silva Pereira nada dispensou que aformosear pudesse aquele lugar que primeiro seria visto pelas augustas pessoas. Que encontraram Suas Majestades? Ah! dizê-lo não basta para que ao longe se saiba qual a vista encantadora, e quais as alegres consequências de tão interessante ato! Seguindo, viram Suas Majestades, logo após de grande numero de prestantes defensores de seu Trono, de grande numero de empregados de diferentes repartições, e de cidadãos distintos que não se cansavam de repetir em altas vozes patrióticos e entusiasmados vivas; duas fileiras de inocentes jovens, duas alas de mimosas Porto Alegrenses em numero de mais de duzentas, que, frequentando as escolas nacionais, e um colégio particular, ali se apresentaram uniformemente com vestidos brancos com copo de cetim da mesma cor com guarnições verdes, e com os lindos cabelos transados e pendentes, tendo cada uma delas no braço uma cestinha cheia de flores, que, a proporção que vão passando Suas Majestades, com graça e amizade lh'as atiravam, dando-lhes assim, não só uma prova de seus sentimentos e dos patrióticos princípios com que são educadas, mas também uma razão para que com todo o fundamento se espere nas gerações vindouras uma considerável porção de cidadão amantes da pátria e dignos de atenção dos magnânimos monarcas que hoje tem os brasileiros a fortuna de possuir. O santo entusiasmo! Nunca, nunca, como no dia 21 do corrente, destes a conhecer tua imensa força! No meio do prazer, no centro da alegria, entre diversidade de interessantíssimos pensamentos, lágrimas fizeste derramar! Suspiros fizestes dar! E agora mesmo não permites que nossa pena continue! Sim, nós te obedecemos. Basta.

Logo que Suas Majestades saíram da porta da alfandega, nova multidão de foguetes, novos e amiudados vivas, geralmente pronunciados com toda a força, designavam que como que fora dos limites se achavam o patriótico entusiasmo da população porto-alegrense, que jamais faltando se de ver e de bendizer o excelso monarca e a nunca assaz louvada Imperatriz, distraindo-se de tudo,

em suas pessoas tinham a vista empregada; e para alivio do patriótico fogo que a inflamava, continuava de instante a instante a repetir em estrondosos vivas os presados nomes de Suas Majestades.

Em frente à alfandega estava, como já dissemos, o corpo de artilharia, que, logo que Suas Majestades, apareceram, deu uma nova salva. Estava do outro lado um grande piquete de cavalaria bem montado e fardado, e estavam as alas da tropa existente, constante do 2º 7º e 8º de caçadores, e o piquete de S. Ex., em alas desde a porta da alfandega até à Igreja matriz, indo pela rua de Bragança. O povo era em número mui considerável; as janelas de todas as casas estavam ornadas com colchas de seda que sobressaiam pelo asseio e limpeza das frentes, e dava a este belo realce ainda outro maior realce, o estarem as janelas apinhadas de madamíssimo, que, cumprimentando as augustas pessoas e atirando-lhes flores, eram constantemente obsequiadas com as gratas cortesias de Suas Majestades

Logo ao passar a calçada do Ouvidor estava o primeiro arco com bom gosto arranjado, de altura elevada e de largura proporcional; a cada lado deste, em uma tribuna, se achavam três jovens, que, ao passarem Suas Majestades II., lhes atiravam flores; neste arco, além das filas de tropa, se achavam na frente destas outras filas de jovens alunos que frequentam as escolas publicas de instrução primaria, e em grande número uniformemente vestidos.

Chegando à rua de Bragança, logo na entrada desta um outro elegante e pomposo arco se achava, bem como outro ao entrar na rua da Igreja, tendo cada um deles e mesmo número de jovens, que com balaios de flores ali esperavam os augustos visitantes.

Para que enfim em tudo e por tudo se manifestasse um entusiasmo não possível de descrever, e pouco fácil de acreditar, acresceu que neste grande giro em roda de parte da cidade, em muitos lugares, senhoras saindo de suas casas com salvas de flores se encontravam com Suas Majestades e, atirando-as, lhes beijavam as mãos, e se retiravam contentíssimas.

Chegando Suas Majestades Imperiais à igreja matriz, onde se achava a tribuna destinada para suas pessoas, teve lugar o hino Te-Deum Lau Damus , ao som de estrondosa e bem compassada

música, dirigida pelo incansável e professional Sr. Mendanha, e no fim deste uma oração análoga ao festivo objeto, que foi recitado pelo reverendo padre-mestre João de Santa Barbara, com aplauso dos ouvintes, lançando-se no fim porção de foguetes ao ar, e dando a artilharia nova salva.

Saindo Suas Majestades da igreja, fazendo-lhes o clero as devidas cerimônias como na entrada, foram debaixo do pálio até o paço, e subindo entraram para a sala pequena, onde, tirando o chapéu, Sua Majestade a Imperatriz se sentou para aliviar-se do cansaço que indubitavelmente lhe havia de causar tão longo e desacostumado caminhar, e aí achando-se o Exmo. Sr. presidente da província e algumas outras pessoas cuja posição social isso lhes permitia, pudemos observar quanto é afável, quanto é benigna, quanto é digna de todo o amor a virtuosa Imperatriz do Brasil.

Nesta sala por algum tempo se conservaram Suas Majestades, chegando Sua Majestade o Imperador à janela para ver a retirada da tropa, e aí o vimos ler o nosso número extraordinário, que nada contendo de eloquência, de sublime e de profundo, contém verdades que não admitem a mínima contestação.

Depois da retirada da tropa, achando-se o salão da entrada completamente cheio de cidadãos de todas as classes polidas da sociedade, e das jovens que o tinham acompanhado, dignaram-se Suas Majestades fazer a graça de permitir que tantos seus súbditos tivessem a honra de lhes beijar a mão. Findo o que, todos se retirarão.

Temos feito uma sucinta narração do recebimento feita a Suas Majestades nesta cidade de Porto Alegre; temos feito a narração de modo que, se peca por inexata, é porque diminuímos e não porque exageramos; pois, sem lançar mão de enfeites imaginários podemos dizer por ser essa nossa opinião, e porque está ela confirmada por muitos habitantes da cidade do Rio Grande, hoje nesta cidade, por diferente pessoas da comitiva de Suas Majestades, que nada mais se podia fazer; e que se em alguma outra parte houver todo o esmero, jamais nenhuma excedera a sumptuosidade desta capital. E se ainda alguém nos julgar suspeito, temos a declarar em nosso abono que a alegria e prazer que se divisava nos semblantes das

augustas pessoas, e a atenção com que encaravam os obséquios que se lhes faziam, davam a conhecer o apreço em que os tinham, pois bem sabido é que são olhos os denunciantes do coração.

Desta maneira se cumpriu o religioso dever dos súbditos para com o monarca: de tal modo satisfizeram os Porto Alegrenses os seus veementes desejos de fazer conhecer ao monarca seu acrisolado patriotismo e cordial amor; e de tal arte os fizeram tudo quanto o desejava o Exmo. presidente da província, que extremo amante do monarca, a ele sumamente grato desejava que tudo quanto possível fosse se fizesse, e assim se fez.

Tendo S. Ex. o Sr. presidente da província mandado aprontar o jantar para Sua Majestade, o qual foi encarregado ao hábil e experimentado Sr. Blegini, teve este toda a possível pompa, e Sua Majestade se dignou honrar com a permissão na mesa, além das diferentes pessoas de sua comitiva, ao Sr. brigadeiro Fernandes, commandante da guarnição e seus ajudantes d'ordens, os ajudantes d'ordens do Exmo. Sr. general em chefe conde de Caxias, o Sr. Dr. Magalhães, secretario do governo e os quatro oficiais que se achavam de guarda ao paço.

De noite todas as casas se iluminaram, fazendo-se o mesmo no brilhante templo, no trapiche, nos três já citados arcos, nos quarteis do 7º batalhão de caçadores; artilharia montada e corpo policial, havendo também uma elegante e vistosa iluminação no arsenal de guerra.

Em frente ao paço estava armado um não pequeno tablado, no qual apresentando se poção não pequena de jovens dirigidos pelo Sr. Cordeiro, todos vestidos com gosto e uniformidade, entretiveram a noite com variadas danças, e mereceu este divertimento o aplauso geral.

Assim se encheu o dia 21 de novembro, dia que segundo a vontade dos Porto Alegrenses, seria centuplicadamente maior; e satisfeito cada um se recolheu a sua casa, alegrando-se por ter conhecido que as provas que deram de jubilo e prazer foram recebidas com todo o agrado por Suas Majestades (Commercio.)

Rio Grande, 19 de novembro de 1845

No dia 17 do corrente, ainda não eram sete horas da manha a, já o nosso solicito e desvelado o Imperador achava-se na praça do mercado, a cavalo acompanhado pelos Exmos. ministro do império, presidente da província oficiais da caça imperial, passando revista ao 8º batalhão de caçadores, que seguiu para Porto Alegre, nos vapores Fluminense e a Amélia, e n'um iate, Sua Majestade ficou em extremo satisfeito pela boa ordem e disciplina que encontrou no batalhão, assistiu ao embarque, e dirigiu-se depois ao quartel do 4º batalhão de fuzileiros, que também revistou, assim como ao mesmo quartel e secretaria respectiva, tendo chegado ao ponto de comer parte da ração de um de seus soldados para fazer Ideia do tratamento que se lhes costuma dar. Ajuíze se por aí o zelo e interesse que mostra o nosso jovem monarca, com vinte anos incompletos, pelos súditos que arriscam a vida em defesa da pátria e do seu trono excelso! Imagine-se o elétrico exaltamento que produziu nos corações dos soldados esta ação que, ainda que simples na aparência, encerra premissas, cujas consequências revelam-nos o quadro de um ditoso porvir.

Porto Alegre, 26 de novembro de 1845

No dia 19 do corrente pelas 11 horas da manhã, o prior e mais irmãos da venerável ordem terceira carmelitana fez cantar na sua igreja, que se achava ricamente decorada, um solene Te-Deum, ao qual Suas Majestades, apesar do mau tempo que fazia, se dignarão assistir.

Estiveram presentes os Srs. Ministro do império, presidente da província, oficiais e damas que acompanharam Suas Majestades, a câmara municipal, as autoridades civis e militares, o corpo consular e grande número de cidadãos. Nesse ato religioso oficiou o Exmo. e Rev. bispo capelão-mor, conde de Irajá. Findo o Te-Deum, o Sr. Cônego Chaves fez uma agradável oração de graças.

Depois de Suas Majestades terem esguardado todos os lugares da igreja, voltaram ao paço acompanhados de todas as pessoas que assistirão ao Te-Deum, e do imenso concurso de gente que fora os esperava com ansiedade para participarem dessa honra.

À noite representou-se o bem aceito drama - Os últimos três dias de um sentenciado - a que Suas Majestades se dignaram assistir.

No dia 20, pelas 9 horas da manhã, saíram Suas Majestades, do paço, a cuja porta esperavam na forma das ordens, a câmara municipal com o palio, as autoridades civis e militares, o corpo consular e grande número de cidadãos, e dirigiram-se para o arsenal de marinha, no trapiche do qual deviam embarcar no vapor Paquete do Norte que próximo se achava.

No ato do embarque Suas Majestades com a maior afabilidade se despediram de todos os que tiveram a honra de os acompanhar. Esta despedida contristou todos os corações, e lagrimas de saudade borbulharam nos olhos dos mais sensíveis.

Uma salva de 21 tiros de artilharia na praça municipal, seguida por três descargas de mosquetaria anunciaram sua partida. Neste ato romperam vivas a Suas Majestades.

A câmara municipal, o corpo consular, as diferentes autoridades, empregados públicos e mais pessoas do lugar, fretando o vapor Rio Grandense, nele, com a música do 4º batalhão de fuzileiros, acompanharam o vapor Paquete do Norte.

Chegando ao porto da muito heroica Villa do Norte, tiveram lugar outras salvas de artilharia dos diferentes navios que ali estavam ancorados. Imediatamente galeota do brigue de guerra inglês Grecian, atracou ao vapor Paquete do Norte; Suas Majestades passando-se para ela foram a bordo do mencionado brigue, onde seu commandante, o Sr. Alexandre Montgomery, preparara com bastante decência alguns refrescos e os ofereceu aos augustos consortes, que se dignaram aceitar. Ao passar a galeota pelo vapor Rio Grandense, romperam repetidos vivas a Suas Majestades e ao sereníssimo Príncipe imperial.

Passaram se depois Suas Majestades na mesma galeota para o vapor Imperatriz, e nesta ocasião houve salvas do brigue inglês e mais embarcações de guerra. Suas Majestades depois de se acharem no vapor Imperatriz, como dito fica, foram visitados pela câmara municipal daquela vila, pelas autoridades civis e militares, e por muitos cidadãos.

Ao meio-dia suspendeu o vapor Imperatriz, e se guio viagem para a capital da província com favorável vento.

Consta-nos que o mesmo que o comandante do Grecian acompanhara Suas Majestades e que o vapor Paquete do Norte seguira para o mesmo destino do Imperatriz.

Assim, depois de uma visita de dez dias, deixou esta cidade o monarca brasileiro e sua augusta e digna esposa. (Idem.)

Porto Alegre, 24 de novembro de 1845

Suas Majestades fizeram, sem o menos incômodo de suas augustas pessoas, a viagem do Rio Grande para esta cidade. Até à ponte do arsenal foram acompanhados pela câmara municipal e numeroso concurso de cidadãos de todas as categorias, recebendo em sua passagem para o embarque todas as honras que lhes são devidas, e da população em geral demonstrações de pesar pela pouca demora que ali fez a Corte. Algumas senhoras acompanharam-nos até à ponte, e muitas outras lançaram de suas janelas flores aos ilustres viajantes, ao mesmo tempo que lagrimas de amor e de saudade lhes inundavam as faces. A Corte e comitiva embarcou-se no Paquete do Norte às 9 horas e 10 minutos, e este seguiu logo para o ancoradouro do Grecian, que teve a honra de ser visitado por Suas Majestades, e cujo commandante, a convite do Imperador, acompanhou o até esta cidade a bordo do vapor Imperatriz, para onde todos se passaram depois da visita.

O Paquete do Norte recebeu ordem de se pôr a caminho para vir esperar o Imperatriz no Canguçu, porque se receava não houvesse nesta paragem suficiente água para a navegação desta barca; porém foi alcançado antes de ganhar o sítio mencionado, prosseguindo a Imperatriz sem o menor inconveniente.

Na saída do Estreito ou princípio da Lagoa dos Patos estava fundeada a escuna Jacuhy para servir da baliza do canal, e a canhoneira Parker guardava a ponta de Itapoã.

Não encontrando a Imperatriz o menor obstáculo, prosseguiu em sua derrota, enquanto o Paquete do Norte se arrastava lentamente, sem forças para se mover com a rapidez de sua capacidade, porquanto, em vez de carvão, recebeu pó no Rio Grande, e pó tão sutil, que, apenas era lançado nas fornalhas, precipitava-se logo pelas grades, e mal produzia a terça parte ou menos do vapor necessário para toda a força da máquina. Daqui procedeu que o Imperatriz teve de navegar a meia força desde que ao anoitecer perdeu de vista seu companheiro.

A Lagoa dos Patos foi atravessada em quase toda sua extensão durante a noite. Às 5 horas da manhã pairou a Imperatriz na ponta

da Itapoã, esperando que Sua Majestade subisse a tolda para gozar da belíssima perspectiva que deste ponto em diante oferecem as montanhas que bordam este caudaloso manancial do Guahyba, filho de cinco rios, e seguindo sempre em meia força, fundeou nesta porta às 8 e meia horas da manhã de 21. Não chegando o Paquete até ao meio-dia. Fez a Corte o seu desembarque, sentindo o Imperador não ser possível por mais tempo esperar o bispo, que vinha no Paquete, porquanto a tropa e o povo que em terra aguardavam o desembarque desde as 9 horas estavam expostos a intensíssimo calor. A ponte da alfandega foi o ponto destinado para o desembarque, e estava preparado com luxo e gosto. Mais de cem meninas vestidas de gala, igual numerosíssimo concurso de cidadãos que ali vieram receber os soberanos. Ouvidas as alocuções do presidente da câmara municipal e de uma das meninas, e recebida a chave da cidade, desfilou o préstito pelas longas ruas da Praia, Bragança e da Igreja, nas quais estavam levantados areos com que a população desta capital significava sua gratidão à visita do monarca e sua graciosa esposa. Durante o trajeto, saíram muitas senhoras a lançarem flores sobre e augusto par, enquanto os ares eram aturdidos pelo estrondo da artilharia, das girandolas e dos vivas à família imperial. A essa hora dardejava o sol com tal força, que muito era de recear pela saúde da imensa multidão, que, descoberta, compunha o préstito ou se apinhava-nos lugares de sua passagem; e como o caminho a fazer-se antes de chegar ao tempo fosse longuíssimo mesmo para as pessoas habituadas a andar a pé, é fácil de presumir-se a fadiga com que a Imperatriz o venceu, sendo de mais a mais muito irregular o calçamento das ruas e de subida incomoda a de Bragança. Todavia sua saúde e a de seu augusto esposo não sofreram, porque logo na manhã seguinte saíram a pé a visitar alguns dos sítios da cidade que melhores vistas d'olhos apresentam de seus lindíssimos arrabaldes.

O palácio da presidência foi de novo mobiliado para hospedar a Corte. O edifício é muito inferior ao do Rio Grande do Sul; mas está também mobiliada a casa da chácara do Dr. Travassos, para que sirva de casa de campo à Corte quando prefira ali estar.

Nas noites de 21 e 22 fizeram-se defronte de palácio danças de jardineiros, estando bem ensaiados e vestidos os meninos que as executaram: devia ter ontem lugar a corrida de cavalhadas; mas não o permitiu a chuva, e recorreu-se então ao teatro, onde a população recebeu Suas Majestades com o maior fervor do entusiasmo, recitando o secretario do governo Magalhães uma ode e outra um oficial militar de nome Lara.

Antes de ontem à tarde fizeram Suas Majestades mui extenso passeio a cavalo, acompanhados das pessoas de sua comitiva, do conde e seu estado maior, e da luzida guarda de lanceiros organizada para acompanhar o Imperador em seus passeios e viagens do interior.

Disse que lindíssimos são os arrabaldes desta capital, e não fiz mais do que repetir o que antes de mim disseram quantos tem visitado Porto Alegre. A várzea compõe-se de extensa planície cercada de montanhas pouco elevadas, cobertas de chácaras; n'uma destas montanhas esta edificada a cidade, tendo saída para a espaçosa enseada do rio, de cuja margem, todavia está separada por habitações e chácaras. Em seu centro está levantado o circo para as cavalhadas, contendo este um camarim destinado a corte, camarotes feitos a expensas das famílias que subscreveram para os festejos, e bancadas para os espectadores que se apresentarem decentemente vestidos. Ouço dizer que em três sucessivos domingos se farão corridas; falta se de touros e outros públicos divertimentos. A população despoja-se nas ruas logo que anoitece para gozar das iluminações da ponte da alfandega, arcos e aquartelamentos. Os batalhões que se não poderão aquartelar por falta de edifícios levantaram suas barracas de campanha na várzea, aumentando assim a beleza deste sítio.

Muitas famílias das povoações e estancias mais próximas afluíram à capital para gozarem da presença dos soberanos, e vejo que todas apreciam em muito a amabilidade e graça, com que eles de hora em hora mais conquistam o amor e devoção do seu povo.

A cidade tem seguramente duas mil casas, não poucas de muito valor: a guerra fez sustar na edificação, mas já começam, e para o Caminho Novo se estenderá. É atualmente muito difícil obter

uma casa, e, todavia, são os aluguéis mais cômodos do que no Rio Grande, onde regulam eles por 23 por cento mais do que no Rio de Janeiro, guardando todos os mais gêneros a mesma proporção senão maior!

Nenhum dos homens que nesta província capitanearam os dissidentes se apresentou até agora: Bento Gonçalves Neto, Canavarro etc. conservam-se por suas estancias: é, porém, de supor que o façam em breve, logo que lhes conste achar-se por aqui o clemente monarca que os recebeu como a filhos.

Chico Pedro, ou barão de Jacuhy, anda pela fronteira de observação a esses nossos bons vizinhos do sul.

Bento Manoel ainda não apareceu por cá.

O bispo fez antes de ontem a sua entrada na Igreja com as solenidades do estilo. Sua Majestade o Imperador deu ontem beija-mão, e foi numerosa a concorrência. Tanto Sua Majestade como sua augusta consorte se mostram mui satisfeitos da recepção que lhes fizeram os Porto Alegrenses. A Imperatriz continua a trajar com a maior simplicidade, de sorte que muito prazer tem dado aos pais e maridos, que eram aqui esmagados pelo tresloucado luxo de suas filhas e mulheres. Uma dessas para quem a vida encerra-se em belos veludos e brilhantes achou-se tão desapontada com a pobreza do traje da Imperatriz, que não pôde conter-se sem dizer: - Assim também é demais! - Quem sabe, disse-lhe um que a ouviu, se não é ela tão pobre que não possa trazer brilhantes? - A admirada entendeu o remoque, e retrucou que aqui as que menos podem são as que mais luxam, provocando as outras. Não sei devidamente apreciar esta observação: dou a pelo custo da fatura. Muito louvável, porém é a Imperatriz por este importante serviço que vai fazendo ao país.

A nova câmara municipal fez concluir a obra da casa do Mercado e projeta outras não menos necessárias à população. A meu ver, a que mais urgência requer é um chafariz: por ora todos bebem do rio; e por mais limpo que pareça, é sempre o deposito de despejos, lavadouros, ancoradouros etc. Nem em certas épocas, faz esta água, produzindo disenterias, que muitas vezes se tornam crônicas, segundo ouvi de médico; especialmente os forasteiros a não podem ou devem tomar simples.

O Paquete do Norte não fez sua viagem sem algum sinistro. Poucas horas depois de partir do Rio Grande ia um cabo degolando um marinheiro: deu-lhe um golpe no pescoço, ferindo-lhe a mão e ao mestre: e o que mais foi para sentir-se foi a perda do cozinheiro, escravo do imediato Manoel Moreira da Silva, o qual caiu ao mar a horas que se não pôde ver, achando-se lhe a roupa que lavava, e supondo-se que foi arrastado pela resistência que encontrou o balde com que tirava água.

Porto Alegre, 28 de novembro de 1845

Suas Majestades têm-se dignado passear a cavalo por diferentes lugares e imediações desta cidade, e cada vez que isto tem acontecido tem sido ocasião de prazer para aqueles que tem tido a fortuna de ver os objetos preciosos em que tem empregado todo o seu afeto. Nestes passeios tem Suas Majestades sido acompanhados pelas pessoas de sua comitiva e pelo Exmo. presidente da província.

Na terça feira teve, pela primeira vez, lugar o pomposo divertimento das cavalhadas na Várzea, junto a esta cidade, onde se tinha preparado um magnifico anfiteatro, contendo além das extensas bancadas, mais de 200 camarotes, e neste lugar se reuniu mais de 5000 pessoas de ambos os sexos. À chegada de Suas Majestades ao anfiteatro girandolas subiram ao ar, e após estas também subiam milhares de vozes patrióticas, dizendo: viva Suas Majestades

Vinte e quatro figuras ricamente vestidas e montadas em soberbos cavalos, bem ornados, compuseram este brilhante entretenimento, que bastante agradou às augustas pessoas a quem foi dedicado.

As ofertas feitas pelos cavaleiros obtiveram generoso agradecimento.

Sua Majestade o Imperador agradeceu a dois com dois alfinetes de brilhantes, e Sua Majestade a Imperatriz a outro com um anel de brilhantes, sendo também outros brindados por diferentes pessoas da comitiva imperial com brilhantes e peças de ouro.

Com alegria começou tão grandioso espetáculo, e com alegria ele fincou, retirando-se Suas Majestades ao pôr do sol.

Porto Alegre, 1 de dezembro de 1845

Suas Majestades não cessão de fazer contínuos atos de beneficência. Nas audiências de Sua Majestade o Imperador tem comparecido muitos pobres; e estes não se retiram sem serem socorridos.

Na quinta feira passada houve pela segunda vez o divertimento das cavalhadas: se o primeiro esteve brilhante por todos os motivos, a repetição excedeu o primeiro brilhantismo. Suas Majestades dignaram-se recompensar os cavaleiros, que tirando as argolinhas lhes foram oferecer.

Amanhã terá lugar um pomposo baile dado pelo Exmo. conde de Caxias a Suas Majestades, pelo fausto motivo de ser esse o aniversario natalício de Sua Majestade o Imperador. O baile será dado em casa com Sr. comendador Israel Soares de Paiva.

Para mais se tornar notável e beneficente a vinda de Suas Majestades a esta província, acha-se em projeto a edificação de um colégio de educandas. Para este fim tem sido convidado pelo Exmo. Sr. ministro do império as pessoas mais abastadas desta cidade. Parece-nos poder assegurar que não obstante as não lisonjeiras circunstâncias de nossos concidadãos, eles não só por ser tão digna a lembrança, como pela delicadeza com que são geralmente tratados pelo Exmo. Ministro, farão mais um esforço para que ainda mais dê a sobejas provas tem dado. Para se tratar deste objeto teve lugar uma conferência em casa do Exmo. Ministro, onde se reuniu o Exmo. Sr. conde de Caxias e o Sr. comendador João Baptista da Silva Pereira, que por sua prestabilidade constantemente se há distinguido.

Sua Majestade o Imperador, tendo passado na manhã de sábado pelas ruas desta cidade, foi ver o arsenal de guerra, visitou todas as oficinas, e atendendo às súplicas que lhe fizeram alguns mestres das oficinas, queixando-se do diminuto salário que percebiam, mandou aumentá-lo; e indo ver os menores que no mesmo arsenal são educados, estando estes em fileiras, a cada um deu a quantia de 5$000.

No sábado de noite Suas Majestades dignaram-se visitar as diferentes iluminações que constantemente hão sido acesas nesta

cidade desde o sempre lembrado dia de sua chegada. À proporção que Sua Majestade o Imperador, de braço com Sua Majestade a Imperatriz, ia caminhando, no ar estalava grande número de foguetes, os vivas soavam repetidamente, e o povo, largando suas casas, seguia as augustas pessoas.

Suas Majestades eram acompanhados pelo Exmo. Sr. ministro do Império, pelas pessoas da imperial comitiva, pelo Exmo. Sr. presidente da província e o seu quartel-general, e pelo Sr. brigadeiro comandante da guarnição.

Presidência da Província.

Tendo deliberado convocar a assembleia legislativa provincial para o dia 1º de março de 1846, na conformidade da lei provincial n. 1 de 27 de junho de 1835, assim o comunico a Vm. para que façam constar em todos os municípios da província.

Deus guarde a Vms. Palácio do governo em Porto Alegre, 24 de novembro de 1845. - Conde de Caxias. - Se. presidente e mais vereadores da câmara municipal desta cidade.

Fico inteirado do que essa câmara expende em seu ofício de 19 do corrente a respeito do projeto de abrir duas ruas que serão denominadas uma do - Imperador - e outra - da Imperatriz -, a fim de assim tornar ainda mais memorável a época da honrosa visita de Suas Majestades a esta capital; e autorizando a Vms. para levarem a efeito semelhante projeto, muito lhes louvo esta sua feliz lembrança.

Deus guarde a Vms. Palácio do governo em Porto Alegre, 24 de novembro de 1845. - Conde de Caxias. - Se. presidente e mais vereadores da câmara municipal desta cidade. (Idem)

Porto Alegre, 3 de dezembro de 1845

Se há diferença na preciosa saúde de Suas Majestades _é para melhor, pois os vejo, bem-dispostos e alegres, mostrarem-se em toda a parte onde os esperam públicos festejos. Raríssima é a manhã ou tarde em que o Imperador deixa de saída a cavalo, ou seja, acompanhado da Imperatriz e oficiais da Corte, ou seja somente do conde de Caxias e guarda de lanceiros de cavalaria; e sempre a galope, faz passeios de duas e mais léguas. Nem somente o prazer de distrair-se, visitando os arrabaldes da cidade, tem determinado estes passeios; alguns tiveram por fim a escolha do sítio azado para colocação do estabelecimento ou Colégio de educandas, de cujo projeto de criação falei em uma de minhas últimas cartas do Rio Grande, o qual em breve será uma das memorias mais salutares da visita de Sua Majestade o Imperador a esta província, pois é já crescida a soma subscrita para esta obra. O Painistra, do imperte fez antes de ontem em sua casa, sita na rua da Igreja, esquina da dos Pecados Mortais, uma reunião das pessoas mais abastadas, e lhes foi dizendo qual o seu fim: e, ou fosse filantropia, ou milagres da véspera de um dia em que graças haviam de ser feitas pelo monarca, o certo é que afrouxaram os cordões às bolsas, e uns quarenta contos de réis foram subscritos, side et in quantum, para serem realizados em prestações à medida que a obra do edifício ou as necessidades do estabelecimento em exercício o forem reclamando. A maior assinatura é do 6:000$ rs.

Dizem-me que um certo, a quem não tenho a honra de conhecer, aproveitou-se do ensejo para rebater uma dívida do Estado, daquelas chamadas de - exercícios findos -, que tantos julgam perdidas, dizem mais algumas más línguas (onde é que as não há?!...) que os despachos de graças que ontem tiveram lugar são a favor dos endossadores dessas letras sacadas em benefício das desvalidas órfãs; assim permita Deus que eles as satisfaçam, para que, mais cedo ou mais tarde, não recaía sobre os cofres públicos a manutenção de um estabelecimento criado com tão avultados fundos!

Estão corridas as cavalhadas: mouros e cristãos fizeram em duas tardes quanto em si esteve pelo triunfo do Crescente ou da Cruz de Redentor. Depois de muito se afadigarem, venceram os últimos, por aquela razão que o leão deu, quando viu seu semelhante pintado em um quadro, abatido pelo braço do homem: isto é, - não serem pintores os leões. - Grande foi a refrega: acabaram, porém, em santa Paz: nem mesmo haveria sangue, se um mouro se não ferisse com a própria lança.

Depois das evoluções de lanças, pistolas e espadas, investiram com a argolinha, e para aí quero eu os sustos, os desejos, e as malogradas esperanças de alguns. As primeiras foram, como deviam sê-lo oferecidas ao Imperador, à Imperatriz, e uma ao príncipe: outras couberam ao ministro, ao conde, às damas, ao veador José Maria Telno, ao cônego-capelão Sebastião Pinto do Rego, e a quem mais quiseram os corredores, os quais recebiam em troco joias de valor até 4:000$ rs., como as que se diz terem sido dadas por Suas Majestades

Para a terceira tarde estavam anunciados divertimentos mais variados, e que faziam vir água à boca de quem não conhece os usos dos donos da terra: cavalhadas corridas com os trajos de que usam as guascas no campo, ou em seus passeios à monarca os dândis rio-grandenses, touros, potros, laços, bolas, bugres, formavam o longo catálogo ou programa dos festejos dessa tarde. Às 3 horas pôs-se o povo a caminho para várzea, todas as casas abrirão suas portas para dar saída a sôfregas e sôfregos espectadores.

< E d'Eva eu filho,
<Pela culpa primeira aguilhoado,
< Fui também na criança tomar parte>
como penso se o exprimi o Se. Paulo José de Mello.

Apresentaram-se os cavaleiros, mascarados para não serem conhecidos, pois entre eles se achavam pessoas aqui mui distintas: traziam ceroulas compridas com largos crivos e franjas: um xale de seda em torno dos quadris faz o que aqui tem o nome de chiripá: cinto de couro, com bainhas para pistolas, jaqueta, chapéu, cor de

pelo de rato, de copa baixa, sem falar das fitas e outros enfeites de que se arreiam, etc.

Dançaram os bugres, escaramuçaram os cavaleiros, e a final ainda se tiraram as argolinhas com geral reprovação dos espectadores que nisto viam uma espécie de especulação: não sei se têm razão, lá se avenham.

Quanto a potros e touros, ficámos desapontados: trouxeram ao circo um potro que, ou por fraco e maçado, ou por envergonhado de se dar um espetáculo perante tão respeitável auditório, preferiu levar muita pancada a dar um só pulo, até que o despediram: de quatro ou cinco bois mansos, introduzidos com a mais boa fé do mundo como a gozarem do divertimento, foi um laçado, derribado e amarrado com um laço em cada pé, neste estado foi montado por um guasca, e, por desconfiado, deu o animal alguns trancos, e logo voltando se sobre a direita, fez a guasca voltar-se sobre a esquerda em cima da relva, ao som de estrondosa gargalhada: et ite, missa est ! acabou-se a cavalhada! e o povo de volta para a cidade, arrependido de se haver abalado com tanto calor para trazer os olhos cheio de pó.

Calcule-se agora enquanto orçam as despesas de tais divertimentos, e ver-se-á com pasmo que sobem a dezenas de contos de réis!

Os cavaleiros estavam ricamente vestidos: suas capas e outros adornos tinham custosos bordados de ouro: e alguns houve que fizeram pôr em seus turbantes preciosos brilhantes e outras pedras de grande valor.

A riqueza dos arreios não é menos fabulosa: freios, cabeçadas, rédeas, rabichos, peitorais, estribos e parte dos loros é tudo de prata, pesando alguns para mais de uma arroba! Vi chilenas (esporas, meus leitores do norte) com o peso de sete libras e meias. É o luxo dominante da província; a guasca não terá um patacão na algibeira, porém o cavalo traz arreios que orçam por 1:200$ rs., e às vezes mais: Se é pobre acaba de pedir esmola ao viajante, se, porém, ele quer tomar mate, apresenta-lhe ela em cuia, se não toda de prata ao menos chapeada: a bomba de certo o é, porém muitas vezes é ela o único traste herdado de seus maiores.

Outra paixão dominante é a corrida de cavalos. Quem possui um cavalo parelheiro invencível, tem a chave das minas do Potosí: trata-o a vinho e pão de ló (não há aqui a menor ficção), e conserva-o com o maior zelo.

No dia ajustado para corridas, vê-se chegar moradores de 10, 15 e mais léguas de distância, trazendo sob o ponche sacos de patacões ou de onças para o jogo da aposta. há senhores de cavalos parelheiros que tanto confiam neles, que fazem outros apostar, com a condição de guardarem o dinheiro caso de ganharem, e nada despender no caso contrário. A este respeito me referiram um fato que bem explica o que venho a dizer.

Um estancieiro, cujo nome não consentem seja publicado, tinha tanta confiança em seu cavalo, que n'uma corrida apostou toda a sua fortuna contra diversos apaixonados de outro cavalo. Estes, porém, com alguns contos de réis compraram a carreira ao filho do estancieiro incumbido de correr no cavalo de seu pai: e aí temos um pai reduzido a miséria pelo filho que sem dúvida ignorava o quantum das apostas feitas por aquele! É preciso conhecer de perto as paixões ou gostos de certos povos para crerem-se fatos desta natureza.

O Imperador designou dois dias da semana para audiências publicas, e a cada uma delas concorre tal multidão como em dia de cortejo. Era de esperar crescido número de requerentes; porém duas partes dos que se apresentam fazem-no como por pagode. Uma viuvinha estava no saguão de palácio com um filhinho ao lado, para cuja educação, dizia, ela, pedira uma pensão, acrescentando que se lh'a não era feia: o que, em linguagem vernácula, quer dizer que... não se acobardará, trabalhará... trabalhará... enquanto tiver belos braços e for bonita. Isto é que se chama trazer calculada a vida!

O número de requerentes é sempre engrossado com os que se contentam com esmolas pecuniárias, e estas sobem já a muitos contos de réis, compreendidos os dez contos de réis dados pelo Imperador à Casa da Caridade e os dois contos de réis pela Imperatriz. Visitando o arsenal de guerra, mandou Sua Majestade distribuir por cada um dos menores cinco mil réis, e nesse dia foi elevado o salário dos mestres das oficinas.

A Irmandade da Caridade fez em sua igreja cantar um Te-Deum em ação de graças pela feliz viagem de Suas Majestades e em reconhecimento do benefício que acabavam de fazer a este pio estabelecimento.

Como no Rio Grande, também aqui expôs-se na roda uma criança no dia da chegada de Suas Majestades: de ambos foram padrinhos, dando-se ao de lá o nome de Affonso, e à de cá o de Christina. Na crisma que se fez em palácio o Imperador e a imperatriz foram padrinhos de alguns moços e moças de famílias distintas, que solicitaram de Suas Majestades esta graça.

Raiou o dia 3 de dezembro, aniversário natalício do Imperador, e com ele despertaram-se esperança n'uns, desconfianças em outros. Depois do Te-Deum, mandado cantar pela câmara municipal e para o qual fez convites, seguiu-se o beija-mão ao qual concorreram cerca de 500 pessoas. O intensíssimo calor não permitiu que formasse em parada toda a tropa, e só esteve na praça a artilharia, que deu salvas: a parada teve lugar à tarde na várzea, assistindo Suas Majestades do camarim feito no circo; formaram duas mil praças das três armas em duas divisões comandadas pelo conde de Caxias. À noite deu este um baile esplendido na casa do comendador Israel Soares de Paiva. O Imperador e a Imperatriz dançaram contradanças, e a Imperatriz valsou com o viador José Joaquim de Lima e Silva sobrinho. Das senhoras que tiveram a honra de dançar com o Imperador, conheço, uma filha do visconde de S. Leopoldo, outra do visconde de Castro, outra do marechal Menna Barreto, e uma do coronel Pedroso, do Rio Pardo. Com Sua Majestade a Imperatriz tiveram a honra de contradanças o conde de Caxias, o comandante do brigue inglês Grecian, o coronel Propicio Menna Barreto, o viador Velho e o chefe de esquadra Grenfell. Foi esta a primeira vez que dançou o Imperador depois de sua maioridade. Suas Majestades mostraram-se muito alegres e joviais, conversando com as pessoas que se lhe aproximavam. Depois de cearem, retiraram-se a uma hora da manhã.

Como sempre acontece, as graças alegraram a uns e entristeceram a muitos. Depois da coroação foi este o dia de mais despachos: a lista junta contém os até hoje publicados, e diz se que

fica a porta aberta para os reclamantes: quem se julgar prejudicado escreva pelo correio com porte pago. Da marinha deixaram de ser despachados mui poucos, e ei-los a se lembrarem de que exceções se não fizeram nos que acompanharam o Sr. D. Pedro I a Bahia, pois nessa ocasião, dizem eles, foram agraciados até mesmo os guardas-marinhas: não sei se carecem de razão, o que sei é que por mais seis ou oito despachos não valia a pena deixar sem uma memoria desta viagem àqueles que a fizeram com despesas extraordinárias para se apresentarem com mais decência, enquanto que outros, que não fizeram cousa alguma aí estão com o peito coberto. Nem tudo lembra, é o específico aplicado para tais enfermidades.

Porto Alegre, 4 de dezembro de 1845

O Commercio publicou hoje o decreto criando o Colégio de educação de órfãs pobres, com a denominação de - Santa Thereza -, a lista dos despachos do dia 2, e a declaração de que eles continuaram. Aos mamados sirva ao menos de consolação esta esperança com que é costume embalá-los.

Não posso fazer-lhe mais precioso presente do que o do folheto junto, que tem por título - Memoria histórica, em discurso poético, dedicada à satisfatória vinda de Suas Majestades a esta província do Rio Grande do Sul, pelo capitão João Manoel de Pontes. Contém ela, além do prefacio, alguns sonetos, motes, dois cantos, um em oitava, e outro em quadras com o título de - canto heroico -. Se quiser dar aos leitores do Jornal um escantilhão de poesia esdruxula, não tem mais que o abrir em qualquer pagina e entrega-lo ao compositor.

Ainda não estão concluídas as obras da casa do Sr. Travassos, no Caminho Novo, para a qual se tem de passar a Corte. É ela mui espaçosa, e fica em muito lindo sitio, com a cidade debaixo da vista pela melhor de suas faces.

Diz-se que a partida para a campanha se efetuará logo depois do dia 20.

Já aqui se acham Bento Gonçalves, Joaquim Pedro, Fontoura e alguns outros que figuraram chefes na rebelião. O primeiro farda-se para se apresentar ao Imperador: o segundo diz que deixará a província, o terceiro está estabelecido com negócio na Cachoeira. Um desses ex-chefes se mostra muito estomagado contra os outros pelo modo porque fizeram a pacificação.

< Não me oporia à paz se estivera presente, diz ele, porque há três anos conheci que ela se deveria fazer: quisera, porém, que uma luta em que entrámos da melhor boa fé não degenerasse em especulação mercantil. Aceitando as condições de paz com que se fez, nenhum dos chefes da rebelião deveria esquecer-se de que centenas de órfãs e viúvas nos pedem seus pais e maridos que perderão as vidas combatendo onde os levámos: que essas infelizes tragam o pão da

miséria ou se prostituem, enquanto àqueles que lhes tiraram os legítimos protetores, se locupletam com os dinheiros públicos que deveriam aplicar ao socorro dessas desgraçadas vítimas.

<Não serei eu, acrescenta ele, quem mais me meta em questões políticas, não porque houvesse sofrido grandes trabalhos com a revolução, mas sim porque já não há homens em quem se possa ter plena confiança: há uma sucia de garimpeiros que só querem ou espreitam ocasião de fazer fortuna. >

Esta linguagem deve servir de lição aos incautos para que se não deixem levar de palavrões, que só tem as consequências notadas pela pessoa a quem me referi.

A companhia dramática, dirigida por F. Dias, mandada vir do Rio Grande, deu ontem o primeiro espetáculo no teatrinho, ao qual assistiram Suas Majestades: dará hoje e amanhã os segundo e terceiro: e diz-se que o violonista Robio dará concerto. O teatro será d'ora em diante o rendez-vous dos ociosos que se ocupavam em percorrer iluminações.

Hino nacional, polca e foguetes são os quase exclusivos sons que nos atormentam os ouvidos a toda a hora. Uma destas manhãs despertei ao som do hino nacional tocado no corredor da casa em que habito: levanto-me e dou com um velho bugre, coberto com seu ponche engrolando o hino em velha e ensebada rabeca. Julguei que me tomava por alguma personagem: mas logo que lhe dei alguns cobres, foi dar as aleluias ao meu vizinho. São modos de vida.

O vapor Imperatriz sairá amanhã com a mais para o Rio Grande, onde se deve encontrar com o Imperador para fazê-lo voltar ao Rio de Janeiro. É provável que o primeiro vá ali fundear durante a demora Suas Majestades na campanha, pelo receio de baixar a água do rio, e não poder depois sair o Canguçu.

O bispo capelão-mór e seu capelão muito sofreram com o clima ou águas desta cidade. Diz-se que S. Ex. regressará ao Rio Grande logo que o Imperador saia para a acompanhar a Corte e administrar o Sacramento da crisma nos lugares em que tiver demora.

O Commercio chamou a atenção de S. Ex. Revmo. para o estado de relaxamento do clero nesta província: entre outros fatos, que diz calar, refere o de haver um vigário mandado fazer de um cálix um par de chilenas! É provável que mais alguma prata da Igreja tenha tido a mesma aplicação, pois a de um cálix não basta. Se é verídico o fato, como dizem ser, é grandíssimo o escândalo. O mesmo periódico publicou ontem uma pastoral, na qual S. Ex. dá providencias acerca dos atos religiosos praticados por sacerdotes autorizados pelo governo da rebelião - sana e rouba uns - e dá prazo para que sejam solicitadas dispensas de outro, etc.

Porto Alegre, 11 de dezembro de 1845

O Imperador e sua augusta esposa passam o melhor possível. Nem os violentos e longos passeios a cavalo, nem a copiosa chuva que os alcançou em seu regresso da Capela de Viamão, influiu em sua preciosa saúde.

Em uma de suas excursões pelos arrabaldes, chegou o Imperador até à povoação de Belém, a duas boas léguas desta cidade: ali tomou refrescos, e retrocedendo, veio a chegar a palácio depois das 10 horas da noite.

Em minha última carta de proposito deixei de falar do jantar dado por Sua Majestade aos oficiais generais da província, aos comandantes de fronteiras, de brigadas e de corpos estacionados, que o vieram cumprimentar, aos chefes de repartições militares de mar e terra e aos criados de honra presentes, por ter de fazê-lo agora, mencionando o que se lhe seguiu, com o intervalo de 3 dias, dado às autoridades civis, administrativas e judiciarias, aos oficiais superiores de corpos, não comandantes e a um capitão, tenente e alferes de cada corpo. Foram ambos servidos com a maior profusão e gosto: adornaram-se as mesas de emblemas representantes das três armas de que se compõe o exército, e de outros que simbolizam a honra, a fidelidade e o valor. Sendo acanhada a sala principal de palácio para o número de convidados, foi mister estender a mesa pelas duas laterais, e ainda assim só pôde receber setenta e sete talheres. O bispo e seu secretario, com os demais criados de honra, assistiram a ambos os jantares.

Falei em uma de minhas cartas de um exercício geral de fogo projetado para se dar a Sua Majestade o espetáculo de um combate. Teve ele lugar no dia 7, na Capela de Viamão, a quatro léguas de distância desta cidade, para onde toda a tropa de primeira linha e o esquadrão de guardas nacionais se pôs em marcha na véspera para ir pernoitar a mais de meio caminho, no Passo do Feijó.

Às cinco horas e meia da manhã partiu a Corte, acompanhada do conde de Caxias, seu estado-maior, de alguns oficiais superiores e do piquete de lanceiros do Imperador, seguindo pela estrada do meio. Às oito horas fez a tropa a sua entrada na Capela, e se

foi abarracar em uma coxilha ou colina próxima, designada para o lugar do exercício. Suas Majestades chegaram às nove horas e meia. O Imperador dispensou o obsequio que lhes quiseram fazer os cidadãos do lugar de recebê-lo debaixo do pálio à entrada do povoado: dirigiu-se primeiro à casa que se lhe havia preparado, e depois de almoçar, foi com a Imperatriz ouvir missa de seu capelão. À porta da igreja foram recebidos debaixo do pálio, e algumas meninas e senhoras lhes deitaram flores. Muita pouca gente da freguesia esteve presente a este recebimento, apesar de ser domingo: é que pensavam não deverem aparecer diante de Suas Majestades sem ricas galas: não aconteceu, porém, assim no dia seguinte, no qual já esteve cheia a igreja quando Suas Majestades foram à missa; e por todo o dia afluíram famílias que habitam as imediações. Em frente da colina ocupada pela tropa, e do lado do arraial, armou-se o pavilhão imperial, e a alguns passos dele a barraca do quartel-general.

Às quatro horas da tarde para ali se encaminharam Suas Majestades com as pessoas da comitiva, seguidos de uma guarda de infantaria com banda de música. A colina em que estava o pavilhão cobriu-se de espectadores de ambos os sexos, a maior parte das quais eram moradores desta cidade.

Depois de alguns instantes de demora no pavilhão, montou o Imperador, e com seu ajudante de campo e estado maior se dirigiu para a frente da tropa, da qual recebeu logo a continência; e assumindo seu comando lhe passou revista.

A força compunha-se: da 1ª brigada comandada pelo brigadeiro José Fernandes dos Santos Pereira, formada dos 2º batalhão de fuzileiros ao mando do tenente-coronel Antônio Maria de Souza; da 2ª brigada, comandada pelo coronel Luiz Manoel de Lima e Silva, composta dos 7º de caçadores pelo capitão Antônio Eduardo da Corta, e 8º da mesma arma pelo tenente coronel Luiz José Ferreira; esquadrão do 3º corpo de guardas nacionais, comandado pelo major Israel; parte de artilharia montada pelo major Joaquim José Gonçalves Fontes, e piquete de lanceiros do Imperador pelo respectivo commandante o tenente Manoel de Castro, filho do visconde de Castro.

Terminada a revista, colocou-se Sua Majestade na frente da linha, e mandou por seu ajudante de campo executar as seguintes manobras: metade do esquadrão armado de clavinas, com duas companhias de caçadores, cobrirão a linha e começarão o fogo de atiradores, descendo a colina e avançando até a raia da posição ocupada pela força: ali sustentaram o fogo por algum tempo, e depois se foram retirando, como se os atacasse cavalaria inimiga. Nestes apuros formaram os batalhões colunas a quarto de distância em Exelon, guarnecendo seus flancos com artilharia. Aproximando-se cada vez mais os atiradores, estava visto que o inimigo lhes vinha no encaixe, e então tocou-se a reunir depois de os batalhões formarem quadrados.

Dispostas assim as forças, determinou Sua Majestade que a cavalaria carregasse sobre o ângulo externo do último quadrado da brigada da esquerda (a 2ª). Como era de esperar, estes ataques foram feitos com velocidade e intrepidez: mas infelizmente infrutuosos, por serem rechaçados por vivíssimo fogo de fuzilaria e artilharia. Vendo se que nada se conseguia a mãos lavadas, determinou Sua Majestade à cavalaria que marchasse coberta por uma canhada ou encosta d'além da coxilha, e fosse tentar o ataque sobre o flanco direito da 1ª brigada: tempo perdido: a 1ª brigada não é inferior à 2ª, e a cavalaria teve de retroceder com boas pitadas de fumaça, e recebeu ordem de ocupar o centro. Nem por isso se julgou a infantaria mais segura, e se foi desenvolvendo em linha, guarnecendo seus flancos por dois batalhões em colunas cerradas. E já era tempo, porque o inimigo atacava pela frente; suas cargas foram, porém, recebidas com vivíssimo fogo por companhias alternadas, até que, protegido pelo turbilhão de fumaça, desapareceu!

Já não havendo inimigo externo com quem brigar, rebenta a guerra civil entre os nacionais. A segunda brigada, vestida de branco, separou-se da primeira, e se foi postar na coxilha ocupada pelo pavilhão imperial. Daí destacou forte linha de atiradores contra a primeira brigada: esta, deixando também sua linha de atiradores, deu alguns passos para a retaguarda até meia colina. O 7º de caçadores carregou sobre o 2º da mesma arma, enquanto o 8º, encobrindo-se com o vivo fogo de seus atiradores, costeando

um capão a marche-marche, pretendeu envolver a direita do 2º de fuzileiros; porém este, conhecendo a manobra, opôs-lhe a frente de sua ala direita para o impedir de se desenvolver em linha: - um esperto encontra outro.

Não por fraqueza, porém sim por prévio ajuste, foi o 2º de caçadores cedendo terreno aos bem dirigidos ataques do 7º: o 8º desenvolveu, obrigando ao 2º do fuzileiros a retirar-se por pelotões sobre o flanco direito do 2º de caçadores, ficando assim restabelecida a linha da 1ª brigada, e ao mesmo tempo a 2ª brigada estava desalojada de sua posição primitiva, e para os bravos um palmo de terra vale um reino: Sua Majestade ordenou a 1ª brigada que atacasse a 2ª, e para logo teve esta de ir recuando debaixo de vivo fogo por pelotões alternados enquanto lhe permitiu o terreno. O combate durava havia já duas horas, a vitória se não decidia por nenhum dos lados beligerantes, a noite estendia seu negro manto sobre os valentes filhos de Bellona; o furor estava pintando nas faces desses dois mil bravos, seus olhos eram tochas que pareciam querer suprir a ausência do astro do dia; tudo fazia crer que as trevas mesmo não cortariam as fúrias desses leões, quando ordenou Sua Majestade que ocupassem suas primitivas posições, e, recebida a continência, comandada pelo general conde, que então tomou o comando, mandou em seu nome agradecer a destreza com que manobraram as forças, e lhes fizeram sentir a satisfação pela regularidade e pronta execução das manobras. Queimaram-se cerca de sessenta mil cartuchos, e só um soldado teve leve ferimento na mão por se lhe rebentar a arma.

Felizmente para a tropa e espectadores, todo esse dia esteve fresco, à exceção do tempo decorrido das 11 da manhã às 2 da tarde. Todos voltaram contentes a seus boletos, e foi um passatempo bem divertido, porque nem ao menos se experimentam nesses combates simulados aquelas impressões recebidas na representação de dramas trágicos; e, todavia, há nos exercícios de fogo muito mais a recear de algum sinistro. Observei que tal é o amor próprio do soldado, que, ainda por exercício ou brincadeira, não se quer deixar vencer dos próprios camaradas. No de que falamos foi precisa toda a prudência para que se não esquentassem: a 1ª coluna com pesar

cedia terreno à 2ª, só por obediência o fez; mas em compensação lhe foi logo restituído pela retirada que esta operou, também debaixo de fogo.

Depois do último ataque em linha, quis Sua Majestade que se lhe seguisse o de baioneta; porém o conde fez sentir a Sua Majestade os inconvenientes que daí poderiam provir, porque soldados tomam calor, e pôde um por gracejo tocar outro com a baioneta, e este tomar o negócio a sério.

A noite esteve lindíssima pela lua que havia, e o povo se reuniu à porta da casa em que estavam Suas Majestades para vê-los de mais perto, e ouvir diversas bandas de música que ali tocavam.

Na manhã do dia 8 o Imperador, acompanhado do Dr. Américo, diretor do hospital militar desta cidade, e de outras muitas pessoas, saiu a caçar Sua Majestade matou alguns pássaros e uma codorniz, única em que atirou; e voltou às 9 horas por estar já quente a manhã.

Ali, como em toda a parte, parece que uma buzina chama os pobres à porta da residência imperial; não eram 8 horas da manhã, e já estavam tomadas as avenidas da casa. Já eu disse que muitas pessoas tomam por um pagode ou passatempo o irem pedir esmola ao Imperador: e tendo referido o dito de uma pedinte, lhe adicionarei o fato de um esturdio que se reverteu de uma mantilha e foi pedir sua esmola. Houve quem logo desconfiasse da trama por lhe lobrigar bigodes; porém como ali mesmo se virão senhoras de bons buços, e outras tão barbadas, que trazem suíça das chamadas passa piolho, não maravilhava que algumas usassem de bigode. Entre os concorrentes, apresentou-se um que tem tido quarenta e dois filhos de três matrimônios, sendo ainda mais para notar-se a singularidade de pertencerem em partes iguais - quatorze - à cada uma das mulheres.

Me parece não ser destituída de fundamento a crença geral, que por aqui há, de ser esta freguesia de Viamão a mais antiga das povoações desta província. Que o seja como povoação, nem o afirmo nem o negro; que foi, porém, um dos primeiros sítios ocupados por descobridores portugueses, é fato constante de velhas tradições a recentes escritos; entre os quais apontarei, como o mais digno de fé,

os Anais da província de S. Pedro, pelo Sr. visconde de S. Leopoldo, nos quais se lê que um certo Cosme da Silveira, pertencente à segunda expedição mandada a esta província pelo capitão mór da vila da Laguna Francisco de Brito Peixoto, capitaneada por seu genro João de Magalhães, fizera aqui o primeiro estabelecimento ou estancia de gado, isto pelos anos de 1716 a 1726; outros se lhe foram agregando, até que pelo correr do tempo naturalmente se formou o povo. Mas a localidade não oferece recursos para grande povoação, e alguns casais de Ilhéus se aproximaram à margem do rio que banha esta cidade, daí veio o chamar-se a este o - Porto dos Casais -. Para aqui acorreram quantos novos povoadores tinham de viver de sua indústria; e freguesia de Viamão teve de ficar somente habitada pelos que ali possuíam terras de criar ou de lavoura. D'então data sua decadência; hoje não conserva de sua antiga grandeza mais do que o templo, em verdade magnifico para as eras em que foi construído pois ainda atualmente é superior para as eras em que foi construído, pois ainda atualmente é superior ao desta cidade: tem sete altares, não despidos de elegância e gosto, e algumas imagens mui bem-acabadas. De suas ricas alfaias de prata e ouro, ouvi que o despojara a revolução. As poucas e pequenas casas que tem pertencem pela maior parte a estanceiros da freguesia.

A vista do senhor D. Pedro II a esta freguesia no dia 7 de dezembro fez lembrar que em igual dia ali chegara o Senhor D. Pedro I, quando veio a esta província: o fundador do Império e seu augusto filho, em idêntico dia, e quiçá a mesma hora, depois de alguns lustros, oraram a Deus em um ponto de seu vasto Império onde talvez nunca pensassem pisar! No dia 8, aniversario da Conceição de Nossa Senhora, ambos pernoitarão nesta cidade de Porto Alegre.

A tarde deste dia esteve magnifica a princípio: a Corte partiu pouco antes das 5 horas, com sua comitiva, seguindo-se lhe a menor distância possível toda a força debaixo de forma: ao anoitecer carregou-se a atmosfera, e logo sobreveio chuva já fina, ao depois grossa com rijo vento.

O Imperador tomou seu ponche, a Imperatriz teve de aceitar a capa que lhe oferecera o major Carlos Lima, e assim outros se

foram despindo de suas capas para as oferecerem às damas e aos oficiais da Corte, que não contavam com este molho. A chuva continuou sempre, e por três horas forçoso foi sofrê-la, não havendo felizmente ocasionado danos, apesar da multidão de cavaleiros, que se atropelava em terreno escorregadio, cujo trilho era somente alumiado pelo sucessivos relâmpagos, e onde todos se confundiam, amos e criados.

No dia 9 foi Sua Majestade ver a casa de campo do Sr. Travassos, no Caminho Novo, e para ela se passou ontem com toda a comitiva, embarcando-se nesta cidade para fazer o passeio d'água pela proximidade das ilhas formadas pelos rios que se encontrão nesta bacia.

O bispo saiu ontem para o Rio Pardo no vapor Crioula. Consta que S. Ex. não passará além desse ponto, por não lhe permitir o mau estado de sua saúde. Quando Sua Majestade entrar para a campanha, será acompanhado do cônego Chaves, secretário de S. Ex. Revmo., comissionado para aqueles atos que dependam de licenças episcopais e administrar o sacramento da Confirmação.

É hoje o aniversario da sentidíssima morte da primeira Imperatriz do Brasil, a virtuosa mãe de Sua Majestade o Imperador. A Corte recolheu-se para orar por essa princesa que nunca será assaz chorada pelos brasileiros que tiveram a fortuna de conhecê-la.

Porto Alegre, 12 de dezembro de 1845

A Corte voltou hoje ao palácio da cidade. Falava-se de uma caçada de veados a que assistiria o Imperador, mas não teve lugar. O tempo não permite passeios; ora chove ora venta desabridamente, e entre uma e outros dessas fases mostra-se o sol tão claro como no mais limpo dia de verão! Já houve quem comparasse o dia de hoje com cara de mulher, que ri e chora ao mesmo tempo.

A mordomia imperial já está mais desafogada: tomou-se a salutar resolução de mandar pelo vigário da freguesia distribuir aos pobres as esmolas que iam receber a palácio. A cada do ministro é agora a mais visitada pelos pretendentes de graças. O continuar-se-á do fim da lista dos despachos do dia 2 teve um efeito contrário ao que se esperava: os esquecidos não têm tanta confiança em seus serviços, ou na balança que os pesa, para aguardarem em suas casas a continuação das graças: sabem todos onde mora o ministro, e para lá se encaminha a procissão. A não poucos agraciados no dia 2 mandou Sua Majestade dar pela mordomia as insígnias e permiti-o que delas usassem. Dizem-me, que sabendo não estar o atual visconde de S. Gabriel em estado de fazer já as despesas com o seu novo título dissera Sua Majestade que lh'o mandaria tirar: pelo que o visconde lhe beijou a mão.

Fala-se de convites feitos pelo governo do Paraguai a oficiais brasileiros para irem servir no exército daquela República contra Rosas, e acrescenta se que o coronel Bento Gonçalves e outros reformados aceitarão. Não sei se para ali partiu há poucos dias, como se asseverava, o secretario da legação brasileira que aqui estava.

Porto Alegre, 13 de dezembro de 1845

O imperador havia marcado o dia de hoje para a viagem à Colônia de S. Leopoldo, porém não o permitiu o mau tempo: ficou transferida para o dia 15, se não der algum inconveniente. Fez Sua Majestade que tivesse hoje lugar o concerto do violonista Robio, anunciado para amanhã. Foi pouco numerosa a concorrência ao teatro, talvez por se não fazer uma Ideia do que é este artista: hoje estão arrependidos os que o não foram ouvir. Acompanhou e o pianista alemão Mauricio, e a banda de música do 2º batalhão, cujo mestre, de nome Mensanha, a tem tornado digna de ser ouvida, e executou com primor algumas peças de Beline outros maestros.

Sua Majestade o Imperador tem visitado os estabelecimentos de instrução, tanto públicos como particulares. Não havendo encontrado em casa nem o mestre nem os discípulos de latim, foi suspenso pelo presidente da província o respectivo professor, até que Sua Majestade o julgue punido desta falta. O homem desculpou-se por intermédio do Commercio, do qual redator, porém suponho não procederam as razões.

As últimas notícias do Rio de Janeiro são de 30 de novembro, vindas pelo Imperador, cujo comandante, o capitão-tenente Lamego, aqui as veio trazer de passagem no Imperatriz, que fora mandado ao Rio Grande ao seu encontro, e vai ali levá-lo.

Decreto nº 439 de 2 de dezembro de 1845
Funda na cidade de Porto Alegre um colégio para educação de meninas órfãs.

Desejando assinalar a época da minha chegada a esta província de S. Pedro do Rio Grande do Sul, que me aprouve visitar com a minha muito amada e prezada esposa: hei por bem fundar nesta cidade de Porto Alegre um colégio para educação de meninas órfãs, o qual será denominado de - Santa Thereza - , e ficará debaixo de minha imperial proteção, e terá por fim formar perfeitas mães de família; aplicando eu desde já para o principio da indicada fundação a quantia com que diversos habitantes desta mesma província tem espontaneamente contribuído para um momento que indique na posteridade aquela época.

E para que este colégio tenha uma organização acomodada às circunstâncias do país, e ao fim a que é destinado: hei outrossim por bem que uma comissão composta dos doze maiores subscritores, e presidida pelo presidente da província, que terá voto nas deliberações da dita comissão, organize os respectivos estatutos, e os submeta, antes de serem postos em execução, à minha imperial aprovação.

osé Carlos Pereira de Almeida Torres, conselheiro d'estado, ministro é secretario d'estado dos negócios do império, e interinamente encarregado dos da justiça, assim, o tenha entendido e faça executar.

Palácio da cidade de Porto Alegre, em 2 de dezembro de 1845

Corre por cá a aprazível notícia de que Sua Majestade a Imperatriz, tendo resolvido não acompanhar Sua Majestade o Imperador além de Porto Alegre, pretende voltar a esta cidade, a fim de esperá-lo aqui. Esta nova tem extasiado os corações rio grandenses, que cordialmente almejam sua realização, a fim de gozarem por mais algum tempo da augusta presença da virtuosa esposa do monarca brasileiro.

Animados por esta lisonjeira esperança, além de outros divertimentos que se projetam, vários jovens desta cidade, presididos pelo Sr. Manoel José da Silva Bastos, começaram o ensaio da peça A Nodoa de Sangue, que pretendem pôr em cena no feliz dia do seu desembarque, assim como uma nova e linda cantoria.

Porto Alegre, 15 de dezembro de 1845.

Continua inalterada a preciosa saúde de Suas Majestades. Os estabelecimentos públicos têm sido visitados pelo Imperador e nos momentos que deixam de folga os públicos negócios, não fica o Imperador em ócio nas salas do palácio, está em continuados movimentos pelos arrabaldes da capital.

Parece que se não agradaram Suas Majestades da vivenda do campo, pois apenas por dois dias incompletos ocuparam a chácara do Sr. Travassos no Caminho Novo. A casa é boa, está decentemente preparada, e em sítio mui aprazível, à borda do Guaíba com a cidade debaixo de vista; mas tristes estiveram os dois dias que ali passou a Corte; sempre chuva e vento, que não constam se abrisse uma janela; e ninguém vai por gosto encerrar-se no campo.

Tenho mui minuciosamente sondado o espírito publico da província, e cada vez mais me maravilha o que observo: não há notícia do mais insignificante acontecimento que se possa julgar filho ou consequência da desastrosa desavença que pelo longo espaço de dez anos trouxe armada uma parte da população contra a outra. Onde, em que país do mundo se deu já o fato de, no mesmo dia e hora em que se proclama extinta uma guerra civil, expirarem todos os ódios e ressentimentos naturalmente originados por essa a mais temível das guerras? Ninguém se lembra de ter sido rebelde ou legalista para evitar a comunhão e aliança de seu outrora adversário! Os chefes de ambos os lados, os subalternos, os simples soldados, se não encontram sem se tratarem com a maior amabilidade e franqueza, como se entre eles nunca se dera o mais leve motivo de desinteligência! A alguns tenho ouvido referir seus reencontros e combates; nenhum nega ao outro seus atos de valor e destreza, explicando se ocorrências havidas entre eles com tal frescura como se foram passadas em pura brincadeira! Honra à moralidade do povo brasileiro, honra à índole dos Rio-Grandenses, que sabem esquecer pesares e sofrimentos que lhes ocasionou o gênio da discórdia, hoje banido d'entre eles.

Pergunte-se, porém, a esses homens do campo pelo motivo de seu procedimento, isto é, o que os fez farrapos ou legalistas,

e a maior parte responderá que - suas afeições pelos chefes. A família de Bento Gonçalves é numerosíssima, habita os povoados e a campanha; por toda parte, pois, encontrava ele as simpatias do sangue pelo menos; e assim os outros chefes. Na legalidade se dá o mesmo fato: todos os que por ela pugnaram tinham sem duvida nos lábios o nome do Imperador, no coração o amor da pátria; porém seus olhos regulam aos Loureiros, no coração o amor da pátria; porém seus olhos seguiam aos Loureiros, aos Menna Barreto, aos Silva Tavares, aos Chico Pedro, etc., e afinal a Bento Manoel; acompanhavam-nos para onde que que fossem; nem todos tem bastante ilustração para estudar e compreender princípios políticos e as causas das desavenças: a fé implícita nos homens com quem de mais perto tratavam, eis o que os fez legalistas ou farrapos. E mesmo muitos não sabem a denominação dos corpos em que servirão: <fui da gente de Bento Gonçalves> diz um, <e eu, responde outro com orgulho, <fui de Chico Pedro> A presença do Imperador, sua amabilidade para com todos, seus repetidos e apregoados atos de beneficência e caridade confundem agora estas crenças em uma só: são todos imperialistas, todos reconhecem os benefícios da união, ninguém quer já separação de províncias, e há tal revolução nas ideias, que os mais tenazes e obstinados republicanos fazem plena confissão de seus sentimentos de outrora para serem cridos na sinceridade com que protestam atualmente bater-se pela monarquia com igual senão maior ardor ao com que fizeram por uma causa que sua falta de conhecimentos lhes fazia parecer boa. Os estancieiros, os negociantes, os artistas voltaram aos seus hábitos de vida; em uma palavra, da luta e convulsão por que passou esta província, restam apenas vestígios físicos n'alguns prédios arruinados, n'alguns campos taiados, que se vão reparando.

O coronel Bento Gonçalves apresentou se ao Imperador em audiência particular com suas insígnias e condecorações; e, como era de esperar, foi pelo monarca tratado com a amabilidade que o Imperador tem para todos os súditos que o procuram.

Desmente-se o boato aqui espalhado, e de que dei conta em tempo, de ir este veterano do exército brasileiro servir à República do Paraguai: é certo que convite lhe foi feito, porém o não aceitou.

Progridem as diligências do ministro do Império para a fundação do estabelecimento de instrução para órfãs desvalidas, de que já falei mais de uma vez: a subscrição sobe já a setenta e cinco contos de réis. Esta soma já por si constitui bom patrimônio; diz-se, porém, que para mais garantias de estabilidade proporá o presidente à assembleia provincial em sua primeira reunião que vote uma consignação anual de vinte contos de réis. Se assim acontecer, bem poderá o estabelecimento manter, somente a suas expensas, cinquenta órfãs, o que já não é pouco; e além deste benefício, outro resultará de tão útil criação, qual o de poderem os pais confiar a educação de suas filhas a esta casa. Sendo este o monumento que deva levar a mais remotas memoria da visita do Senhor D. Pedro II a esta província, merece de sua solicitude o maior cuidado e atenção. Está escolhido o terreno em que se deve edificar o prédio, fica à margem do Guaíba ao sul da capital, na chácara chamada do Crystal. O Imperador faz ao estabelecimento a doação do terreno, que mandará comprar em praça n'um dos dias próximos, o qual está avaliado em onze contos de réis. Projeta fazer vir de França algumas das senhoras a cujo cargo fique o estabelecimento, e ouvi que para este fim se entenderá com a piedosa esposa do rei Luiz Felipe, por intermédio da princesa de Joinville, para que a escolha recaia em pessoas que por suas luzes e virtudes com garantias de uma sã e ilustrada educação às futuras mães brasileiras. Do instituto das irmãs da caridade ou de outro de igual crédito devem de sair as principais mestras do Colégio de Santa Thereza.

Corrigirei ainda outra inexatidão que me fizeram cometer em uma de minhas cartas, tratando da criação deste estabelecimento. Não são obra do finado bispo do Rio de Janeiro os estatutos que eu disse trouxera o ministro para servirem de regimento do Colégio, é trabalho do finado bispo de Pernambuco. Examinados, porém com maior atenção, viu o ministro que não podem ser adotados em toda sua integra, e carecem de alterações que lhe serão feitas pelo conselho ou diretório nomeado para administrar o estabelecimento.

Além desta criação, fala-se que outra será feita para educação de meninos, porém toda a expensas da província; é talvez o Liceu projetado pela assembleia provincial, o qual terá denominação de

Santo Affonso. É esta uma das províncias que podem sem grande sacrifício, curar da instrução de seus naturais pais por instituições: suas rendas são avultadas; e as estradas, que nas outras absorvem avultadíssimas somas, são aqui feitas pelo sol e casco dos cavalos, sendo raríssimas as que demandam pequenos reparos. Tornada a luta que estorvava seu engrandecimento material e moral, é tempo de se aproveitar da boa disposição em que se acham todos de reparar, ainda com os maiores sacrifícios, os danos causados pelos dez anos de tresvario.

Porto Alegre, 16 de dezembro de 1845.

São 5 horas e meia da manhã, e vai a Corte embarcar para os Três Portos no vapor Amélia; ali tomará cavalos para a Colônia de S. Leopoldo, que fica a duas léguas de distância, não porque não possa ir desembarcar na Colônia, mas por ser fastidiosa a viagem dos Três Portos em diante pelas multiplicadas voltas que dali começa a fazer o Rio dos Sinos, além de atalhar-se por terra cinco boas léguas. Da Colônia direi o que vir digno de saber-se. Até já.

Colônia de S. Leopoldo, 16 de dezembro

< Quem tem pressa anda por terra>, diz velho ditado português; e foi justamente o que fiz eu para preceder a chegada da Corte, e melhor observar a recepção que lhe fazem os Alemães, que são aqui os donos da terra.

A fé que me estão parecendo mais contentes e espirituosos do que costuma ser estes engasgados casmurros; e soube que há três dias ali se reuniam 400, pensando se efetuasse então a vinda de Suas Majestades, transferida para hoje.

Ora, aí está o que se chama sem-cerimônia: velhos e velhas, rapazes e raparigas estão-se a vestir à vista de Deus e do mundo; andam em viva dobadoura, cruzando as ruas em todos os sentidos, cada um em busca do que lhe fala para complemento da toalete. Enquanto a mãe grita pela filha que se avie, esta.
<Coa inocência do céu>,

Está infindo os rebeldes meias, com os vestidos arregaçados até aos joelhos, sem que a perturbe o olho perspicaz de quem quer que se chegue à janela! É que as Alemãs se consideram crianças até aos 18 anos, e são relíquias daquelas de quem, falando Filinto, disse:

< De trinta anos as moças cós rapazes brincarão sem malicias...>
raça mui diferente da outra de quem diz o mesmo poeta que

< Namoram já do berço, e ainda prometem mais poterva ralé.>
Enquanto estes se arreião, estão grasnando pelas tavernas os que residem fora da povoação, e para ela entram já de ponto em branco.

Nas extremidades da rua principal dispuseram dois arcos arranjados do melhor modo que podem, e pela frente das casas correm duas linhas de palmeiras, algumas das quais estão enlaçadas por testes de flores artificiais.

Às 11 horas anunciaram foguetes a aproximação de SS. MM., e foi como se tocasse a postos. Na embocadura da rua até ao primeiro arco colocaram-se em alas 100 meninas vestidas de

branco, com cestinhas de flores; ao pé do arco a música, composta de um rabecão, duas rabecas, duas flautas e uma clarineta, e dali até a porta da casa destinada para SS. MM. outra ala de meninos. O mestre-escola o foi também de cerimônias, auxiliado pelo diretor da colônia o coronel e Dr. Hildebrand. Uma menina dirigiu curta alocução ao Imperador, e todos entusiasmados responderão aos pausados - vivas - levantados pelo diretor. Vi que alguns velhos, com lagrimas nos olhos e apontando para o Imperador, diziam: - Arquiduquesa Leopoldina! arquiduquesa Leopoldina! - Só posso explicar esta exclamação pela semelhança que hajam notado em feições do filho com as da virtuosa mãe, cuja sentidíssima morte ainda nos punge o coração.

Passado o préstito, não guardaram mais ordem na desfiada: de tropa se precipitaram após a cavalhada, expostos a se pisarem e aos ardentíssimos raios do sol, estiveram horas para gozar da presença dos soberanos, que, apenas apelados, se chegarão as janelas.

A rua ficou quase intransitável até às 5 horas da tarde em que saíram SS. MM. a pé para verem a povoação, seguidos de tal multidão que me fez lembrar de Santa Catharina.

À' noite, reunidos à porta da Imperial residência, e dirigidos sempre pelo mesmo mestre de cerimônias, as meninas e meninos que pela manhã fizeram alas cantaram muitos acordes e entoados o hino God save the king, e em seguida ali mesmo tomaram pares e valsaram conjuntamente assim cousa de uns 50! Recolheram-se depois a uma casa próxima, e foi ali que ardeu Carthago. Alemães e brasileiros atiraram-se às raparigas como gato e bofes, e as foram levando quase de rastos para o meio da sala, porque ainda não está aqui admitido o incômodo sistema de engajamentos para a contradança ou para a valsa tal.

Em toda a parte, há que aprender: e não sei se pegará ali pelo Rio de Janeiro um estilo que vi praticarem os Alemães daqui, e vem a ser que não fazem convites para seus bailes: lá vai quem se quer divertir; contanto que estejam vestidos, como são iguais entre si, vão entrando. Uma vez na sala, pode estar como lhe aprouver, e dançar com o chapéu à cabeça e charuto à boca se lhe parecer. Ainda isto não é tudo: a música não tem contrato para

tocas por noites; o cavalheiro que quer obsequiar sua dama se chega aos músicos e manda tocar; os outros podem aproveitar-se da ocasião para dançarem com as suas: há muitas vezes questões entre músicos e cavalheiros, porque este quer que fosse ele quem primeiro mandasse tocar, enquanto outro lhe disputa a primazia! Por via de regra são juízes os músicos, e sempre se decidem pelo que deixa cair mais alguns cobres.

Quem não conhece esta gente não faz adequada ideia de seu furor pela dança, quero dizer pela valsa, a qual sansão ao compasso de qualquer música, como os vi fazer à do hino nacional!

A maioria deles pesca seu poucachito de música; tem na povoação uma casa de baile onde se reúnem aos domingos e dias santos com o só fim de dançarem, pois lhes não vi arranjo para o estomago a não ser espíritos. Nem para que as moças compareçam precisão da companhia de pais ou irmãos: saem de suas casas, sós ou acompanhadas de vizinhas, atravessa picadas de uma e duas léguas, e só ao amanhecer ou alta noite voltam ao tugúrio paterno, mui bem encarapitadas em seus petiços e alegres de sua vida: e vá um barbichas dizer-lhes graças!

Só uma coisa pode dar ideia da gravidade com que valsa esta gente; e como por seu baixo preço esteja ao alcance de todos, é fácil de satisfazer a curiosidade: chama-se a um desses carcamanhos que pelas ruas andam carregados de um realejo à espreita das crianças: os bonecos que neles dançam ao som do instrumento representam muito ao vivo a seriedade dos Alemães: tão sisudos e circunspectos nesta dança como se praticassem cerimônias religiosas.

Vejamo-los, porém, fora dos bailes, em suas ocupações. Laboriosos, econômicos, circunspectos em seus tratos, se não há entre eles grandes fortunas, por datar de mui pouco tempo seu estabelecimento nesta terra abençoada, não há também grandes misérias; todos tem mais ou menos de que viver, com raras exceções.

Dos que habitam a povoação, uns comerciam, e alguns já com n'outros misteres da vida. A maior parte das habitações rústicas e lavouras estão além do rio dos Sinos, a cuja margem fica a povoação, dispostas em linhas, a que chamam picadas ou mesmo linhas, e a distancias quase iguais.

A batata inglesa, o feijão e toda a sorte de legume, o arroz em pequena quantidade e a mandioca em grande são os gêneros de sua lavoura principal; fazem muita manteiga, e sobretudo empregam-se em curtumes de vaquetas e peles, que exportam em bruto ou em obras, tais como lombilhos, arreios, calçados etc. Suas casas, especialmente as da povoação, tem quase todas as peças no lanço da frente e pouco pé direito: da rua, sem muita curiosidade, se pôde ver o quarto de cama, que muitas vezes é também a sala de receber, a dispensa, o toucador etc.

São eles os que abastecem a capital de hortaliças, veação, ovos e mantimentos. Seus meios de transporte são a carreta e pequenos barcos, que vem carregar ao porto da Colônia; é para aqui que a maior parte dos lavradores trazem seus gêneros em carretas; aqui os vendem aos comerciantes, e estes mandão por sua conta para Porto Alegre. Homens e mulheres todos trabalham; ninguém espera pelo bocado que o outro fará.

Colônia de S. Leopoldo, 17 de dezembro

O Imperador atravessou o rio esta manhã para fazer uma caçada de perdizes e voltou a almoças.

À tarde tornou a passar ao outro lado com a Imperatriz e oficiais da casa, com destino de visitar as picadas; porém viu apenas algumas habitações por ser já noite quando entrou nelas; esperou que saísse a lua, e chegou à povoação depois de 10 horas.

A notícia da chegada de SS. MM. tem chamado à povoação grandíssimo número de colonos, que se haviam retirado, por já não poderem aqui esperar, tendo fechadas suas casas.

De uma estatística hoje apresentada a o Imperador vê-se que existem atualmente pouco menos de 5.000 colonos. Se não é ela muito inexata, grandíssimo número se há extraviado, pois há 12 anos subia seu número a 12.000. Explicam esta míngua de população pela emigração e morte durante a guerra desta província; mas há quem conteste o peso desta razão, e assevere que é realmente maior a população do que a constante do alistamento.

Em verdade não houve mortandade nem emigração tal que produzisse tão considerável míngua em uma população que deve multiplicar a olhos vistos, pois é salubre o terreno que habita; e há tal copia de crianças, que faz crer-se na fecundidade das Alemãs.

Os comerciantes especulam também em pedras semelhantes às coralinas e ágatas, que fazem apanhar no rio Taquary, e mandão lavrar em Alemanha. Delas expuseram eles à venda diversas obras, como caixas de tabaco, ditas de joias, brincos, adereços, memorias e cabos de faca e garfo. Algumas assemelham-se a lava do Vesúvio. SS. MM. comprarão algumas peças; as minas teriam muito valor, se fossem lavradas entre nós, mas não o sendo, tem o merecimento das obras de nosso ouro ou algodão etc., trabalhada na Europa.

Apenas caiu a noite, reuniram-se os dançadores, e hoje se não contentarão com um só baile; fizeram dois, um composto de Alemães, e outro de Brasileiros e poucos Alemães dos mais cultivados.

Colônia de S. Leopoldo, 18 de dezembro

Se nos demorarmos alguns dias mais, sairemos daqui Alemães em corpo e alma: aos meus ouvidos quase não chegam outros sons, e ali andam pessoas da comitiva a arranham a garganta com palavras alemãs.

Muitos curiosos foram ontem assistir ao casamento de dois protestantes em sua capela. É mui pobre a capela que aqui possuem os protestantes, e não tem de que se envergonhem, porque a Igreja Católica não lhe leva muita vantagem em grandeza e decoração; trata-se, porém, de edificar um templo, para o qual fizeram SUAS MAJESTADE Só donativo de 3:000$000 rs.

O Imperador resolveu voltar esta tarde para Porto Alegre pelo mesmo caminho porque veio: o que há para ver-se está visto.

Antes de partir, dignou-se O IMPERADOR de levar à pia baptismal um menino hoje mesmo nascido, sendo O IMPERADOR a Imperatriz a madrinha. O pai da criança é protestante, a mãe é católica, e muito contente ficou da honra que lhes fizeram SS. MM., e de ver que foi ela ocasião de ser seu filho batizado católico. O pai também o virá a ser com muitos outros, quando para aqui vier um sacerdote ilustrado, em quem não recaiam as acusações que ouvi geralmente fazer à avareza e ignorância de um padre italiano que aqui tem a cura das almas, de quem dizer que, em vez de chamar ao grêmio da Igreja os protestantes, planta a desunião entre os colonos, pregando contra as relações de amizade, e querendo proibir aos católicos todo o trato com os protestantes, o que, a ser verdade, é o maior flagelo que poderia vir ao seio desta gente que tem sempre vivido em harmonia.

Pensei a princípio que não acudisse aqui muita gente às escolas, porém enganei-me: ali está a porta da residência imperial coberta de pedintes, e, com vergonha o digo, pela maior parte brasileiros.

O tenente-coronel, secretario da colônia, ofereceu ao Imperador um atlas da Europa, feito em 1744, o qual, pelo selo que traz de Frederico II, mostra ter pertencido à sua biblioteca. Foi achado em Missões, para onde o trouxe algum jesuíta: O

IMPERADOR agraciou o tenente-coronel com o hábito da Rosa, já por este oferecimento, Hildebrand presenteou a O IMPERADOR a Imperatriz com um passarinho de Alemanha, o qual, em seu canto sempre variado, procura imitar a música que ouve tocar.

Já se ia vai a Corte, caminho dos Três Portos, com muito maior acompanhamento do que veio: boa viagem.

Porto Alegre, 19 de dezembro

SS. MM. chegaram a esta cidade, de sua viagem a colônia de S. Leopoldo, sem incômodo, desembarcando às 10 horas 3 quartos da noite.

Fazem-se preparativos para a viagem do interior da província, mas não está ainda definitivamente marcado o dia da saída.

Pela barca Imperador foram para S. Paulo as comunicações oficiais da visita de SS. MM. àquela província. A julgar pelo que ouço, a Corte não passará da vila de Rio Pardo. Se aqui na capital o verão está insuportável, apesar de sua situação em uma colina lavada de ar, rodeada de rios e quase coberta de arvores, o que não será na desabrigada campanha, onde só de longe em longe se encontrão pequenas casas? Com tão pesada bagagem, qual a que traz a Corte, é impossível uma viagem na campanha sem grandíssimo incômodo e privações a que não estão acostumados os augustos viajantes. Verificando-se minha suposição, também não será longa a demora em Rio Pardo, nem aqui na volta; e, portanto, pôde-se calcular que por todo o mês de fevereiro estará a Corte recolhida ao Rio de Janeiro.

Porto Alegre, 23 de dezembro

Nos dias decorridos depois de minha última carta, datada de 19, nenhuma ocorrência tem havido extraordinária. A Imperatriz se quiser esperar seu augusto marido, irá ele o mais ligeiramente possível até S. Gabriel, e quiçá à Fronteira; porém com a bagagem necessária para comodidade do Imperador, da Imperatriz e de suas damas e retretas já disse que é impossível fazê-lo sem grandíssimo incômodo, e o que mais é para recear, algum risco de adquirir enfermidades. Como, porém, é mui provável que a Imperatriz se não queira separar de seu augusto marido, não irá ele adiante, para não a expor a riscos e incômodos.

Hoje embarcou a bagagem grossa para a vila do Triunfo; a 27, às 6 horas da manhã, embarca a Corte, a fim de ir jantar àquela vila, daqui distante 12 léguas. No dia 28 seguirá embarcada para Santo Amaro, a 3 léguas; e a 29 partirá por terra para Rio Pardo, viagem que se julga será feita em 2 dias.

O bispo capelão-mor ainda por lá anda, e provavelmente esperará a chegada de Suas Majestades. Em seu regresso não passará a Corte na cidade do Rio Grande; daqui seguirá em direitura à cidade de Pelotas, para onde se avisou que esperassem no dia 20 de janeiro, segundo me informam; e isto mais corrobora o que eu disse sobre a volta de Rio Pardo. Diz-se mais que Suas Majestades tencionam assistir no Rio de Janeiro ao primeiro aniversário de seu augusto filho o Príncipe Imperial: e neste caso, mui pouca demora terá, já não digo em Santa Catharina, mas em S. Paulo.

Parece-me poder anunciar-lhe que o Imperador e a Imperatriz estão de esperanças. A irmandade de Nossa Senhora das Dores fez ontem cantar em sua igreja um Te-Deum, em ação de graças pela feliz viagem de SS. MM. II., ao qual assistiu a Corte e grande número de cidadãos civis militares convidados pela irmandade. As notícias do Rio de Janeiro aqui recebidas alcança até 7 do corrente.

Quantias despendidas por ordem de Suas Majestades em donativos e esmolas, desde o dia de sua chegada à província de S. Pedro do Sul, em 10 de novembro até 24 de dezembro de 1845.

Pelo brigue Bela Unido temos notícias do Rio Grande até 26 do mês passado. Diz uma carta que temos à vista que o Imperador tinha seguido da Cachoeira para Bagé, e que consequentemente era provável que a demora de Suas Majestades na província fosse maior do que a princípio se supusera.

Porto Alegre, 5 de janeiro

Venceu-se uma dificuldade que até hoje me pareceu insuperável: A Imperatriz consentiu finalmente em esperar aqui seu augusto esposo, enquanto vai ele a S. Gabriel. Seu extremoso amor não queria conceder o que a prudência aconselhava, isto é, que se não expusesse ela ao rigor da estação e aos perigos de uma viagem sem as comodidades que sua posição requer. Não podia compreender como separar-se, ainda por poucos dias, do mais caro objeto de seu amor. Acompanha somente ao Imperador o ministro, o conde de Caxias, o viador Gusmão por servir de mordomo, e o chefe de esquadra Grenfell, e os criados absolutamente necessários para o serviço do Imperador. A partida deve efetuar-se às 4 horas da próxima manhã, depois de ouvida missa na capela do Senhor dos Passos.

Suas Majestades dignaram-se aceitar o baile que lhes foi dado antes de ontem. O número de senhoras presentes não excedeu de 40, pois muitas se não quiseram apresentar, não estando preparadas para baile de gala. Suas Majestades dançaram cinco quadrilha, a saber: o Imperador com a senhora do tenente-coronel José Joaquim de Andrade Neves, um dos valentes defensores do trono nesta província: com a senhora do desembargador Pedro Chaves, com duas netas do marechal Menna Barreto, e com uma neta do visconde de S. Gabriel, filha do comendador Pedroso. A Imperatriz dançou com o dito tenente-coronel Neves, com o chefe de esquadra Grenfell, com o viador Velho, com o tenente-coronel Luiz Jose Ferreira, comandante do 8º Batalhão, e com o deputado à assembleia geral por esta província Dr. Oliveira Bello.

Hoje, às 5 horas tarde, SS. MM. Assistiram a uma corrida de cavalos. Já disse que é esta uma das paixões dominantes nesta província. Canavarro e Netto, ex-chefes da revolução, apostarão para o 1º do corrente uma carreira por oito mil pesos. Ainda se não sabe quem perdeu, porque teve lugar na campanha.

Não quis dar a satisfatória notícia de estar gravida a Imperatriz enquanto houvesse dúvida: hoje já nenhuma resta, e posso felicitar o Império pela esperança de um novo penhor de sua prosperidade.

Em viagem de Porto Alegre pelo Jacuhy, 27 de dezembro de 1845

A Corte ouviu missa às 7 horas, e às 7 horas, e às 8 embarcou no vapor Amélia, o qual recebeu mais a seu bordo toda a imperial comitiva, o conde de Caxias e seu estado-maior, o chefe da esquadra Grenfell, os oficiais de marinha Mancebo e Siqueira, ao serviço da galeota, e uma banda de música militar. Na barquinha criou-a, fretada para transportar a bagagem, embarcaram o gentil homem visconde de Castro, o comendador Israel Paiva, deputado Dr. Oliveira Bello, juiz de direito Costa Motta, que acompanha a Corte até Rio Pardo, e outros que não tem nome na história.

Pelo princípio de que - quem tem os olhos fundos começa a chorar cedo - largou primeiro a Crioula por ser de marcha inferior à do Amélia; não se soube, porém, aproveitar da honra da precedência, e por isso em breve veio a ficar no lugar a que seu nome lhe dá direito - atrás da Amélia.

Se as margens do Jacuhy não são tão povoadas como as do Itapicuru no Maranhão, do Paraguaçu, e mesmo do S. Francisco na Bahia, e outros de mim conhecidos, sem dúvida por serem alagadiças em sua tenção do navegante amigo da natureza. Suas volumosas águas rolam plácidas e serenas por sobre espaçoso leito, que elas de dia em dia mais alargam quebrando as ribanceiras arenosas ou barrentas com grave prejuízo da navegação, que tem de lutar com multiplicados baixios e troncos de arvores acarretados pelas inundações, mas que nem sempre podem ser pelas correntes levadas para onde não sirvam de tropeço. Numerosas ilhas, de que está o rio juncado, algumas de longa extensão, fazem também que a massa das águas se divida em muitos braços ou ramos, e venha assim a faltar onde mais útil seria. Estas ilhas, bem como as margens do rio, são em geral cobertas de matas, as quais, todavia não entram muito pelo continente por as virem logo encontrar as belíssimas campinas que fazem a riqueza desta província.

Como já disse, são as inundações as causas de serem pouco povoadas as margens do Jacuhy; pequenas casas de lavradores pobres aparecem de longe em longe; as dos estancieiros estão situadas fora do alcance das águas nas maiores enchentes; e pois

o navegante, em grandes espaços, só tem debaixo das vistas larga esteira de límpida água correndo por entre espessa ala de frondosas arvores.

A dez léguas de Porto Alegre, na margem direita do rio de que falo, no sítio denominado das Charqueadas, encontram-se alguns prédios que muito embelezam a localidade: pertencem a charqueadores abastados, que se tratam com mais asseio e luxo do que me dizem fazem em geral os estancieiros. Para inteligência de não poucos leitores do Jornal do Commercio advertirei que não é a mesma cousa estancieiro e charqueador: o primeiro cria, o segundo manipula; quero dizer que o estancieiro é proprietário, o segundo negociante; este, ou compra àquele gado para charquear por sua conta, ou fê-lo por conta dele, mediante um estipendio, que regula de um a dois mil réis por cabeça, além de outros caídos provenientes dos ossos, donde extrate a graxa, e dos miúdos, entregando ao dono do gado o charque, couro, cabelo, chifre e... sebo. E como há charqueadores que matam cerca de 200 rezes por dia, dando a cada escravo a tarefa de oito cabeças, é fácil de julgar-se do interesse que fazem neste ramo de negócio. Os que tem suas estancias próximas de porto de embarque, fazem por si mesmo o charque, e de um soube eu que o boi, que vendido vivo daria 10 ou 12 mil réis, deixa 18$ reis ao dono se o charqueiam.

Deixando, porém, a quem queira se dar a esta indústria a tarefa de tomar por si mesmo minuciosas informações, prosseguirei no que me importa.

Algumas famílias se reuniram nas charqueadas para verem passar Suas Majestades. Apenas apareceu a barca, subiram ao ar girandolas de foguetes, e os augustos viajantes foram saudados com vivas aclamações. Aqui tem o rio considerável largura, e corre em linha reta por grande espaço; de modo que ainda de longe se avistam as casas como que fazendo a primeira rua de uma cidade, oculta por detrás da colina em cujo começo estão elas assentadas.

Às 2 e meia horas da tarde fundeou a Amélia defronte da vila do Triunfo. A uma ponte, levantada na praia para desembarque de Suas Majestades, os vieram receber a câmara municipal com o pálio, as autoridades e povo do lugar com geral satisfação pela

honra da augusta visita. Depois de assistirem na Matriz ao Te-Deum, recolheram-se os Imperadores à casa que lhes estava destinada, sem outro incômodo além do proveniente do terribilíssimo calor que fez hoje por todo o dia.

Villa do Triunfo, 28 de dezembro.

Ontem, às 6 horas da tarde, saíram Suas Majestades a pé com o fim de ver a vila. Sita sobre uma colina que domina os rios Jacuhy e Taquary, tem ela belíssimos pontos de vista; mas é tão pequena, e com tal celeridade caminha para seu aniquilamento, que não admirar se em poucos anos houver desaparecido. Disputada pelos Castelhanos à margem direita do Jacuhy, à qual se julgavam com direito com todo o território adjacente, não quiseram os primeiros povoadores desta província edificar em terreno que pudesse vir a pertencer a outra nação; e, pois, foram assentando suas residências na margem esquerda; nem sempre, porém, andaram bem avisados na escolha dos sítios em que fundaram povoações. A vila do Triunfo é uma das que mais se ressentem desta escolha infeliz ou obrigada. Assentada sobre terreno desigual e pedregoso, torna-se no verão inabitável pela intensidade do calor, intensidade de que não podem fazer Ideia nem mesmo os habitantes do Rio de Janeiro, pois que, além da falta de ar, é tal a evaporação do solo, que, ainda dentro de casa, não há lugar em que se possa estar abrigado de penetrante ardor! Infelizmente têrmo-lo ontem e hoje experimentado. Demais, queixam-se os moradores da incapacidade do terreno para a agricultura, sendo eles obrigados a consumir o que lhes mandam os vizinhos sem que nada exportem.

Ouvi que se projeta fazer a mudança da vila para nascente povoação do Novo Triunfo, a qual se vai levantando na margem direita do Jacuhy em frente desta. Suas Majestades lá foram passear esta tarde, e o sítio oferece garantias de futura prosperidade. Virá ser o empório das estancias e charqueadas daquele lado: seu merecimento, segundo o juízo dos moradores, depende da edificação de uma capela em torno da qual se construirão prédios. Foi nesta vila que teve lugar um dos mais celebres combates da extinta guerra. Visitei o sítio em que se ele deu, tendo por Cicerone uma testemunha ocular da ação.

O barão de Jacuhy é um desses homens a quem a consciência do próprio mérito alto lhe diz que não carece de pavonear-se para que todos o respeitem e devidamente apreciem. De estatura

ordinária, magro e paládio, sua fisionomia é melancólica., seu olhar frouxo, a voz branda e pausada: quem o vê julga-o vítima de alguma dessas crônicas enfermidades que minam a vida sem estrondo; fala pouca e como que com acanhamento. Sem posição social que o fizesse notável antes da revolução, sua coragem, seu conhecimento do terreno da província, seu gênio militar o elevará à altura em que se hoje acha. É ele o individuo que menos fala de seus serviços, que menos apreço lhes parece dar, e todavia ninguém ousa disputar-lhe a gloria de ter sido um dos mais valentes campeões da integridade do Império. Foi só agora que o virão revestido de seus uniformes e condecorações, e parece mais preferir o retiro ao burburinho das cidades. Nenhum dos chefes das forças imperiais correu parelhas com ele no número e importância de combates. Só uma vez vencido, depois de gravemente ferido, bateu um por um a todos os chefes das forças inimigas. Ferido duas vezes na cabeça, uma no braço direito, que esteve a ponto de perder e conservar por afrontar os conselhos dos cirurgiões, e outra no peito, de cujos efeitos ainda se ressente, nunca se deixou restabelecer no quartel; sempre que o general precisou de sua perícia, sagacidade e coragem, achou-o a frente dos bravos que ainda hoje consideram título de honra o haverem sido da gente de Chico Pedro. Sendo atualmente tenente-coronel honorário, usa de farda do estado-maior com insígnias de coronel, por ser chefe de legião da guarda nacional.

Receando o chefe de esquadra Grenfell que não houvesse bastante água no primeiro baixio daqui para S. Amaro para navegar a Amélia, foi hoje observá-lo, e boa foi sua lembrança, pois se realizarão as suspeitas, encalhando a barca da proa. O IMPERADOR o Imperador se não quis arriscar a embarcar na Crioula, de cuja segurança não tem os melhores abonos, por ser a respectiva maquinha destinada antes a serrar madeira do que a serrar água; e, pois, terão de fazer o trajeto na galeota, a qual facilmente vencerá as três léguas que tanto dista deste àquele porto.

Para se não passar anoite somente a falar do calor, improvisou-se um baile, e dentro de uma hora estavam reunidas cerca de trinta senhoras e outros tantos homens, estes quase todos vindos de Porto Alegre com a Corte. Dançou-se enquanto os pôde

sofrer a banda militar, e à uma hora da manhã todos disseram o que agora, que são perto de três, digo eu: - Boa noite!

P.S. Já vi o que se chama doido de pedras. Penso se lembrarão os leitores da notícia que dei do achado de pedras no rio Taquary e outros desta província, das quais tem os Alemães mandado fazer obras. Muitas há curiosas por sua forma e cores diversas. A um pobre homem escasqueou-se que poderia fazer grande trabalho e não pequena despesa conseguiu reunir considerabilíssima coleção delas, e fez aparatosa exposição em sua casa, defronte da imperial residência, a cuja janela se pôs um enteado a cantar como o sabiá e outros pássaros com tal semelhança que ilude completamente. O Imperador escolheu algumas para seu gabinete de mineralogia, e mandou dar ao homem 400$ rs. Não o tem o menor conhecimento do gênero em que quer negociar; mas se julga senhor da ilha de Monte-Cristo. A seus olhos todas as pedras encarnadas são rubis, e me disse que entre as escolhidas pelo Imperador fora um rubi de mais de 4 polegadas de comprimento e uma de diâmetro!

Santo Amaro, 29 de dezembro.

Não desencalhou a Amélia, e a Corte teve de fazer a viagem do Triunfo para aqui na galeota. A Imperatriz acompanhou as damas, o ministro, o veador, camarista, mordomo, conde de Caxias e chefe de esquadra Grenfell; todos os mais da comitiva embarcaram-se na Crioula. Largado às 8 e meia da manhã com tempo limpo e ardentíssimo sol, estava-se bem longe de supor que meia hora depois cairia chuva a cântaros. Os desprevenidos passageiros da galeota sofreram-na sem remissão nem agravo, pois lhes não restava outro recurso, não havendo casa a que se abrigassem. Um capote serviu para o Imperador e a Imperatriz; mas tornou-se fraco refúgio, pois a chuva continuou forte durante a viagem, que durou 5 horas, podendo ser feita em 2 e meia com tempo regular. Chegando ao porto como se saíssem de mergulho, não era possível esperar-se pela bagagem que vinha na Crioula, arrastando-se pela bagagem que vinha na Crioula, arrastando-se lentamente por trazer a reboque dois lanchões não menos carregados do que ela: desembarcaram, pois, debaixo de copiosa chuva e por cima de grande lamaçal. Em terra estavam baús com roupa do Imperador vindos de véspera, e foram arrombados, porém não havia roupa da Imperatriz, e tiritando de frio com roupa molhada no corpo, viu-se na necessidade de se meter na cama enquanto se enxugou a ferro a roupa que trazia, visto não chegar a barca. Felizmente nenhum incômodo apareceu proveniente de tão mau tempo.

A freguesia de Santo Amaro é em si mesmo muito insignificante, e consta apenas de umas vinte e cinco a trinta casas térreas pertencentes a fazendeiros que as tem para as festas; só quatro famílias fazem aqui sua residência ordinária. Dizem que foi outrora empório da campanha antes de se abrir comunicações com o Rio Pardo; atualmente nenhum comércio tem.

Santo Amaro, 30 de dezembro.

Sua Majestades saíram a cavalo esta manhã para fazerem um passeio pelos arrabaldes, e se recolheram uma hora depois, apeando-se na porta da igreja para fazerem oração. A tarde o cônego capelão administrou o Sacramento da Crisma, em virtude da autorização do bispo capelão-mor.

A Corte e comitiva partirá amanhã por terra para Rio Pardo, e já estão a caminho muitas carretas com a bagagem necessária.

O bispo chegou ao Triunfo no segundo dia da estada da Corte naquela vila. Volta para Porto Alegre enquanto seu secretario faz a visita de alguns povos da campanha.

Rio Pardo, 1º de janeiro de 1846.

A Corte fez a viagem de Santo Amaro para esta vila com mais celeridade do que era de esperar. Duas madrugadas cm que se não contava pelo receio de incomodar a Imperatriz muito adiantaram a marcha, livrando a todos de se virem abrasando com o sol; e quando se supunha que antes de 11 horas se não efetuaria a entrada, teve ela lugar às 8 e meia. O Imperador dispensou a recepção com palio que lhe quis fazer a câmara municipal; dirigiu-se logo a casa que lhe estava destinada, por entre a multidão que se apinhava para vê-lo e a sua augusta esposa, e saudá-los. Às 5 horas da tarde, acompanhados de todos os oficiais de sua casa e de todas as autoridades locais e cidadãos, foram SS. MM. assistir ao Te-Deum que em ação de graças pela feliz viagem e honrosa visita dos soberanos, fez cantar a câmara municipal. Houve depois beija-mão.

A vila está toda iluminada, e muitas famílias se reúnem à porta da residência imperial para gozar da presença de SS. MM., que se apresentam amiudadas vezes às janelas, enquanto tocam bandas de música militar.

Todos os que vieram agora pela primeira vez a esta vila tem-na achado melhor do que esperavam. Rivaliza em numero de prédios com algumas cidades que conheço, e lhes excede na qualidade deles: é muitíssimo superior a afamadas vilas mesmo da província do Rio de Janeiro; e posto não reste aos seus desacoroçoados habitantes esperança alguma de ver restabelecido seu antigo comércio desviado pela revolução, que obrigou os serranos e camponeses a abrirem relações diretas com Porto Alegre, Pelotas e cidade do Rio Grande, pensa-se todavia que muito ganhará ela com a abertura de uma estrada para a Serra da Vacaria.

Assentada em terreno alto, bem que desigual, estende-se em linha paralela com o Jacuhy, e para a margem esquerda do Rio Pardo, que vem desaguar naquele a alguns passos acima da povoação, ficando esta como que na área do triangulo formado por estes dois mananciais.

Uma das primeiras necessidades desta província é a fartura de pontes que cortem os numerosos rios que a banham. Uma que comunica esta vila com a margem direita do Rio Pardo é de

grandíssima utilidade, e vai já precisando de reparos: é obra tosca e pesada por ser de curioso, que nada entendia de arquitetura, mas sua falta seria muito sensível.

Conta a vila três igrejas; todas, porém, estão por acabar. A matriz nem torres tem, e se fosse concluída, seria um templo menos mau.

Suas Majestades continuavam a gozar perfeita saúde, o Imperador, depois da viagem a S. Gabriel, regressou ao Rio Pardo, e chegou a Porto Alegre, em companhia de sua augusta consorte, na noite de 27 de janeiro. Cartas de Porto Alegre chegadas ao Rio Grande no dia 30 dizem que SS. MM. tencionavam seguir para Pelotas no dia 2 de fevereiro. Ia esperá-los em Canguçu a barca Amélia, para onde teriam de passar-se, se o vapor Imperatriz não pudesse seguir por falta de água. Acrescentam que SS. MM. demorar-se-iam em Pelotas seis dias pelo menos, e que dali partiriam para Santa Catharina sem desembarcar no Rio Grande nem na vila de S. José do Norte.

O major Carlos Miguel de Lima faleceu na vila do Rio Pardo no dia 12 de janeiro. <Um fogo devorador, diz o Commercio, lhe percorreu todas as entranhas, todas as partes do corpo; desde o estomago até à última das vísceras abdominais, sem exceção das membranas que as envolvem; desde o cérebro até as últimas ramificações dos nervos. Sintomas de todas as irritações conhecidas em medicina se manifestaram no curto espaço de nove dias: nem faltou a icterícia na véspera de sua morte, nem as contrações tetânicas; e descarnado o lívido ficou o seu cadáver após que a boa alma que animava subiu ao céu. Foi sepultado na igreja do Senhor dos Passos da vila do Rio Pardo, onde faleceu a 12 de janeiro do corrente ano, a meia hora depois do meio-dia.

Porto Alegre, 1º de fevereiro de 1846

Suas Majestades passam bem: hoje darão beija-mão de despedida, e por estes dois dias partirão para Pelotas, para onde vai já sair o vapor Fluminense, levando o bispo capelão-mor, outros passageiros e parte da bagagem imperial.

As aguas do Guaíba tem baixado tão consideravelmente, que não dão mais de dez palmos de fundo em alguns lugares do canal, como verificou ontem o chefe de esquadra Grenfell, água insuficiente para franca navegação do vapor Imperatriz com qualquer carga: está portanto aliviando para ir assim esperar a Corte em Itapoã, até onde irá ela no Amélia, passando-se de novo para aquela durante o trajeto da Lagoa dos Patos, depois do que ainda voltará ao Amélia ou em algum outro menor para poder entrar o S. Gonçalo.

Ouvi que, por ocasião da despedida, será publicada longa relação de graças feitas pelo Imperador, compreendendo as que couberam às pessoas que hospedaram Suas Majestades na campanha. Se me vier ela às mãos antes de fechar esta, juntá-la-ei.

O Imperador mostrou gostar muito de S. Gabriel, e os S. Gabrielenses são dignos destas mostras de satisfação que lhes deu o soberano: fizeram eles quanto em si esteve por festejá-lo condignamente. Se os que ali correram cavalhadas se não apresentaram cobertos de seda e ouro, como em Porto legre, como cavaleiros mostraram superior desteridade: vestidos de índios, montaram em pelo, o que, além de ser muito mais penoso, oferece muito maior dificuldade de segurarem-se, e ainda assim fizeram evoluções de lanças não praticadas em Porto Alegre. A casa preparada para o imperador estava com a possível decência. Além do baile a que assistiu o Imperador, houve dois saraus; e n'um teatrinho improvisado deram curiosos duas representações sofrivelmente desempenhadas. Na tarde anterior à partida do Imperador deu-se na praça o espetáculo de laçar e montar potros bravos, bolear e pealar, isto é, laçar pelos pés ou mãos, no que são eminentemente destros os homens que nesta província se ocupam da criação de gado, e mesmo aqueles que vivem na campanha, e nisto são eles absolutamente superiores aos daquelas províncias do norte onde há

idêntica ocupação. O Imperador visitou a estância do capitão Fidelis Prates (pai do engenheiro Feliciano Prates, que se ocupa no Rio de Janeiro do melhoramento do fabrico de açúcar), onde almoçou e assistiu a diversos exercícios próprios de tais estabelecimentos, não podendo passear o rico pomar que ali há, por se haver molhado com chuva sobrevinda inesperadamente. É esta a estância onde há maior criação de bestas muares, gênero que, tendo outrora dado muito interesse, não oferece atualmente grande vantagem, pois são elas vendidas a dois e três patacões quando muito.

Todas as manhãs dava-se o Imperador no Vacacahy ao exercício de nadar; e como, à force de forger on devient forgeron, já S.M. nada com desembaraço. Voltando para Rio Pardo, fez marchas tão forçadas, que deu receios de vir a chegar mui fatigado; mas não aconteceu assim: antes, querendo fazer à sua saudosa esposa agradável surpresa, da distância de uma légua do Rio Pardo, já noite, partiu somente acompanhado do ministro, do conde de Caxias e do viador Gusmão, deixando toda a mais comitiva com o barão de Jacuhy, com ordem de só entrar quando já houvesse tempo de estar o Imperador em casa; e tão bem surtiu; que quando entramos na vila, precedidos do piquete tocando o clarim, iluminou-se ela, e subiram foguetes, por só então suporem os habitantes que chegava o Imperador.

Como já disse em minha precedente carta (*), a viagem do Rio Pardo até esta cidade fez-se sem novidade. Lamentamos, porém, a perda de um companheiro de viagem, o major Carlos Miguel de Lima, que sucumbiu no Rio Pardo no dia 12 do pretérito, estando o Imperador na campanha, e com ele o conde de Caxias, o irmão do falecido. A prematura morte deste moço extremamente penalizou a todos quantos o conheceram e trataram. Possuía ele qualidades tão apreciáveis quão raras no tempo em que vivemos. Valente no combate humano com os vencidos, franco e bom amigo, fazendo o bem que podia sem outro fim mais do que o de fazer bem, no tempo em que aqui viveu angariou geral estima. A Imperatriz, na ausência de seu augusto esposo, mostrou pelo enfermo o maior interesse, já por conhecer que sua morte arrancaria ao Imperador um súdito de preço, já por ver que a enfermidade se originara de uma constipação

que o major Carlos apanhara no regresso da Capela de Viamão, por se expor ao rigor da copiosa chuva que então caía, para das suas capas a uma das damas de acompanhantes da Imperatriz ou a ela mesma, segundo ouvi. Caro, bem caro tem custado ao conde de Caxias a glória que nesta província veio ganhar! Nela deixa sepultados dois irmãos, e a morte do último o tem sobremodo abatido, tragando em silencio a dor que lhe ela causa, por ser os lugares onde S.M. tem de receber os obséquios de seus súditos. Diz-se que o conde se retirará para o Rio de Janeiro logo depois de abrir a assembleia provincial no 1º de março.

O cônego Sebastião Pinto do Rego, capelão de SS. MM., autorizado pelo bispo diocesano, tem administrado o sacramento da Confirmação a mais de mil pessoas em Rio Pardo, Santo Amaro, Triunfo e Porto Alegre.

Na antevéspera de sua partida do Rio Pardo, dignou-se S.M. o Imperador aceitar o convite que lhe fez o desembargador Pedro Rodrigues Fernandes Chaves de ir passar um dia em sua estância, a ¾ de légua da vila, além do Jacuhy, o Imperador passou alegre todo esse dia, e se mostrou mui satisfeito da hospedagem.

Aí vai relação dos despachos publicados com data de 29 do pretérito.

Relação dos despachos publicados em Porto Alegre no dia 29 de janeiro de 1846.

Ordem de Aviz - Cavaleiros.
Antônio Joaquim Bacelar, tenente-coronel comandante do 3º Batalhão de fuzileiros; Carlos Resim, major do 8º Dito; Manoel Pereira da Silva, capitão do 7º Dito de caçadores; Manoel Ribeiro de Moraes, dito de cavalaria; Sebastião Xavier Ferreira da Silva, major reformado; Manoel de Oliveira Paes, capitão-tenente.

Ordem de Cristo - Cavaleiros.
Dr. João Pereira da Silva Fortes, José Eleodoro de Figueiredo, Joaquim Simões Pires, Florêncio Antônio de Araújo, capitão, de Caçapava; Tristão da Cunha e Souza, da Cachoeira; José Luiz de Mesquita, do

Rio Grande; Carlos Antônia da Silva Soares, dito; Moysés Rodrigues de Araújo Castro, dito; José Francisco da Silva, vereador da câmara municipal do Rio Pardo; Francisco omes da Silva Guimarães, dito; Antônio Prudente da Fonseca, dito; Alexandre Coelho Leal, presidente da Cachoeira: João Barbosa do Prado Lima, subdelegado do Rio Pardo; Raphael Pinto de Azambuja, João Pereira Monteiro, major; José Victorino Rezende, dito do Rio Grande; João da Silva Vieira Braga, dito; João Martins de Freitas, dito; João Antônio da Rosa, dito; Pedro José Gomes de Abreu tesoureiro da administração provincial; Francisco Antônio de Andrade, presidente da câmara municipal do Triunfo; Antônio de Souza Ribeiro Guimarães, do Rio Grande; Leonidio Antero da Silveira, dito; Manoel Antônio Lopes, dito; Francisco de Miranda Ribeiro, dito; Antônio José Ribeiro Guimarães, dito, e José Pedro de Oliveira Gaia, dito.

Ordem da Rosa. - Comendadores.
Desembargador Pedro Rodrigues Fernandes Chaves, Rodrigo José de Figueiredo Moreira, tesoureiro da tesouraria da fazenda.

Oficiais.
Manoel Alves de Oliveira, presidente da câmara municipal do Rio Pardo; coronel Joaquim José da Silva, tenente-coronel José Antônio Martins.

Cavaleiros.
Padre Fidencio José Ortiz da Silva, vigário de Caçapava; padre Feliciano José Rodrigues Prates, dito da Encruzilhada; Antônio Martins da Cruz Jubim; Hilário Pereira Fortes, comandante da policia na Cachoeira; Antônio de Faria Corrêa, juiz de paz de S. Gabriel; Antônio Ferreira Valle, subdelegado (idem); Domingos José Rodrigues da Cunha, de S. Gabriel ; João Raymundo da Silva Santos, alferes; Victorino José Carneiro Monteiro, capitão; André Alves de Oliveira Bello, dito; Fidelis Nepomuceno de Carvalho Prates, capitão; Francisco Pereira Monteiro, juiz municipal do Rio Pardo; Joaquim José da Fonseca Souza Pinto, David José de Barcellos, juiz de paz da Cachoeira; João Teixeira de Carvalho e Silva, subdelegado

da Cachoeira; Antônio Francisco de Almeida, delegado do Triunfo; Dr. Antônio José da Motta e Silva, Juiz Municipal em Caçapava; Gregório José de Figueiredo, Candido José Ferreira Alvim, juiz municipal de Santo Amaro; Justino José da Silva, dito do Rio Pardo; Antônio da Costa Maia, José dos Santos Vidal, Antônio Alexandrino Gutierrez, major; José Jacinto Pereira, capitão; José Ribeiro de Siqueira, dito; Severino Ribeiro, dito; Zeferino Fagundes, dito; Hipólito Gírio Cardoso, dito; José Lourenço da Silva Bandeira, dito; Joaquim Pereira Fagundes, dito, João Manoel da Silva, dito, José Antônio da Silva Guimarães, dito; Antônio José da Silva, tenente; Justiniano Sabino da Rocha, alferes; Luiz Antônio de Macedo, dito; Custodio Coelho dos Santos, dito;; José de Souza e Silva, cirurgião no Rio Pardo; Antônio José de Faria, dito de S. Gabriel; Francisco José Wildet, Bonifácio José Crispim, juiz de paz; José Luiz Martins, Antônio Jacinto Pereira, Manoel Pinto Barreto Joaquim da Silva Telles e Queiroz, major do corpo policial Manoel de Oliveira Paes, capitão-tenente; Francisco Lopes da Costa Moreira.

Por decreto de 24 de janeiro foi nomeado guarda-roupa honorário o moço da câmara Manoel Pedroso de Albuquerque.

Cidade de Pelotas, 6 de fevereiro de 1846.

Já aqui se acha a Corte: sua viagem de Porto Alegre até esta cidade teve lugar da maneira detalhada em minha carta do 1º do corrente: no vapor Amélia até Itapema, no Imperatriz até Canguçu, outra vez no Amélia até a foz do rio S. Gonçalo, e dali no Rio Grandense até o lugar do desembarque, onde atracou depois de 5 horas da tarde de anteontem. Junto à ponte, feita de proposito para o desembarque, esperavam a SS. MM. considerabilíssimo número de pessoas, não só das em quem este ato corre em obrigação, mas ainda de curiosos e estrangeiros desejosos de serem os primeiros a gozar da presença dos soberanos brasileiros. Desde o cais até à porta da casa destinada para imperial residência estava estendida em alas a força de 1ª Linha. O barão de Antiqueira, o mais rico proprietário deste município, tomando a si a honra de hospedar a SS. MM., fez partir para a ponte, imediatamente que se anunciou a aproximação do Rio-Grandense, seu trem, em verdade magnifico, pois não tem outro metal que não seja prata. Seges, carros e cavalos foram também ali postos ao serviço da comitiva imperial e das pessoas que a ela estão incorporadas. Entre o cais e a cidade há a distância que vai do largo do Paço do Rio de Janeiro até o do Senado, pouco mais ou menos. As pessoas que foram ao encontro de SUAS MAJESTADES serviram-se de iguais meios de transporte.

Das três cidades que tem a província é esta a mais bem situada, e a que dá melhores esperanças de rápido engrandecimento: assenta sobre vastíssima várzea toda mui plana, e ainda que pareça ao nível do caudaloso S. Gonçalo e do Arroyo Pelotas, que quase a circundam, fica-lhes, todavia, mui a cavaleiro. Suas ruas são bem lançadas e largas, e estendem-se igualmente para todos os lados, contendo já muitos prédios, alguns de alto valor, e em breve terão eles duplicado de número se continuar o furor com que se edifica, apesar do subido preço porque vem aqui a ficar os materiais, e de ser preciso comprar o terreno a duzentos e a trezentos mil réis a braça, segunda a sua localidade. Às margens do S. Gonçalo e do Pelotas estão as mais ricas charqueadas da província, e em não poucas tem os proprietários mui belos prédios. O primeiro dá franca navegação

até à foz da Lagoa Mirim, da qual é ele sangradouro; e cortando a várzea em linha curva, como se quisesse contornar a cidade, donde suas águas nem sempre são vistas, faz isto que quem aqui vem pela primeira vez e ignora a direção do rio, só tendo debaixo dos olhos o terreno de suas margens d'aquém e d'além, fique extático com o maravilhoso espetáculo de andarem navios velejando por sobre campinas.

Como se sabe, foi esta a povoação que mais sofreu da revolução: chegou a ficar inteiramente desabitada, e dizem moradores que horrorizava seu aspecto quando para cá voltaram apenas pressentiu-se o termo da guerra: as casas estavam despidas de portas, janelas e soalhos, outras foram completamente arrasadas, e nas ruas cresceu de tal modo erva, capim e arvores, que por elas pastavam gados e vagavam animais selvagens. Hoje não oferece nenhum desses vestígios; dois anos bastaram para tudo se reparar; tal é o interesse que tem o comércio de a ver bela como a que tem de disputar a primazia sobre suas irmãs do Rio Grande e Porto Alegre, donde espera vir a arrancar a sede do governo da província. O único obstáculo que atualmente se opõe a seu rápido engrandecimento é a obstrução da foz do rio: para removê-lo promoveu-se antes da guerra uma subscrição, com cujo produto se fizessem vir barcas de escavação, e para se isto conseguir já estavam nos Estados-Unidos grossas quantias, quando o gênio da discórdia lançou sobre esta bela província o brandão da guerra civil: fizeram vir esse dinheiro, que foi restituído aos signatários; mas tão palpitante é a necessidade desta obra para comerciantes e charqueadores, que muito tempo se não passará sem que esteja ela feita, em que pese aos negociantes da cidade do Rio Grande, que virão a ser os únicos prejudicados. Seu teatro é igual, senão superior ao da Praia de D. Manoel; é o quarto teatro do Brasil. Carece de templos, porque tem apenas uma igreja pequena e arruinada; dizem-me, porém, que já está pronta a pedra para seu fundamento, a qual será lançada pelo Imperador, bem como a do hospital de caridade que se vai conjuntamente edificar. A população da cidade cresce diariamente, e atualmente consta a terça parte dela de emigrados orientais.

Tornado à recepção da Corte, foi ela como era de esperar daquele a quem cabia a tão subida honra da visita de Suas Majestades se as ruas não estão cobertas de tapetes, se não gemem com o peso de arcos colossais, ali estão as entusiásticas demonstrações do patriotismo, que não se representa somente sob formas materiais, que muitas vezes não passam de fofas ostentações: aqui há um só arco, mas este é feito com gosto. A praça está ocupada por espaçoso anfiteatro para corrida de cavalhadas, obra devida ao patriotismo e gênio empreendedor do negociante Joaquim de Faria Corrêa, que a tomou a si, adiantando os necessários fundos para lhe serem ao depois indenizados pelas pessoas que quisessem tomar camarotes para suas famílias. A igreja está armada com melhor gosto do que todas as em que tem o Imperador visto subirem ao Omnipotente as ações de graças que os brasileiros entoam pela prosperidade da família imperial e do Brasil. Ao Te-Deum, que teve lugar ontem ao meio-dia, concorreu tal multidão, que não foi possível caber na igreja, e as ruas por onde passou o préstito estavam apinhadas de povo avido de gozar da presença de SS. MM.

No teatro houve também grandíssima enchente, e depois de serem Suas Majestades saudados com entusiásticos vivas, recitou o Dr. Mendonça, presidente da câmara municipal, um elogio, composição de um Antônio José Domingues. No intervalo do primeiro ao segundo ato, ceou a Corte no salão do teatro, magnificamente alfaiado. Daí gozará ela da corrida de cavalhadas.

Da cidade do Rio Grande vieram muitas famílias a gozarem das festas. Permitas-me aproveitar este ensejo para agradecer aqui a boa vontade que alguns dos traficantes daquela cidade nutrem a meu respeito instigados pelo Quixote correspondente do Mercantil de quem falei em minha última carta de Porto Alegre. Não é lá muita cousa, ou antes é pouco mais de nada: disse eu que ali não há feito progressos a música, e os meus bons amigos tanto confiam de seu talento, que arranchárão para me darem uma sonata de fá-bordão, como aquela que, segundo o poeta Gregorio de Mattos, entoaram sobre a figura de um certo Braz Luiz da Bahia. Infelizmente, porém, ainda o conselho-diretor não assentou na escolha da peça; estão divididos os votos, e já vou perdendo as esperanças de receber

esta prova da ilustração dos novos Bellinis, apesar dos reiterados protestos que fazem e me vem aos ouvidos a todos os instantes. Os Pelotenses têm sido instigados para fazerem coro do tal concerto ou sonata, mas tem tido mau gosto de desacorçoar os artistas: se não forem avante os bons desejos dos amiguinhos, não sei como ainda assim agradecê-los, pois não me resta a menor dúvida acerca de sua intenção, tendo visto cartazes, a que se aqui chama pasquim, com a minuciosa exposição das partes componentes do concerto. Deus lhes pagará.

A notícia da grave enfermidade do ministro de estrangeiros contristou ao Imperador, já pelo receio de vir a perder um súdito da ordem do Sr. Limpo de Abreu, já pelo de ser obrigado a recolher-se ao Rio de Janeiro antes de visitar os pontos da província de S. Paulo, que deseja ver.

Tenho ouvido nesta província geral clamor contra os nossos vizinhos da fronteira do Estado Oriental: ou se apossam das estancias dos Brasileiros e as destroem completamente, ou lhes não permitem fazer tropas para transportarem ao Império. O que sobretudo tem mais escandalizado é a perversa ingratidão com que alguns, depois de receberem nossa hospitalidade e agasalhado, tornando-se à sua terra, assassinam a Brasileiros que lá residem cuidando de suas propriedades, como o fizeram ultimamente a alguns moços que gozão aqui de reputação honrosa. Se providencias se não tomarem que ponham termo a tais procedimentos, é de recear horrível represália, pois já são disto ameaçados os que vagão por cá.

Aqui viemos achar o violonista Robio convalescendo-se de uma pisadura que teve: dará um concerto na noite de 9, e acompanhará a Corte para o Rio de Janeiro.

Cidade de Pelotas, 7 de fevereiro de 1846.

O Imperador passeou a pé na tarde do dia 5, e ontem saiu a cavalo pelos arredores da cidade. Diz-se que verá algumas charqueadas e os melhores sítios das imediações; depois do que, partirá, e já se fala que será no dia 11. Em seu passeio de ontem chegou até ao lugar em que está o curtume de couros de éguas. Ouvi gabar o aperfeiçoamento desta indústria; mas, a quem não está habituado, repugna ver matar esses pobres animais: a várzea está coberta de grandes tropas delas, que andam em pastoreio até chegar a fatal hora de darem a pele e a graca: assim permita Deus que lhes não charqueiem a carne para no-la impingirem.

Tem sido grande a concorrência de passeadores a gozarem das iluminações e música.

Apesar das ameaças que tem chovido sobre minha cabeça, também eu fiz parte dos dilettanti; mas se não andasse em companhia de pessoas respeitáveis, talvez fosse assaltado por uma matilha que me não perdia de vista... E a policia dorme quando as ruas são cruzadas por homens armados dos pés até à cabeça! Defronte da porta do Imperador vi eu estarem dois, enquanto se rendia a guarda, armados de pistolas e facas, mostrando-se reciprocamente suas armas como uma casquilha mostraria um tareco de seu tocador! dois dias antes de chegar a Corte, um assassino, revestido da maior audácia, aproximou-se de um grupo de homens sentados a uma porta, escolheu o que procurava, e lhe meteu à queima-roupa, duas balas, do que está a expirar. Não se vê o menor procedimento judicial; nem mesmo se fala nisto! E vão lá dizer que a civilização e a moralidade não estão entre nós no último grau de aperfeiçoamento!

Cidade de Pelotas, 10 de fevereiro de 1846.

Desta cidade acrescentarei pouco, que vale muito. Como seja o dinheiro a primeira mola para todos os movimentos, segundo os publicitas do nosso século, por ele começarei. Aberta a subscrição para o Colégio de Santa Thereza, em um abrir e fechar d'olhos foi coberta, só pelos subscritores daqui a soma, já não pequena, subscrita nas cidades do Rio Grande, Porto Alegre e vila do Rio Pardo: nestes três últimos pontos orçava, segundo ouvi, em pouco mais de 90:000$ réis, e nesta cidade montava, no último momento em que vi a lista, em 94:700$ rs.; e como se contava que novos subscritores apareceriam, é muito provável que chegue aos cem contos de réis senão mais. O visconde de Jaguary subscreveu dez contos de réis por si, e um porcada um dos três filhos; outros lhe doarão andando de perto, e ninguém que pudesse concorrer para este pio estabelecimento deixou de o fazer em relação às suas forças. Ali estão, pois, as órfãs desta província com um futuro de educação pelo menos garantido pela filantropia de seus comprovincianos; cumpre agora que àqueles a quem for incumbida a última demão desta obra se compenetrem de sua importância, e a não deixem morrer em alicerce, como tantas vezes tem acontecido entre nós, vindo, por desleixo, a malograrem-se as melhores intenções.

Para outra obra de não inferior necessidade promovem os habitantes desta cidade outra subscrição, e se, como de esperar de sua piedade, forem tão generosos como acabam de mostrar, em breve esta cidade nascente terá um templo digno dela. O Imperador lançou hoje a pedra fundamental, acompanhado neste ato pelo bispo capelão-mor, com todas as cerimônias usadas em tais funções. Ignoro ainda quanto para ela deu o Imperador; tenho, porém, por evidente que não foi aqui menos piedoso do que o tem sido sempre que se faz sentir a utilidade de seu socorro.

Ainda aqui se não deixou o Imperador ficar nas salas de sua casa: todas as manhãs e tardes tem sempre alguma cousa a ver, quando lhe permitem os festejos que lhe prepararam os Pelotenses. Ontem embarcou-se no vapor Rio-Grandense com toda a Corte para fazer um passeio pelo S. Gonçalo acima; hoje foi almoçar à chácara

do Monte-Bonito, pertencente a um dos mais ricos proprietários do termo, de nome Faria, dignitário do Cruzeiro. Deste sítio goza-se de lindíssimas vistas d'olhos. Bem que fique a três léguas desta cidade, e a cerca de 8 ou 10 da do Rio Grande e sua barra, domina-as de tal modo que são perfeitamente vistas dali: ao meio-dia estavam SS. MM. de volta.

Ouvi ao visconde de Jaguary que tencionava oferecer ao Imperador o coche de que o Imperador se tem servido ; não sei se assim aconteceu e se seria aceita a oferta; sei porém que era ela feita do melhor grado possível e que este honrado velho só respira desejos de servir e obsequiar ao monarca com a espontaneidade com que tem servido à não em grandíssimos apuros, já prestando-lhe cerca de duzentos contos de réis por ocasião da guerra com os Argentinos, já dando quarenta contos de réis para as urgências do Estado na guerra que acaba de terminar nesta província, já finalmente prestando outros serviços de menor vulto, mas de igual merecimento pelos tempos em que o fez. O Imperador, conhecendo o mérito destes serviços, serviu-se agraciá-lo com o titulo de visconde com grandeza, e a seus três filhos despachou moços fidalgos condecorados com o habito da ordem de Cristo.

Por ocasião da despedida de o Imperador, publicaram-se outros despachos de graças, cuja relação acompanha a esta.

Farei menção de um espetáculo que teve lugar na tarde em que se correram cavalhadas: um homem que me disseram ser Francês quis ostentar a força de seus músculos e folego, fazendo 15 vezes em 39 minutos a volta do longo anfiteatro a trote a pé: não fui prevenido a tempo para lhe contar os giros, mas vi passar muitas vezes por ao pé de mim, até que parou defronte da janela em que estava o Imperador e o cumprimentou como quem havia concluído sua tarefa. O Imperador mandou-o subir, e consta que lhe dera sinais de sua admiração e liberalidade.

Santa Catharina, 15 de fevereiro.

Eis-nos a porto de salvamento, não sem grandes sustos e maiores incômodos. A Corte embarcou-se em Pelotas na manhã de 11, sendo até à ponte acompanhada de numerosíssimo concurso de homens e senhoras. O visconde de Jaguary e sua senhora, D. Maria de Sá Araújo, que hospedara a SS. MM. na vila do Norte; o conde de Caxias, o gentil-homem visconde de Castro e os guarda-roupas Israel e Antônio Soares de Paiva, e outras pessoas notáveis da província, acompanharam a Corte até a bordo do vapor Imperatriz, para onde se passou ela logo que chegou ao ancoradouro da vila do Norte, e ali vieram esperar a SS. MM. as autoridades e empregados da cidade do Rio Grande.

Às três horas da tarde levantaram ferro os vapores Imperatriz e Imperador, tendo ordem de fazer o mesmo, logo que pudessem, o Baiana e o brigue-escuna Fidelidade. Às cinco horas passávamos por sobre os medonhos cachopos dessa nunca assaz temida barra. Parece que todas as fúrias dos ventos se haviam conspirado para opor barreira à saída da Corte; e se a alguém pudesse ser imputada culpa de se ela achar nesse estado, aqui a denunciaria eu, pois foi grandíssimo o perigo a que estiveram expostos os augustos viajantes. Pessoas que muito conhecem a barra declararam nunca a ter visto tão perigosa; os vapores jogavam sobre borbotões de espuma como se foram brincos das ondas, e o menor desastre no leme poderia trazer consequências que a imaginação se horroriza de prever...

Por mais forte que se mostrasse o Imperador, foi-lhe absolutamente impossível conservar-se na tolda, onde os marinheiros mal se podiam ter, muito custando ao chefe de esquadra manter a ordem, que se ia perturbando pela geral celeuma levantada. O pratico da barra aconselhou a S.M. que descesse à câmara, e com razão de sobra estiveram assustados todos os outros passageiros. A bordo do vapor Imperador, se não foram tamanhos os sustos nem os boléus, por menos conhecerem os passageiros o perigo que corriam, e muito carregada vir a barca, nem por isto deixaram de andar atônitos os que a dirigiam, e por duas vezes quase mergulhou

um dos cameleões das rodas. Graças, porém, à Divina Providência, passamos o perigo, e logo que pela popa me ficava essa maldita barra, voltei-me para ela, como para certa cidade fez Montesquieu, e repeti parte do que então disse ele:
<Ah! Rien n'est comparable
<Au plaisir de te quitter!>

O vapor Imperatriz, estando livre, pôs-se a caminho: em sua esteira seguiu o Imperador, mas logo se viu que seria impossível acompanhá-lo: o primeiro continha somente a carga absolutamente indispensável para o serviço de bordo, enquanto para o segunda atirarão com tal carregamento, que bem daria para dois navios de sua lotação. Além disto, atravancaram-lhe a proa com dois enormes caixões de sege, que penavam o navio a ponto de não poder seguir mais de três milhas por hora com toda a força! E´ que se supõe que um barco de vapor aguenta com tudo, e deve, apesar de tudo, andar como se nada levará. Daqui procedeu que o Imperatriz somente foi visto até as 11 horas da noite, e tanto se adiantou, que aqui veio a entrar antes de ontem às 3 horas da tarde, e o Imperador somente o pôde fazer ontem às 6 horas, havendo já na população grandes sustos pela sorte dos passageiros. O comandante Lamego, pundonoroso e rígido observador de seus deveres, como sabem todos quantos o conhecem, deu-se a perros em toda a viagem, conservando-se durante a maior parte dela sobre uma das rodas ao rigor de copiosa chuva e vento que caía. Estamos em Santa Catharina entre gente que logo nos faz esquecer as passadas fadigas; demos graças a Deus.

O Imperador embarcou-se ontem às 11 horas e foi visitar a fragata Constituição, fundeada na barra do norte, e ali se demorou muito tempo assistindo a exercícios. Voltando já às 4 horas da tarde, dignou-se o Imperador servir-se do jantar preparado para os oficiais do Imperatriz, mostrando tanto prazer em jantar com seus fiéis súditos como se o fizera com pessoas iguais a si em categoria. Estando enfermo o comandante Benjamin, o Imperador tem feito tomar por ele os maiores cuidados, fazendo-o tratar por seu médico. Os Brasileiros compreenderão facilmente quanto por

tais modos tem o Imperador ganho no coração de seus súditos: um só momento ninguém viu ainda o Imperador com a menor sombra de mão humor; seu rosto é sempre risonho, suas palavras sempre graciosas e animadoras; e tais virtudes e qualidades sendo igualmente inatas em sua augusta esposa, não se pôde dizer qual deles reflete o que se passa na alma e coração do outro.

Os Catarinenses entraram de novo em festas: pintaram de novo seus arcos e colunas, e procuram por todos os modos mostrar aos soberanos sua gratidão pela repetida honra de sua presença.

Ontem à noite foram SS. MM. assistir a um dos espetáculos que aqui está dando uma companhia equestre, criada em Minas Gerais por um dos atores daquela norte-americana que ali no Rio de Janeiro trabalhou há dois ou três anos. À exceção do diretor, todos os mais são brasileiros, inclusive uma moça natural de Minas, com quem ali casou-se ele: todos trabalham já com bastante desembaraço e destreza.

Hoje terá lugar o baile, amanhã espetáculo no teatro, e a 17 reembarcará a corte para Santos. Os Catarinenses desejam obter de o Imperador a revogação deste programa, adiando a sua partida para depois do aniversário do Príncipe Imperial; não o conseguirão porque estão dadas as ordens para sair amanhã a barca Imperador para Santos.

Suas Majestades saíram de Pelotas no dia 11 do corrente, e seguiram para Santa Catharina, aonde chegaram no dia 13. Tencionavam partir para Santos no dia 17, estar em S. Paulo a 25, visitar Ipanema, Itu e Sorocaba. Não podemos, portanto, esperar ter o prazer de ver Suas Majestades de volta ao Rio de Janeiro antes de meados do mês de março.

Os leitores acharão nas cartas do nosso correspondente, que acompanha a Corte, a minuciosa narração da viagem de SS. MM., e as listas dos despachos publicados em Porto Alegre e em Pelotas, cumprindo, porém, notar que há uma lacuna nestas cartas: falta-nos a narração da viagem do Rio Pardo a S. Gabriel e regresso a Porto Alegre.

Guardinha, a 5 léguas do Rio Pardo, 6 de janeiro de 1846

Contra o costume de todos os grandes do mundo, e ainda dos que o querem ser, o Imperador não se faz esperar. Na capela do Senhor dos Passos, e às 4 horas da manhã, deveriam reunir-se os que quisessem ter a honra de ir ao seu bota-fora, segunda se havia ontem assentado; mas quem se lá achou a essa hora só encontrou notícia de haver o Imperador partido às 3 e meia, depois de ouvir missa. Uma vez a caminho, foi logo deixando após si todos quantos por mal montados, ou por se não terem em conta (termo aqui tido como sinônimo de cavaleiro), se virão na impossibilidade de segui-lo de perto; de modo que, só uma hora depois de chegar ao lugar em que estava preparado o almoço, viu se irem-se reunindo as quase sempre a galope, parando somente para contemplar as maravilhosas perspectivas que já daqui começa a apresentar o terreno desta parte da província. Inquerindo um por um os nomes dos sítios mais notáveis não mencionados na carta topográfica, porque dos que ela trata é o Imperador o primeiro a nomeá-los como quem a tem acuradamente estudado.

Deixando a estrada real para poupar caminho por um atalho, veio pousar a esta situação ou chácara (como se aqui chama o que não é estância), pertencente a um tal Freitas. A velocidade da marcha, a intensidade do calor, e, mais que tudo, a falta de hábito de tais escaramuças, fez pensar aos que se sentiam fatigados que não são menos familiares: enganaram-se completamente: O Imperador é o que mais fresco se mostra, antes mete à bulha os fracalhões maricas, que apenas apelados se vão estendendo sobre as cargas e caronas. Para o Imperador, o ministro, o conde e oficiais da casa, arranjaram-se camas; os demais se aboletarão debaixo das arvores, pois não foi possível acomodar tanta gente em casas tão acanhadas como são em geral as da campanha. Estes coitados, mais mortos que vivos supondo que O Imperador sentisse o que eles sentiam, adormeceram logo; ei-los, porém, que despertam a voz do Imperador, que visita de boleto em boleto os destroçados companheiros. Tão envergonhados de serem apanhados em tal abatimento por quem mais razão tem para se entregar ao repouso,

quanto orgulhosos da honrosa visita, os pobres se embuçam nos ponches e, como podem, se vão compondo para mais decentemente receberem seu augusto hospede.

Às 5 horas abriu-se a campanha contra as perdizes e pombas, que há por aqui em grandíssima quantidade: e o resultado do combate foi contra eles: o Imperador fez tão rico despojo, que o julgou digno de ser oferecido à sua augusta esposa, e para o Rio Pardo voltou um pontilhão carregado de veação, e notícia de se achar o Imperador sem novidade.

Villa da Cachoeira, 7 de janeiro de 1846

Às 3 e meia horas da manhã partimos da Guardinha, e antes das 7 entrou o Imperador nesta vila por entre alas de tropa e povo, que entusiasmado saudava seu monarca. A câmara municipal, prevenida de que o Imperador não queria ser recebido debaixo do pálio, foi ao seu encontro à meia légua da vila, acompanhada de alguns dos mais notáveis cidadãos do município.

A uma hora da tarde teve lugar o Te Deum que a câmara fez cantar em ação de graças pela feliz viagem de o Imperador saiu da casa de sua residência debaixo do pálio, em cujas varas pegou a câmara municipal, seguido de numeroso concurso, indo adiante meninas e meninos graciosamente vestidos.

A igreja concorreu a gente limpa da terra, e tal número de senhoras como ainda não aconteceu em parte alguma desta província por tal solenidade. De volta a casa, ouviu o Imperador os discursos da câmara municipal e das meninas.

Quis o ministro do Império aproveitar-se da circunstância de se achar hospedado em casas fronteiras às do Imperador para dar a ele ocasião de ver uma reunião de famílias da vila, e assim fazê-lo passar mais distraído as primeiras horas da noite. O único pretexto plausível para se isto conseguir era o de um baile. No Rio de Janeiro projetam-se e fala-se de bailes antes que tenham lugar; por cá improvisam-se e fazem-se antes que deles se fale: a maior dificuldade consiste na aquisição de doces, sequilhos e refrescos; porém esta estava vencida pela profusão deles, que S. Ex. achou a sua disposição. As moças não se fazem rogadas quando se trata de dançar; os pais não resistem ao convite de um ministro; e, pois, às 8 e meia horas da noite continham as salas cerca de 60 senhoras e pouco menor número de homens. Sendo acanhadas as salas, improvisou-se uma para a música do 8º Batalhão, armando-se barraca contigua a uma das salas, que dá porta para a esquina. Quis o Imperador ver a casa e convidados. Com muito espírito e jovialidade tudo analisou: mandou reforçar os refrescos com outros de sua copa, e vir sua baixela e criados para o serviço. Retirando-se, sentou-se a uma das janelas até às 10 e meia horas, em que se recolheu.

A reunião durou até uma hora da manhã. As senhoras apresentaram-se sofrivelmente vestidas, e algumas mesmo se pôde dizer que com elegância e graça. Sem muita prática desta sociedade, são, todavia, conversáveis, contanto que se não diga que são bonitas e bem-vestidas, pois importa isto para umas o mesmo que a mangação e para outras imperdoável injuria: há sobretudo grande prevenção contra a gente da Corte, a qual é geralmente tida por critica e escarninha, de modo que o cavaleiro dançante se deve conservar mudo ou somente falar da pureza da Virgem Maria e de cousas assim que já se tenham lido na cartilha do padre Ignácio. Se o pobre, habituado às sociedades, profere uma ou outra dessas frases banais e comezinhas às pessoas bem-educadas ou a menina se arrepia, ou algum dos membros que pesca de orelha alguma palavra que não entende vai envenená-la ao ouvido do pai ou mãe, que já fica sentada em espinhos! O melhor partido que aqui pôde tomar quem quiser evitar esses arrufos é deixar-se ficar a um canto, ainda que passe por estupido.

Villa da Cachoeira, 8 de janeiro de 1846

O Imperador visitou esta manhã as escolas de primeiras letras para ambos os sexos: a matriz e a casa da câmara: nenhum outro estabelecimento publico há que chame sua atenção: à tarde saiu a cavalo para ver os arrabaldes da vila, chegando até à chácara do tenente Tristão da Cunha.

Assim como a do Rio Pardo, está esta vila assentada a cerca de 100 braças da margem esquerda do Jacuhy: seu número e qualidade de prédios, sua população e comércio são inferiores aos do Rio Pardo; pode, todavia, passar por uma das mais populosas da província. Sua matriz, único templo que possui) não fazendo menção de uma capela particular da invocação de Santo Antônio), apresenta grandes ruinas, cujos reparos demandam consideráveis somas. Mais central que Rio Pardo, durante a revolução foi muitas vezes ocupada pelos revolucionários; e se não cresceu em prédio, nenhum foi por eles demolido ou arruinado, como aconteceu no Triunfo, Rio Pardo etc.

O barão de Jacuhy veio aqui esperar o Imperador, adiantando-se do Rio Pardo, e o acompanhará durante a viagem a S. Gabriel e volta.

O Imperador partirá amanhã às 4 horas parar ir almoçar ao Passo de S. Lourenço, no Jacuhy, onde o espera o 2º Regimento de cavalaria de 1ª linha para acompanhá-lo.

S. Gabriel, 13 de janeiro de 1846.

Da vila da Cachoeira, onde escrevi minha última carta, até esta povoação nenhum acontecimento perturbou a saúde nem a serenidade de espírito do Imperador. Partindo dali as 4 horas da manhã de 9, veio o Imperador almoçar ao passo de S. Lourenço, à margem direita do Jacuhy. O 2. Regimento fez a continência devida ao Imperador e seus oficiais lhe beijaram a mão. Depois do almoço, quis o Imperador visitar o acampamento, que ficava a pouca distância: encontrando em caminho os churrascos que os soldados preparavam para o almoço, mandou levantar uma das brasas, e se fez servir de um naco; comeu-o com bastante desembaraço, e, repetindo, convidou e insistiu com o ministro para que o imitasse, gabando-lhe o sabor, apesar da escusa que pedia S. Ex., por estar satisfeito com o que almoçar.

Montando as 8 e meia, dirigiu-se à estância de D. Thereza, onde sestou. Enquanto esperava que esfriasse o sol, entreteve-se o Imperador em conversar com diversos índios que ali estavam, perguntando-lhes os nomes de diversos objetos na língua das suas tribos, e verificando se conheciam a etimologia de outros que o Imperador lhes nomeava, e exercitando se na forma de pronunciação de alguns vocábulos.

Às cinco horas saiu, e pernoitou na estância de D. Francisca, que fica a nove léguas da Cachoeira. Partiu às duas horas da manhã seguinte para chegar antes de esquentar o sol à estância do Capão do Jarú designada para pousada desse dia. Com marcha de perto de sete léguas, quase sempre a galope, apesar da cerração que fala e da desigualdade do terreno, levantando-se antes das duas horas, nem ainda assim se queixou o Imperador do menor incômodo; antes fez aqui segunda surpresa aos hospedes das arvores e carretas em que se alojaram o mordomo, o chefe Grendell e o estribeiro-mor, para os quais não havia acomodações da mui pequena casa onde pousou o Imperador

À tarde saiu o Imperador a caçar, fazendo um giro a ré de mais de légua. Destes exercícios, porém tem o Imperador colhido imensas vantagens: seu corpo tem hoje mais elegante porte, seu

passo é mais seguro e ligeiro do que o era no Rio de Janeira; e anda, quando quer, com tal velocidade, que dificilmente pôde ser acompanhado.

Nesta tarde mesmo deu ele prova desse vigor, atravessando macegas que encobrem um homem, e sangas profundas e escabrosas que outros evitarão rodeando, e isto fazia como quem fosse criado com a frequência delas.

Chegando à casa, encontrou o juiz municipal de Caçapava, que o viera cumprimentar com outros cidadãos daquele termo. Entre estes veio um velho, que depois de beijar a mão ao Imperador, disse a o Imperador que o viera ver, já pelo dever que lhe assistia, já porque, tendo servido a três monarcas, o avô, o pai, e o Imperador nunca tinha visto um rei: e fitando a visita no Imperador, repetiu algumas vezes a última razão de sua visita. O Imperador tratou o com muita afabilidade, fazendo-lhe perguntas sobre o município da Caçapava, e manifestando o pesar de não poder lá ir, como a todos os outros da província.

Deste pouso partiu o Imperador às 4 horas da manhã de 10, sesteou no Passo de Sansepé, a uma e meia légua de distância, e pernoitou na estância de S. João, donde partiu na madrugada de ontem para almoçar na estância de José Lidorio, e pousar na de um irmão do Dr. Jubim, o mais abastado dos estancieiros do o caminho, e que tem melhor casa. Ficando ela a seis léguas desta povoação, e receando se o sol, que tem sido abrasador em todos estes dias, declarou o Imperador querer partir à meia noite, e assim aconteceu; vendo-se, porém, que pela marcha que se levava vir se ia aqui chegar ao romper do dia, assentou se de fazer uma parada no salso. Nunca houve resolução adoptada com mais cordial unanimidade, todos estavam caindo de sono. O conde fez de seu papel para o Imperador servindo de travesseiro o primeiro tronco de pão que se encontrou à mão o Imperador deitou-se, cobrindo o rosto com o chapéu, como fazem os camponeses, e n'um momento todos ou quase todos o imitaram. Às 3 horas levantou-se o Imperador, e antes das 7 aqui entrou.

Os S. Gabrielenses coalizaram-se para fazerem ao Imperador o melhor recebimento possível: fizeram três arcos adornados

de emblemas e legendas; levantaram nas quatro faces da praça gradarias para iluminações, de modo que igualmente formem o circo para as cavalhadas que pretendem correr: fala-se de bailes, teatro, escaramuças, etc. Lá chegaremos.

Em geral as povoações da campanha são bem situadas, nem podiam deixar de sê-lo com tantas localidades aprazíveis a escolher; mas esta de S. Gabriel me parece, de todas quantas tenho visto, a mais bonita. Assentada sobre uma colina que suavemente se eleva do centro de um vale circular, de qualquer lado que seja vista apresenta agradável perspectiva. Datado a sua fundação de pouco mais de 20 anos; sem que nenhum progresso tivesse nos dez anos que durou a revolução, conta, todavia, algumas casas cômodas e espaçosas, uma somente de sobrado. Seu comércio me parece maior que o da Cachoeira, apesar de não ter, como aquela, porto de embarque, e serem os gêneros para aqui transportados em carretas, cujo frete é caro: suas ruas são espaçosas e bem lançadas; e sendo, como é, o centro da campanha, se a província gozar de paz, florescerá este povo. Ouvi dizer que o governo tem vistas de fazer aqui residir o comandante das armas da província, e esta Ideia me não parece desarrazoada, porquanto é este o ponto mais apropriado para o estabelecimento de um deposito militar que socorra aos do interior ou da fronteira, onde se faça necessária a presença de força ou de petrechos bélicos: além da guarda nacional, há sempre aqui um corpo de tropa regular.

Querem os naturais da província que somente tenha a denominação de campanha, propriamente dita, o terreno que se estende do Passo de S. Lourenço em diante. Em verdade, bem que já do Triunfo se possa estender a vista sobre longas campinas, contudo há por lá serros e matas, o que não aconteceu do mencionado Passo para o interior: dali toma o terreno diversa forma. Antes de vir a esta província, quando ouvia falar da campanha, afiguravas-me constar ela de uma várzea somente limitada pelo horizonte; tinha uma ideia falsa: a campanha assemelha se a um mar encapelado, as multiplicadas coxilhas de que se ela compõe são outras tantas ondas. A vista procura em balde no horizonte um serro em que descanse: mas só depara com coxilhas mais ou menos elevadas em fôrma de meia laranja.

Só de longe em longe se avistam copados grupos de arvores, aos quais dão os habitantes o bem cabido nome de Ilhas, alguns de tal regularidade, que mais parecem plantados pela mão do homem para abrigá-lo, assim como as alimárias que por ali nascem e vivem, dos ardores do sol. Se estes grupos de arvores se estendem por algum espaço, é certo indício de bordarem algum rio ou arroyo que à sua sombra rolam a clara limpa. O Rio Pardo, Botucaraí, Jacuhy, Sansepé, Salso e Vacacahy foram os principais rios atravessados pelo Imperador: muitos outros arroyos banham o terreno visto por o Imperador: mas ou não os passou ou não tem nome digno dimensionar-se.

Os campos desta província, outrora tão povoados de gado vacum a cavalar, estão hoje desertos: longos espaços se percorrem sem avistar uma reze! Os estancieiros ricos ficaram em geral reduzidos à posse de seu terreno e do pouco gado que por bravio não pôde ser colhido perlas forças beligerantes: e alguns há que não tem uma rez para carnear. É no interior que se pode avaliar dos efeitos da revolução: as cidades ou ganharam com o comércio que muito cresceu como a do Rio Grande, ou ficaram estacionarias como Porto Alegre: mas as estancias tiveram perdas enormes, pois é bem sabido que em tempo de revolução a propriedade nem sempre é mais respeitada pela legalidade do que pelos revolucionários. Vi famílias de quem se diz que eram ricas antes da revolução reduzidas à miséria, pois de nada lhes serve campos improdutivos, dos quais se não animam a dispor por nutrirem esperanças, não sei em que fundadas, de povoa-los de novo, quando não tem com que comprar a semente: e o que mais é para lastimas é que nem todos os defensores da integridade do Império estão escoados da culpa de haverem concorrido para este estado, pois diz-se que quando carneavam 300 rezes, davam recibos da 3ª ou 4ª parte deste número, recibos que de pouco ou nada servem a essa pobre gente, que não tem quem na Corte agencie sua cobrança, sendo eles pela maior parte de exercícios findos.

Deixemos, porém, este quadro melancólico: o gênio do mal traçou suas negras linhas: a paz, a tranquilidade, a ordem, o tempo especialmente, as hão de apagar.

Porto Alegre, 28 de janeiro de 1846.

O Imperador e sua augusta esposa chegaram a esta cidade às 2 horas da manhã de hoje, o passam sem novidade. De S. Gabriel ao Rio Pardo fez o Imperador a viagem em 4 dias, pela mesma estrada em que fora recebendo por toda a parte as mesmas demonstrações de publico regozijo e amor que lhe haviam dado os habitantes e sua passagem.

Tiveram lugar naquela povoação os divertimentos que anunciei em minha carta de 13. Ali, como na Cachoeira e no Rio Pardo, foi a hospedagem da Corte feita pela câmara municipal e cidadãos, que voluntariamente subscreveram para este fim. A Sua Majestade não esfriou um só momento o amor da caridade: por toda a parte é a pobreza socorrida com grossas esmolas: e presente de alto valor tem sido feitos às pessoas em cujas casas se hospedou o Imperador na viagem a S. Gabriel.

Do Passo de S. Lourenço até S. Gabriel, e dali até o ponto da partida, acompanhou ao Imperador um esquadrão do 2ºRegimento de cavalaria de linha, além do seu piquete.

As pessoas que compõem a comitiva imperial têm sabido angariar a estima daqueles com quem estão em contato por suas maneiras urbanas e delicadas.

Na viagem a S. Gabriel era o Imperador precedido de uma parte de seu piquete como batedores, de dois ou mais oficiais naturais da província como vaqueanos, e do estribeiro menor Antônio Pedro Teixeira: a seu lado andavam ordinariamente o ministro, o conde de Caxias, o viador mordomo interino, o chefe Grenfell e o barão de Jacuhy: a demais comitiva seguia-se logo após, fechando tudo o resto do piquete e o esquadrão do 2º Regimento.

Em S. Gabriel veio o Guedes beijar a mão do Imperador, que o tratou do mesmo modo porque o faz a todos os seus súditos. Canavarro, não podendo vir por se achar gravemente enfermo, mandou um tio seu apresentar ao Imperador seus votos de submissão e respeito. Vi o Imperador mostrar-se pesaroso com a notícia da moléstia de Canavarro, pois todos asseveram que é ele homem incapaz de trair a palavra que deu de fidelidade ao trono

e amor à monarquia e à ordem, que ela simboliza. O conde de Caxias é o primeiro a manifestar a confiança que tem no caráter desse homem, a quem a impolítica de outros obrigou a se lançar na rebelião: e neste sentimento é o conde acompanhado pelo barão Jacuhy, coronel Propicio e outros esforçados defensores da integridade do Império.

Dizem que outros ex-chefes de mais nomeada estão para o lado oriental e Corrientes tratando de seus interesses privados.

Santos, 18 de fevereiro de 1846

<L'hhomme propose et Dieu dispose.> Os habitantes desta cidade ocupavam-se de há muito tempo dos preparativos para a recepção da Corte: programas escritos corriam de mão em mão, combinações de boca em boca se trocavam, homens e senhoras, meninos e meninas, sabiam de cor e salteado o papel que lhes cabia representar: em uma palavra, todos se afiguravam em seus postos no momento da ação, quando de repente lhes salta pela proa a barca Imperatriz serenando-se orgulhosa ao sibilo do estandarte imperial desenrolado no topo de seu mastro de proa, e vem lançar ferro diante da população, que ainda não sabe como pôde ser surpreendida, em despeito das cautelas tomadas para estar sobre avisada! Inimiga invasão não os poria mais atordoados: a praia cobriu-se um momento do povo mais simples, enquanto os magnatas corriam às suas casas a se porem em trajes de aparecer: e fervem pragas contra o desatento telégrafo e contra a desleixada fortaleza, tão bem colocada como se achava, não viu dirigir-se à barra o grande navio com bandeira nacional e estandarte do Imperador? Dizem que não há pior cegueira do que aquela que não quer ver: a fortaleza parecia, é sim, estar abandonada. E foi somente quando a nossa barca quase roçou as solitárias peças de artilharia que se fez ouvir rouca voz transmitida por longa buzina perguntando - Afinal, que barca era aquela? - O chefe de esquadra, do alto da roda d'estibordo, respondeu a tão disparatada pergunta mostrando o estandarte imperial para os soldados que, às carreiras, e já tendo a barca se perdendo de vista na volta do rio, foram correndo hastear a bandeira do Império e providenciar as salvas de tiros, que foram ouvidos na cidade ao tempo em que já a barca Imperial já se descobria a causa deles. Eram 5 horas da tarde quando isto teve lugar. O Imperador mandou declarar que desceria à terra imediatamente, e a barca atracou ao cais preparado para o desembarque. Felizmente, naquele momento, fazia exercício a guarda nacional, e, sem tempo para mais providências, tomou a posição que lhe estava assinalada, desfilando em alas do cais até à porta da matriz, que não ficava muito longe.

Pelo programa do presidente da província, deveria ser ele

quem primeiro fosse ao encontro de Suas Majestades, e a receber as ordens do Imperador para o desembarque. Porém, não tendo recebido aviso na capital da próxima chegada da Corte, nem o presidente, nem a deputação da assembleia provincial, aqui se achavam, e, pois, acabou sendo as autoridades presentes a fazerem executar do programa o que fosse humanamente possível.

Tenho às vezes gostos que parecem extravagantes: Confesso que estimei mais ver a sofreguidão com que todos se apressavam em gozar da presença dos soberanos, aturdido os ares com estrondosas aclamações, e queixando-se de lhes não ser dado tempo de receberem os augustos viajantes com as formalidades projetadas, do que se os visse em longa e aparatosa procissão revestidos de ar carrancudo ou aristocrático. Que importa não estarem em seus postos as autoridades, as corporações, todos, enfim, que deviam ou queriam compor o préstito, se quantos se apresentaram traziam no semblante o júbilo e nos lábios os nomes dos ínclitos monarcas, cujas virtudes reconhecem e apregoam? São os bons sentimentos do coração, e a consciência do dever, e não as galas do corpo, que fazem os mais seguros esteios do trono, e consequentemente a felicidade da nação, que só no governo que jurou manter encontrará paz e felicidade.

Depois do Te-Deum realizado na Matriz, recolheram-se Suas Majestades ao palacete escolhido para abrigá-los, onde pela segunda vez deram beija-mão às pessoas que quiseram ter a honra de os acompanhar até ali. O palacete estava decentemente preparado.

O pouco tempo decorrido entre a chegada e desembarque de Suas Majestades não permitiu que se apresentassem todas as meninas destinadas a representarem as cidades e vilas da província, e por isto só estiveram presentes 32 delas, das quais duas dirigiram alocuções ao Imperador e à Imperatriz, entregando-lhes ramos de flores em nome de suas comprovincianas. Entre elas havia uma de pouco mais de três anos, a quem com admiração ouvimos repetir com ênfase o discurso que sua companheira dirigiu ao Imperador.

O povo derramou-se pela cidade a gozar das iluminações, a praça do palácio cobriu-se num momento de grupos de ambos os sexos,

sôfregos por verem o monarca e a sua augusta esposa. Mas ali vinha a chuva, que havia dois meses visitava diariamente esta cidade, e somente hoje, segundo dizem moradores, deu tréguas, como para lhes anunciar o prazer que iam ter.

À noite, no jantar, Pedro me chamou para tratarmos das comunicações que ele queria que fossem passadas pelo jornal para os habitantes da Corte. Demos boas risadas com as trapalhadas protagonizadas pelos santistas na recepção totalmente inesperada. Também combinamos de que forma sairíamos para nossas incursões sem a presença dos comensais da Corte, cada dia mais bajuladores e impertinentes.

Santos, 19 de fevereiro de 1846

Levantei-me antes da sete da manhã e fiquei postado defronte ao cais de Santos aguardando a chegada da nau "Imperador". Quando bateu oito horas, e vi que a embarcação não chegava, decidi dar uma volta pela simpática cidade. Fiquei imaginando o que poderia ter atrasado o barco, que partira de Santa Catarina às 8 horas da manhã do dia 16, com a missão de dar o aviso da vinda de Suas Majestades em Santos. Lembrei-me que depois de uma hora de viagem, a barca fundeou por dar sinal de desarranjo nas caldeiras. Reparou-se o que apareceu, e ao cabo de duas horas se pôs de novo a caminho. Ela ainda estava na barra de Santa Catarina quando de novo foi preciso fundear, por aperceberem os maquinistas novos desarranjos: não estando patente a causa, foi preciso esgotar as caldeiras e deixá-las esfriar, e somente na seguinte madrugada se veio a descobrir uma fenda de cerca de palmo e meio, além de três pequenos furos. Era necessário emplastá-las com chapas de ferro. Foi quando se lhe aproximou a barca Imperatriz, onde estávamos. Pedro, depois de saber o que se ocorria, mandou convidar o bispo e mais passageiros que quisessem passar-se para a que vínhamos, e ordenou que se fizesse o transporte de parte da bagagem que mais necessária fosse. O bispo, no entanto, não pôde aceitar o convite do Imperador, por estar muito incomodado de uma inflamação no rosto, e dos outros passageiros somente dois se passaram. Não se receava perigo, mas contava-se com a demora. Depois de partirmos, não soubemos mais da "Imperador".

Quando o relógio bateu 10 horas, Suas Majestades, acompanhados de grande número de pessoas, partiram para percorrer a pé as ruas da cidade, precedidos de uma banda de música. Eu percebi que a maior parte das janelas estavam adornadas de colchas de damasco e sedas e delas caíam flores sobre os augustos passeadores. O povo saudava-os em sua passagem com entusiásticos vivas, fazendo subir ao ar sucessivas girandolas de foguetes. O Imperador e a Imperatriz têm correspondido do modo mais prazenteiro a estas demonstrações de regozijo público, cortejando a um e outro lado às senhoras e homens que estavam às janelas.

Finalmente, perto do meio-dia, chegava a barca Imperador, e não sei ainda quem mais doente estaria à bordo, além do bispo. Também não sabíamos se o comandante Lamego teria mandado arrebentar as caldeiras de sua barca, pois fica para não viver com o menor incidente que o embarace de voar ao ponto que lhe destino. Se estiver em estado de seguir viagem, pouco se demorará, pois tem de levar ao Rio de Janeiro o bispo e passageiros do governo, e será entregue à companhia, a cujo arbítrio ficará fazê-la curar alopática ou homeopaticamente.

Era intenção do Imperador passar na capital desta província o primeiro aniversário do Príncipe imperial, partindo daqui amanhã; mas já me vai parecendo que se não realizará seus desejos. Espera-se hoje o presidente da província, que informará acerca da estrada, a qual se supõe incapaz de ser transitada pela muita chuva que tem havido; e ainda quando seja possível rompê-la a cavalo, não poderão lá ir com a necessária celeridade os cargueiros que transportarem a bagagem.

Orça-se n'um mês a demora da Corte nesta província; mas são tantos os preparativos da festa, projetos de passeios fora da capital, que me não admirar se vir dar-se a esse mês as ensanchas que tiveram os dias marcados para Santa Catharina e Rio Grande.

Reservava para o fim desta carta algumas linhas acerca do que ultimamente fizeram os Catarinenses em obsequio a Suas Majestades. Mas lá vejo fumegar a Paranapitanga, e sua fumaça negra me está dizendo que me avie.

Bem que somente um dia os tivessem para os aprestos do baile oferecido a Suas Majestades (pois não era possível terem, com antecedência, prontos doces, etc.), contudo saíram-se muito limpamente; e em minha humilde opinião fizeram mais do que era de esperar de tanta pressa. A casa prestada pelo cônsul americano, e à sua custa em grande parte decorada, estava disposta com asseio e gosto, e, por espaçosa, oferecia muita comodidade. A diretoria, receando tornar pesada a companhia, não quis multiplicar convites; todavia esteve luzida a que se apresentou, sendo somente para sentir-se que algumas famílias se não apresentassem, por coberto de brilhantes: dão pouco apreço aos dois que trazem nos olhos.

A ceia e o chá foram servidos com profusão, sendo digno de elogios a delicadeza com que estavam arranjadas as mesas. No topo da que corria ao longo da sala estava uma menor disposta para Suas Majestades, onde foram servidos pelo inspetor da alfandega e presidente da câmara municipal.

Suas Majestades dignaram-se dançar quatro contradanças, a saber: o Imperador dançou com as três filhas do presidente da província, e com a do Dr. Severo Amorim do Valle, chefe de polícia: e a Imperatriz com o presidente da assembleia provincial, dito da câmara municipal, chefe de polícia e viador José Maria Velho. Retiraram-se depois de meia noite, mostrando-se satisfeitos. O baile continuou até as 4 horas da manhã. Outros festejos se fizeram para tornar agradável a residência de SS. MM., mas não tenho tempo de os relatar minuciosamente como desejo. Fique-lhes a convicção de que suas boas maneiras penhoraram profundamente a todas as pessoas que tiveram a honra de acompanhar a Corte, pois na cessão de manifestar os sentimentos de que sou aqui mui frio intérprete.

Santos, 20 de fevereiro de 1846

Está definitivamente assentado que a Corte não partirá desta para a cidade de S. Paulo antes do dia 24, visto ter-se reconhecido a impossibilidade de se ali achar ela a tempo de festejar, no dia 23, o primeiro aniversário do Príncipe imperial, como era intenção do Imperador: as copiosas chuvas se não tornaram a estrada absolutamente intransitável para cavaleiros, muito dificultarão o trânsito em seges, e a numerosa comitiva muito teria a sofrer de tantos atoleiros. Entretanto irá o Imperador fazendo agora o que reservava para sua volta: já passou a cidade; foi ontem com a Imperatriz e grandíssimo acompanhamento visitar o sítio de S. Vicente, primeira e celebre povoação desta província, a qual é hoje somente habitada pelas famílias que ali vão refugiar-se contra o calor que sentem nesta cidade: tem visitado os templos conventos e Casa de Misericórdia; e o que mais restar para ver, fá-lo-á quando lhe permitir a chuva, que recomeça. Diz-se que o Imperador ainda voltará a S. Vicente, por não ter tido ontem suficiente tempo para bem estudar aquela localidade, uma das mais faladas da nossa história. Ontem à tarde chegou o presidente da província, e vão aparecendo os membros da deputação da assembleia provincial que deveriam estar presentes ao desembarque de SS. MM.

Ficaram inutilizados dois palanques, levantados para deles as senhoras assistirem ao desembarque, e outras disposições com que se pretendia abrilhantar este ato; vejo, porém, que as iluminações publicadas se vão acendendo, e são visitadas pelo povo. O fogo de vistas, que me consta ser de grande valor, será queimado no dia 23, para quando julgo está adiado o ato, a que tem de assistir a Corte, de soltar-se pela primeira vez o chafariz feito n´uma das praças da cidade.

O Imperador, visitando hoje o convento dos Beneditinos, onde foi recebido com Te-Deum e sermão, ocupou-se por algum tempo em examinar uma obra digna na verdade de ser vista: falo de um chafariz que fica no topo de uma colina cujo cimo está o convento: nasce a água, ou pelo menos parece nascer, de uma grande pedra, cuja serventia só é à primeira vista reconhecida por

três torneiras de latão encravadas na frente. Mais perto vêm-se então apoios para barris ou potes no ato de receberem água. Para o lado esquerdo, caindo de cerca de quatro palmos, corre uma telha d´água, por entre duas altas, parecem talhadas na pedra e vai passar por dois tanques em plano inclinado. A água é de boa qualidade, e em tal quantidade que somente ela abasteceria a cidade. E porque falei da cidade, depois de a haver percorrido, direi duas palavras a seu respeito. Situada entre o rio e alta cordilheira de montanha que lhe fica a cavaleiro em forma de semicírculo, não tem muito para onde alargar-se. O terreno é baixo e alagadiço, de modo que atualmente as ruas que não são calçadas estão intransitáveis. Conta três conventos, seis igrejas, incluída a matriz, e uma capelinha: nenhuma delas, contudo merece o nome de templo, porque nem tem suntuosidade em arquitetura, nem em atalaias e adornos. Nos conventos há apenas: três religiosas no de São Bento, dois no do Carmo e um leigo no de S. Francisco. O consistório da Igreja de S. Francisco de Paula constitui o que se chama aqui Casa de Misericórdia, onde se não poderá receber maior número de enfermos do que o de 25 a 30: hoje lá estavam 21, e entre eles um que só tem a moléstia da idade por já contar um século de vida, mas em perfeito uso de suas faculdades intelectuais.

Ontem a uma e meia da tarde houve beija-mão, e por essa ocasião o corpo consular e diversas corporações felicitaram Suas Majestades por sua feliz viagem. O Imperador e a Imperatriz tiveram a bondade de declarar que durante sua estada nesta cidade receberiam à tarde as senhoras que a quisessem visitar, e já algumas se tem aproveitado desta graça para lhe irem beijar a mão.

Fundeado ontem à barra a fragata Constituição e a corveta Euterpe, saiu hoje a barca Imperatriz pra rebocá-las até ao fundeadouro da cidade, cuja profundidade é tal, que podem navios de alto bordo atracar ao trapiche da alfandega, como o fizeram as duas barcas Imperador e Imperatriz.

Primeiro cansei eu de falar da enorme quantidade de pessoas que nas províncias de Santa Catharina e Rio Grande do Sul afluíram ao palácio ao simples cheiro das esmolas que elas pediram e o bolsinho imperial de estar aberto. Aqui não me vai parecendo a gente

tão amiga de comer sem trabalhar, ou tão destituída daquela coisa que tão caro se vende nas boticas. Até à hora em que escrevo consta-me que apenas um ou outro pobre tem ido a palácio pedir esmolas, como o faria a qualquer outra casa. Em Porto Alegre especialmente, esteve sempre em rigoroso sítio a imperial residência. A perto de 300 contos de réis montava a despesa do Imperador naquelas duas províncias quando as deixou.

Santos, 21 de fevereiro de 1846

Já não compararei o tempo, por mais irregular que esteja, com cara de mulher; esta comparação, bem que de outrem, rendeu-me boas pragas em Porto Alegre: chova ou faça sol, vente ou esteja calmo, hei de chamar as coisas por seus próprios nomes. Ontem disse eu, e dizia todo o mundo, que reapareciam os aguaceiros, que há mais de dois meses trazem esta cidade inundada, só lhe dando tréguas por dois dias; já hoje assomou-se o sol no horizonte tão escandalizado do sítio em que as nuvens o tem trazido, que ameaça desforrar-se com usura. E que grande peça pregou aos festejados e festejantes! Estava projetada uma pescaria de rede na barra, a qual deveria assistir o Imperador, e não eram 7 horas da manhã quando para lá se encaminhou a cavalgada. Enquanto os pescadores concertavam entre si os meios de ataque contra os desprevenidos habitantes das ondas, aproveitou-se o Imperador da fresca da manhã para segunda vez visitar as reinas da vila de S. Vicente, tão antiga como aquele canapé que, pelas contas de Bocage, devia de ser o avô da eternidade. Respeitável por se a primeira fundação regular do Brasil, só por honra desta memoria lhe tem sido conservados fóruns e honra de vila. Os habitantes de seu termo, segundo o testemunho do respectivo vigário, não excedem de 500, a saber: 42 brancos, e os mais mestiços ou índios. Destes nem duas dúzias sabem ler, de modo que não sei ainda como se arranjam para tantos empregos quantos são os que se contam em qualquer dos nossos municípios. O único templo que tem mereceria este nome nas era em que foi levantado; atualmente partilha a sorte dos edifícios seus coevos, ou ainda de seus bisnetos. Na fachada do que se chama cadeia, mas que melhor se assemelha a esses nichos ou impérios do Espírito Santo, lê-se a data de 17:29 de sua construção, donde se conclui que naqueles felizes tempos, que aliás não estão mui longe dos nossos, ou eram poucos os crimes, ou já muita a impunidade. O que propriamente constitui a vila não passa de relíquias de uma era de casinhas térreas sem forro nem soalho, e essas mesmas já haveriam desaparecido se habitantes da cidade se não interessassem por sua conservação pela necessidade que delas tem na estação calmosa,

quando para ali vão usar de banhos do mar. Sua barra outrora sulcada por alterosas popas, apenas pode ser hoje navegada por canoas, tão obstruída está... Fora mister ler nos arcanos da providência os seus segredos para julgar-se dos motivos que a levaram a tão duramente se haver conspirado contra esse pobre torrão.

O curioso viajante não passará sem reparo por sobre os restos do secular engenho levantado, em meio caminho desta cidade para aquela vila, por Braz Cubas, a quem o primeiro possuído da capitania de S. Vicente cedeu esta parte de seus domínios: a foice do tempo não pôde ainda extinguir este monumento do corajoso ardor com que a ambição da riqueza tudo arriscava para satisfazer-se.

Reparando o Imperador em algumas dúzias de ripas que ali estavam apinhadas, disseram a ele ser este o único ramo de exportação daquele termo, o que não maravilha a quem souber que a tão conhecida cidade de Coimbra por muito tempo e não sei se ainda hoje, só exportou doutores e palitos.

Por esta ocasião quis também o Imperador visitar a Fortaleza da Barra, e para lá se passou n´uma canoa. Quem em sua vida não tem visto um pelo menos desses chamados comandantes de fortalezas - invalidas? Todos se parecem em corpo e alma.

Com quatro veteranos que fulminam a sua personagem, julgam ter presos ao ouvido de seus velhos canhões os destinos do mundo. Masca o tio Leonardo tinha culpas no cartório, e dispensaria a honra da visita para não se ver obrigada a justificar-se de seu descuido na ocasião da entrada do Imperador.

Sua Majestade agravou-lhe os tubérculos com que já todos o supunham, falando-lhe de conselhos de guerra, e tão engasgado ficou o coitado, que, em falta de melhores razões, alegou uma que não lembraria ao celebre cônego Filipe: disse que não reconheceu o estandarte por vir tão oculto pelo fumo do vapor, que lhe pareceu uma bandeira preta, supondo, portanto, ser ela indício de haver morrido o comandante! É esta uma daquelas descobertas que por si só imortalizam seu autor. Estava reservada ao tio Leonardo! E certo, quem já ouviu dizer que a morte do comandante de um navio é indicada por negro estandarte?

Terminada a visita com a mencionada justificação, tornou-

se o Imperador à margem d'aquém; montou a cavalo e foi dar ensanchas ao riso na casa em que o cidadão João Octavio Nébias fizera preparar mui decente refresco.

Concluída a pescaria, voltou o Imperador à cidade, onde chegou a uma hora da tarde, mui queimado de sol, depois de haver andado cinco boas léguas.

São chegados todos os membros da deputação da assembleia provincial, que vem felicitar a SS. MM. por sua feliz viagem, e com eles muitas outras pessoas consideradas grandes da terra.

Diz-se que a Corte partirá para a capital da província na manhã de 25, para pernoitar no lugar da Cruz Alta, a pouco mais de meio caminho.

O Imperador e a Imperatriz continuam a passar sem novidade em sua preciosa saúde.

Santos, 21 de fevereiro de 1846

A tarde de hoje convidava a passear, e Suas Majestades aproveitaram-se da ocasião para chegarem até à chácara do negociante Ferreira, na extremidade da cidade do lado da barra. Eram ali esperados por muitas senhoras e homens da família, convidados para mais abrilhantarem a recepção. Aos augustos hospedes numeroso concurso que os acompanhava foi servido um copo d'agua, na fase dos modestos.

Depois de passearem na chácara, regressaram Suas Majestades à cidade, recebendo na ida e na volta repetidas demonstrações do respeito e devoção de seus súditos de todas as jerarquias. Em seguida percorreram as ruas e praças em que há iluminações especiais, precedidos de uma banda de música militar, no centro de uma ala de cidadãos que traziam tochas acesas, e com tão numeroso acompanhamento, que formava longa cauda. De suas janelas as senhoras juntavam suas vozes às dos homens, que levantavam vivas a augusta família imperial, lançando flores sobre os que eram então objeto presente de seu entusiasmo.

Na chácara em que hoje estiveram Suas Majestades mandou o Imperador dar 100$ a um anão, que via pela segunda vez, de singularíssima estrutura, pois que, até para mais apoquentá-lo, quis sua desastrada estrela dotá-lo de pernas tais, que formão um círculo perfeito: escapou esta nulidade humana a comitiva do assaz nomeado general Tom Thumb.

A primeira vez que o Imperador o viu trabalhava ele mui açodado na pescaria da barra, e é talvez mais a recompensa desse trabalho que se deve atribuir o donativo que agora menciono. Dizer ser dotado de muita habilidade, e d'entre outras tem a de nadar como um peixe.

Prepara-se grandes cousas para amanhã: ao prazer proveniente da presença de Suas Majestades junta-se o de aqui festejarem eles pela primeira vez o aniversário do nascimento do primeiro fruto de seu amor: se a trovoada, que ouço roncar, cair com todo o seu rigor, é agora a ocasião de vir abaixo a Sé.

Santos, 23 de fevereiro de 1846

A Constituição e a Euterpe vieram pela calada da noite esconder-se detrás das muralhas do forte da cidade para salvar à aurora do aniversario do herdeiro presuntivo da coroa brasileira. Dado seu recado de novo se arrastaram, e ali estão fundeadas defronte deles por se dispor a tomar parte na festa do dia.

Às 10 horas formou em parada a guarda nacional, e à igreja afluíram homens e senhoras em numero considerável, levando consigo as meninas que, como representantes das cidades e vilas da província, estavam preparadas para a recepção de Suas Majestades, a câmara municipal, as autoridades civis e militares, chefes de repartições e seus respectivos empregados, os criados de honra residentes nesta província, e muitos outros cidadãos, dirigiram-se ao palácio, donde acompanharam Suas Majestades até à igreja, a cuja porta os vieram receber as meninas e cerca de setenta senhoras, pela maior parte solteiras.

Começou a festividade pelo discurso de um religioso de S. Bento, e terminou pelo Te-Deum. De volta a palácio, foram Suas Majestades acompanhados pelas meninas e senhoras que os receberam à porta da igreja, e por todos os homens bem-vestidos que se ali achavam. As senhoras e meninas teriam a precedência na honra de beijarem as mãos do Imperador e da Imperatriz, e se de permeio, se não metessem alguns cavaleiros; seguirão sê-lhes as deputações da assembleia provincial, corpo consular, câmara municipal, do bispo diocesano e outras, e demais cidadãos.

Durante este ato salvaram a Constituição, a Euterpe e o forte, quando se soube que uma bala, partindo de uma das peças de proa da fragata, passara por sobre o forte a reze com o telhado, atravessou três paredes da casa em que está o mordomo interino, nos fundos de palácio, e caiu sobre a cama de um dos cozinheiros. A notícia deste acontecimento espalhou-se com rapidez elétrica, e, em falta de alguma catástrofe a lastimar, começaram as conjecturas. Verdade seja que, se na popa estivera a peça que trazia em seu ventre aquele biscouto, iria ele direitinho como uma bala romper os salões de palácio, atopetados de gente, e sabe Deus o que seria.

Não sendo esta a primeira vez que ocorrem tais incidentes, explicam-nos com os descuidos, explicações hoje tanto mais facilmente aceitas quando se vê que só deles poderia provir o de que nos ocupamos.

Enquanto tinha lugar o beija-mão, lia o presidente da câmara em voz alta na primeira sala os despachos de graças: mas aos atentos ouvidos dos circunstantes não soaram nomes seus nem de seus conhecidos, com a única exceção da senhora do presidente. As poucas graças conferidas couberam a quem está mais longe.

Pouco depois de 8 horas da noite saiu a Corte com grande acompanhamento em direção à praça da Misericórdia, onde está o novo chafariz e o armado fogo de vistas. Chegando ali, subirão Suas Majestades os degraus do chafariz, e o Imperador soltou a torneira. Em vez de manas a pura limpa que a vida nos sustenta, correu em jorro esse líquido cor de purpura que tantas cabeças têm posto a andar ao redor. Regalados olhos viam com dor estar caindo no tanque o que sequiosos estômagos apeteciam! E por mui pouco tempo que se ali demorassem SS. MM., era um século para os que ardiam por provar da água do novo chafariz: profanos, que não sabem que nem todas as mãos têm as virtudes atribuídas às de Midas! Se a torneira aberta pelo Imperador jorra vinho, as que abrirmos vós, meu povo, deitar-se-ão água, e ainda dai graças a Deus se ela for fresca e pura.

Por caminho tapeçado de baeta verde seguiram dali para a casa do negociante Antônio Ferreira da Silva, à frente da qual estava o palanque, donde deveriam Suas Majestades gozar da vista do fogo, e na primeira sala uma mesa de doces, frutas, vinhos etc. Começaram os foguetes precursores das rodas etc. e em seguida as outras peças. Fazendo justiça ao talento do fogueteiro, declararei aqui que fogo pagou a pena de ser visto, e esteve melhor do que quantos se queimam ali pelo Rio de Janeiro nas festas do Espírito Santo, S. Cristóvão etc.: se de alguma culpa deve ser acusado é de ter armado parte do fogo tão baixo, que a primeira fila de espectadores tirava a vista aos subsequentes, e estar um pouco enfumaçado.

Terminado o fogo, retiraram-se todos às suas casas... todos, não digo bem, o chafariz ficou cercado por mais de duas horas, e

quantas lagrimas se não derramariam à vista dessas lajes cobertas de sumo de uva! Sic transit gloria mundi!

Santos, 24 de fevereiro de 1846

O chafariz inaugurado ontem deu mais chorume do que era de esperar do sítio em que se acha colocado, e enquanto pingou água turva esteve em rigoroso sítio: a cada torneira estava uma sentinela para não permitir excessivo uso do líquido com receio de súbitas hidropisias; mas os sequiosos iludiam esta providência beijando uma após outra as quatro torneiras laterais. A meu ver, não era esta fonte publica a maior necessidade da população, que se iria suprindo com outras que havia, posto que a alguma distância de alguns dos bairros da cidade; como porém, quod_dburdat non n cel, ali fica o povo com água a fartar: mas a marinha, já considerável neste porto, não tem uma fonte cômoda donde se abasteça, é lhe necessário ir fazer aguada na margem d´além, e ainda assim nem sempre lhe é isto possível por estar dependente de marés, bom tempo, etc. O Imperador reconheceu esta necessidade, sabe que falecem meios à câmara municipal para acudir a ela, e por mais uma vez veio seu bolsinho em auxílio dos cofres públicos, mandando dar dois contos de réis para construção de condutos do novo chafariz até a praia, que não fica muito longe.

À casa da Misericórdia mandou o Imperador dar quatro contos de réis, de que tanto precisava para ocorrer às suas necessidades, sendo como são diminutas as suas rendas.

Esta manhã saiu Imperador para ver o telégrafo de Monserrate, e, com espanto dos que o acompanharam, subiu a cavalo toda a montanha por um trilho íngreme e escarpado.

À tarde não saiu, e os alagados tapetes de palácio dizem que também por lá os limões de cheiro andarão silvando os ares: já lá disse o poeta:

<Nem sempre o arco atestado,
Como nem sempre folia:
Na discreta variedade
Está do mundo a harmonia.>

A partida para a capital está fixada para amanhã às 6 horas, a fim de

se ir almoçar ao Cubatão, até onde a Corte irá em seges, e o pouso se fará na Ponte Alta ou Ponto Alto.

São Paulo, 25 de fevereiro de 1846

A Corte fez a sua entrada nesta capital a uma e meia hora da tarde. Da cidade de Santos acompanharam-na até a esta o presidente da província, a deputação da assembleia provincial, que ali fora e outros cidadãos desta capital que se apressaram a ir beijas as mãos de Suas Majestades no lugar do seu desembarque nesta província. Depois de almoçarem no Cubatão, seguirão SS. MM. a cavalo por não quererem arriscar se a subir a serra em seges. No topo da ladeira estava levantado um arco enramado, sobre o qual flutuava a bandeira nacional. O trajeto da serra do Cubatão, ou de Paranapiacaba, como outrora se chamou é mais cômodo do que se devia esperar de sua extensão e altura. O viajante, deixando sempre ao lado direito essa serra de tamanha nomeada, vê ficar-lhe à esquerda profundíssimos abismos, onde a vista se perde; todavia goza-se de muitos pontos dela, de belíssimas perspectivas. Para me poupar à tarefa de uma descrição, tomarei aqui as palavras de Frei Gaspar da Madre de Deus em suas Memorias para a História da Capitania de S. Vicente, quando descreveu a entrada de Martim Affonso pelo interior, dizendo assim:

<Subiu a escabrosíssima serra de Paranapiacaba (este nome quer dizer sítio donde se vê o mar): chegando ao pico dela, havia de conhecer a impropriedade com que dera o nome e Rio de S. Vicente, a barra descoberta no dia deste santo, pois dali havia de ver que as três barras de Bertioga, Santos e São Vicente, não são rios, mas sim três boqueirões, por onde o mar Brasílico vem formar um espaçoso lagamar entre a terra firme e as duas ilhar de S. Vicente e Santos Amaro. Encurva-se nesta paragem a mencionada terra firme, composta de terras altíssimas, com a figura de arco imperfeito, e compreende no seu semicírculo as ilhas de lagamar referido. Descobrem-se daquela eminência muitas léguas de mar e terra, e parece a quem olha de cima que está vendo um jardim ameníssimo com ruas alagadas e canteiros de vegetais sempre verdes; porque as águas do mar, depois de passarem as mencionadas ilhas de Santo Amaro e S. Vicente, formão inumeráveis canais entre si unidos e entressachados de lamarões cobertos de arvores, a que no Brasil

chamam mangues. Não há prospecto mais agradável que este; porém raras vezes o desfrutam os viandantes, por estar o cume das serras ordinariamente coberto de nevoeiros que impedem a vista dos objetos inferiores.

< Nesta viagem não basta chegar-se ao pico para se ter dado fim às subidas, e vem-se os caminhantes obrigados a continuá-las quando as reputam acabadas; porque os cumes dos outeiros servem de base a outros montes que adiante se seguem, e assim vão prosseguindo, de sorte que é necessário aos viajantes caminhar como quem sobre por degraus de escada.>

E posto fale frei Gaspar da estrada hoje chamada velha, são suas palavras inteiramente aplicáveis à estrada nova; e até nos não faltou o nevoeiro para impedir-nos de gozar perfeitamente do quadro por ele descrito. Toda a extensão da estrada é cortada, de espaço a espaço, por cristalinas águas que da montanha se despenham em cascatas e vão cair com rouco murmúrio nas planícies que ficam a centenas de pés abaixo do viajante. Junto de algumas destas cascatas estavam postados rapazes com sortimento de cerveja e licores para aqueles dos viajantes da comitiva que preferissem estes ao líquido que manava da serra. A manhã não poderia estar mais fresca se fora encomendada de vésperas; um só raio de sol não veio agravar a fadiga que necessariamente provém de tão longa ascensão por mais suave que seja!

Ao lugar do Ponto Alto, onde pernoitou a Corte, foram cumprimentar a SS. MM. o senador Vergueiro, o deputado Tobias e alguns poucos mais dos habitantes desta capital.

Esta manhã, depois de almoçarem, prosseguiram Suas Majestades em sua viagem, tendo pequena demora na freguesia de S. Bernardo, na casa de uma família chamada Bonilha, um dos maiores cultivadores do chá nesta província, onde se dignaram servir-se de frutos e doces que lhes foram oferecidos, e assistir à manipulação e torrefacção do chá, informando-se o Imperador do estado desta indústria na província, como quem conhece que em seu progresso estão postas grandes esperanças de nossa futura prosperidade. Não foi sem grande admiração minha que ouvi dizer ser tal a força de vegetação deste arbusto, que dá duas e muitas

vezes três colheitas por mês, quando é sabido que na Índia, quando este fato tem lugar no espaço de um ano, consideram-no como extraordinário. Em minha humilde opinião, no dia em que à Europa aportar um navio carregado de chá Brasileiro, subirá imediatamente o nosso crédito publico; e esse dia não estará mui longe se a cultura do chá progredir, como é de esperar dos avultados lucros que deixa. Ao mencionado Bonilha ouvi que, havendo feito a primeira plantação por experiência, e julgando somente colher uma meia dúzia de arrobas achou-se com quarenta no fim da safra, o que lhe faz crês que este ano fabricará de oitenta a noventa arrobas; e quem souber que um cavalo leva ao porto de embarque 500$ réis em chá, e somente 25$ em café, pode facilmente julgar das vantagens que uma destas indústria tem sobre a outra, muito mais se se atender a que não é tão dependente das boas estações como o café, que lhe não ofende a geada, e nem precisa de sol para sua preparação.

Prosseguiu a Corte, e logo que o Ipiranga foi avistado, foi saudada por 21 tiros do parque de artilharia ali postado. Neste sítio de tão gloriosas recordações para os Brasileiros, por ser aquele em que dos lábios do fundador do Império saíram as palavras de nossa regeneração política, está levantado um pavilhão onde Suas Majestades foram recebidos pelo corpo acadêmico, muitos cidadãos distintos da província e grande quantidade de povo sôfrego de gozar da presença dos soberanos. Ali houve somente a demora necessária para se vestirem Suas Majestades e as pessoas de sua corte; depois do que desfilou o préstito para esta capital, vindo na frente os cavaleiros, em seguida as seges com o corpo acadêmico, criados de honra etc., e em último lugar o coche imperial com a guarda de cavalaria que o acompanhou de Santos, reforçada pela que o esperara no Ipiranga.

Muitos arcos cobertos de ramagem viam-se no espaço de mais de meia légua que vai desta cidade ao Ipiranga. O povo cobria as cabeças dos montes que ficam à entrada da cidade, exposto a ardentíssimo sol, e desde o primeiro arco até à praça do Colégio, onde fica o palácio, estavam as ruas cobertas de homens e senhoras, que não acharam lugar nas janelas que dão para as ruas por onde teria de passar o préstito. SS. MM. apearam-se junto ao

segundo arco, armado com muita poupa, à entrada do qual foram recebidos pelo bispo diocesano e seu cabido, ordens religiosas, assembleia provincial, câmara municipal, chefes de repartições e mais autoridades. Feita a oração junto ao altar ali levantado, de novo desfilou o préstito, indo SS. MM. debaixo do pálio até à igreja do Colégio, onde teve lugar o Te-Deum e sermão do padre Amaral Gurgel, lente do curso jurídico desta cidade. Além dos dois arcos referidos, há dois também feitos com pompa, sendo um à custa dos artistas, e um pórtico no pátio da Sé.

Não descerei a outras minuciosidades: acrescentarei somente que o recebimento da Corte nesta cidade foi feito com a maior magnificência e grande entusiasmo da população. Recolhendo-se a palácio, deram SS. MM. beija-mão às pessoas que tiveram a honra de acompanhá-los até ali. Estão acesas as iluminações, e as cobertas de pessoas de todas as condições, em cujos semblantes vê-se o prazer de que se acham possuídos por terem entre si o soberano do Império e sua virtuosa esposa.

São Paulo, 27 de fevereiro de 1846

O Imperador saiu esta manhã a pé para ver a cidade. A tarde saiu com a Imperatriz e cerca de 200 cavaleiros, dirigiram-se ao alto de Santa Anna, donde se goza da melhor perspectiva desta cidade. Era intenção de SS. MM. visitar o convento de freira de Nossa Senhora da Luz, deixaram, porém, de fazê-lo por ser já tarde; e regressando à cidade, entraram no jardim botânico, onde merendaram à sombra de uma alameda de frondosas oliveiras, tocando uma banda de música militar enquanto se ali demoraram SS. MM.

São Paulo, 28 de fevereiro de 1846

O Imperador saiu de novo a ver a parte da cidade que percorreu em seu primeiro passeio, e bem assim os conventos e igrejas que ficarem a caminho. Entra-se em dúvida se a partida de o Imperador para o interior da província terá lugar antes ou depois do aniversário natalício da Imperatriz. Para aqui festejá-lo, como era a primeira intenção do Imperador, receia ele prolongar sua ausência do Rio de Janeiro por mais tempo do que quisera, e ouço já dizer que sairá no dia 6 ou 7 do futuro março; por ora nada está definitivamente assentado a este respeito.

São Paulo, 1º de março de 1846

Sabe muita gente o estado em que aqui entrei: só o desejo de adiantar notícias da chegada e recepção da Corte me obrigaria a, do leito de dor, ditar minhas cartas de 26, 27 3 28 do pretérito, e no estado em que então me achava força foi restringir-me ao que vi e ouvi de melhor parte, e, pois, muito me deve de ter escapado. Fui testemunha ocular da recepção da Corte no Ipiranga, e nesta cidade, como ela disse, foi ela entusiástica e pomposa. A parte da população que não achou lugar nas casas, ruas e praças por onde deverá passar o préstito, acudiu-se nos cabeços dos montes que bordão a entrada da cidade, afrontando os ardentes raios do sol que parece não sentiam, tão absorvida estava sua atenção pela proximidade, e depois presença dos soberanos, aos quais, se me é assim permitido dizer, menos acatavam e festejavam pôr este o que pela fama de suas virtudes e afabilidade.

Os quatro arcos, inclusive o dos artistas, e o pórtico imperial da entrada da praça de palácio, são, com a exceção do da cidade do Rio Grande, os mais ricos que tem nos vistos, especialmente aquele em que estava erguido o altar, o qual, segundo nos disseram custou cerca de 8:000$, soma enorme para esta província, onde a mão de obra é muito barata: este é muito superior ao do Rio Grande, pois representa um templo com coro para música, grande altar, e está todo iluminado dentro e fora. O do pátio da Sé é mais elegante, porém mais simples de adornos, pois tem pinturas e alguns relevos. Há mais uma grande iluminação no pátio do quartel da 1ª Linha, e outra menor no que permanentes. O povo se não sacia de luzes e música: logo que anoitece, derrama se pelos diversos pontos da cidade onde haja o que ver, afluindo a final para a praça de palácio, e ali repetidos vivas à família imperial testemunham-lhe seu amor e dedicação. No meio destas ovações lá surge uma voz querendo também que viva este e aquele seu apaixonado, até que um capite deu vivas à música do batalhão: que vivão todos em paz e harmonia.

Dizem-me que o presidente da província dera a SS. MM. o jantar do dia da entrada, constando de setenta e tantos talheres, e muito decente: sua senhora logo no Ipiranga entrou no exercício

de dada honoraria de palácio, para que fora despachada em 23 do pretérito.

Descrevendo a viagem da Corte pela serra do Cubatão, emiti pequenas particularidades, que pouco importam, como fosse o embandeiramento com pavilhões de diversas nações em alguns pontos: pequenos arcos de ramagem: ala de palmeiras pelo lado esquerdo da estrada, etc.: vi, porém, pregada a uma janela, em grossas letras, uma espécie de legenda, que me tem posto juízo a arder por lhe não poder achar foro; dizia assim: < A m m" les imperiales les inhabitants de ce lieu reconnaissance.> Se algum estudante não quis zombar de mim ou de outro curioso, devem estas palavras ter o mérito daquelas referidas suponho que por N. Tolentino:

Boas para ajuntar bruxas,
Ou para curar quebranto.

Se por ali houver homem tão sábio que lhes meta o dente, forme-a especial favor dar-me em trocos miúdos.

São Paulo, 2 de março de 1846

Suas Majestades, acompanhados de oficiais e damas de sua casa, percorreram ontem as iluminações dos arcos e aquartelamentos. O povo corria em barda após às carruagens para, em todos os pontos em que parassem, de novo gozar da presença de seus soberanos: as iluminações estavam em seu esplendor, não sendo perturbadas por vento nem chuva.

Hoje coube às recolhidas de Santa Thereza e da Luz, ao mosteiro de S. Bento e a ordem terceira de S. Francisco a honra da visita de SS. MM.

No primeiro destes recolhimentos assistirão SS. MM. a um Te-Deum acompanhado pelas recolhidas e em seguida percorreram o interior do edifício, a cuja entrada foram recebidos pelas recolhidas, vestidas com os hábitos da ordem, em número de trinta e duas. Destas, a metade pelo menos não contão ainda 30 anos de idade: há mesmo umas oito ou dez de 14 a 20 anos, coradas e rechonchudas, sob cujas negras e indômitas pestanas revolvem-se olhos vivos e buliçosos. São geralmente chamadas freiras, mas só fazem votos simples, podendo sair e tomar estado quando convenha a suas famílias ou a quem as domine. Seu patrimônio é rico e vivem na abastança.

Dali seguirão SS. MM. para o mosteiro de S. Bento, já visto pelo Imperador, com o fim de sê-lo agora pela Imperatriz, e por ambos visitada aquela parte do edifício a que se recolheu Amador Bueno da Ribeira quando resistiu à violência com que o quiseram aclamar rei desta capitania em lugar de D. João IV, restaurado sobre o trono português. A história deste celebre acontecimento é mais que muito conhecida para que dela faça eu largo menção em uma carta. Para ajudar alguma memória mais fraca, direi somente, com o auxílio de historiadores, que, chegando a esta cidade a notícia de haver sido aclamado rei na vila capital de S. Vicente o duque de Bragança com o nome de D. João IV, por ocasião de sacudir a nação portuguesa o jugo castelhano que sobre ela pesava havia 60 anos, projetaram os Espanhóis aqui residentes subtrair esta parte do Brasil ao domínio de seu legitimo soberano. Não ousando aconselhar

abertamente aos Paulistas que se conservassem na obediência de Espanha que tanto aborreciam, lembraram-se de engoda-los com a veja ostentação de se constituírem em reino separado, aclamando rei paulista, na esperança de em tempo mais ou menos remoto reunirem no às possessões que então se chamavam Índias espanholas, hoje republicas ao sul do Império; apontaram como o mais digno da coroa a Amador Bueno da Ribeira, em cuja pessoa concorriam as circunstâncias de qualificada nobreza, e de muito respeito e autoridade pelos empregos públicos que havia ocupado e ainda exercia, pela sua grande opulência, pela roda de amigos e parentes, e pelas alianças de seus nove filhos e filhas, duas das quais eram casadas com dois irmãos fidalgos espanhóis. Estavam demais persuadidos que, descendendo Amador Bueno de Bartolomeu Bueno da Ribeira natural de Sevilha, se prestaria a suas vistas. Conseguiram com falácias ilaquear a boa fé de grande número de Paulistas, os quais, aclamando seu rei a Amador Bueno, concorreram à sua casa cheios de alvoroço e entusiasmo a congratular-se com ele.

Admirado Amador Bueno de tal proposição, detestou o insulto dos que a proferiram, e procurou com razões convencer aos amotinados da cegueira de sua indiscrição e culpa; vendo, porém, que eram baldados seus esforços, saiu furtivamente de sua casa com a espada na mão para se defender, se necessário fosse, e caminhou apressado para o mosteiro de S. Bento, onde intentava refugiar-se. Advertem os do concurso que havia saído pela porta do quintal, e todos correm após ele, gritando: Viva Amador Bueno nosso rei! No que ele respondeu muitas vezes em alta voz: Viva o Senhor D. João IV, nosso rei e senhor, pelo qual darei a vida.

Chegando ao mosteiro entrou e fechou rapidamente as portas. O povo respeitando o asilo, parou da parte de fora, insistindo, todavia, na sua indiscreta pretensão. Desceu a portaria o D. Abbade, acompanhado da sua comunidade, a qual foi entretendo o povo até que vieram os eclesiásticos mais respeitáveis e alguns sujeitos principais que não tomarão parte no motim, aos quais mandara chamar Amador Bueno. Reunidos todos, falaram aos amotinados, convencendo-os a final de que o reino pertencia à casa de Bragança, que dele estaria de posse pacífica desde o dia da morte

do cardeal rei D. Henrique, se a violência dos monarcas de Espanha não houvera sufocado o seu direito.

Um momento depois todos, uníssonos, aclamaram solenemente D. João IV rei de Portugal. Brasil etc. Este ato de acrisolada fidelidade valeu a Amador Bueno e a seus descendentes e colaterais as maiores considerações dos reis de Portugal, e a gloria de que ainda hoje se ufanam seus remotos parentes.

Aquele asilo da fidelidade contra a revolta, aquele sítio onde se deu o primeiro e único espetáculo de tanta abnegação das grandezas humanas, aquele santuário da honra e do deve mais sagrado, que mais que nenhum outro deverá ser acatado para memória de tão glorioso ato paulistano, está hoje convertido em... (e poderei dizê-lo sem revoltar os mais nobres sentimentos do coração leal e patriótico?) em cavalariças!!! ... O relinchar dos ginetes responde ali aos manes de Amador Bueno da Ribeira quando visita o teatro de sua glória!!!... Recordações gloriosas são drogas que entre nós não tem valor, fidelidades daquele quilate são antigualhas só próprias do tempo de Amador Bueno! Viena la plata que somos mortales, é a divisa de nosso século!

Dali me parti com o coração ralado de dor para acompanhar a Corte em sua visita à ordem terceira de S. Francisco. De todos os templos desta cidade, onde não há poucos, é este o que mais me agrada pela boa disposição dos seus altares e mais do que tudo pela harmonia que entre si guarda sua decoração. A combinação de ouro e branco, com que está ele adornado, é a meus olhos preferível a todas estas amalgamas de cores com que se arreião muitas de nossas igrejas. Conserva ainda alguns quadros antigos de primorosa pintura, outros foram estragados pelo pincel que ultimamente os retocou. Parece-me digno de reparo o quadro que representa a S. Francisco expirando. Da boca do santo sai uma cousa assim a modo de sol com seus raios motores e menores: quis talvez o materialista ou material que o pintou fazer a todos os olhos sensíveis a grandeza de alma do santo!

À tarde chegou a vez das chamadas Freiras da Luz. Com Te-Deum e sermão as receberam os augustos visitantes; depois do que, com as pessoas que os acompanha, visitarão o interior do

convento. Bem que, como as de Santa Thereza, não fação elas o voto perpetuo, são, todavia, tão regidas observadoras de sua ordem, que vivem como se o fizessem. Sem patrimônio fundado, sua existência depende da caridade publica; tal é, porém o conceito que geralmente se faz de suas virtudes, que nunca lhes faltam os necessários meios de subsistência. Ocasiões há em que anoitecer com absoluta falta de viveres para o seguinte dia: mas, logo que amanhece, encontrão à portaria os gêneros de que carecem, como se lh´os fornecera a Providência, que vela sobre a virtude. Diz-se que os roceiros que vem à capital vender seus gêneros, e por ali passão, deixam à portaria parte deles, como tributo de sua devoção por aquelas a cujas orações devem o bom preço que no mercado alcança pelos gêneros que vendem. Visitando o refeitório, vi em cada lugar uma cestinha com farinha grossa, coberta com guardanapo de algodão, tigela e prato de louça branca, colher e garfo de chifre; à porta de suas enfermarias, pende, em forma de cortina, grosso tecido de algodão, e é sabido que não laterão esta simplicidade, ainda quando o possam fazer as que para ali se recolhem. O edifício está fora da cidade, é espaçoso, bem arejado e extremamente asseado, com grande área no centro e chácara murada, onde cultivam flores, hortaliça e frutos; e, todavia, as recolhidas tornam-se pálidas e doentias em pouco tempo. Além da capelinha do cemitério, tem duas ou três casas de oração com altar. Ali aprendem umas com as de que se utilizam em proveito de suas igreja e casa, ou de quem lhes faz encomendas, pelas quais não recebem paga. A igreja e o convento são por elas pintados e dourados com admirável habilidade. O Imperador lhes mandou das 2:000$ rs. E a Imperatriz 4:000$. Atualmente existem 36.

São Paulo, 3 de março de 1846

Suas Majestades visitaram esta manhã a academia de ciências sociais e jurídicas estabelecida nesta cidade no edifício que outrora serviu de convento aos religiosos de S. Francisco. Uma guarda de honra e parque de artilharia estavam ali postados. Era extraordinário o concurso dos curiosos que foram engrossas as fileiras dos estudantes; pode se sem exageração orçar em 800 pessoas o número dos presentes, compreendendo algumas senhoras que se ali apresentaram para ainda uma vez cobrir de flores o augusto par.

A congregação dos lentes, os substitutos e empregados da casa receberão SS. MM. à porta do edifício, os demais espectadores formarão em alas pelos longos corredores até a porta da sala dos atos, preparada para esta recepção, onde SS. MM. foram saudados pela orquestra que se ali achava.

Depois do discurso do diretor interino, o Dr. Brotero, seguiram-se poesias do Dr. Pinto Junior, professor substituto de filosofia e inglês, outras de três estudantes, e uma alocução do quintanista João Bernardino Jorge Junior.

São Paulo, 6 de março de 1846

Para os três estudantes que hoje fizeram ato na augusta presença do Imperador, está passado o Rubicon; a influência do benigno astro que presidio aos seus destinos espancou as negras cólicas que desde o ano passado atormentavam-nos; e, pois, como é natural, mui animados estão os que ainda tem de passar por esta prova tão terrível àqueles que,

Andando tanto caminho
Para vir à Paulicéia
Buscar a linda tetéa -
Borla encarnada -
(Dr. Queiroga)

Ou somente o pergaminho, não se sentem com a necessária capacidade, u a não empregão no devido tempo. O Imperador dava toda a atenção à argumentação dos examinadores e examinandos; e posto se houvesse com a seriedade de consciencioso espectador, como que se apercebia em seu semblante ligeiros sinais de desgosto ou pesar quando o estudante não acudia com o Ciceronis ao cujus est hoec oratio do lente.

Antes de se retirar, percorreu pela segunda vez o edifício, demorando-se mais tempo na biblioteca, cujas obras principais examinou. Bem pobre é ainda ela de bons livros, pois apenas se compõe do resultado de alguns legados, e chega mesmo a carecer de obras necessárias àqueles que mais precisão de seus favores, que são os estudantes, os quais não acham ali nem sequer uma coleção completa das leis do Império. Sem permanente consignação para compra de livros, não sei como tais estabelecimentos se possam manter no pé conveniente, ou no estado de satisfazerem às necessidades de sua instituição.

A tarde saiu a procissão do Senhor dos Passos, a qual o Imperador deixou de acompanhar, sem dúvida pelo mau tempo que fazia. Recolhida ela, cobriram-se as ruas de seu trânsito de devotos e devotas, que tão perfeitamente sabem casar a religião

com o recreio, pois é costume de todas as povoações do Brasil visitarem-se os passos em ar de romaria ou de folia, que muito se confundem no tempo em que vivemos. A maior parte desses passos são improvisados, sem nichos próprios, porém armados com muita decência. O pregador do encontro esforçou-se por arrancar lagrimas dos seus ouvintes; mas seu trabalho foi todo em pura perda, se lhe não pagaram o sermão: parecia-me estar vendo Bocage dizer-lhe ao ouvido:

<Praguejas, enrouqueces, não comoves,
Gelas a contrição no centro d´alma. >

São Paulo, 7 de março de 1846

Depois de ouvir missa na igreja chamada do Colégio, anexa ao palácio, saiu o Imperador a cavalo pela estrada de Campinas.

Aos amadores desta sorte de exercícios oferecem os arrabaldes desta cidade mui agradáveis passeios: para qualquer lado que se tome, encontra-se pelo menos estrada espaçosa e tesa; e n'algumas há chácaras plantadas com gosto, e habitadas por famílias da primeira ordem.

A cidade em si, sendo a maior de todas as povoações do Império ao sul do Rio de Janeiro, e tendo não poucos prédios de valor, carece, todavia, de melhor calçada para ser comodamente passeada. Suas ruas, com poucas exceções, são tão emaranhadas e estreitas, que quem aqui vem pela primeira vez precisa de guia se, tendo de ir a algum ponto mais distante, quiser poupar passadas e palavras, pois, não só não tem escritos nas esquinas os nomes por que são conhecidas, como há tal quantidade de becos e travessas, não menos irregulares, que, em um angulo de 45 graus, venha desembocar duas e três ruas, travessas ou becos; é, em suma, fiel retrato das antigas fundações portuguesas.

Em compensação destes defeitos, não conheço no Brasil outra cidade onde se possa viver tão comodamente e mais barato do que aqui. O clima é preciosíssimo; pois já agora mesmo, que ainda estamos no verão, muita gente toma precauções contra o frio, o céu, sereno e puro, o ar leve e fresco, não é combatido de rijos ventos, que em Porto Alegre, Rio Grande e Santa Catharina chegam a ponto de incomodar.

Os viveres de primeira necessidade e o aluguel das casas tem preços tão baixos, que maravilha a quem deixa, não digo somente o Rio de Janeiro, mas ainda as duas províncias ao sul desta: sobrados de seis, sete e oito janelas e sacada, com três grandes salas de frente, fundos correspondentes e quintal, se não alugam aqui por mais de 220 a 300$ réis anuais; mui poucos logram maiores preços por sua localidade, e ainda estes não passão de 400$ réis, com a exceção de um ou outro tomado somente pelo tempo que se aqui demorar a Corte, a qual, seja dito de passagem, por onde quer que

ande, carrega com a culpa da carestia dos gêneros, acusação que não deixa de ter aqui seu fundo de verdade, pois nesta terra clássica da barateza quem pôde hoje comer uma galinha, por maiores que sejam as diligencias, sem que lhe ela custe de doze a dezesseis vinténs?! E nesta proporção encareceram-se todos os demais gêneros! Que venham econômicos-políticos dizer-me que, por isso mesmo que o dinheiro aqui tanto vale, é certo indício de sua falta: assim seja; mas eu que não tenho muito, outros que não estão mais forrados do que eu, pouco caso fazemos destes princípios da ciência, queremos a barateza dos gêneros, e quem quiser enriquecer vá ao Rio Grande dar 2$ réis por o que custa aqui doze vinténs, e dois ou três contos de réis por uma casa em que more. Irmãos em Cristo e na bolsa! E todos vós que ordenhais a vaquinha dos aposentados e reformados, deixai de apinhar-vos pelo Saco do Alferes e Gamboa, vinde viver em S. Paulo ou em Santa Catharina, terras onde vossos mesquinhos rendimentos chegaram para passardes folgadamente, e a longos tragos bebereis saúde nos ares que respirardes: em qualquer destas cidades achareis sossego e segurança, pois são seus habitantes pacíficos e hospitaleiros; e se quiserdes sociedades e divertimentos sem estrondo, também vos não faltarão.

Uma companhia de curiosos levou hoje à cena no teatro desta cidade o Máscara negra, e alguns papeis foram sofrivelmente desempenhados. A caixa do teatro tem suficiente capacidade para os habitués, com três ordens de camarotes; mas a casa não tem forma exterior de tais edifícios.

Antes de principiar representação, e depois de serem dados à família imperial entusiásticos vivas, recitaram-se algumas produções poéticas alusivas à visita de SS. MM. II.

Nas três ordens de camarotes, rasgados para receberem maior número de senhoras, apenas apareceram umas cem, número muito inferior ao que se esperava, o que atribuíram, uns a não quererem os chefes de família sujeitar-se à condição imposta de se separarem delas por todo o tempo da representação, indo eles para a plateia, e outros ao receio de serem molhados pela chuva iminente, e que com efeito caiu ao terminar-se o espetáculo.

Nas recitas dadas por estes mesmos curiosos, ou pelos estudantes em tempos ordinários, dizem-me ser tal o número de convidados, que, para se assegurarem lugares, já ás 5 horas da tarde se vão acumulando à porta do teatro, e uma vez sentados, sofrem com evangélica resignação estiradas peças, prolongadas por intermináveis intervalos, que deitam lá para as 4 e ás vezes 5 horas da manhã, tendo acontecido já saírem dali e irem ouvir missa! É por tais sacrifícios que se chega a ganhar o reino do céu.

São Paulo, 8 de março de 1846

Suas Majestades, aceitando a casa que é sua disposição pusera a Sra. D. Gertrudes Jordão, na freguesia do Braz, foram vê-la esta tarde, e ali se dignaram servir-se de refrescos que lhes estavam preparados.

Não vejo disposição alguma que me faça supor que ali passe alguns dias o Imperador, ou, em sua ausência, a Imperatriz; antes suponho que somente a conservarão para algum passeio, pois tão próxima fica ela da cidade e de palácio, que não há utilidade real de uma mudança, especialmente agora que o tempo está muito fresco e dispensa as vantagens da vivenda do campo.

A cada um dos vigários das três freguesias em que está dividida esta cidade mandou o Imperador entregar um conto de réis para ser por eles distribuído em esmolas pelos mais necessitados fregueses: os menos precisados procuram os canais competentes para irem de mais perto bater ao bolsinho imperial.

São Paulo, 9 de março de 1846

O Imperador voltou esta manhã à academia, a fim de assistir aos atos de três estudantes que deixaram de fazê-lo o ano passado. Ouvi dizer que S. M. dizer previamente constar aos lentes examinadores que não fosse sua presença razão para perturbar-se o andamento da justiça na decisão que houvessem de tomar, pois não é sua intenção apadrinhar malandrins, confundindo o mérito com a incapacidade. Parece que esta declaração não aproveitou aos examinados, pois foram todos reprovados contra sua expectativa, e ali temos as esperanças dos que estão à bica tornadas em sustos. Em verdade ouviram-se proposições de pasmar: um dos estudantes esforçou-se por convencer aos seus numerosos ouvintes que o filho sacrílego pode ser legitimado por subsequente matrimonio! Se tal princípio for admitido em nosso direito pátrio, muita gente trocará pelo doce nome de pai o de padrinho com que até agora tratam aos referendos.

Foi hoje pela assembleia provincial adoptada, sancionada pelo presidente da província, e publicada por bando ao som de música marcial e de foguetes, uma resolução declarando de festividade provincial o dia 26 de fevereiro, a fim de perpetuar-se a memória da entrada de S. M. o Imperador nesta cidade.

O violonista Robbio deu hoje no teatro o concerto há dias anunciado; creio, porém, que o fez mais por obsequio do que por interesse pessoal, pois sei que achando algumas pessoas muito elevado o preço marcado para camarotes e plateias, declarou ele que tocaria em beneficio dos pobres, se o presidente da província, aceitando este oferecimento, se quisesse incumbir de mandar vender os bilhetes e dar ao seu produto, qualquer que ele fosse, aquela aplicação: S. Ex. não aceitou a condição: declarou que tomaria por sua conta alguns bilhetes para fazê-los distribuir por algumas pessoas que não poderiam acrescentar esta às despesas ultimamente feitas. O teatro não esteve cheio, mas os que se lá acharam e ouviram este insigne artista deram por mui bem empregado seu tempo uns e seu dinheiro e tempo outros. As imitações do cantar de pássaros, do ornejar do jumento e outras que ele faz com a perfeição conhecida pelos que o tem ouvido, acrescentou a do chiar dos carros de transportar madeiras etc., com espantosa semelhança.

São Paulo, 10 de março de 1846

O Imperador não saiu hoje: o tempo está frio, e pouco mais há que ver de novo, pois estão vistos os templos e os edifícios e estabelecimentos públicos, com exceção de um ou outro de menor importância. As horas que os negócios públicos não ocupam, passa, as S. M. sobre os livros com aquela tenacidade de aplicação que é conhecida: e quando, à força de fadiga, deixa o estudo meditativo, refocila-se ouvindo alguns de seus camaristas ou médico ler obras de literatura.

São Paulo, 11 de março de 1846

O Imperador visitou esta manhã a escola de primeiras letras para meninas, e estendeu seu passeio até aos subúrbios da cidade. De volta a palácio, beijaram-lhe a mão os membros da assembleia provincial e muitos outros cidadãos que quiseram felicitar a S. M. pelo aniversário da ínclita princesa D. Januária.

À tarde foram SS. MM. visitar o recolhimento ou Colégio da gloria, que fica para o lado da Luz, no qual são educadas algumas órfãs. Em outro dia visitou o Imperador o seminário de Santa Anna, onde atualmente existem 21 meninos pobres, para cuja manutenção e ensino consigna a assembleia provincial a pequena quantia de 90$ réis mensais.

A companhia de curiosos levou hoje à cena os dois Renegados: não sei como se saíram; pois não tive distinta de ser convidado.

São Paulo, 12 de março de 1846

Nenhum acontecimento digno de mencionar-se chegou hoje ao meu conhecimento, a não ser a vinda do comandante da fragata Constituição, e de outras pessoas residentes em Santos, com o fim de assistirem às festas de aniversário de S. M. a Imperatriz.

Anuncia-se para amanhã fogos de vistas na praça de palácio, onde já está levantada a armação.

São Paulo, 13 de março de 1846

Mandei hoje minha carta para o correio com a copia do convite para o Te-Deum dos religiosos do Carmo, que com efeito teve lugar com todas as formalidades e francas do estilo, assistindo a Corte e grande número de convidados. Fala-se de outro na Ordem Terceira da mesma invocação; mas creio ficará para quando o Imperador houver regressado do interior da província, para onde partirá no dia 16. S.M. a Imperatriz aqui esperará seu augusto esposo. Pelo itinerário que se diz seguirá o Imperador, não poderá S. M. estar de volta antes de 5 ou 6 de abril, e tendo de assistir à defesa de teses de dois bacharéis que se querem doutorar, só virá a sair para o Rio de Janeiro depois dos dias santos de Páscoa.

O povo acudiu em barda para ver o fogo que acaba de ser queimado na praça de Palácio. Chame-o quem quiser - fogo de vista -, eu lhe não darei este nome, pois me ia fazendo perder a pouca que Deus me conserva, envolvendo a todos os espectadores em tal fumaceira, que ainda mal posso engrolar estas linhas. Dizem ser obra de um fogueteiro Régio, pai do autor do fogo queimado em Santos; e se assim é, o filho saiu melhor que o pai. Depois de maçar-nos com uns centos e oitenta foguetes do ar, começaram à publica expectativa. Se eu o acho mau, o que não dirá quem viu seu dinheiro converter-se em negro fumo? Console-o ao menos a boa intenção com que o despendeu.

São Paulo, 14 de março de 1846

Para solenizar-se o aniversário natalício de S. M. a Imperatriz, preparava-se na igreja do Colégio, ora servindo de capela imperial, missa pontifical e Te-Deum; porém S. M. o Imperador dispensou a primeira para que a festa não se deitasse para muito tarde. Em grande gala se apresentou toda a Corte, que está que muito aumentada com os vingadores residentes nesta província, e dois vindos ultimamente do Rio de Janeiro. Quer à igreja quer ao cortejo e beija-mão em palácio, afluiu grandíssimo número de pessoas de todas as classes. Durante este ato foi lida em uma das salas de palácio a relação dos despachos, que ao diante vai. Se ainda esta não satisfizer à hidrópica empáfia, agarrem-se ao continuar-se-á como a melhor taboa de salvação. Os lentes do curso jurídico, ainda não condecorados, o foram agora. A assembleia provincial foi toda contemplada.

Desordem de S. M o Imperador, tiveram a honra de ser convidados a jantar hoje no paço os criados de honra da casa imperial, a mesa da assembleia provincial, os lentes do curso jurídico que não assistiram ao primeiro jantar, e outras pessoas mais em número de 22, para preencher de 43 talheres de que consta o jantar.

Aproxima-se a noite, e já anda tudo n´um fervet opus para o baile. Irei também ver o que há por lá digno da curiosidade dos leitores.

São Paulo, 18 de março de 1846

Sua Majestade o Imperador partiu no dia 16 do corrente, às 4 horas da madrugada, para Sorocaba; dizem que passará por S. João do Ipanema, Porto-Feliz, Itu e Campinas, donde regressará para esta capital, gastando neste trajeto 18 a 20 dias. Em todos estes lugares se preparavam para receber a Sua Majestade o Imperador. Em Campinas prontificavam-se umas ricas cavalhadas. Sua Majestade a Imperatriz ficou nesta cidade enquanto seu augusto esposo visita as vilas e cidades do interior, e até ao presente goza de perfeita saúde.

Apesar de ter Sua Majestade o Imperador saído desta capital ainda de noite, surpreendendo muitas pessoas que o desejavam acompanhar, teve, apesar disso, um grande acompanhamento, e muitos deputados e outras pessoas gradas da província acompanha Sua Majestade o Imperador, em todo o trajeto, pelo interior.

São Paulo, 15 de março de 1846

Com o baile oferecido a SS. MM. II. pelos que se aqui chamam cascudos ou saquaremas acabaram-se ontem os festejos ao aniversário natalício de S. M. a Imperatriz. Esteve ele sumptuoso, como era de esperar de quem toma a si obsequiar pessoas de tão alta gerarchia. A casa foi armada com esmero e riqueza, tanto nas cinco salas dispostas para damas e recreios, como nos toucadores de SS. MM. e das senhoras em geral. Um batalhão de guardas nacionais fez a guarda de honra, cuja música tocava sempre que entravam senhoras. No saguão da entrada e no patamar da escada, viam-se jardins artificiais com viçosas e variadas flores, e sobretudo chamou a atenção dos concorrentes a mui brilhante iluminação do jardim, a qual gozava-se das salas do interior da casa. Por sobre o paredão que o divide do pátio corria uma linha de garrafas e outros vasos de vidro de diversas formas, cheios de líquidos coloridos, e dispostas simetricamente, de modo que, com as luzes posteriores e laterais, fazia belíssimo efeito à vista. À rua principal do jardim acompanhava uma gradaria iluminada, terminando no fundo por um arco de grades mais altas que as primeiras, como representando muralhas, cujo pórtico era o arco. No frontispício deste arco via-se uma pira ardente, emblema de puro amor, e por baixo dela escrita a palavra - MONARQUIA. Outros quadros continham versos em letras transparentes e coloridas, todos relativos aos augustos objetos daquele festejo.

Em um dos lados erguia-se um caramanchão coberto de verde folhagem e de flores naturais, sob o qual, por todo o tempo que aturou o baile, tocou uma banda de música militar. A ceia, servida primeiro à Corte e depois a todos promiscuamente, esteve disposta com igual esplendor e variedade, além de finissituas peças e doces feitos aqui, outras vindas do Rio de Janeiro. Computa-se em 8:000$000 a despesa desta função.

Orcei em 500 pessoas o número das que se ali acharam. As senhoras estavam em geral bem-vestidas, e algumas de manto. SS. MM. II. dignaram-se dançar três contradanças, a saber: o Imperador com a senhora do presidente da província, com a filha

do veador coronel Leite, e com outra senhora cujo nome ignoro; e S. M. a Imperatriz com o presidente, Dr. Gabriel e Dr. Silveira da Motta: retiraram-se à meia noite. Os partidos políticos em que está dividida a província ali se acharão confundidos, e ainda os chefes e influentes conversavam tão familiarmente, que não parecia existir entre eles o menor antagonismo de sentimentos; ouvi a muitos do partido dominante fazer elogios ao esplendor e riqueza dos festejos de seus adversários.

O baile continuou depois da saída da Corte até as 3 e meia horas da manhã. Reinou sempre a maior harmonia e contentamento.

O Imperador saiu esta manhã a cavalo; e a Corte foi esta noite assistir no teatro ao espetáculo dado por uma companhia ginástica, que já trabalhou no Rio de Janeiro

A saída para o interior da província está anunciada para as 4 horas da manhã seguinte. A Sua Majestade o Imperador acompanhará o ministro, o presidente da província, mordomo, médico, estribeiro-menor, chefe de esquadra Grenfell e criados. Diz-se que também irá o veador coronel Leite, ficando aqui com a Imperatriz, além do veador Velho, camarista Sequeira e o capelão, vindos do Rio de Janeiro, os vingadores Marcondes, Oliva e Gavião.

Sorocaba, 18 de março de 1846

Sua Majestade o Imperador aqui entrou ontem pouco antes das duas horas da tarde. Saindo de S. Paulo às 4 e meia horas da manhã de 16, almoçou e jantou na freguesia da Cotia, e veio chegar à vila de S. Roque áàs8 horas de tenebrosa noite, com onze léguas de viagem e boa soma de água que caiu das nuvens para tornar a estrada incômoda e arriscada. Felizmente não ocorreu desastre algum, e foi isto razão de mais para se ir direito ao templo dar graças a Deus, cerimônia que se estendeu com o sermão a um pouco além do que já podia suportar-se depois de marcha tal e com tal tempo.

Antes das 7 horas da manhã de ontem montou Sua Majestade a cavalo, e em dez minutos tinha visto a vila, e seguiu logo para esta cidade. A pouco mais de meio caminho, no lugar da Inhoahira, estava armado um pavilhão espaçoso, cuja frente era formada de pirâmides folhas de pindaíba, pendendo dos lados e do alto da porta e janelas pencas de limas e outras frutas, que logo foram atacadas pelos encalhados viajantes. Dava porta para um gabinete preparado para o Imperador. Em outra sala contigua serviu-se mui rico almoço, tanto pela variedade de viandas, massas, doces, vinhos, como pela de fruta, de que andavam todos tão sequiosos. Ali esperavam a Sua Majestade o Dr. Villaça, juiz de direito desta comarca, e outras autoridades e cidadãos, e um esquadrão de cavalaria de guardas nacionais. Depois das 11 e meia montou Sua Majestade, e a cerca de um decimo de légua meteu-se com o ministro na sege que fora daqui mandada pelo tenente-coronel Almeida Leme. Ao entrar nesta cidade tornou a montar. Bem que houvesse Sua Majestade anunciado que dispensava o recebimento formal, por desejar descansar primeiro, todavia o povo acumulou-se pelas ruas por onde devia de passar. Logo que Sua Majestade se apeou, foi saudado por vivas do povo apinhado à porta de suas casas e rua. A princípio pareceu o povo não conhecer o Imperador, que trajava sobrecasaca militar e boné; e, pois, o deixava passar sem nenhum sinal do alto respeito e estima que todo lhe tributou, e há os olhos voltados para a cauda da comitiva, como se o esperassem revestidos de insígnias aparatosas.

Na Cotia, em S. Roque, nesta cidade, por todo o caminho em suma, todos procuraram receber ou ver passar o monarca com aquela pompa permitida pelas circunstâncias locais e a maior efusão de entusiasmo. A freguesia da Cotia é habitada por uma população de 709 almas mui pobres; o Imperador mandou distribuir muitas esmolas, e quando à tarde deixava a povoação, grupos de mulheres e homens corriam após a comitiva bradando: Vira o nosso Imperador, pai da pobreza! Ali armaram alguns arcos enrolados, e um enfeitado de tafetá, flores artificiais, etc. Em S. Roque, além dos arcos de ramagens e flores, existia um de melhor arquitetura, e a igreja, mais que suficiente para a população, estava bem armada.

A casa em que o Imperador está hospedado pertence ao capitão Manoel Claudiano de Oliveira, o qual mandou vir do Rio de Janeiro, à sua custa, os objetos necessários para tornar o melhor possível esta hospedagem. A casa está bem adornada, é em si um palacete, e dizem que só o que este cidadão fez vir do Rio de Janeiro orça por mais de 9:000$rs.

À noite iluminaram-se, com a cidade, os dois arcos construídos pelo major de engenheiros Luiz José Monteiro, um à entrada da rua da Ponte, representando um portão da cidade onde S. M. teria de receber as chaves dela, e outro de ordem dórica, na rua das Flores, onde está a residência imperial. Este, além de outras pinturas e emblemas, tem pintadas em uma face as armas imperiais e as napolitanas, e n´outra a fábrica de ferro em Ipanema e o Salto do Botaranty no rio que dá o nome e esta cidade.

Um carro de triunfo, mandado aprontar pelo tenente-coronel Almeida Leme, e adornado ao gosto dos antigos, tendo um menino de doze anos, ricamente vestido de anjo, precedido de doze cavaleiros uniformizados, percorreu as ruas da cidade acompanhado de uma banda de música militar. Defronte do palácio, e em outros pontos, recitava o menino ou anjo versos alusivos às virtudes do monarca e sua esposa, e aos sentimentos de fidelidade dos Sorocabanos.

Depois de 8 horas foi o Imperador ao teatro assistir a um dos espetáculos de jogos malabares, equilíbrios etc., dados por Mme. Robert, seu marido e dois meninos Brasileiros, o primeiro dos quais, tendo apenas 9 anos, executa já com muita destreza jogos

malabares, e outro faz na corda e arame bambo perfeitos e difíceis equilíbrios.

Voltando à casa, foi o Imperador seguido de numeroso acompanhamento, e já S. M. dormia a boas duas horas, e ainda defronte de sua casa acampavam muitas mulheres e homens, como quem guardava precioso tesouro.

Esta manhã saiu o Imperador a cavalo, percorreu parte da cidade e apeou-se para visitar alguns templos, o mosteiro de S. Bento o convento das freiras de Santa Clara. Às 11 e meia fardou-se para assistir a uma missa cantada e sermão pregado pelo vigário da vara Francisco Theodosio de Almeida Leme, a cujas expensas se fez esta festa.

À tarde irá S. M. ver o Salto de Botaranty, que fica a uma légua desta cidade, e amanhã à tarde partirá para a fábrica de ferro.

Não tive ainda o necessário tempo de ver toda a cidade; mas o que hei visto me faz ter boa ideia de sua riqueza. Estamos no tempo das feiras de mulatas, e só a presença do Imperador faria falar-se de outra cousa. Tem a cidade bons prédios e melhores moças, muitas das quais são agora vistas pela primeira vez, mesmo por moradores da terra, pois as malditas gelosias e mantilhas são as piores muralhas que se possa opor aos tiros do travesso Cupido. há por toda esta província outro uso, que a sua civilização e moralidade mesmo já deverão ter banido: quero falar dessas baetas sem que se envolvam escravas e livres com tal recato, que mal deixam ver um nariz esparrado ou um olho que é todo fogo. E quantas travessuras não as protegem...? Influísse eu na mente de todas as câmaras municipais ou assembleia provincial, e teria nas baetas um ramo de receita, lançando imposição pesada nas mulheres que delas usassem: só faria uma exceção em favor das mulheres maiores de 40 anos, ou que tal idade representassem, e mesmo incluiria neste número as feias.

Sorocaba, 18 de março de 1846

O Imperador havia resolvido ver hoje à tarde o salto de Botaranty, no rio que deu o nome a esta cidade; e, apesar das carrancas das nuvens e ameaças de tempestade que roncava sobre nossas cabeças, não houve remédio senão acompanhá-lo com o magnificant nos lábios e ponche na garupa; graças, porém às preces dos que receavam molhar-se, fez se o passeio sem a menor novidade. Naquele sítio demorou-se o Imperador cerca de meia hora, admirando a prodigalidade com que a natureza se aprouve de criar por todo este Império tantas maravilhas, como que para notá-las tornar desaprecia, quando somente por uma do teor desta que acabo de ver daria qualquer lorde inglês milhares de libras esterlinas se pudesse ter em suas terras. Até ao ponto do Salto corre o Sorocaba desapercebido pelos que sobrem seu curso: d'entre espessas matas assomam-se ele despenhando-se com tal fragor e violência por sobre pedras, que, caindo em linha curva, assemelha-se a grisalha e longa cabeleira encrespada sobre pardos ombros de amortecido corpo: é que as turvas águas do Sorocaba correm plácidas e serenas do ponto em que em anéis se termina a cabeleira. Ali, em frente daquela tão pitoresca catadupa, vê-se apenas a pequena habitação de um pobre lavrador; e quantas vezes não praguejar ele dessa água o murmúrio que faria as delícias de um sábio? Ao lado direito desta catadupa cai outra muito menor, não notada de todos que por ali vão, por isso mesmo que os pequenos desaparecem diante dos grandes, os quais o não seriam se aqueles não foram para estabelecerem termo de comparação e lhes darem a importância que tem; serviço em que nem sempre se repara, por mais que diga :a Fontaine que
<On a souvent besoin
<D'un plus petit que soi.>

De volta à cidade, fardou-se o Imperador para ir assistir ao fogo de vistas mandado aprontar pelo capitão Ignácio Dias de Arruda e major Manoel Lopes de Oliveira, em cuja casa esteve S. M. enquanto durou este divertimento, sendo ali servido de frutas, doces etc.

Às oito horas da manhã seguinte será a partida para a fábrica de ferro, e pois não tive mais que um dia para ver a cidade e seus arrabaldes. Pelo número e qualidade de prédios que vi, concluo que vai ela em progresso, e sem grande fadiga não é já possível percorrê-la a pé em uma só manhã. Grande numero de Mineiros concorreram à feira deste ano, o que é de bom agouro para os que lhes tem de vender bestas, principal gênero de comércio nesta cidade.

S. João de Ipanema, 19 de março de 1846

O Imperador almoçou em Sorocaba ás 7 e meia horas, e partiu à oito para esta fabrica, acompanhado das autoridades e cidadãos mais notáveis daquela cidade, chegando uns até meio caminho, e outros até aqui.

De passagem viu S. M. algumas tropas de bestas muares que vem chegando para o mercado, mandadas pôr em caminho para das ao Imperador o espetáculo de ver reunidas alguns milhares dessas ornejantes criaturas. O barão de Itapicurúmirim, diretor, o major Soares, vice-diretor, e os demais empregados da fábrica foram entrava o Imperador no recinto do estabelecimento, salvaram-no os operários de ambos os sexos, vestidos uniformemente e armados com instrumentos das diversas oficinas, os quais representam vasos de flores, outras piras etc. Depois de uma marcha de três léguas com ardentíssimo sol, e não menos incômoda nuvem de poeira quente e subtil, os que não quiseram esperar por mais confortable almoço trataram de encostar os fatigados membros onde mais comodamente repousasse.

O Imperador ocupou o sobrado; os demais viajantes se alojaram na parte baixa do edifício, que é assaz espaçoso. Os primeiros passos do Imperador depois de haver jantado foram para as oficinas, principiando pelo engenho de triturar pedra, passou-se depois à casa de fornalhas, à de moldar e às outras em que trabalham serralheiros, torneiros etc. S.M. examinou com acurada atenção todas as máquinas, engenhos, fornalhas e matérias primas empregadas no fabrico do ferro: e do diretor do estabelecimento e dos mestres de oficinas exigia explicações sobre o processo, quando por sua natureza escapa ele à inteligência dos não profissionais. Concluiu este primeiro exame vendo fundir fogões de cozinha.

Muitos vizinhos da fábrica têm acorrido a gozar de presença do soberano: não o perdem de vista logo que ele põe pé fora de casa; e muitas vezes de S. M., de quem não tirão os olhos, que seu muito amor, sua devoção é um obstáculo à liberdade com que talvez desejaria estar o Imperador para melhor e mais comodamente fazer seus estudos. De instante a instante rompe-se o ar com as

aclamações dessa boa gente, que levam sua adoração pelo monarca ao ponto de se ajoelharem quando passa S. M.

O barão de Antonina (coronel Silva Machado) veio aqui beijar a mão do Imperador, não o tendo ido fazer à capital por ter andado enfermo: suponho, porém, que acompanhará a S. M. no resto de sua digressão pelo interior desta província. Representa ter pouco mais de 60 anos de idade, de alta estatura, cor morena, olhos azuis e cabelo mais preto que branco: é ainda mui vigoroso: e bem que seus hábitos de vida o não tragam no trato da gente mais civilizada, todavia tem modos de homem que frequenta as melhores companhias.

S. João de Ipanema, 20 de março de 1846.

O sol já achou o Imperador metido na corrente de água fria que, passando por longo caixão ou bica-monstro de madeira, serve de tocar os engenhos de martelos e foles na casa de refinação do ferro. Depois do banho, vendo-se S. M. mais desacompanhado, dirigiu-se de novo às oficinas, fez funcionar todas as máquinas, ainda mesmo as que não estavam em exercício, e só voltou à casa quando se deu por satisfeito das explicações dos mestres às objecções que lhes fez. Depois de almoçar, voltou outra vez as oficinas, para assistis a fundições em grande, e ver das fornalhas manar o ferro para os moldes feitos no pavimento: a quem tomasse um trago daquele purpurino liquido caberia a sorte do que,

Por ter morrido enforcado,
Não come mais pão de ló,
Segunda a sabia observação de um poeta.

Em descomunal painel, encostado a uma das janelas dessa casa, está pintado um gigante vestido de cota de malha, apoiando a mão esquerda n´um escudo, que tem a legenda - P. II - e a destra estendida, suplicando ao Imperador que tome sob sua imediata proteção aquele grandioso estabelecimento, a fim de que à sua voz se erga ele, e leve seus ricos produtos por todo o Império, e ainda além. Isto que eu digo aqui em mau português está ali em latim, não muito melhor, segundo a opinião de entendedores.

Às cinco horas da tarde saiu S. M. a cavalo, e subiu ao mais alto ponto do morro Ipanema, donde, a olhos nus, se descobre a três léguas a cidade de Sorocaba, a dez, vinte, trinta e ainda mais longe, sítios e serras conhecidas de pessoas que ali se achavam. Em caminho, a alguns passos da fábrica, viu S. M. a mina de pedra a que os ingleses chamam sand-stone, com o qual se constroem as fornalhas cujo grão de calor nenhuma outra qualidade de pedra poderia sofrer sem se fazer pedaços. Até não há muito tempo mandava-se vir a sand stone da Europa com grandes incômodos e despesas; um feliz acaso a fez descobrir tão perto do lugar em que era precisa.

Antes de se deitar, entreteve-se S. M. com duas enormes cobras vivas, caninana e jiboia, vindo esta última acompanhada de 14 nenenzinhos que tivera de um só parto, já depois de apanhada pelo naturalista alemão, que as apresentou ao Imperador. Ao princípio houve algum receio de se entrar em estreitas relações com estas nymphas dos bosques, apesar dos abonos que de sua inocência dava o apresentante: mas o que não fará a curiosidade? Às duas por três todos se lhes foram aproximando, e foi o Imperador o primeiro a dar o exemplo de tocá-las quando se enrolavam pelo braço do Alemão, forcejando S. M. por levantar os anéis que elas faziam em suas voltas. As cobras grandes procuravam o Alemão, estendiam as cabeças pela mão, subiam-lhe pelas pernas e braços como velhos conhecidos; somente a jiboia atirou um bote ao lenço com que o Alemão a provocou, mas tornou-se logo às boas; as pequerruchas não estiveram muito pelas graças e carinhos paternais: formação em quadrado cerrado e jogavam botes à direita e à esquerda como qualquer cavaquista.

S. João de Ipanema, 21 de março de 1846.

O Imperador vai almoçar, irá depois visitar as minas de ferro, e esta manhã mesmo partirá para a vila de Porto-Feliz, passando pela fazendo do Bom Retiro, pertencente ao capitão-mor Joaquim Vieira de Moraes, a cujos desejos acendendo S. M., prometeu ir ali ficar hoje. Aproveitarei o pouco tempo que tenho para dizer duas palavras, nó, mas, acerca desta fábrica.

A natureza fez tudo quanto em si estava para tornar esta parte do império do Brasil a sede ou mãe do mais poderoso instrumento de sua prosperidade; os homens em cujas mãos caiu este abençoado torrão do globo tem feito por bem merecer o que deles conta-se dissera Luiz Filipe: em uma área assaz espaçosa se vêm reunidas todas quantas espécies são necessárias a estabelecimentos desta natureza. Aqui não se precisa fazer escavações para extrair-se a pedra de ferro, basta somente separa-la da terra com que está envolta: os calhaus rolam soltos, e o emprego de instrumentos só tem lugar para quebrar as pedras que por seu tamanho dificultam ou impossibilita o transporte para o lugar das fornalhas: séculos e séculos terão de rodar por sobre os cabeços destas altas montanhas de ferro, há outra a que chamam pobre, por ser tão rica oitenta por cento, há outra a que chamam pobre, por ser tão rica como as da Europa, que produzem 40 e 50 por cento somente de matéria férrea. A pedra de cal, necessária para auxiliar a fundição, matas para carvão enquanto se não explora o carvão de pedra que com muita probabilidade se julga aqui assistir por algumas amostras aparecidas, água corrente para servir de motos às máquinas, tudo, enfim, quanto é preciso está reunido em torno das oficinas, ou a mui curta distância delas; o que somente anda por muito longe é o desejo ou o saber aproveitar tantas riquezas. Atualmente (não se entenda que este - atualmente - se refere ao tempo presente só, mas também a mais remoto) o estabelecimento não dá renda que cubra suas despesas: pode se mesmo dizer que é prejudicial por ter empatado grande capital. O que sobretudo maravilha a quem me ler é o que já me a mim maravilhou, isto é, que este grande

estabelecimento publico respira pelos órgãos de dois pretos velhos, do tempo de sua criação, únicos entendidos em fundição de ferro: quando eles expirarem, apagar se-há as fornalhas, e todos deixando cair a barba sobre o peito, com os braços cruzados dirão: - consummatum est!

Que importa que o diretor e vice-diretor tenham os melhores desejos, se eles por si nada podem sem o auxílio do governo? Na oficina de fundição do arsenal de marinha da Corte havia, há tempos, um Alemão (Benjamin Weinschenk, se me engano) que me parece poderia ser aproveitado vantajosamente.

Nada mais acrescentarei: a quem cumprir olhar para estas coisas que o faça. Hoje, que o Imperador tem visto com seus próprios olhos o estado em que se acha a fábrica, poderá em sua sabedoria e patriotismo deliberar o que melhor convém fazer-se. S. M. tem tomado o maior interesse em tudo pesquisar, e para mim foi de bom agouro a cordialidade com que S. M. agradeceu e louvou ao cidadão Manoel Claudiano de Oliveira (o mesmo que o hospedara em Sorocaba) o oferecimento gratuito que fez em utilidade da fábrica de toda a cal que se quisesse continuar a tirar de terras suas, donde já muito tem vindo, e de tudo o mais que ele possa prestar.

Bom Retiro, 21 de março

Andamos esta manhã mui perto das fornalhas de Vulcano; mas o bom do coxo dormia ainda tão profundamente, que não se apercebeu da visita.

A uma légua de distância da fábrica para oeste, foi o Imperador ver as minas de ferro, não porque mais perto as não houvesse, mas por querer-se que ele bem conhecesse a posição respectiva das minas ricas e pobres. Entrando-se por uma garganta, fica ao lado esquerdo a primeira, e a segunda a direita, ambas em erguida montanha, as quais, tocando-se por um lado, quase fecham em circulo uma área, senão inteiramente plana, ao menos muito baixa em relação as montanhas que lhe ficam em torno.
Nesta área acham-se muitas pedras soltas maiores e menores que se assemelham às relíquias daquelas de que se já extraiu o ferro.

Por esta e outras circunstâncias, assentão, ou antes pensão conhecedores ser indício de ter sido aquele sítio o de algum vulcão, cuja explosão abriu a área mencionada, deixando-a e suas imediações cobertas de lavas, que vem a ser essas pedras porosas de que acima falei. Eu, que não entendo destas coisas, não faço aqui mais do que dar suas palavras pelo custo da receita; quando não sei explicas estes fenômenos, agarro me com o conselho de Camões:

<Perguntai aos sábios da Escritura
<Que segredos são estes da natura.>

Os visitantes vieram carregados de pedras de ferro, uns por amor da ciência mineralógica, outros por conservarem uma memória (em que não deixa de ter sua boa parte o amor-próprio) de haverem visitado as minas na ocasião em que o fez o Imperador; alguns finalmente porque virão os companheiros munir-se destas preciosidades: eu mesmo não sei a qual destas três classes pertença.

O Imperador ainda voltou à fábrica, demorou-se cerca de meia hora, mandou distribuir esmolas por pobres que lhe apareceram, e antes das 11 para aqui seguiu, vindo acompanhá-lo os empregados daquele estabelecimento. Outro ato de filantropia

praticou ali S. M., mandando passar carta de liberdade, precedidas as formalidades estilo, a uma mulatinha que mais parece branca, de nome Petronilha, de um e meio ano de idade, filha da mulata Francisca.

Nesta fazenda foi S. M. recebido fora do portão por homens da família e amigos do capitão-mor Moraes, o qual com outros foram ao encontro de S. M. a meia légua. O esquadrão de cavalaria de guardas nacionais de Porto Feliz aqui veio esperar o Imperador para fazer a sua guarda: porém foi por S. M. dispensado e retirou-se à vila. O capitão-mor Moraes é um dos mais opulentos fazendeiros deste termo, bom e velho servidor do trono; e pois, com sua numerosa família se monstrão ufaníssimos e agradecidos da honra que lhes faz o Imperador de ser seu hospede.

Logo depois de jantar foi S. M. ver os engenhos de açúcar e de serrar madeira, que fica retirado da casa de vivenda: voltou ao anoitecer e esteve na sala conversando mui alegre depois de ouvir a filha mais moça de o capitão-mor Moraes tocar piano.

Amanhã partirá S. M. para a vila de Porto Feliz, onde só ficará esse fia, por querer demorar-se mais tempo em as cidades de Itu e Campinas, e regressar à capital até o fim do corrente mês.

Villa de Porto Feliz, 22 de março.

O Imperador entrou hoje aqui antes das 10 horas da manhã. Em caminho foram ao seu encontro o esquadrão e cavalaria da guarda nacional, as autoridades territoriais e alguns cidadãos. A entrada foi florida, porque de todas as janelas choveram flores sobre o augusto viajante acompanhadas de estrondosos vivas à imperial família. À porta da casa destinada para a imperial residência formou a guarda nacional de infantaria, e a praça que lhe fica em frente, esteve por todo o dia e noite coberta de povo, ávido de contemplar as feições de seu soberano. A uma hora da tarde houve o infalível Te-Deum com seu apêndice de sermão, o qual, graças a alguma inspiração divina, conteve--se na matéria própria e nas raias da moderação: outros nos tem posto a paciência tão escaldada, que já fica espavorida ao ouvir o per signum crucis.

A vila não é inferior a algumas das percorridas pelo Imperador; mas nada tem que chame a atenção de curioso viajante, à exceção da alta muralha natural com que a eminência em que esta assentada a vila a defende das inundações do Tietê, a cuja esquerda margem fica.

E´ um corte perpendicular feito em alta rocha, e essa face que olha para o rio contém crescido número de furnas mais ou menos profundas, de desiguais dimensões, de modo que se assemelha a catacumbas: e quem sabe se o foram dos Sátiros e Faunos? O Imperador visitou-a à tarde e passeou a vila. Sua matriz é muito espaçosa para a população e não despida de arquitetura e gosto. há um pequeno cemitério fora da vala.

À noite iluminou se esta, e com ela dois arcos que ficam na rua em que está a casa que serve de palácio. O povo derramou-se por essa rua, e afinal se acumulou na praça a ouvir música e dar vivas: são cousas sabidas: portanto escuso repeti-las nas seguintes cartas, bem como a enumeração de firandolas etc. Só se mostram desgostosos de se não resolver a Corte a fazer sua perpetua residência em cada uma das aldeias ou vilas por onde tem passado.

Para as despesas destas recepções e hospedagens solenes, cotizam-se os mais abastados, e nisto somente não há divergência

de opiniões políticas; em tudo o mais parece que são irreconciliáveis os dois partidos políticos em que se dividem os habitantes desta província, especialmente os do interior. As senhoras são sobretudo tão intolerantes e saturadas de ódios políticos, que nunca se verão reunidas uma cascuda com uma farrapa, como se elas mesmas denominam, e nem o desejo, nelas tão ardente, de se casarem vence a repugnância que tem as senhoras de um partido aos homens do outro. Se o governo não velas sobre esta pobre gente, mandando-lhes missionários pregar doutrinas de paz e de concórdia, em breve teremos duas hordas ou tribos destruindo-se reciprocamente.

Cidade de Itu, 23 de março de 1846.

O Imperador, partindo de Porto-Feliz às 6 horas da manhã, veio aqui entrar às 10. Ao encontro de S. M. foram as autoridades e cidadãos mais notáveis em número de 50 a 60 cavaleiros. O povo esperava-o à entrada da cidade e pela rua por onde passou, e aqui repetirão se as cenas já tão escritas de vivas, flores e foguetes. S. M. hospedou-se em casa de um Fernando, cognominado o VII. para se distinguir de outros do mesmo nome e por se parecer com o retrato desse ex-rei de Espanha; as despesas de reparo da casa, alfaias e hospedagem foram ainda feitas pelo produto de subscrições promovidas entre os dois partidos. Além de três arcos sofríveis, há outros menores em diversos pontos da cidade.

O Imperador, querendo repousar, fez transferir para as 5 horas da tarde o infalível e o apêndice, e a essa hora, apesar do calor que fazia, já na matriz não cabiam os que queriam entrar.

Durante a cerimonia religiosa, feita com toda a pompa, tive mais uma ocasião de praguejar as mantilhas e baetas; não me queiram mal as baetas, para elas se fizeram as baetas: falo só das que o não são. Em uma das festividades em que tudo deve ser gala e louçania, faz este traje negro que a casa de Deus tome um aspecto lúgubre: todo o corpo da igreja representa um campo escuro, um céu abafado por tenebrosas nuvens, onde somente de longe em longe se lobriga algum ponto branco, que brilha qual estrela de bonança através de medonha treva. E tanto se embrulhão, abafam-se e apertam-se, que ao erguem-se levanta-se do pavimento intensíssimo calor. Darme há que - cada terra tem seu uso -, assim é na verdade; mas à civilização cumpre modificar, reformar mesmo este uso quando ele se não conforma com as luzes do século, e ninguém dirá que um século de tantas luzes como este em que vivemos seja para se andar ás escuras no meio de mantilhas e baetas: queimadas sejam elas com todas essas rotulas do tempo da carochinha! Amem!

À noite reuniu-se o povo à porta de palácio para ouvir música etc., mas logo se dispersou por copiosa chuva sobrevinda.

Cidade de Itu, 24 de março de 1846.

O Imperador saiu a cavalo ao romper d'alva para ir ver o salto do Itu no rio Tietê, distante uma légua desta cidade. Maior do que o de Botaranty em Sorocaba, me parece mais horrível, e por isto mesmo menos pitoresco do que aquele. Corre aqui o Tietê por cima de grandes pedras em uns lugares, e n'outros entranha-se por furnas e profundidades, oferecendo ao contemplador diversos pontos de vista majestosos ou medonhos. Do primeiro em que a água começa a cair em catadupas, até ao último donde corre serena, haverá a distância de doze braças. A respeito deste salto referem-se anedotas e factos mais ou menos curiosos: o que sobre outros mais admira é o de se haver uma mulata algemada e acorrentada, precipitado de cima do ponto, que fica sobre a prima violência e rapidez submerge, e logo depois arremessada sem a menor contusão sobre uma pedra descoberta um pouco abaixo desse ponto, a que chamam Funil, pela semelhança que lhe tem quinado por ele se despeja algum liquido.

Ao meio-dia foi S. M. assistir no convento do Carmo à festividade com que o quis obsequiar o único religioso ali existente. Faltou-me o animo para mais esta.

Se eu fora Imperador, teria um bom exemplo a imitar nestas matéria de Te-Deum, festas de igreja e sermões; seria o que deu o Sr. D. Pedro I quando visitou as províncias do sul e a da Bahia: logo a priori declarava que só aceitaria o Te-Deum da municipalidade; e quando sabia que lhe estava preparada alguma maçada de elogios ou lição, com o alcunha de sermão, mandava dizer ao pregador que lh'o mandasse, prometendo fazê-lo imprimir, que é, em suma, o que eles mais desejam.

O tempo deu lugar a acenderem-se as iluminações, e à porta de palácio recitou o juiz municipal Dr. Martim Francisco de Andrada algumas produções poéticas, filhas do seu estro.

Cidade de Itu, 25 de março de 1846.

Às 6 horas da manhã saiu o Imperador para fazer uma caçada de veados, e enquanto os cães e caçadores os descobriam, foi S. M. ver a pedreira do ribeirão de Itaim. É ela, em verdade, digna de ser vista, por sua singular qualidade. Consta de multiplicadas camadas de lajes de diversas grossuras, mas tão niveladas como se as trabalharam peritos canteiros; estão colocadas como cadernos de papel; tiram-se do tamanho que se quer, e algumas leves pancadas nos lados bastão para separar as diversas folhas ou camadas de que se compõem; para passeios de ruas, pátios, armazéns, etc.... é de superior qualidade, sendo muito para sentir-se que fique tão longe do porto de embarque, pois dispensaria o emprego de tijolos de mármore nas cidades marítimas do Brasil.

Voltando o Imperador, foi postar se na cilada por onde contava-se que passariam veados: porém vendo afinal que se não resolviam a vir, recolheu-se à casa de um dos diretores da caçada, Antônio Paes de Barros, e ali almoçou.

Mais uma missa e Te-Deum com sermão na igreja do Patrocínio. O pregador, que é aqui professor publico de latim e francês, queria lavar-se dos apuros em que se viu ontem quando, a instancias suas, foi o Imperador fazer uma espécie de exame em estudantes destas matérias. Como os meninos cometessem erros, mandou S. M. que o mestre os ajudasse; porém ele não estava muito mais adiantado, e pronunciou o francês de modo tão estranho, que provocou a hilaridade; desconfiando de que o riso não é sempre sinal de aprovação, desculpou-se dizendo que pronunciava o francês-apaulistado! Tornado, porém, a ele como pregador, direi que principiou seu sermão lendo; lançou-se depois em tal cipoal de palavras sesquipedaes, que foi preciso todo o respeito deviam ao lugar e à ocasião para que os ouvintes não prorrompessem em gargalhadas.

Depois desta festa, foi S. M. visitar o recolhimento que fica próximo: vi somente 14 recolhidas de diversas idades e cataduras. Recolhendo-se a palácio, deu o Imperador beija-mão em virtude de ser hoje aniversário do juramento da Constituição.

À noite reuniu-se defronte de palácio maior número de pessoas de ambos os sexos, sentando-se as senhoras em linhas ao longo das casas fronteiras. Começando os poetas a fazer seu ofício, mandou S. M. chamar um que tem nomeada entre os outros, não por sua instrução, mas, por isto mesmo que nenhuma tendo, é admirado pela fecundidade de seu estro natural. Chegando ele à sala, onde também se achava o Dr. Martim Francisco, mandou S. M. a cada um que se recolhesse a salas separadas, tomou uma folha de papel, e no alto dela escreveu incontinente o seguinte mote:

<O sincero acolhimento
<Do fiel povo ituano
<Gravado fica no peito
<De seu grato soberano.>

Copiado em duas outras folhas de papel, cada um dos poetas glosou-o por seu modo, o Dr. Martim Francisco em duas coxias, e o trovados em quatro decimas. Mas o entusiasmo do povo foi levado ao mais alto grão por esta tão honrosa como autêntica manifestação dos sentimentos do monarca; alguns vereadores da câmara que se achavam presentes pedirão licença a S. M. para conservarem este precioso documento; e obtida ela, livraram imediatamente um termo que autenticasse a todo o tempo a veracidade daquele escrito do punho do Imperador, com declaração de hora e lugar em que foi feito, termo que, para mais força ter, foi assignado pelo ministro do império, presidente da província, e pessoas distintas que testemunharam o ato. Redobraram os vivas, e os vereadores guardaram o papel para ser recebido e arquivado n'um quadro em sessão magna da câmara municipal.

A notícia deste acontecimento voou de boca em boca: e o monarca, já tão estimado por suas qualidades pessoas, é objeto da adoração de seus súditos, que assim o vêm contente do pouco que se faz em seu obsequio em relação ao muito que eles desejariam fazer.

Cidade de Campinas, 26 de março de 1846

O Imperador partiu de Itu às 6 horas da manhã, disposto a fazer de uma só marcha a viagem de 9 léguas, que tantas há entre esta a cidade de Campinas, com a única demora necessária para almoçar na freguesia de Indaiatuba; mas chegando a este ponto ás 9 horas com sol mui quente, resolveu esperar que ele acalmasse, entretanto jantaria.

Pouco antes de 3 horas continuou S. M. a viagem; no ribeiro de Capivari-mirim achou o esquadrão de cavalaria de guardas nacionais que o esperava desde as 9 horas, e a pouco mais de uma légua desta cidade foi recebido pelo Dr. Juiz de direito Joaquim Fernandes da Fonseca e diversas outras autoridades e cidadãos em número de 280 a 300 cavaleiros, os quais, incorporando-se aos que já acompanharam a S. M., formaram com estes uma coluna de 500 a 600 cavaleiros. Sem as precauções tomadas pelo presidente da província de mandar por um oficial de primeira linha conservar a possível ordem, proibido que se atropelassem, sem duvida algum acontecimento desagradável haveria ocorrido, porquanto só quem tem visto pôde compreender a sofreguidão com que todos os que vem ao encontro do Imperador desejam emparelhar-se com S. M., pouco se importando de guardar as devidas conveniências, nem que a Corte e comitiva se esparrame, com o eles mesmos dizem; a ponto de, quando não podem romper a linha de cavaleiros que os precedem, meterem-se pelos matos para lhes cortar a frente e n'um caminho estreito, coberto de atoleiros, como se pôs com a chuva o que ontem andámos, em noite escura, é fácil de julgar-se da confusão e desordem em que tudo se pôs quando ao entrar a cidade se não pôde manter a ordem. A poucos passos fora da cidade estava armado um pavilhão, no qual entrou S. M. e o ministro para tomarem refrescos; ninguém mais do serviço da corte pôde romper a massa enorme de cavaleiros amontoados para frente.

Bem que a noite não permitisse ver se o Imperador, todavia muito povo o esperava fora da cidade; e desde o encontro dos últimos cavaleiros até apear-se S. M. à porta de sua residência estiveram os ares aturdidos de foguetes e de fervorosos gritos

de aclamação. A cidade estava toda iluminada, e atopetadas de senhoras às janelas que a entrada do Imperador se houvesse feito de noite os Campineiros se possuiram de tal entusiasmo com a presença do Imperador, que, ainda roucos, levantavam vozes pela família imperial com estrondosos ecos.

Pouco tempo depois de chegar à casa, recolheu se S. M. aos seus aposentos, e o povo, ainda esperando gozar da presença de seu soberano, demorou-se ali até ver retirar-se a música.

Cidade de Campinas, 27 de março de 1846

Às 11 horas teve lugar o Te-Deum, precedido de longuíssimo sermão, na igreja do Rosário, por ser a maior e superior à matriz. Esta mesma do Rosário é indigna do mais pobre arraial, quanto mais de uma cidade. Para se tornar melhorzinha, forraram-lhe o teto com morim.

Trata-se de edificar uma matriz digna da civilização e riqueza desta gente.

Em caminho para a igreja, seguindo muito de perto ao Imperador, ia o chefe de esquadra Grendell sendo vítima de uma frecha de foguete, a qual, caindo-lhe sobre o peito esquerdo, atravessou a farda camisa, não fazendo maior dano por se haver embaraçado na dragona, cuja presilha rompeu. Se lhe cai na cabeça, que ia descoberta, poderia matá-lo, tão aguda com tantas forças vinha: são os resultados dos desenxabidos e cediços foguetes, sem os quais parece senão poderá fazer festas entre nós.

À tarde saiu S. M. a cavalo com grande acompanhamento a percorrer a cidade, demorando-se junto aos arcos para ler suas inscrições. Ficam eles em rua mui diversa da em que está S. M. por ser intenção dos que os fizeram levantar que S. M. ficasse em um prédio sítio nesta rua, mas que foi ultimamente abandonado por se reconhecer sua incapacidade: e, pois, n'uma parte da cidade goza-se de iluminações e n'outra de música, à porta da imperial residência.

Amanhã e depois haverá corridas de cavalhadas: a 30 sairá S. M. para a capital, e conta se que em dois dias vencerá 18 léguas que tem a fazer-se daqui até lá, se não se quiser demorar na vila de Jundiaí além do necessário tempo para repousar.

Campinas, 28 de março de 1846.

Às 3 horas da tarde já ninguém se podia mexer no largo do Rosário: meia hora depois ali deveria entrar o Imperador para assistir à corrida de cavalhadas; não vê-lo passar precedido de uma banda de música militar, e seguido de sua Corte viageira, do que há de mais graúdo entre os donos de terra e das aclamações do povo, seria desventura a que não compensaria nem mesmo o prazer de carregar o pescoço com mais um cordão ou uma volta de grossas contas de outro com seus perendengues de meias luas, corações e S. Braz e meias doblas. Quem teve dinheiro e espaço para mandar levantar um ou mais camarins, ali tomou lugar com seus convidados: os que não tem a primeira destas ridicularias, dispensaram a segunda, e se arranjaram como puseram em cadeiras e bancos prolongados com a trincheira de taboas que forra o circo, ou por sob os camarins como em lojas de sobrados: encima rangiam sedas, embaixo misturavam-se com a humilde musselina os indispensáveis capotes das caipiras. Muitas senhoras da ordem aristocrática vestiam rica e elegantemente: as da classe média e mínima fazem consistir seus adornos, especialmente na grande quantidade de ouro com que envolvem o pescoço e os dedos - < As que o não trazem por não terem, diziam uma, criticam das que usam, alegando já não ser moda. >

Entrou o Imperador, foi recebido com as saudações que o patriotismo manda os lábios, tomou o assento no camarim que lhe está destinado, e os cavaleiros começaram seus torneios.

Não traziam sobre si a riqueza com que se apresentaram os que correram em Porto Alegre: mas também não estavam malvestidos: em cavalo outrem venceram-nos, pois aqui se apresentam alguns de alto preço, ensinados para tais folganças. Enquanto fazia as diversas escaramuças e evoluções de lanças, espadas e pistolas, tão conhecidas dos que tem visto este folguedo, entraram no circo dois máscaras representando D. Quixote depois de seu combate com o barbeiro, cuja bacia lhe ficou servindo de elmo, e o inseparável Sancho Pança, montados, o primeiro no celebre rocinante, e o segundo no paciente burrico.

A corrida da argolinha fez-se antes da hora em que é costume ter lugar; e, tendo-se pela natureza do terreno, colocado a corda de encontro ao sol, tão deslumbrados ficarão os cavaleiros, que, em duas carreiras, nenhuma argola tiraram; o que os faz sobremodo encavacar, por suporem que nisto consiste toda a sua destreza.

Terminado este espetáculo, anunciaram a S. M. que ia subir um balão aerostático, e pediam-lhe a graça de assistir a mais este divertimento; o Imperador acedeu. Entretanto muito povo se agrupou em frente do Imperial camarim, e respondia entusiasmado aos vivas levantados multiplicadas vezes. O Dr. Martim Francisco Primeiro de Andrada ali se achava, e recitou algumas poesias.

Demorando-se o balão, e receando-se chuva, retirou-se o Imperador, e após ele todos os assistentes. Apenas S. M. chegava à casa de sua residência, caiu copiosíssima chuva, que ainda dura a hora adiantada em que escrevo estas linhas.

Dentre uns 30 pobres que vi hoje à porta da residência do Imperador, mais de duas terças partes eram lazarentos. Estamos na parte da província onde esta horrível enfermidade conta maior número de vítimas, e, todavia, não há um só estabelecimento pio nem particular onde sejam tratados ou recolhidos para não contaminarem o resto da população. O que sobretudo me parece censurável é a desumanidade com que senhores, depois de desfrutares o serviço dos escravos enquanto o podem prestar abandonam-os quando, por atacados de elefantíases, mais careciam estes dos cuidados daqueles, em quem corre a obrigação de os pensar em suas enfermidade, pois que são elas muitas vezes filhas da natureza do trabalho ou do alimento que lhes dão no estado de saúde. Neste caso recorrem os miseráveis à caridade publica, ou batendo de porta em porta, ou (quando já não podem andar) de dentro de miseráveis palhoças que eles, ou alguém a seu pedido, constroem à borda dos caminhos mais frequentados: e tão afeita está a população com esta calamidade, que não tem o menor escrúpulo de se misturar com os que a sofrem.

A uma das mulheres que ali esperavam pela beneficência imperial ouvi que nenhuma mais que ela tinha direito às esmolas, e o provava com o seguinte raciocínio, que me parece de irresistível

força: - <Não tenho marido, não tenho filhos, e já tive sezões três vezes; logo...> E digam que a logica tem feito poucos progressos!

Ainda aqui vive e não conta 70 anos de idade, o primeiro individuo batizado nesta freguesia. É ela uma das mais novas povoações da província, pois sua fundação não passa de 66 anos, segundo me informam pessoas que tem razão de sabê-lo. Atendida esta circunstância, é a cidade muito superior em número de prédios a outras povoações mais antigas. A maior parte de suas ruas são sofrivelmente alinhadas, e tem largura suficiente para o livre trânsito de dois carros. Carece, todavia, de bons prédios; terá ao muito de seis a oito sobrados, e as casas térreas são muito ordinárias, com poucas exceções. Desculpam-se os habitantes com a dificuldade da construção por mingua de obreiros, e por conseguinte carestia de mão de obra, e também da madeira: as paredes de todos os edifícios são de taipa, sorte de construção peculiares desta província e da parte da do Rio de Janeiro que com esta extrema; a qual, parecendo à primeira vista ser de pouca duração por constar somente de camadas de barro socado, é contudo de tal rijeza, que, sem abrigo de telhas ou de qualquer outra coberta, resiste ás inclemências das estações por desenhar de anos.

A população e comércio crescem, e dizem virá em breve e ser esta uma das maiores povoações do interior. A lavoura de café e cana faz a riqueza dos agricultores do interior desta província, e posto a última haja degenerado de anos e esta parte, não a abandonam antes procuram remediar o mal com a experiência que adquirirão à custa de anos e sacrifícios, sem que neste seu empenho os auxiliem luzes da ciência agrônoma, de que carecem absolutamente.

A gente mais pobre que vive nas roças do fruto do suor de seu rosto, parece pertencer a diversa raça: sua inteligência se não estende além do necessário a uma vida que só difere da primitiva em cobrirem o corpo com grosseira fazenda, e terem um albergue a que se abriguem mais moral do que fisicamente; porquanto, alguns vi eu que se bem pôde comparar a uma rede de pescar; e os donos se julgam dentro tão resguardados, que desafiarão as tempestades toda do mundo. Em geral esta gente anda sempre descalça, reserva os tamancos para um dia de grande festa: moças que se assemelha

a estrangeiras, louros os cabelos e olhos azuis sobre faces de rosas e às vezes com seus vestidos de chita e xale. Atravessa descalças as ruas das povoações, vão à igreja, aparecem ao Imperador para lhe pedirem esmola, como se estiveram de meia de seda: felizmente não compreendem ou não sabem que lhes falta alguma cousa, e portanto o calçado não é para elas gênero de primeira necessidade. Deste estado passão gradualmente para o de mediania: então já sabem calçadas com ou sem meias, segundo o grau de civilização ou riqueza da família, cobertas de capote de riscado escocês as menos abastadas, e de pano as que se tratam melhor, com chapéu redondo branco ou preto preso com fitas, de modo que nem sempre é fácil à primeira vista, à noite principalmente, diferenças os sexos.

E daqui que vão saindo para o traje comum da gente de boa sociedade. Na mais baixa classe todas as mulheres fumam cigarro ou charuto, e quando Deus é servido, bebem sua pingazinha da oniprestimosa beladona. Com a civilização se vão apurando os costumes, e pelo interior desta província tenho visto muitas famílias que se tratam como se viveram na Corte, empregando esforços e dinheiro na educação de suas filhas; sendo para sentir-se que em Sorocaba, Itu e aqui não haja um só colégio onde possam receber mais apurada educação, falta que os pais de família tanto mais lamentam quanto é o incômodo e prejuízo que tem pela necessidade de abandonarem seus sítios para curarem da educação das filhas. O Rio de Janeiro está cheio de colégios que nenhum interesse faz, entretanto que nos lugares mencionados, e mesmo na cidade de S. Paulo, estabelecimentos desta qualidade poderiam deixar grandes lucros a quem os empreendesse, pois são baratíssimos os gêneros de primeira necessidade, e muitas outras vantagens oferecem estas localidades. Basta por hoje.

Campinas, 29 de março de 1846.

Repetiram-se hoje as cenas que descrevi ontem por ocasião das cavalhadas. Receitava-se que o tempo não desse lugar à corrida, e estivesse o terreno em péssimo estado; porém tudo melhorou com o sol. Os cavaleiros entraram em liça com brios de se lavarem da quebra que ontem sofreram e saíram se melhor. Tiraram-se seis argolinhas: as três primeiras foram oferecidos ao Imperador, à Imperatriz e ao príncipe: a quarta coube ao ministro do Império, quinta ao presidente da província, e a sexta a uma senhora.

Combinaram as senhoras em acompanharem o Imperador até à sua porta quando S. M. se retirasse, e ouvindo se dizer que apareceria de novo o malfadado balão, deixaram se ficar em seus camarins, quando retirou-se S. M. sem que elas tivessem tempo de pôr em prática seu projeto.

Às oito horas estava intransitável a rua em que está o palácio; homens e senhoras de todas as condições para ali se acumularam, como sequiosos de gozar da proximidade do monarca, já que o não podiam ser de sua presença, por se haver recolhido antes de dez horas, e só às onze se foram debandando. Para ali levaram o balão, o qual, depois de muito fazer-se esperado, ardeu antes de subir: é o que acontece muitas vezes a quem se enche muito de vento ou de fumo.

As 5 horas da manhã seguinte partirá o Imperador para a vila de Jundiaí, caminho da capital, distante daqui 7 léguas: vamos já navegando das ilhas para terra.

Villa de Jundiaí, 30 de março.

Às 6 horas da manhã deixou o Imperador a cidade de Campinas, almoçou no sitio denominado Capivari, e veio aqui chegar a uma hora da tarde, vencendo neste tempo sete léguas de importunos lodaçais, resvaladouros e pedras de que se compõe a estrada atualmente.

Nesta vila é a hospedagem de S. M. e de toda a comitiva feita à custa de um só homem, o ex-chefe de legião Antônio de Queiroz Telles; e quando digo hospedagem, entende-se compreendidos neste termo todos os adendos de arcos, festas de igreja, cavalgaduras para mudas e todas quantas cousas são necessárias ou agradáveis em tais ocasiões.

Às 5 horas da tarde teve lugar o Te-Deum, precedido de um discurso ou sermão do padre Luiz Castanho, que me não pareceu vazio de ideias nem fora dos limites traçados a tais obras. O pregador mostrava-se possuído dos sentimentos que exprimia. A matriz, que é superior ao que se devia esperar de uma pequena vila, foi reparada e armada à custa do mencionado Queiroz: estava cheia de homens e senhoras, apesar da chuva que caíra uma hora antes e cobrira de lamas as ruas e praça. Um fogo de vistas tinha sido preparado; mas a chuva obrigou a desarmá-lo; melhorando o tempo, de novo o foram armando, e como se deitaria para muito tarde se quisessem esperar que estivesse todo encima, à medida que as diversas peças se colocavam, se tão queimando; ainda assim muito custou a arder todo esse ˆconto de réis convertido em rodas, bonecos e mil outras peloticas com que se iludem os olhos. Se o fogueteiro disputasse a primazia aos de Santos e S. Paulo, é provável obtivesse maioria de votos dos amadores; pelo menos tem sobre àqueles a habilidade de dar menos sombra aos seus fogos.

O estado das ruas e as poucas horas que se demora aqui o Imperador me não permitirão percorrer a vila: mas pelo que alcança a vista, conclui ser ela pequena para os anos que conta de idade; sua população é pobre, há pouco comércio: dizem ser daqui que se tiram camaradas ou homens que acompanhe-a os viajantes para Mato Grosso, Goiás e outros lugares remotos do sertão: vem a ser

assim o modo de um depósito de marinheiros terrestres: fato que não deixa de depor a favor de sua moralidade e diligencia pela vida que outros procuram levar mais folgadamente.

O cidadão a quem cabe a honra de hospedar a S. M. quisera que esta ventura se prolongasse ao menos por mais um dia, porém o Imperador resolveu chegar amanhã à capital, e não quer demorar-se.

O Dr. Silveira da Motta foi o único habitante da capital que veio aqui esperar o Imperador.

Vai dando novos frutos o mole que o Imperador deu aos trovadores do Itu: o senador e gentil-homem Vergueiro também por sua vez invocou a musa, e em Campinas apresentou as duas seguintes coxias, que só hoje me vieram ás mãos:

MOTE.
<O sincero acolhimento
<Do fiel povo ituano
<Gravado fica no peito
<Do seu grato soberano.>

GLOSA.

Do dever o cumprimento
Que se estende a muito mais,
Vós, Senhor, por bom chamais
<O sincero acolhimento.>
É sublime o pensamento
Na boca d'um soberano!
Nele vos mostrais humanos,
E do solio não desceis,
Nele os corações prendeis
<Do fiel povo ituano.>

Vosso paternal conceito
Com que tanto nos honrais,
Para não esquecer mais,

<Gravado fica no peito.>
Da gratidão o direito
Obriga o povo ituano,
Que, de agradar-vos, ufano
Vosso favor cantará,
E nunca se esquecerá
<Do seu grato soberano.>

O poeta despediu-se ali do Imperador, e recolheu-se à sua fazenda, no termo da Limeira.

S. Paulo, 31 de março de 1846.

O Imperador acaba de chegar a esta cidade sem a menor alteração de sua preciosa saúde.

Partiu às 6 e meia da manhã da vila de Jundiaí com tenção de almoçar no Juqueri, e vir aqui entrar antes de anoitecer; agradando se, porém, do sítio, ou fatigado da longa marcha de cinco léguas pelo pior caminho por ele percorrido até hoje resolveu-se passar ali a sesta, e seguir depois das três horas. O alferes engenheiro civil José Porfirio de Lima, encarregado de preparar o lugar em que S. M. almoçasse, teve a feliz Ideia de converter em um palácio digno das fadas de outras eras o pobre albergue ali existente. Debaixo de ramagens e flores silvestres ocultou as nuas paredes e teto da parte principal do edifício, correu à sua frente uma espécie de galerias, dividiu em duas salas uma servisse de câmara a S. M. e outra mobiliada para a comitiva a única ou principal do prédio, e no fundo desta em toda a sua extensão dispôs a mesa. Nesta sala caía da parece uma bica d'água dentro de uma pia igualmente enramada, e logo desaparecia por outro conduto oculto. O Imperador foi o primeiro a tomar um copo dessa água, e elogio a engenhosa lembrança que ali a trouxera. três ou quatro passos fora destas casas estava um caramanchão ao gosto chinês, com uma mesa das chamadas criado mudo no centro, coberta de limas e limões doces, e aos lados duas redes n'uma das quais sentou-se o Imperador antes de almoçar. Em outra casa contigua à de que acabo de falar estavam camas para as pessoas da comitiva.

Em caminho para Juqueri parou S. M. para falar a um sacerdote septuagenário de nome Cartano de Abreu, cujas enfermidade o reduziram ao estado de parecer muito mais velho. Com as pessoas de sua família esperava ele fora de sua porteira que passasse o Imperador; e logo que lhe disseram ali achar-se S. M., gritou que queria ver e beijar a mão a seu soberano: fizeram-lhe vontade, e mostrou-se o homem arroubado de prazer, fazendo votos a Deus pela vida e prosperidade do Imperador e de sua augusta família.

As 3 e meia horas da tarde seguiu S. M. para esta cidade. Uma légua

antes da ponte do Anastácio, onde estavam o coche e seges, caiu grossa chuva para ainda mais intransitável tornar a estrada.

Às 6 horas da tarde meteu-se S. M. no coche com ministro do Império, presidente da província e o mordomo interino: nas seges, embarcaram o médico, estribeiro menor, particular do imperador e outros da comitiva. Um piquete de cavalaria e muitos cidadãos de todas as classes foram ali esperar S. M., os quais, engrossando a comitiva, compartiram com ela os incômodos de se virem atropelando em tenebrosa noite, batendo longa esteira de lama, e sofrendo de orelhas baixar os açoutes de frigida chuva.

A cidade está iluminada, e entra no movimento que parece havia perdido com a ausência do Imperador.

Por minha vez entoarei agora o Te-Deum por ver concluída a longa, rápida e incômoda digressão pelo interior desta província sem que a nenhum dos viajantes acontecesse acidente desagradável: todos se recolheram sãos e salvos.

S. Paulo, 1º de abril de 1846

O Imperador chegou ontem às 8 horas da noite necessariamente mui fatigado, pois se não fazem impunemente em dois dias, ou antes dia e meio, 17 léguas de péssimo caminho com mau tempo: e, todavia, já hoje às 9 horas da manhã entrava pela academia para ouvir as explicações dos lentes e lições dos estudantes. Assistiu em primeiro lugar as de economia política pelo conselheiro Dr. C. Carneiro de Campos, e ao depois as de análise da constituição pelo Dr. Gurgel do Amaral, e teoria e prática do processo civil pelo Dr. Silveira da Motta. O segundo chamou a lição o estudante do 2º anos, Agostinho José de Almeida Português e o terceiro o quintanista José Caetanos de Andada Pinto, natural do Rio de Janeiro.

S. M. retirou-se a uma hora da tarde, quando se terminaram os trabalhos da academia.

Durante a ausência do Imperador, foi atacado de estupor o gentil-homem L. L. de Siqueira, o qual, não podendo, por sua avançada idade, acompanhar a S. M. na rapidez com que viaja, ficou ao serviço de S. M. a Imperatriz. Às mui distintas maneiras com que este ilustre e respeitável velho trata a todos que o comunicam, lhe havendo granjeado geral estima, não só das pessoas que compõem a comitiva imperial, mas ainda das que uma ou outra vez vão ao palácio, fizeram que seu pronto restabelecimento fosse objeto de gerais anelo, como sua enfermidade fora de unanimes sentimentos. O Imperador havia apenas estado alguns minutos com sua augusta esposa, e logo desceu à câmara de seu velho criado, que por ainda enfermo o não pôde ir receber. S. M. se mostrou mui satisfeito de ver livre de perigo o Se. Siqueira, conversou-o por largo espaço, e deixou-o para ir repousar da fadiga da jornada. O sr. Siqueira está quase restabelecido.

Nenhum outro acontecimento desagradável consta que haja ocorrido.

S. M. a Imperatriz não saiu uma só vez durante a ausência do Imperador: mui poucas vezes mesmo apareceu nas salas externas: na que lhe foi reservada recebia as famílias que a procuravam para lhe beijar a mão, como o mais puro tributo de homenagem às suas

altas virtudes: serviu de madrinha de crisma à senhora e duas filhas do presidente da província.

A pobreza encontrou sempre em S. M. a Imperatriz a sua beneficente e carinhosa mão: e, pois, a melhor fruta de sua lavoura, a mais linda flor de seu jardim, qualquer objeto, em suma, que tenha algum mérito, é logo destinado àquela a quem todos à porfia desejam provas o respeito, o amor, a devoção que os Brasileiros lhe tributam.

S. Paulo, 2 de abril de 1846

O Imperador voltou hoje à academia para assistir à defesa de teses apresentadas pelo bacharel Francisco Carlos de Araújo Brusque, natural da província de S. Pedro do Sul. Cabendo ao diretor interino da academia a precedência da argumentação, causou geral sentimento aos mui numerosos ouvintes a maneira ríspida porque encontrou em suas funções.

Seguiu-se o conselheiro Dr. Carneiro de Campos, cujas maneiras urbanas e delicadas contrastaram perfeitamente as de seu antecessor. Argumentaram mais os Drs. Gurgel do Amaral, Dias de Toledo e Anacleto.

Sinto muito ter de dizer-lhe que o chefe de esquadra Grenfell ia hoje sendo vítima da queda de um cavalo manhoso em que montara. Apeando-se no jardim botânico, quando se quis retirar, ainda não havia ganho a sela e já o animal disparava, levando-o de encontro ao portão de ferro, pelo qual roçou-se, rodando com tal velocidade, que o chefe se não pôde segurar por mais tempo e foi obrigado a deixar o único estribo em que se apoiava. Caindo sobre o lado direito, pisou-se no lugar donde lhe foi extraído o braço que lhe falta, e ficou ferido na cabeça. Felizmente não há o menor receio por sua vida, e quatro ou seis dias bastaram para seu restabelecimento. Os numerosos amigos e afeiçoados que o chefe de esquadra tem o dom de ganhar onde é conhecido afligiram-se sobremaneira com a notícia da catástrofe, e correram à casa de sua residência a lhe manifestarem o pesar que lhes ela causava.

S. Paulo, 3 de abril de 1846

Em presença do Imperador continuou hoje na academia a defesa das teses do bacharel Brusque, argumentando os outros lentes catedráticos e os substitutos Drs. Crispiniano e Carrão pela ausência das lentes Drs. Falcão e Cabral.

Ouvi que, havendo S. M. reparado no tratamento de senhoria tantas vezes dado o doutorando pelo diretor interino e por um dos substitutos lhes fizera observar pelo ministro que só ao Imperador compete dar tratamentos àqueles que por lei os não tem.

À tarde saiu a procissão do triunfo, e de uma das janelas de palácio, vestidos de preto, a virão SS. MM.

Tenho observado nesta capital e nos lugares da província por onde andei que há muito espírito de religiosidade em seus habitantes. Talvez o conhecimento deste fato servisse de base a uma especulação que deve de ser mui lucrativa, pois a vejo usada por mais de uma companhia: quero falar dos foliões ou esmoleres do Espírito Santo, que infestam toda esta província, e chegam mesmo a estender suas redes pelos municípios mais próximos das que com ela extremam. Um homem ou mulher armado de uma bandeira, um moleque com tambor e um amarelo caipira de viola ao peito, mui desentoados, percorrem todos os dias do ano, ora uma ora outra rua da cidade, enquanto os sócios fazem o mesmo pelos lugares que mencionei, e vão arrancando à religiosidade ou à vergonha daqueles por cujas casas então alguns cobres, a que dão a aplicação que melhor lhes parece. E o mais é que sua especulação está legitimada pela taca que de tais companhias cobrão as municipalidades quando por seus distritos entram elas! Quem mais vive mais vê!

S. Paulo, 4 de abril de 1846

A academia tem monopolizado a presença do Imperador das 9 horas da manhã a uma da tarde: lá foi hoje S. M. assistir as lições de alguns anos ainda não ouvidos: começou pela aula do primeiro ano - Direito natural e publico - leccionado pelo diretor interino: passou-se depois à do 3. - Direito civil - explicado pelo Dr. Cabral: a do 2. - Direito eclesiástico -, pelo Dr. Anacleto: à 4. - Direito marítimo -, pelo Dr. Falcão; e depois de assistir às lições de História do professor Dr. Ribas, ainda ouviu as explicações de Direito civil pátrio -, pelo Dr. Pires da Motta. O que bem me podia dispensar de acrescentar é que em presenciado Imperador também os lentes querem brilhar; e, pois, não admira os desejos que manifestam os estudantes de que houvesse sempre estímulos que a ela equivalessem. Ouço acusar a alguns de madraçaria tal, que, entendendo se muito na augusta presença de S. M. em pontos mui simples, logo que se retira o Imperador, passão folhas e folhas com a só advertência da obviedade das matérias nelas contidas.

S. Paulo, 5 de abril de 1846

A Corte assistiu hoje ao ofício de Ramos na Igreja do Colégio, que atualmente serve de catedral e capela imperial. À tarde dignaram-se SS. MM. II. levar à pia baptismal, com grande solenidade, a uma filha do conselheiro Dr. C. Carneiro de Campos, à qual mandaram dar um rico bando de brilhante. O baile oferecido a SS. MM. pela Sra. D. Gertrudes Galvão terá lugar Sábado de Aleluia, e a Corte partirá para Santos na tarde de domingo de Páscoa.

As três noites que se seguiram à chegada do Imperador nesta cidade iluminou se toda ela com os arcos, que ainda se conservam em bom estado. Todas as noites se reúne grande concurso do povo à praça de Palácio para gozar a música que ali vai tocar.

S. Paulo, 6 de abril de 1846

S. M. o Imperador acha-se na academia assistindo à defesa de teses apresentadas pelo bacharel Eduardo Olímpio Machado, natural da Bahia.

O gentil-homem Siqueira e o chefe d'esquadra Grenfell estão quase restabelecidos de seus incômodos, e partirão para Santos antes da Corte. SS. MM. mostram gozar de perfeita saúde.

S. Paulo, 7 de abril de 1846

Foi hoje solenizado com Te-Deum e beija-mão de SS. MM. II. o aniversário da ascensão do Sr. D. Pedro II ao trono do Brasil. Durante este último ato se não publicou despacho algum de graças, bem que fossem ansiosamente esperados, e eu mesmo creio que os há; pois não é natural que fiquem olhando ao sinal os que na viagem de S. M. o Imperador pelo interior desta província teve a honra de hospedá-lo, ou de obsequia-lo por qualquer outro modo. Por ora fala-se somente de três moços fidalgos, que terão exercício ao depois de amanhã, e vem a ser o bacharel Luiz de Souza Gonzaga e dois filhos do veador Gavião.

Os dias decorridos depois da chegada do Imperador a esta cidade tem sido ocupados do modo mencionado em minhas precedentes cartas; já tão maçados andam os que acompanha o Imperador, que maravilha a fortaleza com que S. M. resiste aos longos exercícios da academia, ás repetidas festas de igreja, e ao trabalho do seu gabinete sem se queixar do menor incômodo; antes cada vez parece mais disposto e vigoroso; os vinte anos mui poupados lhe dão este vigor, este apetito de trabalho e de exercícios quase violentos.

S. Paulo, 8 de abril de 1846

O Imperador voltou esta manhã à academia para assistir à conclusão da defesa de teses do doutorando bacharel Machado, cujo doutoramento talvez se não possa fazer antes da partida de S. M., porque não chegam para os diversos destinos que lhes assinalam, os poucos dias que terá de aqui demorar-se a Corte.

À tarde estiveram SS. MM. na catedral durante todo o ofício de trevas, que se deitou lá para as 8 horas. A igreja esteve constantemente cheia. Fazem-se aqui com grande aparato estas festas da Semana Santa, e vejo a Corte disposta a tomar parte nelas.

S. Paulo, 9 de abril de 1846

A Corte voltou esta manhã à catedral para assistir ao ofício da Paixão: o Imperador se colocou no dossel; o ministro e oficiais da Corte, acrescentados com o barão de Antonina, nomeado guarda-roupa, também estiveram embaixo; a Imperatriz, acompanhada de suas damas e do veador José Maria Velho, conservou-se em uma tribuna. Terminadas as cerimônias da manhã na igreja, começou no paço um desses atos mais tocantes e sublimes de nossa Santa Religião. O Imperador lavou e beijou o pé a doze pobres e a um sacerdote. Para esta cerimônia se preparou a sala do trono, foram convidadas muitas das primeiras famílias, e permitiu-se o ingresso às senhoras e homens decentemente vestidos. Os dozes pobres foram vestidos à custa do Imperador, deu sê-lhes demais a toalha que lhes servira, um ramo de flores artificiais e dinheiro.

A solenidade do ato, a vista da majestade da coroa, curvada aos pés das misérias da humanidade, essa sublime humildade do homem Deus reproduzida pelo homem rei, a consciência de que do coração do monarca nascia a religiosidade com que ele precedia, tudo isto enfim arrancaram mais de uma lagrima a muito dos numerosos espectadores.

À noite ainda assistiu a Corte ao lava-pés na catedral, sermão, ofício de trevas, e saiu depois a visitar as igrejas do Carmo, Santa Thereza, S. Francisco e S. Gonçalo.

Apareceu a relação das graças, feitas em 7 do corrente: ali a remeto.

S. Paulo, 10 de abril de 1846

O dia de hoje foi todo absorvido pelas cerimônias da paixão de Jesus Cristo: a Corte passou-o todo na igreja, voltando ao Paço somente para tomar refeição. É este o dia em que bem poucas pessoas ficam em casa, em que todos levam aos pés do Redentor da humanidade as lagrimas do arrependimento, a contrição de seus pecados: e, pois, a catedral não teve a necessária capacidade para receber a todos que a procuraram, e muitas pessoas fiaram à porta. Pregou o cônego Sebastião Pinto do Rego, capelão de SS. MM. II.

S. Paulo, 11 de abril de 1846

Aleluia! É a voz que soa; aleluia! É o bom dia, a boa festa que todos se dão reciprocamente, e que eu dou aos leitores que tiverem tido a bondade de me sofrerem.

SS. MM. II. assistirão da tribuna às longas cerimônias da igreja, retirando-se ao terminarem-se elas, depois de uma hora da tarde. A hora da partida para Santos aproxima-se, e não havendo tempo a perder, terá lugar esta noite o baile oferecido a SS. MM. pela Sra. D. Gertrudes Galvão.

S. Paulo, 12 de abril de 1846

Enquanto a Corte se ocupa com a solene festividade que lhe está dando em sua igreja a ordem terceira do Carmo, de há muito preparada com magnificência e esplendor, aproveitarei os momentos que me aqui tenho de demorar para dizer duas palavras acerca do baile da Sra. Gertrudes Galvão. Bem sei eu que de todas as leituras a mais displicente é a da descrição de um baile para quem o não gozou; mas me perdoarão os leitores que estiverem neste caso, em atenção ás censuras em que certamente incorreria eu se não falasse de uma ocorrências em que e mais fala hoje na Paulicéia.

A Sra. D. Gertrudes Galvão é uma das pessoas que nesta cidade mais se esforçaram em obsequiar a Corte: preparo uma casa de campo, completamente mobiliada, na freguesia do Braz; aprontou hospedagem para o Imperador em uma de suas fazendas, a 3 léguas desta cidade, quando S. M. regressou de sua viagem do interior da província, trabalho que ficou inutilizado por haver S. M. demorando-se no Juqueri, e fazer de uma só marcha a viagem até aqui; ultimamente deu um baile em que gastou muitos contos de réis, pois foi vir do Rio de Janeiro rica mobília, e todos os outros mil objetos necessários para uma função esplendida, e está entendido que tudo lhe veio a ficar por preços exorbitantes. A companhia foi numerosa, e esteve agradável, especialmente por estar mui fresca a noite. SS. MM. II. não dançaram, e depois da ceia retiraram-se, sendo pouco mais de meia noite.

Os que estavam descansados conservaram-se por mais tempo, ficando alguns até depois de haver passado a procissão da Ressurreição.

Agora começam, ou antes continuam as comparações entre este e o baile dos chamados Saquaremas. Os votos dos imparciais se dividem pró e contra outros tomam partido pelo primeiro, enquanto gente que não sei que nome tenha quer que o último estivesse muitíssimo superior ao primeiro. De mim sei que ambos estiveram bons, que quem os ofereceu empregou os maiores esforços por torná-los o mais brilhante possível.

SS. MM. deram beija-mão de despedida depois da festa da ordem 3. Do Carmo, e partirão de sege às 4 e meia horas da tarde para pousarem no Ponto Alto, e seguirem amanhã para Santos. Os habitantes desta cidade se mostram pesarosos da partida da Corte, e fazem votos pela realização das esperanças que lhes tem sido dada de ainda alguma vezes terem entre si os soberanos que lhes souberam ganhar amor e devoção.

Acompanha a Corte, além de outras pessoas, uma deputação da academia, composta do diretor interino Dr. Brotero, e dos lentes conselheiros De. Carneiro de Campos e Dr. Silveira da Motta; outra da câmara municipal, da qual conheço o presidente Azevedo e Dr. Constâncio.

Santos, 14 de abril de 1846

SS. MM. II. estiveram nesta cidade ontem às 3 horas da tarde. Partindo do Ponto Alto pouco depois das 8 horas da manhã, chegarão à barreira do Cubatão antes de 1 hora da tarde.

O presidente da câmara municipal Martins e o administrador da barreira Baptista haviam ali disposto um frugal jantar, do qual SS. MM. serviram-se; e bem assim todas as pessoas da comitiva e as que a acompanhavam e foram ao seu encontro.

A uma e meia hora partirão SS. MM. em coches e seus criados, o ministro e presidente da província em carro e seges.

À noite foram SS. MM., ao teatro, que aqui mantem uma companhia particular. Antes da representação do Judeu houve uma dança de anões, perfeitamente executada pelos dois irmãos Antônio e Manoel de Assis. Nos intervalos tocou o violinista Robbio.

O espetáculo foi dado a expensas das pessoas mais abastadas e gradas desta cidade, que subscreveram para decorações e todas as outras despesas. O teatrinho estava muito associado e as duas ordens de varandas cheias de senhoras. Os atores, que o não são de profissão, saíram-se melhor do que era de esperar de curiosos: especialmente o que fez o papel de judeu mostrou capacidade e gênio mais que ordinário.

O cidadão Antônio Ferreira da Silva deu uma canja à Corte, com rico acompanhamento de doces, vinhos e outras iguarias; à qual fizeram honra, depois da retirada de SS. MM. (que teve lugar no fim do 3. ato), as senhoras que se quiseram servir e os homens convidados, entres os quais estiveram os oficiais da corveta portuguesa D. João I, que aqui veio para acompanhar a Corte até ao Rio de Janeiro. SS. MM. embarcarão hoje às 4 horas da tarde no vapor Correio Brasileiro até à barra, onde está a fragata.

Os santistas se têm de novo empenhado em tornar agradável as horas que SS. MM aqui se demoram: sentem que se não prolongue por mais um ou dois dias a presença dos soberanos; mas já se lá vão seis meses e dias de ausência da Corte, e é tempo de satisfazer os desejos dos leais Fluminenses

Diz-se que no mesmo vapor em que foram SS. MM. até a barra, ou n'outro, irão senhoras e homens ao bota-fora.

Amanhã se fará a vela à esquadra; e se os ventos forem propícios, até sábado poderá ela fundear na majestosa Bahia de Niterói.

SS. MM. II. embarcaram em Santos no dia 14 do corrente, ás 4 horas da tarde, a bordo do vapor Correio Brasileiro, e chegaram a bordo da fragata Constituição, que se achava fundeada fora da barra ao sol posto.

Na madrugada do dia 15 suspendeu a esquadra, que se compõe da fragata Constituição, corveta Sete de abril e Euterpe, brigue-escuna Fidelidade e corveta portuguesa D. João I.

Ao anoitecer do dia 15 bordejavam os navios a leste da ilha da Moela. De então para cá tem continuado os ventos do quadrante do norte.

Em seguida à carta do nosso correspondente, acharam os leitores a testa dos despachos publicados em S. Paulo no dia 7.

Bordo da Sete de abril, 14 de abril

Constando que a Corte embarcaria em Santos às 4 horas da tarde de 14 de abril para o vapor Correio Brasileiro, no qual iria até à barra, onde era esperada pela divisão naval, às 3 horas se foram para ali dirigindo algumas das principais famílias da cidade com os respectivos chefes, para, com as autoridades locais, cidadãos, corpo consular estrangeiro, deputações e demais pessoas vindas de S. Paulo terem a honra de recebera a SS. MM. II. e de os acompanharem até seu ulterior embarque.

O povo quis ver partir seus soberanos, quis dar-lhe a boa vigem, e se acumulou na Praça do Palácio, quando se aproximava a hora da partida, e logo que os viu embarcar no cais, estendeu-se pela margem do rio.

Largou o vapor rio abaixo, mas não o perdeu de vista o povo, que acompanhava sua carreira enquanto lh'o não vedou o mangue, acenando com lenços em sinal de saudosas despedidas. Outros pela estrada do meio vieram surdir à praia do fora. Chamada da - Trincheira, e ao aproximar-se o vapor, saudaram a SS. MM. II. com repetidas aclamações, que o Imperador agradecia inclinando a cabeça e acenando com o chapéu.

A fortaleza de S. Amaro e depois dela os navios todos salvaram com 21 tiros com gente nas vergas, e quando por eles passava o Correio Brasileiro, davam os sete vivas do estilo.

Eram quase 6 horas da tarde quando fundeou o vapor. Para evitar confusão assentou o Imperador de despedir-se ali mesmo, e com sua augusta esposa receberam as despedidas do presidente da província e sua senhora, e das outras pessoas. O ar triste e abatido com que SS. MM. se despediam é evidente prova detalhes não serem insensíveis as de pesar e saudades que todos manifestavam, especialmente as senhoras, que choravam ao beijarem a mão de S. M. a Imperatriz como e foram filhas de tão carinhosa mãe.

Logo que ao entrarem SS. MM. a bordo da fragata foi arvorado o estandarte, salvaram de novo os navios da divisão estando a corveta portuguesa D. João I embandeirada em arco.

O capitão-tenente Bulhões Ribeiro, comandante da corveta Sete de Abril. O capitão-tenente Lamare, comandante da Euterpe, e o 1º Tenente Cunha Moreira, comandante do brigue escuna Fidelidade, foram a bordo da fragata cumprimentar a SS. MM., já estando ali o comandante da corveta portuguesa que da cidade acompanhara SS. MM.

Às 9 horas da noite, com maré de vazante e vento e, bonança, fez se da fragata sinal para suspender e sair-se à barra. Meia hora depois fez sinal a fragata de estar pegada. A força da corrente, que era superior e do vento, arrastou-a para junto do morro do Engenho; acudiram-lhe escaleres, mas quando chegaram já não eram precisas por se haver desembaraçado com as manobras.

A ordem de marcha da divisão era: na frente a fragata Constituição, com o estandarte imperial; na 1ª Coluna de - EB - as corvetas D. João I e Euterpe; e na 2ª Coluna de - BB - a corveta Sete de Abril, com a insígnia do chefe de esquadra, e o brigue-escuna Fidelidade.

Rondando o vento para N. e N. O. muito bonança e marcham, fomos obrigados a navegar com proa de S. e S. 4. S. E. até 3 e meia horas da manhã, em que se entrou na ordem de marcha, e começou-se a navegar no rumo de E.

Às 6 horas da tarde, com toda a terra à vista, viu-se um vapor saindo da barra, que se supôs ser o Correio Brasileiro.

À noite fizeram-se da fragata algumas tigelinhas, que foram respondidas pelos outros navios afins de serem conhecidas as posições relativas.

A irregularidade do vento e sua fraqueza, fizeram que neste dia a divisão andasse um pouco desalinhada.

O dia 16 passou-se sem novidade, com tempo mui claro e sereno, quase calmo.

Ao anoitecer de 17 escureceu muito para O, correu a escuridão S. O., levantaram-se nuvens mui negras: sendo esperado seu resultado, logo que caiu a trovoada os navios lhe deram a popa: à meia noite estava o tempo limpo, e as tigelinhas indicavam as posições dos navios.

Nos seguintes dias navegou a divisão em diversos rumos obrigada de ventos contrários, ou pairava com calmas. A costa esteve quase sempre à vista, e por três dias o navio chefe e as corvetas D. João I e Sete de Abril, que de mais perto a acompanhavam, vinham despejar bordos de terra a mui pouca distância das Ilhas Grande, de Jorge Grego e da Marambaia.

Na manhã de 20 foi visto a sotavento o transporte de guerra Pavuna, procedente de Montevidéu, o qual, sendo chamado, se incorporou à divisão. Na manhã seguinte navegando ele muito sotavento da Sete de Abril lhe foi mandada dar caça por esta , e logo veio à fala mandou-se lhe um oficial a bordo de receber a correspondência oficial e as noticias que dissera trazer da revolução ultimamente operada naquela praça em favor do general Rivera para proteger seu desembarque.

Continuou o tempo limpo, mas com vento N. E. ou calmo. Para distrair-se o aborrecimento de tão longa viagem, ordenou o chefe de esquadra que as corvetas Sete de abril e Euterpe se batessem em exercício de fogo tomando a última uma bandeira qualquer e a primeira arvorasse a nacional.

O combate começou ao meio-dia de 23, na latitude 23. 38' S. e Long. 42. 46'. O Grv., cerca de 30 milhas ao sul da Guaratiba.

A Euterpe, arvorando bandeira encarnada, veio atacar sua adversaria por sotavento, mas sendo repelida por vivíssimo fogo de caronadas de 32 e peças de 12, além da fuzilaria cerrada, deixou-se cair e orçou para atacar pela popa. A Sete de Abril não entendeu oportuno deixar-se bater pela retaguarda, voltou a cara a sua base amiga, e lhe jogou uma banda de 11 tiros de artilharia com seus estribilhos de alarme 17. O fumo da pólvora cobriu alternadamente os combatentes: mais de mil cartuchos de peça tinham sido já queimados sem o menor proveito dos combatentes, e, pois, tiveram ordem de fazer pazes, foram louvados pela galhardia com que se haverão na ação e destreza das manobras.

Os outros navios da divisão assistiram impassíveis a esta belicosa cena, que durou mais de hora e meia, tendo sobre o tombadilho e bordas os seus passageiros e tripulações como espectadores.

Às 8 horas de todas as manhãs os navios perguntavam à fragata pela saúde de SS. MM. II., que sempre passaram bem.

A calma tornou-se tanto maior quanto mais se aproxima a divisão à barra do Rio de Janeiro; e com tal força correm as águas na proximidade da costa, que os navios andavam mui esgarrados.

A corveta Sete de Abril é incontestavelmente o melhor navio da divisão nacional; muitas vezes foi obrigada a navegar em gabias e joanetes para não transpor-se a fragata, mais morosa em bonança.

A D. João I de S. M. F. conserva ainda com justo título o nome de superior navio, que ganhou em sua primeira viagem de Lisboa ao Rio de Janeiro em 27 dias: só ela ombreou sempre com a Sete de Abril.

Três noite navegou a divisão com o farol da Rasa à vista, três dias o Pão d'Açúcar fez figas aos que para ele estendiam saudosas vistas, até que uma trovoada se formou ao anoitecer de sábado, e mui fresco vento tocou a divisão para a barra, onde fundeou à uma e meia hora da manhã de hoje, com aguaceiros e relâmpagos.

Às 8 horas da manhã suspendeu a divisão, e entrou este porto sem novidade.

Rio de Janeiro, 15 de abril de 1846

SS. MM. II. chegaram ontem a esta Corte. Partilhando o jubilo de que se acham possuídos os Fluminenses pelo feliz regresso de SS. MM. II., felicitamos a todos por tão fausto o desejado evento, e a SS. MM. II. damos, mui sincera e respeitosamente, os parabéns da chegada.

Era pouco mais de 6 e meia horas da manhã quando as fortalezas fizeram sinal de achar-se fundeada perto do porto a esquadra imperial. Começou logo o reboliço na cidade, e centenas de pessoas se aprontavam para irem em vapores e escaleres saudar SS. MM. fora da barra. Não quis, porém o vento que esses seus desejos se realizassem. Às 7 e meia horas apontou a viração, e suspendendo logo a esquadra, veio chegar a Santa Cruz ás 8 e meia, tomando a muitos de surpresa o rebombo d'artilharia das fortalezas anunciando tão cedo a entrada de SS. MM.

Se o vento tivesse continuado, fundiária a esquadra no seu ancoradouro muito antes de chegarem a bordo da fragata Constituição as pessoas que tão apresentar os seus respeitos a SS. MM.; mas pela volta das 9 horas acalmou repentinamente a viração, e vazando a maré com bastante força, principiaram todos os navios a cair a ré. Já passava das 9 e meia quando uma paragem do Sul permitiu que a esquadra seguisse avante.

Pouco antes das 10 horas, achando se a fragata Constituição pelo través do morro da Viração, apareceu o primeiro vapor: era o Correio Brasileiro conduzindo os ministros de estado. Uns após outros foram chegando mais quatro vapores e inúmeros escaleres apinhados de gente, e rodeando a fragata, acompanharam-na até o seu ancoradouro, onde deu fundo às 11 horas no meio de salvas e vivas de todos os navios de guerra nacionais e estrangeiros surtos no porto.

SS. MM. dignaram-se receber logo com a maior amabilidade as muitas pessoas que foram a bordo para ter a honra de cumprimentá-los; e à Ilma., câmara municipal, que fora em corporação receber as ordens do Imperador, declarou S. M. que desembarcaria às 2 horas da tarde.

Entre outubro de 1845 e abril de 1846, o jovem monarca do Brasil, D. Pedro II, resolveu empreender, ao lado de sua esposa, a imperatriz Thereza Cristina, e de boa parte da Corte, uma longa viagem ao sul do vasto Império que tinha em mãos. Era a primeira vez que ele abandonava o conforto do palácio imperial no Rio de Janeiro para enfrentar um mundo que só conhecia através de livros e documentos. Ávido por viver aventuras que não desfrutara durante uma infância e adolescência cercada de regras, estudos e obrigações, o imperador encontrou na amizade do repórter Antônio Carlos, do jornal do Commercio, a cumplicidade que precisava para escapar, vez em quanto, dos protocolos inerentes ao programa fastidioso que tinha de cumprir. D. Pedro desejava apenas ter a oportunidade de ser simplesmente Pedro, um homem comum, livre para aproveitar a parte mais intensa da vida como qualquer outro jovem de sua idade. Porém, ao longo das suas aventuras, os dois amigos descobrem que estão em perigo e que uma forte ligação do passado poderá ser a chave para escapar.

ISBN: 978-65-00-36154-4
CBL
9 786500 361544

PROAC LAB
PROGRAMA DE AÇÃO CULTURAL SÃO PAULO
Secretaria de Cultura e Economia Criativa
SÃO PAULO GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA
MINISTÉRIO DO TURISMO
PÁTRIA AMADA BRASIL GOVERNO FEDERAL